



# Em Breve

por  
Sean R White

[Sean.reader@yahoo.com.br](mailto:Sean.reader@yahoo.com.br) ~ (55 11) 9803-4368

Disse meu pai

Cinco minutos após o êxtase

Místico:

“Tem, esta cidade,

Coração de abandonada

Criança.”

Não abra até 12 de Fevereiro, 2021.

Eu poderia contar esta história de diversos pontos de vista, de acordo com as minhas diversas alianças. Escolhi este ponto de vista por ele ser a minha aliança com você. Para mim, você é uma pérola: um ponto firme em meio à gosma, inconstância e pressão das profundezas. Você não me pertence, mas por tempo, tempos e metade de um tempo (os dias de seu exílio), Deus lhe entregou aos meus cuidados, e, através de você, Ele me tirou do lamaçal a fim de colocar meus pés sobre a rocha.

Nós teríamos escolhido o apartamento por causa da vista. Uma sacada sobre um cemitério pode ser desconcertante para muitos, mas tratava-se do Cemitério do Morumby. Este é um amplo campo verde que desce o vale até alcançar prédios distantes o suficiente para não enxergarmos os vizinhos que habitavam pelo outro lado. Dava também para ver um pouco do Parque Burle Marx por entre os prédios cor de mármore. E, no lado de cá, as abóbadas das árvores chegavam quase à altura do apartamento, trazendo o Verde – tão escasso, hoje em dia – para dentro de casa. Por abrigar o túmulo de celebridades, não seria possível acontecer de esta vista ser obscurecida por novos projetos residenciais. Meninos da comunidade carente ao lado jogavam bola na rua durante o dia, parando apenas para deixar a lotação cor de laranja passar de hora em hora. Durante a noite, segurança privada circulava o quarteirão com a mesma precisão dos ponteiros do relógio em meu pulso. Jovens da nova geração da classe média, gente como eu, se exercitavam na piscina estreita, de uma só raia.

Foi o problema da violência urbana foi o que fez a Andréa bater o martelo contra a compra, dizendo que, ela toda noite ficaria angustiada até eu chegar da clínica. Ela também não poderia passear sossegada com nossos filhos, quando filhos teríamos. Retiramos nossa proposta, e nós nos esquecemos do apartamento.

Mas os filhos nunca vieram e passamos a desejar a morte súbita um do outro. Essa é a sina dos votos de casamento: para sair deles, alguém tem que morrer. Nós começamos a brigar por causa de uma noite mal dormida e TPM, e não paramos mais, até o dia em que ela me disse que eu tinha que ser Homem o suficiente para decidir ficar e levar o casamento a cabo. Dois dias depois, demos entrada nos papéis do divórcio.

Homem suficiente... Com a cabeça mais fria eu teria vivido um casamento de mediocridades só para provar que eu não tinha que provar nada a ninguém. Mas minha cabeça estava bem longe de estar fria.

Natasha teve lá seu dedo nisso. Nós tínhamos uma longa história de cumplicidade desde os dias do colégio. Mesmo à distância de oceanos, sempre contei tudo a ela. Ela me retribuía com compreensão. Nas nossas conversas por email, ela me lembrava de quem eu era e das minhas decisões e me forçava a tomar uma posição com todo meu ser. Apesar do que a Andréa pôde ter pensado, a Tasha sempre defendeu nosso casamento. Ela já era casada, e a novidade recente que ela me relevava era que ela tinha um filho de quatro anos. Amores adolescentes ficam na adolescência, principalmente quando estes são unilaterais. Natasha não queria beijos, só queria minha proximidade. Ela foi a primeira razão de eu desejar o suicídio, mas também foi a força que me arrancou daquelas profundezas: éramos adolescentes.

Onde Andréa disse que eu tinha que ser Homem, Natasha simplesmente me deu a liberdade de ouvir meu coração. Dois dias depois, eu havia dado entrada nos papéis e feito uma proposta para o apartamento com a vista espetacular. Voltei a sorrir por trás do cavanhaque recuperado. Mas, depois de tantos anos, não conseguia nem lembrar de como era a sua voz.

Eu poderia ter ligado para uma ou outra amiga e vivido as fantasias sexuais que eu sabia que haviam atravessado mesas de bar e grupos de estudo. Mas não foi para isso que eu me separei. Eu cogitava a possibilidade de nunca mais ter que suportar a presença de outra pessoa em minha casa. Enchi o apartamento novo com prateleiras e meus livros e filmes prediletos. E quando completei as instalações, eu me plantei toda noite no conforto da sacada, com espaço suficiente apenas para algumas plantas e uma cadeira de plástico, onde eu bebia chimarrão e lagarteava na iluminação da tela do meu notebook, e a voz robusta do Renato Russo e a voz límpida do Elvis Costello. Algumas noites, eu dava ouvidos apenas à água que batia contra as beiradas da piscina quando alguma jovem da nova geração da classe média se exercitava.

E então eu recebi um email da Tasha, lá de Richmond, Virginia, uma resposta a um desabafo meu.

*“Ei, Raphael... Me perdoe por não ter escrito por tanto tempo... Tem acontecido algumas coisas por aqui. Na verdade, anda acontecendo uma certa coisa que preciso lhe contar. É que não quero que ninguém me julgue por meus sentimentos mais íntimos. Imagino que você não vai fazer isso, mas... Como você meio que já passou pela perda de uma pessoa querida, acho que você vai entender do quê estou falando. E você sempre foi sincero comigo, sinto que posso lhe dizer o que sinto. Ufa! Que alívio poder lhe contar a verdade! Posso te contar dos meus desejos, e você não vai me desprezar por isso. Você sempre foi um amigo especial, e sei que não vou te perder tão fácil. Eu precisava contar isso a alguém, senão ficou louca! Quanto a sua ‘solteirice’, as coisas vêm com o tempo, Raphael. Você vai ter que ter paciência, porque você tem que realmente querer a voltar a cuidar de si mesmo e da casa. Não deve se sentir mal por ganhar alguns quilos, pedir comida chinesa ou lavar as louças só antes da diarista chegar. Você não pode ter vergonha nem do que você quer, nem do que você não quer porque, com o tempo, você vai voltar a querer seu próprio bem. E tem que mandar se foder as pessoas que não sabem como é viver no seu estado. Achei uma pouca vergonha daquela menina que você falou, que não respeita seu “alone time”. Lembre-se de que eu te considero meu MELHOR amigo... See you later, alligator. Com muito amor, N.”*

Talvez fosse o frio que me agitou as entranhas de tal forma que não consegui ler direito a mensagem.

Eu lhe respondi que eu fiquei feliz por ela sentir que eu sou seu melhor amigo, de se sentir na liberdade de expor suas entranhas assim, de entender o momento que eu vivia.

Falei que ela tinha razão, que eu jamais a desprezaria. Afinal, não é sempre que a gente ouve daquela pessoa especial que ela nos tem como pessoa mais íntima dela.

Foi só quando eu estava na clínica discutindo se era possível comparar a violência dos protestos na USP com o engajamento no movimento estudantil dos anos '70 (não que eu tivesse idade para opinar muito, tendo sido apenas um “Cara Pintada”, e em uma só ocasião) que me ocorreu o quê a Tasha desabafava. Andréa diria, “homem é tudo desligado, mesmo”, rindo, como se tirasse sarro de mim, mais um mero homem, de quem não se poderia esperar muito. Mas tive que atender dois clientes e enfrentar trânsito antes de lhe fazer a pergunta direta.

Chegando ao notebook na sacada digitei o breve email: Você também estava se divorciando?

Sua resposta foi quase instantânea: “Estou, e não vou continuar a morar em Richmond, VA. Não consigo mais. E vou levar o Brian comigo. O Hugh não gosta disso, mas o juiz só deixou porque ele é militar e precisa da liberdade para viajar. E foi Hugh quem quis tirar o corpo fora. Acho que o juiz também evitava o possível conflito racial. Você se lembra do menininho Elian? O Cubaninho na Flórida? Estou com muito medo, mas sei o que estou fazendo. E faz um tempo que sinto que eu deveria retornar ao Brasil. É claro que estou ansiosa para te ver. Não conte a ninguém, ok? Quando for a hora certa, eu mesmo me encarrego.”

Isso abriu o caminho para uma jorrada de trocas de emails. Nem todos eram sobre a situação com Hugh. Aliás, menos da metade eram sobre ele. Algumas pessoas, como nossa amiga mútua Rejane, achariam isso uma frieza sua. Mas às vezes a expressão mais sincera da dor é o silêncio inautêntico, cujo latente palpitar rompe os tímpanos. Todo email meu tinha uma pergunta para mostrar que eu me importava com a situação e com Hugh e com Brian. Alguns meses depois – foi numa noite de chuva de gotículas – chegou a notícia.

*“Hugh se foi. Eu me sinto tão pequena agora. Mas eu vou superar isso. Vou ficar bem. Chega de deixar minha vida me levar. A família dele quer me ajudar, mas acho que chegou a hora de voltar a São Paulo. Estou criando coragem para enfrentar tudo aquilo. Depois de tantos anos, acho que já venci a amargura que eu sentia.”*

Houvera um bom motivo para ela ter se furtado para Robinson, uma cidade pequena e obscura em meio a campos de milho e feijão em Illinois. O “S”, como aprendi, não se pronuncia. Ela foi morar com a mãe, uma japonesa mestiça norte-americana, quando o resto de nós nos ingressamos no ensino superior. A vida com seu pai, sua madrasta e seus dois meio-irmãos se tornara sufocante. E seu pai, um homem cujo corpo seu caráter vestia como um terno de outra pessoa, por mais que fosse pai, era orgulhoso. As duas meias irmãs mais velhas da Natasha, de outro casamento, perderam seus átrios no coração de seu pai quando engravidaram e fugiram de sua tutela. E Tasha não tinha a garra suficiente para simplesmente voltar para lá. Sua única outra opção seria cuidar de si mesma.

Visto essa única outra opção, eu me vi justificado em propor uma outra solução.

*“Deixe de bobeira. Você e Brian podem ficar comigo até você se acertar e conseguir um lugar próprio.”*

*“Raphael, você é meu anjo de guarda. Muito obrigada por oferecer tamanha ajuda. Eu não quero ser um peso para você.”*

*“Mas você aceita?”*



Eu logo fiz os pequenos ajustes para poder acolher uma divorciada e seu filho: um colchão a mais para dormir na sala, um biombo para fechar a área da sala da área da mesa. Na euforia de ter um cartão de crédito, comprei presentes e um cartão.

Entrementes, o silêncio. Continuei a seguir a minha rotina: acordar, fazer ginástica, tomar banho, tomar café, fazer atendimento na clínica, ministrar treinamento em empresa, almoçar em algum canto no caminho entre um e outro, fazer demonstração da minha capacidade intelectual/cultural em meio aos meus colegas (o assunto do cotidiano agora era o acidente de avião em Cumbica), fazer mais atendimentos ou treinamentos, fazer mais demonstrações, jantar um salgado no caminho de volta para casa, acompanhar o trânsito do fim da noite ao som do rádio CBN, jogar as chaves no balcão da cozinha americana, estacionar-me na sacada com meu notebook e chimarrão e, no final do dia, descobrir que não tinha email da Natasha. Depois de uma semana, imaginei que ela estava na dúvida se vinha mesmo ao Brasil. Na semana seguinte, pensei que ela se acanhava em dizer ou que ela precisava ficar aqui em casa ou em recusar o convite. Na terceira semana, eu tinha certeza de que ela não viria. No final de um mês, eu já estava acostumado ao biombo e havia me esquecido do colchão escondido embaixo da cama tamanho Queen.

Certa noite, quando tirei um olho dos vultos que representavam árvores, vi a caixa de aviso de um email desaparecer da minha tela. Eu estava de bom humor induzido pelo álcool. Antes de a caixinha sumir por completo, cliquei nela.

*“Meu vôo chega às seis e meia da manhã, dia 12/07, número DAK 0891. Estou com um frio na barriga. É preciso ter coragem em momentos assim. Preciso me lembrar que já fiz isso uma vez quando vim embora para Robinson. Mas desta vez é mais pesado.”*

Pensei de fazer uma pergunta direta: “você quer ficar aqui em casa ou não?” Mas optei por algo mais suave: “Minha casa continua de portas abertas.”.

Ela agradeceu, e reiterou como eu sou um bom amigo. Portanto, ela aceitou.

O portão de desembarque é o lugar de maior beleza genuína de toda a cidade de São Paulo. A ansiedade que se sente ao aguardar impede que vejamos o que há de mais belo, mas, passados vinte minutos de espera, eu passei a notar quem estava ao meu redor. São mil maneiras de irromper-se a felicidade, uma para cada pessoa que sai pela porta de vidro. A pequena multidão é composta de mães, pais, irmãos, tios, tias, primos, primas, avôs, amigos íntimos, meros amigos, namorados de longa data, namorados de curta data, colegas de trabalho, sócios, *chauffeurs* e, suspeito, uma ou outra garota *escort*. E a pessoa esperada, por trás de seu carrinho repleto de malas, aparece. É gente de todas as tribos, povos e raças para receber a cada um. As famílias de origem italiana são as mais notórias, com suas faixas, câmeras de vídeo e pandeiros, as namoradas brasileiras são as mais sensuais, os japoneses são os mais polidos. Fazem questão de sê-lo. A distância é o que molda este tipo de sinceridade.

Finalmente, ela.

Natasha e seu filho vieram pela esquerda e eu, em silêncio, fui até ela. Natasha só me viu quando estava ao meu lado.

– Olá.

– Raphael!

Da segurança de um sorriso trêmulo mergulhei num abraço forte. Sua mão achou a minha nuca, e não soltou. Eu pensei que ela diria algo em meu ouvido, mas foi só uma brisa. Uma família italiana recebeu um caçula.

Os anos fora do Brasil lhe fizeram bem. Anos de tintura no cabelo, trabalho em fábrica, cigarro, gravidez e vida de dona de casa não lhe afetaram em nada. Se fosse possível, ela parecia ser mais jovem do que estivera quando a vi pela última vez, a um

andar de distância de onde agora estávamos, no portão de embarque. Ela trazia com ela a lembrança do cheiro de cigarro, hábito este que ela adquiriu e do qual ela se desfez durante esta década que se passara.

Tínhamos a noção de que Brian estava perto das malas e que ele abraçava a cor laranja.

– Vocês querem tomar um café ou comer alguma coisa?

– Estamos bem, obrigada.

Seus olhos quase cerrados contavam a história de um vôo de dez horas.

Voltei-me ao menino, oferecendo-lhe a mão. Nunca me ajoelho para falar com crianças. Eu as dou o mesmo tratamento que dou a qualquer outro ser humano, independente do tamanho. Os pedagogos que me perdoem: isso sempre funciona.

– *It's a pleasure to meet you. I'm Raphael.*

O menino escondeu a boca atrás do Nemo de pelúcias, por cima do qual ele me avaliava.

Natasha disse algo como: “Brian Kaiser, o que é que eu lhe disse no avião?”

O menino a olhou pelo canto de seu olhar, e depois pegou na minha mão, dizendo – *Hello, Mr. Raphael.*

Em seu rosto, eu vi traços de sua mãe, pequenos sinais em seu nariz, nos ossos malares e na ponta do seu queixo onde seu DNA apontava a sua origem materna e 12,5% de origem japonesa. Outros traços marcantes – a orelha mais redonda, as sobrancelhas intensas, as bochechas retraídas, o ar altivo – não eram dela.

Falei que o carro estava “logo ali”, e fui pagar o ticket do estacionamento. A nota de vinte e a moeda de 1 real de dois metais eram novidades para a minha amiga.

– Minha amiga, faz tempo que você se foi. Algumas coisas mudaram nestes anos. – Recebi o troco. – Algumas coisas ficaram.

Antes de sua mãe poder protestar, montei Brian em cima das malas.

( ○ ) ● ( ○ )

O carro avançou pelo Marginal Tietê em silêncio, acompanhando o *Barulhinho Bom* da Marisa Monte. Natasha reclinava a cabeça no vidro frio, com sono e sem conseguir dormir. O menino enterrava seus lábios no peixe alaranjado, assistindo as cenas do mundo em desenvolvimento que se desenrolavam à sua frente: os carros mais quadrados, as coisas mais compactadas, as alvenarias sem acabamento, a terra roxa sem grama entre concreto e asfalto, as moradias de dois andares feitas de papelão, todas situadas entre shoppings, prédios de multinacionais e um estádio de futebol. Eu não fazia idéia do que se passava na cabeça do Brian ao ser apresentado a São Paulo. Mas eu sabia o que a Tasha pensava, pois é a pergunta que todos em sã consciência se fazem ao fazer este percurso depois de voltar do exterior.

A resposta estava no silêncio que se desenrolava atrás do MPB. Natasha olhou para mim, e deu um bocejo bem dado, o qual terminou em um sorriso. E então ela voltou a ver a cidade universitária passar ao lado do carro.

– MPB é tão colorido – ela comentou.

Joguei o molho de chaves no balcão da cozinha americana, ao lado das coisas que eu comprara para meus hóspedes. Natasha permaneceu atrás de mim, seguindo meus passos. Eu carregava uma mochila, Natasha puxava mais uma de rodinhas. Nossa fila indiana completava-se com Brian, carregando seu Nemo próximo às suas narinas.

– Bem vindo ao apartamento 64.

Eu os guiei até o centro da sala, de costas à mesa, de frente à sacada. A casa era diferente durante o dia: ela existia. E era diferente ter a Natasha diante de mim.

– Nossa... Que vista...

– É, foi por isso que a Andréa quis comprar o apartamento.

– A Andréa que escolheu?

– Antes do divórcio. Ela era boa para tomar grandes decisões.

Tasha pegou seu filho em seus braços. Só de estar aí o menino parecia ter crescido alguns decímetros, de tão pequenina que sua mãe era.

– *See the pretty sky? See how far you can see from here?* – E, para mim –, eu tinha me esquecido de como as cores são fortes aqui.

Eu os chamei para fora, e ficamos na sacada, de peito aberto para a brisa de inverno paulistano. Brian esfregou o rosto.

– Querem conhecer a casa?

– *Okay...*

Sáímos da sacada, andamos entre o sofá e a televisão e viramos à esquerda, descendo o corredor de dois metros. Abri a porta à esquerda. – *This is your room, Brian.* – Mandei os dois entrarem. Eu tinha comprado um jogo de roupas de cama do desenho animado Diabólico e Sinistro, o qual não parecia lhe impressionar muito. Era tudo que tinha de infantil no quarto. Ele também tinha uma vista para o vale.

– Por aqui, tem um banheiro –, eu disse, saindo pela porta e abrindo outra adjacente. Ainda cheirava a flores de produto de limpeza, rastros da diarista semanal. – *And here* – abri outra porta, adjacente a esta, a porta do meu quarto –, *is where your mother will sleep.*

Eu tinha forrado a cama Queen com um edredom branco cortado por faixas pretas, do Alexandre Herchcovitch. Os travesseiros tinham fronhas amarela, vermelha e azul, à *la* Piet Mondriaan. Expliquei que ela podia usar tudo que estava vazio no armário, que eu já tinha esvaziado tudo que eu pude.

Abri outra porta lá dentro – *and here is a bathroom just for mommy.*

Tinha uma loção de mãos e um sabonete perfumado no lavatório e no *box* do chuveiro, sabonetes que eu sabia que ela usaria.

– Tem toalha para você ali. Deixei para Brian aí no armário. Não sabia em qual banheiro deixar.

Natasha pôs sua mão em meu braço e o segurou com firmeza. – Raphael, você é meu anjo de guarda.

Seus olhos castanhos me tocaram.

Brian esperneava atrás de sua mãe. Ela chupou ar por entre seus dentes. – Então, o vôo foi muito longo.

Entendi a sua deixa. – Bom, vocês fiquem à vontade. Podem tomar banho, dormir, a casa é sua.

– *We're tired, aren't we, Tiger?* – Natasha bagunçou o cabelo do menino. Foi a primeira vez que eu o vi fazer algo que se poderia chamar de sorrir.

Eu pedi licença e saí do quarto, fechando a porta. Andei os dois metros de corredor e ouvi a porta se abrir e fechar. Natasha ficou parada na outra extremidade do corredor. As palavras ditas em Português. – Raphael, eu sei por que você me chamou. Mas eu preciso de tempo.

Antes de eu poder me explicar, ela sumiu para dentro do quarto. Minutos depois, ouvi o chuveiro e o som que ele faz quando tem gente embaixo dele. Pensei de me explicar mais tarde. Eu me sentia suado e cansado. Cinco horas da manhã não é horário saudável para o despertador tocar. E conseguir arrancar minha amiga do outro lado das Américas não foi um trabalho fácil. Mas ainda restava uma tarefa pequena: trazer a bagagem do carro. Então, peça por peça, eu trouxe as malas. Quando deixei a última mala no chão, o barulho do chuveiro já havia cessado, e, do quarto, silêncio emanava. Só se ouvia um jogo de futebol vindo da rua, salpicado com o eventual palavrão.

Assisti *O Desprezo*, de Jean-Luc Goddard, enquanto esperava.

Quando Brian saiu do quarto, o filme já tinha se encerrado e eu via *Shrek* na HBO.

Ele foi ao banheiro. Ouvi a descarga, e em seguida, ele veio sentar na sala em frente à televisão. Apesar de seus olhos abertos, ele parecia ainda estar dormindo. Seus ombros se abateram um pouco, e sua boca não estava fechada, tampouco estava aberta. Eu

supus que as imagens eram familiares para ele. Uma vez ou outra ele tirou os olhos da televisão para esfregar o nariz com as costas de sua mão.

“Você já viu este filme?”

Ele fez que sim com a cabeça.

“E aí, você gosta do Shrek?”

Ele fez que sim com a cabeça.

“E do burrinho?”

Ele fez que sim.

“De quem você mais gosta, do Shrek ou do burrinho?”

Ele fez que não sabia com o ombro.

“Você gosta do rei?”

Ele fez que não com a cabeça, e reparei no tamanho de suas orelhas.

“E da Fiona?”

Ele não fez nada.

“Hein? O que você acha da Fiona?”

O menino enrubesceu.

“Eu acho que você gosta dela.”

Ele continuou sem fazer nada.

“Eu gosto dela,” eu confessei.

Ele não reagiu, mas riu quando Fiona acertou a cabeça de um dos *Merry Men*.

Ficamos vendo o filme. Brian cantou a música dos “Hallelujahs” junto com o filme, na cena em que Shrek e Fiona estão separados.

Enquanto Fiona teve sua última transformação, ouvi a porta do meu quarto estalar, seguido por passos leves. Natasha veio até o sofá e, na outra ponta do móvel, sentou sobre os calcanhares. Mesmo com os olhos abertos, ela parecia estar dormindo.



Brian se levantou do chão e foi sentar entre os braços de sua mãe. Natasha olhava a televisão, mas duvidei que ela visse alguma coisa. De repente, ela olhou em minha direção, e viu que eu a olhava.

Ela riu e cobriu o rosto. – Ai, deixa eu acordar primeiro, Raphael.

Eu não falei nada.

Era a hora do dia em que mais incide a luz do sol no apartamento.

Natasha continuou encolhida no canto do sofá com seu filho. Assistimos a Cartoon Network com a tecla SAP em silêncio. Em um momento qualquer eu fiz limonada para as outras pessoas que estavam em meu lar e disponibilizei frios e pão de forma para fazer um almoço à moda Americana. Fazia tempo que não vinham outras pessoas compartilhar o espaço comigo. E tinha que ser justo a amiga da adolescência para vir preencher este espaço.

Nós saímos para jantar já estava escuro e frio. Para facilitar a transição do Brian, achei melhor ir ao lugar mais garantido dele conhecer: o McDonald's. Mesmo assim, pequenas dissonâncias permaneciam: um espaço McCafé, um sundae de maracujá. Natasha já sabia o que pedir: um McLanche Feliz e um McFish. Ela quis pagar, mas eu insisti. Eu não queria usar o dinheiro do seu ex-marido.

Andréa sempre tratava as palavras com seriedade. Se ela oferecesse pagar, é porque pagava. Se alguém quisesse dividir, pois então que fale. “Sim-sim e não-não.” Então assim eu ficava envergonhado quando, por educação, alguém oferecia pagar a conta, e eu tinha que aceitar sua oferta sem protestos, indicado por um toque discreto da minha esposa na minha mão e uma troca de olhares. Natasha, por educação, insistiu de pagar sua parte. Eu resolvi a situação passando meu cartão à menina no caixa – a qual, pela foto na parede, era funcionária do mês.

– Parabéns.

– Ok, obrigada.

Nós nos sentamos à mesa e falamos de nada com nada. Na clínica, aprendi a separar conversa fiada de diálogo real. E, por mais que a gente tentasse separar vida profissional da vida pessoa, vida é vida. A vida, por si só, pede confusão de papéis. E eu também aprendi na clínica que, mesmo na conversa fiada, a pessoa que está aí à minha frente precisa saber que eu me encontro plenamente aí à sua frente.

Brian não tirou o super-herói do plástico. Ofereci abrir o pacote para ele. O super-herói permaneceu no plástico.

No caminho de volta para casa, paramos no Pão de Açúcar mais próximo. Natasha disse que ela tinha trazido tudo que ela precisava, mas não foi para comprar coisas necessárias que eu parei lá. A vida no exterior nos priva das coisas pequenas. Conforme passeamos pelo supermercado, Natasha se lembrava das coisas que ela gostava na sua vida passada: na seção de frutas: goiabas, maracujá e maçã fuji. Na seção de frios: mortadela. Na seção de café: café. Na seção de doces: leite condensado, doce de leite, chocolate em pó (para fazer brigadeiro) e bolacha Passatempo.

– Eu não me lembrava que você gostava tanto de Passatempos.

– Como não? Comia quase todo dia no intervalo!

Brian queria “*molasses*”.

– *But, my dear, you don't like molasses.*

Perguntei do quê se tratava.

– É um... tipo um xarope, um caldo de açúcar, acho que de beterraba. Parece um pouco com aquele caldo de panquecas ou mel ou Karo.

Falei que tinha Karo fácil.

– Não. Tem um gosto diferente, acho que não tem igual aqui.

Brian insistiu que ele queria “*molasses*”.

Ela insistiu que ele não gostava de “*molasses*”. Ele não se lembra que no Sábado ela passou no seu pão e ele não quis comer? Por que ele queria isso agora?

O menino ficou dizendo que ele agora gostava de “*molasses*” e que ele queria comer “*molasses*” agora.

Natasha agarrou o braço do menino com aquela força que deixa as pessoas em sua volta sem saber o que fazer.

Ela discorreu: Brian agora estava no país da mamãe e aqui não tem o tal de “*molasses*”. Ele tinha que aprender a gostar das coisas daqui e a esquecer das coisas de lá porque, de agora em diante, ele morava no Brasil. Este era seu país agora. Brian não podia responder assim à sua mãe, fazendo-a passar vergonha na frente do Sr. Raphael e todas as pessoas do país da mamãe. Isso a deixava muito triste e decepcionada com ele.

Eu ora não fazia nada, ora legitimava a autoridade da Natasha sobre a situação. Por dentro, tentei imaginar como eu conseguiria fazer aparecer “*molasses*” para o menino.

Brian abriu a boca e fechou os olhos com o grito mais estridente que eu já ouvi, de deixar os ouvidos tinindo durante horas, de fazer o supermercado parar. Algumas pessoas apareceram nas extremidades das fileiras onde nós nos encontrávamos para verificar o que se passava.

Até a Natasha ficou sem palavras. Ela piscou duas vezes, tentando recompor a realidade a sua volta, o qual tinha se despedaçado com o grito.

De novo, pelo braço. – *Enough. Enough. That's it.* Raphael, nos leve embora, deixa as coisas aqui. *We're leaving all the nice stuff Mr. Raphael wants to give us because you're very bad. That's it.* – Ouvi uma embalagem cair no carrinho que eu empurrava. – *I've had enough.*

Ela puxou o menino rumo à saída, e Brian foi arrastado, agora com semblante confuso, em silêncio. Eu chamei minha amiga pelo nome, mas ela não me ouvia. Eu quase saí do supermercado atrás dela, mas aí eu voltei ao carrinho. Fui até a fila, e esperei.

Natasha me encontrou na fila, tendo deixado Brian na entrada da loja, ao lado dos caixas. Sua voz já havia voltado ao seu tom natural, sua pele já não estava ruborizada. Seus olhos tremiam. Ela pôs uma mão em meu braço.

– Raphael, eu agradeço o que você está fazendo, mas eu tenho que voltar para casa. Eu sei que você me entende. Por favor, deixa isso, vamos embora.

Eu pus a mão no bolso e tirei a chave do carro. Tentando ser o mais calmo possível, falei para ela voltar para lá e me esperar que eu não demoraria nem dez minutos.

– Mas...

Ela viu que eu não mudaria de idéia. Bastou ela olhar para o pacote de Passatempos que a correia levava até o caixa. Dez minutos depois, eu os encontrei no carro. O ar estava carregado de mensagens, mas ninguém falou uma palavra sequer.

Chegando em casa, joguei as chaves sobre o balcão ao lado dos presentes que ainda estavam embrulhados. Eu não tinha coragem de quebrar o silêncio com eles. O momento não era nada apropriado. Fui idiota de não lhes dar os presentes quando assistíamos televisão.

Brian permanecia em pé, quase encostado à parede, ao lado da cadeira. Ele mantinha sua mãe em suas vistas, com sua cabeça baixa. Ela me ajudou a guardar as compras, mas sem saber onde pôr. Quando ficou evidente que ela não poderia guardar nada, ela passou a tirar as compras das sacolas no chão. O segredo da organização eu não lhe revelei: não há lugar para nada. Eu vou guardando onde tem espaço – ou seja, em todo lugar – e onde parece combinar com o objeto em questão.

“Brian, você pode sentar se quiser. Sinta-se em casa. Você está em casa.”

Ele obedeceu e sentou na cadeira encostada à parede, sem tirar os olhos de sua mãe. Mais do que nunca, seus olhos destoavam dos da Natasha, a qual nunca conseguia se desvencilhar do seu olhar dócil.

A solução parecia simples o suficiente. Era óbvio que eles não poderiam dormir no com este clima entre eles. Andréa trazia da sua família a obrigação de nunca ir para cama sem resolver as diferenças. Geralmente conseguimos fazer isso, até chegarmos no ponto de termos que resolver nossas diferenças toda noite. Mas Natasha não abriria sua boca para seu menino. Ela sentou no sofá e ligou a televisão. A solução simples seria eu ter um momento a sós com ela para conversarmos e eu lhe ajudar a resgatar a ternura materna. Bastaria colocar Brian para ver televisão enquanto conversaríamos em um lugar onde ele não nos ouviria. Não poderíamos correr o risco de ela dizer alguma coisa que ele entenderia errado. Mas o apartamento era pequeno, a cozinha tinha só uma metade de parede para separá-la da sala de estar. Na sacada, tínhamos um razoável isolante acústico, mas ele nos veria conversar sobre ele. E nos quartos... Fora de cogitação.

Sentei no mesmo lugar que eu sentei durante a tarde toda. Eu tinha esperança de que ela o convidaria a sentar no sofá conosco.

– *Brian* – ela chamou, sem tirar os olhos da comédia britânica –, *brush your teeth so you can go to bed.*

O menino pôs seus pés no chão e andou até o quarto onde as malas se encontravam: o meu. Nessa solução eu não tinha pensado. Então eu abri a boca para tocar no assunto. Mas, antes de sair a minha voz, o reflexo do menino no corredor apareceu sobre a imagem na televisão.

Natasha me disse algo pelo olhar que eu não entendi ao certo, mas que com certeza não era uma mensagem positiva em relação ao Brian.

– *What?*

Eu só via o reflexo dos olhos do menino ouvindo a Natasha. Não adiantaria eu tentar ver o que se passava de fato no corredor. Para isso eu teria que me debruçar sobre a Natasha. E para quê eu faria isso?

Brian não dizia nada. Este tinha plantado um joelho na frente do outro. Aquele fazia momentos involuntários pequenos, como se nem em uma posição nem em outra o joelho tinha lugar.

Ela o avisou que perderia a paciência e que era melhor ele deitar na cama no quarto que Sr. Raphael preparou para ele.

A imagem do menino definhou, e sumiu.

A porta do quarto se fechou com um estalo.



Com as mãos dobradas sobre seu colo, Natasha se desculpou em Português. Sua voz mudava com as palavras ditas em sua língua materna. Havia um toque de sotaque norte-americano, apesar de ela ser brasileira. Mas a voz era igualzinha àquela de que meus tímpanos se lembravam, saboreando sempre os consoantes no final das palavras. – Eu lhe peço desculpas pela cena que o Brian está fazendo. Ele não é de se comportar mal assim. Amanhã eu converso com ele.

– Algumas pessoas aconselham deixar as coisas resolvidas antes de dormir.

– Talvez esse seja um bom conselho.

Era minha vez de falar. Escolhi deixar suas palavras ficarem no ar. A televisão ria feito um auditório.

Ela tampouco dizia nada.

– Vou pôr água para esquentar.

– Obrigada.

– Pode mudar de canal, se quiser.

Enquanto eu enchi o caneco e o coloquei no fogo, ouvi uns quatro programas diferentes.

– Posso desligar?

– Pode.

O apartamento se encheu de silêncio, com as luzes acesas.

A água se aquecia e Natasha acompanhou meus movimentos enquanto eu observava o progresso da água. Eu ouvi um som. Talvez fosse um vento mais forte sobre as árvores lá fora. Achei que fosse um suspiro.

Preparei o mate sem pressa e sem cerimônia. Pensei de lhe dar o presente, mas eu não queria fazer isso só para preencher o silêncio.

Girei a bomba com o dedão sobre o bucal. Falei algumas palavras sobre quem toma o primeiro mate.

– Ah...

Eu me acostei ao batente que dava na sacada, mas continuei de frente para ela. Natasha no meu apartamento, banhada na luz de lâmpadas incandescentes e fosforescentes.

Ela riu. – Ai, ai, que situação...

– Como assim, “que situação”?

– Eu sei lá, assim. – Ela fez um gesto entre ela e eu.

– E o que você está sentindo assim? – Repeti seu gesto entre ela e eu.

– Esse era o último lugar onde eu imaginava que eu estaria agora.

– E onde você preferiria estar?

– Não, não é isso. – Ela segurou uma parte de seu cabelo entrelaçado nos dedos da mão, na qual ela apoiava a cabeça. – Eu estou muito feliz por estar aqui. Lógico, dadas as circunstâncias.

– Eu estou feliz de você ter escolhido ficar aqui.

– Que bom –, ela comentou, e espiou a televisão desligada.

– Quando você foi dormir, você disse que sabia o motivo de eu ter lhe convidado a ficar aqui.

– Ah, sei lá, eu estava sentindo muito sono naquela hora.

– Mas você estava pensando alguma coisa.

– Deixa para lá, é besteira.

Acabou o chá na cuia. A falta foi anunciada por um longo ronco.

– Mas fale, talvez não seja tanta besteira assim.

Eu pus água e passei a cuia para Natasha com a mão direita.

– Como que bebe isso...?

Eu expliquei para ela, e avisei que a bebida era quente e amarga.



Ela provou o chá. – É... Bom, é um chá... – Natasha continuou a beber com delicados sorvos. – Do quê que a gente falava, mesmo?

Eu falei – deixa prá lá. – Mas não era isso que eu queria ter dito. Mas como foi dito, não me restava nada a dizer.

– E tem isso aqui para você. – Do balcão eu tirei o envelope roxo que estava alojado entre o vaso com buquê e minhas chaves do apartamento. Entreguei o cartão a ela. Com a cuia em uma mão ficaria difícil abrir o envelope. Ela se espantou com o gesto, ou talvez com o momento do gesto, e fez bico que lembrava o bico de um pato. Anos atrás eu me esqueci desta expressão tão característica dela.

Natasha colocou o chá sobre o vidro da mesa de centro, entre *O Homem e Seus Símbolos* e *O Poder do Mito* (um livro branco e um livro preto). Eu lhe entreguei o cartão.

Eu não me lembrava das palavras exatas, mas eu vi cada uma delas fazer seu efeito. Quando terminou, ela me deu um sorriso. Parecia que ela diria alguma coisa. E aí ela não a disse.

– Tem mais aqui – falei, e apontei a parte de trás do cartão onde havia uma chave grudada com Durex: a chave do apartamento. No fundo do envelope, ela encontrou a chave do Celta.

– A chave do carro?

– Quero dizer que você também pode usar. Lotação, para mim, não vai ser muito complicado, não. Acho que, na prática, vamos usar só a minha chave. Tasha, é o seguinte: quero que você sinta que essa é a sua casa. Você pode ficar até quando você quiser. E tem mais. – Tirei do balcão um presente retangular e o entreguei a ela. Ela o abriu com cuidado, sem rasgar o papel. O celofane dourado e vermelho da Copenhagen traía o conteúdo. Natasha não conteve uma gargalhada delicada.

Horas mais tarde – eu não queria saber que horas eram, mas já não se via a lotação alaranjada na rua – nós dois sentávamos na sacada, cada um embrulhado em um

cobertor. Eu ainda tomava meu chá, mas Natasha não aceitou mais nenhuma “dose” depois da primeira. Eu já terminava a segunda garrafa. As únicas luzes acesas que se via eram de outros apartamentos, e estas eram poucas.

– Raphael, eu quero sua opinião sincera. Eu sei que você está feliz por eu estar aqui. Mas me fale uma coisa. Você acha que fiz certo?

– O que você acha?

Ela riu antes de responder. – Fiz o que fiz, não fiz?

– Você não respondeu a minha pergunta.

– Se eu vejo mal no que fiz? Eu acho que fiz certo, sim. O menino precisa de um pai.

– Isso eu não entendi.

– Não, é que... Hugh estava sempre em viagem. E não era viagem simples. Eu não sabia se ele voltaria ou não. Aqui não tem guerra, então vocês não podem imaginar o que era ter que me despedir dele quando ele viajava.

– Mas ele fazia missões perigosas?

– Era Bagdá.

– Sim, mas...

E nós que amávamos a paz quando no Colégio, nós que questionávamos os Salmos e suas declarações sangrentas, nós que outrora carregávamos fé como brasão no peito.

– Você o ama?

A pergunta brotou da curiosidade clínica.

Ela soltou ar pelo nariz, com um sorriso voltado aos cobertores. – Eu sinto falta dele. Sinto falta da segurança que eu tinha só de sentir que ele estava por perto no meio da noite. Eu o amava muito. Ele parecia querer me proteger de tudo que tem de ruim no mundo. E isso ele fazia bem. E ele me amava bem. Ele sempre era carinhoso, era firme, até assustador quando ele me possuía, mas era carinhoso. Sempre me esperava gozar. Eu até ficava com dó, porque ele não parecia relaxar de verdade.

Natasha virou seus olhos para mim.

– Olha as coisas que estou lhe dizendo...

Dispensei o comentário com um gesto. Continuei a tomar meu chá.

Depois de um tempo, ela voltou a falar. – Sabe, teve uma vez... Você não se importa de eu te contar estas coisas, importa? Teve uma vez que, tipo assim, eu conseguia ver quando ele estava fazendo um esforço para não gozar. Ele fazia amor numa boa, assim, fluía numa boa, e aí, de repente, ele ficava todo sério, me olhando nos olhos como se fosse para me hipnotizar. E o ritmo mudava. Em vez de ser, tipo, *pá, pá, pá, pá*, era *vrum, vrum, vrum*. Também era gostoso. Enfim, uma vez eu dei um jeito de escapar de debaixo dele e ficar por cima. Aí eu comecei a me mover sobre ele, usando os músculos do meu ventre, espremendo ele aqui dentro de mim. Foi para provocar mesmo. Mas ele ficou com *uma cara*, tadinho. Parecia que ele queimaria um buraco no teto com o olhar. Olha, eu fiz de tudo. Passei a mão em meu corpo, fiquei bem próxima dele, coloquei a língua no seu ouvido, arranhei seu peito. Não foi pouca coisa, não. E ele fazia cada cara mais engraçada que a outra. Teve um momento que ele fez uma cara de sapo, assim ó, esbugalhado, com a boca larga. Quando ele gozou, porque não tinha mais jeito, eu ainda briguei com ele, tadinho...

Tomei mais um gole antes de falar de mim. – É que... eu nunca fui tão bom para... controlar as ejaculações. Não era precoce, mas não conseguia segurar muito também, não. Eu tinha que usar outras artimanhas para conseguir extrair qualquer orgasmo da Andréa.

– Mas você não pode se culpar. Tem mulher que não se relaxa.

– É. Sei.

– Olha as coisas que a gente está falando. Já pensou, onze anos atrás?

– Ah, é.

– Eu achava que seria difícil conversar com você.

– Como assim? – perguntei.

– Sei lá, não sabia o que esperar. Eu mudei muito.

– Ficou mais linda, isso sim.

Ela fez uma careta.

– É sério. Antes, você parecia a vizinha que não te dá atenção, aquela coisa virginal Mary Jane. Agora, você está sexy.

Natasha despencou na gargalhada.

– Virgem Maria, o que será que estou bebendo aqui? – Eu me recuei atrás de bom humor e caretas. – Bem que o mate tem jeito de baseado. Não vou mais beber, chega, já falei demais.

Ela apoiava a cabeça na mão com os dedos entre os cabelos, e ela sorria. Mas não falava.

Algum tempo depois, ela abriu a boca. – Não tem mais cerimônia na nossa fase, tem?

Eu não entendi do quê ela falava.

– Assim, entre um homem e uma mulher. Antes era tudo, “ah, uhm, ui” –, com sons caricatos e gestos –, sabe, quem pegou na mão de quem aonde e quando. “Sexo” era uma palavra engraçada.

– Sinceramente, eu não tenho paciência para essas coisas. Tenho mais o que fazer do que me preocupar com essas coisas virginais.

– “Virginais”. Essa é boa. E depois da Andréa, teve alguém?

Foi minha vez de rir. – Até teve. Em algum lugar lá atrás, quando o divórcio ficou concreto, uma parte de mim passou a imaginar todas as pererecas do mundo afora. É o que se espera de homem. Mas quando realmente me separei, não senti tanta vontade assim. Porque, no fundo, a gente quer amar, e nem tanto trepar.

– Acho que é porque a gente só se sente alguém quando somos alguém para alguém. – Seus olhos vagaram pela minha caixa torácica. – Quando alguém diz que me ama.

Eu coloquei minha mão sobre seu joelho, por sobre o cobertor.

– Vou te contar uma coisa –, falei. – Foi na semana antes do casamento. Tudo já estava no jeito, era só esperar o dia. Tinha família das duas partes na cidade. Foi na época que eu ainda trabalhava lá no Call Center. Tinha uma pessoa lá do Rio de Janeiro, era minha par na outra cidade, a Fabíola. Nós já havíamos nos falado algumas vezes, tudo coisa de trabalho, coquetel, coisas do gênero. Aí eu e ela tivemos uma reunião, só nos dois, para fazer *follow-up* dos resultados. Enfim, eram coisas burocráticas que nem me lembro mais. Sei que teve uma hora que ela estava olhando no seu *note* um gráfico e não conseguia entender o cálculo usado para chegar aos números que estavam lá. Então eu me levantei e fui sentar do lado dela. Até então, eu estava do lado oposto da mesa. E eu falava com as mãos, até bastante impaciente com ela. Aí eu peguei no mouse, e me apoiei com a mão esquerda no encosto de sua cadeira. Nisso, esbarrei na mão dela, desse jeito.

Simulei na mão da Tasha, com as costas da minha mão contra seus dedos.

– E, nessa hora... passou... entre nós dois alguma coisa. Eu o senti, e eu tenho certeza que ela também o sentiu. E te juro, devo ter sentido algo assim só umas duas vezes na vida. Simplesmente... assim. E eu vi em seus olhos a tensão que havia, uma euforia selvagem, felina. Sabe aquele momento que parece que tem uma linha entre os seus lábios e os lábios da outra pessoa?

– E aí? Essa você nunca me contou. Na semana do teu casório...

– Então. Aí que nada. Continuei sentado ao seu lado, continuamos a conversar, e ela finalmente entendeu o cálculo e o gráfico. Mas ficamos de dedos entrelaçados. Aliás, nem entrelaçados.

– Às vezes é só isso que precisa...

– Não, nós tínhamos muito para saciar. Não é tão simples.

– É... Não é.

– Pois é.

Ouvimos uma moto e uma buzina.

– Se teve alguém que eu quis pegar assim que eu estivesse livre, seria a Fabíola.

Era sempre, bom, quase sempre, a primeira pessoa em quem eu pensava quando Andréa demorava para chegar em casa e eu especulava que ela tinha morrido em acidente ou assalto.

– Ai, credo, Raphael.

– São Paulo é assim. Se a pessoa demora meia hora para chegar em casa, a gente começa a especular.

– É, mas... Credo.

Parecia que havia esfriado. Natasha ajeitou o cobertor.

– E aí, o que você fez quando... ficou livre? Você ligou para ela?

– Liguei. A gente até almoçou. Ela me contou as coisas dela, eu contei as minhas coisas. Ela estava namorando, e parece que eles iriam morar juntos. Então não iria acontecer.

– Você chegou a perguntar para ela?

– Sim.

– E ela?

– Ela disse que naquele dia anos atrás ela teria me dado uma despedida de solteiro particular. Mas agora era complicado.

– É sempre assim... Você foi fiel à Andréa?

– Cem por cento. E você?

– Também. E ela?

– Acho que foi. O Hugh?

– Não sei. Acho que foi, penso que não. Ele viajava, entende?

Eu entendia.

Eu tinha tomado muito chá, e precisei urinar. Pedi licença. Eu a deixei olhando as estrelas.

Quando retornei, ela olhava as estrelas.

– É engraçado –, ela disse. – Não sei nada de astronomia. Mas conheço estas estrelas. Lá na América, eu não reconhecia nenhuma delas... Sabe o que eu ia te perguntar? E a gente?

– Que é que tem?

– Você não falava com a Andréa sobre a gente.

– Não tinha nada para contar. Também não iria contar toda vez que eu recebia um email de todo mundo.

– Ela sabia que você me ama?

Essa questão é complicada...

– Andréa tinha um conceito de amor diferente do meu. Ela acreditava, acredita naquele amor que se sente, naquela convicção da paixão pela pessoa que é unicamente para você. E quando você sente isso, tem-se que beijar, fazer amor, casar, viver feliz para sempre. Então seria difícil explicar para ela que tem gente que a gente ama, que é importante para a gente, mas com quem não vamos fazer amor. Fica complicado dizer que eu não amava só a ela, e mesmo assim eu era casado somente com ela, e contente mesmo assim. A gente ama mais do que uma pessoa na vida, mais do que uma por vez. Eu acredito nisso. O importante é saber como amar a todas as pessoas que amamos ao mesmo tempo. Isso é maturidade. Eu tenho um certo conforto em saber que um amor é radicalmente diferente dos outros amores, que cada amor é único e que não afeta, não

interfere em nada os demais amores. Afinal, amor não é um bem não-renovável que temos que racionar. Quanto mais a gente ama, mais a gente ama.

– Eu também penso assim. Hugh era que nem a Andréa. Eu lhe contei de você. Ele não ficou feliz, não.

– Eu me lembro.

– É, mas depois ele aceitou. Depois a gente não precisava falar mais a respeito.

– E depois do divórcio...?

– O quê?

– Você teve mais algum homem?

Ela riu. – Não tive tempo. Mas também não é bem assim que funciona. Acho que, para homem, é bem diferente. Vocês querem tudo, querem transar sempre com mais. Mulher quer ser amada. Eu não conseguiria agora. Me sinto, sei lá, verde. Uma fruta verde. Eu tive Hugh dentro de mim, fiz amor com ele. E por mais que eu tenha me despedido dele de uma última vez por todas, não me imagino amando outro homem. Não sei, eu sou assim. Fazer o quê.

– Mas você não tem vontade? Ou pensa pelo menos, “quando eu estiver livre, vou ter um *affair* com beltrano”?

– Mm-mm.

A teoria dita que ela estava negando a realidade libidinosa.

– Eu sou mãe. Tenho um filho agora.

– Entendi.

– Raphael, você não vai trabalhar, não, amanhã?

– Vou. Que horas são?

– Não sei, mas deve ser tarde. Estou preocupada com você. Eu ainda estou no *Central Daylight Time*, ainda agüento algumas horas aqui fora. Mas eu me preocupo com você.



– É, você tem razão... Mas não é todo dia que a gente conversa, né, amiga.

– Ainda não acredito que estou vendo você, Raphael. Você não mudou nada.

– Você mudou. Ficou mais sexy.

– Bobo. – Ela me deu um empurrão. – Mas é bom saber que o mundo continua girando, mesmo sem eu estar aqui. Você seguiu a sua vida, faz sua carreira, comprou um apartamento... Não foi só uma historinha que lemos nos emails.

– É. E o Brian existe, mesmo!

Ela girou os olhos em seu crânio. – Ó! E se existe! Ele não me deixa esquecer disso por nem um minuto! Ele ficou um macaquinho depois que voltamos a ficar com a minha mãe.

Por um lado, eu poderia tentar mais uma vez salvar uma relação mãe-filho, aquela sacra relação. Por outro lado, bater na tecla, falando para alguém como seguir sua vida, vai contra os bons costumes.

– Você devia ligar para aquela sua amiga, a Fabiana.

– Fabíola?

– Essa mesma.

– Eu mantenho contato com ela. Aliás, daquela empresa utilitarista, só falo com ela. A gente tem saído.

– E aí...?

– Aí que somos ótimos amigos. Não a amo de casar com ela. Uma noitada de sexo pagão seria ótimo. Eu já sei exatamente o que eu faria com ela. Mas agora isso –

– O que você faria com ela? – Natasha me interrompeu.

Ela me pegou desprevenido. – É... Eu não sei agora.

– Fala, Raphael. Você nunca falou dessa mulher antes.

– Não sei, eu... Ó, uma coisa que não me sai da cabeça... Tem certeza que você quer ouvir isso?

Natasha respondeu com os olhos. O bico de pato ameaçava aparecer.

– Olha, eu a colocaria, toa nua, deitada de costas na cama.

– Ela é loira ou morena?

– É ruiva. Natural.

– Baixinha ou alta?

– Médio.

– Do tipo mais peitudinha ou magricela tipo modelo?

– Peitudinha.

Não acreditava que eu estava tendo esta conversa na qual eu me achava. Tive que rir para continuar.

– Seguinte, eu a colocaria de costas, e eu começaria a beijar aqui – indiquei atrás da minha orelha –, com a mão no seu quadril. Aí eu desceria por aqui, descendo seu pescoço, descendo pelos seios, dos quais eu beijaria os bicos. Enquanto isso, minha mão subiria pelo seu corpo, no sentido contrário. Eu desceria mais, e demoraria no seu umbigo. Eu imagino que ela teria aquela penugem fina que mulher às vezes tem, sabe?

– Não sei.

– Enfim, têm. E eu desceria mais, até chegar ao seu púbis. Aí que eu faria a festa. Eu não tiraria a boca de lá até as suas pernas tremerem. Agora, o mais importante para mim seria arranhar aquela pele, aquela parte meio úmida e lisa onde se depila. E eu iria torcer para ela não ter se depilado muito recentemente. Eu arranharia desde onde terminam os pêlos até onde começam as pernas. Tem um som lindo, essa parte. Você não faz idéia como é lindo o jeito que aquela pele crepita e sussurra. É para ouvir o crepitar que eu faria isso.

Minhas palavras se dissolveram no frio e na noite e nas luzes apagadas.

– Raphael, você precisa dormir.

– Preciso, né.

– Senão você não agüenta amanhã.

– Verdade.

Mesmo assim, curtimos o silêncio.

E eu digo –, está bem. Vamos dormir?

Ela ri por trás do bico de pato. – Vamos.

Foi sério, depois foi brincadeira: a verdade é que esse seu bico é muito sexy.

Nós molestamos o silêncio do apartamento ao acendermos a luz. Dentro das paredes, não parecia estar tão tarde assim. Pela cidade afora, parecia ter se tornado naquela hora da madrugada em que não há alma vivente.

Natasha dobrou seu cobertor mais rapidamente do que eu. – Obrigada pela noite tão linda. Parece que já moro neste lugar faz semanas. Obrigada, mesmo. Você é meu... Raphael, você é meu anjo de guarda. Adoro o jeito que você aparece quando mais preciso.

Eu balbuciei qualquer coisa. Ela me deu outro beijo no rosto. Ela já tinha me dado um beijo no rosto?

– Boa noite...

– Espera, eu tenho que pegar o colchão lá do quarto.

– Tudo bem. Enquanto isso, vou dar uma olhada no Brian.

E fui pegar o colchão de debaixo da cama. De lá eu ouvi a Tasha tentando falar com voz mais baixa do que eu conseguiria ouvir.

*– I don't believe you did that...! And in someone else's bed...!*

Eu saí com o colchão como se eu não ouvisse nada.

Ela afirmava que o Brian não fazia idéia do quanto ela se envergonhava do menino. Mas não tinha jeito, ela teria que perguntar ao Sr. Raphael o que fazer. E Brian teria que contar o que ele fez.

Natasha apareceu com seu filho à sua frente, com sua cabeça em frente ao quadril de sua mãe. Ela tinha as duas mãos em ambos dos ombros do menino: conte para Sr. Raphael o que você fez.

– *Tell Mr. Raphael what you did.*

Ele mal conseguia abrir os olhos. – *I didn't do anything!*

– *Yes, you did. Just smell what you did.*

O menino olhou o chão e fungou. Ele tinha uma mancha úmida em sua calça.

Não falei nada. Passei a mão na cabeça dele, e desci o corredor, não sem reprovar a Natasha com o olhar.

O ar do quarto estava pesado com o cheiro doce e acre de urina. Quando é de criança, parece que o cheiro atinge o faringe. Tirei o lençol do colchão, abri a janela, e levei a roupa de cama até a área de serviço. Voltei ao quarto e tirei o colchão da cama, e eu o deposei na sacada, onde o sol bate forte o dia inteiro.

Natasha e seu filho não falaram nada. De repente, o sono se instalou dentro das minhas pálpebras, riscando como areia. Senti que eu cairia de sono no meio do corredor. Mas consegui dar um conselho para a mãe.

– Dê um banho em seu filho.

Minutos depois, ouvi o jorrar de água no banheiro. O apartamento era novo, e a água era aquecida a gás. A voz da Tasha mal sobressaía ao barulho, mas os azulejos ajudaram a transmitir o som.

– *... You won't sleep in Mr. Raphael's bed... I can't trust you... You will sleep on the floor... My son doesn't do things like that...*

Eu fiz a única coisa que eu poderia fazer: tirei meu colchão da sala e o ajeitei ao lado da cama Queen. Eu ainda tinha um saco de dormir velho no armário. Era só por algumas poucas horas. O dia seguinte começaria bem cedo, pegando a lotação laranja pela primeira vez.



Mesmo com os olhos fechados, percebi que o biombo se moveu. E aí ele se moveu de novo, com um som inverso ao primeiro. Parecia um sonho. Talvez de fato fosse.

Na ponta dos pés – Raphael. Raphael, você está dormindo...?

– Não...

Senti seus joelhos no chão ao lado do meu ouvido. – Eu te peço desculpas pelo papelão que estou fazendo. Eu não sei o que eu faria se não fosse você. Mas eu estou sendo uma péssima hóspede.

Eu me virei dentro do saco de dormir e encarei a rótula de seu joelho. Coloquei a mão sobre sua perna (ela já vestia pijama de tecido flanela), a mão pesada de sono.

– Relaxa. O anfitrião sou eu. Eu te gosto.

Não ouvi mais nada do biombo.

Na manhã seguinte, enquanto eu abotoei a camisa, pensando os afazeres do dia que estavam dependurados nas horas diante de mim, lembrei de uma coisa que sempre estava escondida em minha mente: entrei nesta profissão por causa da Natasha, por um movimento denominado pelos psicanalistas de “introjeção”.

Eu havia acordado sentindo uma certeza “intransitiva”, resquício de um sonho que já se dissipara. Havia uma década que eu não sentia isso.



Andréa e eu éramos grandes amantes. De compreensão entre nossos corpos, não faltava nada. Lembro-me de uma noite de álcool e ritmos africanos no Bourbon Street com dois casais de amigos nossos. Mariana e Paulo tinham sido amigos meus primeiro. Daniela e Leo primeiro foram amigos da Andréa, tendo papel fundamental no desmanche do seu noivado com Guilherme. Nós encontramos nossa mesa reservada no mezanino, onde o jazz brotava do chão e de onde víamos as cabeças de todas as pessoas que trocavam suas idéias. Mariana sempre foi do tipo carinhoso, sem vergonha de encostar a mão em você ou o olhar nos seus olhos enquanto conversava. Paulo era um sujeito tranqüilo que sempre sorria por debaixo de olhos sonolentos. Mari, quando ria, era capaz de reclinar a cabeça no meu ombro com toda a naturalidade do mundo. Paulo era capaz de, nesse momento, querer falar algo para mim e então espremer o corpo de sua esposa junto do meu para me contar a piada com o tom certo por cima de sua cabeça, e aí tudo se tornava um grande amasso entre amigos. E o álcool deixava as testas sensíveis um ao outro. Ao meu lado, sentada na ponta da mesa, de costas ao palco, Andréa via a cena, e não demonstraria ciúmes, mesmo sabendo do meu breve passado com a Mari. Mas acho que os ciúmes que não demonstrava deixavam-na mais excitada.

Ao outro lado da mesa sentavam Daniela e Leo, um casal mais liberal no seu discurso, de postura mais contida. O casal fora o catalisador da noite: ambos fariam MBA em Stanford. Gritava-se por cima da mesa, por cima dos sons de bar. E isso fazia parte do jogo, poder rasgar a garganta para tocar os casais. Naturalmente, meus comentários se voltavam para M&P, e os da Andréa para D&L. Naturalmente, meus dedos caíam sobre as costas bronzeadas da minha esposa, e os dela, por baixo da mesa, sobre a parte de dentro da minha coxa.

Bebíamos Cuba Libres, Caipiroskas, Sex on the Beach, e outras coisas subversivas. Eu sabia que eu iria dirigir, mas a banda principal nem havia subido ao palco. Enquanto

isso, ríamos e, como bons adultos, atualizamos as nossas situações de trabalho e xingávamos os nossos chefes.

Sexta-feira tornou-se Sábado: meia-noite. A banda de samba-rock subiu ao palco principal e logo fez uma pergunta chavão – não me lembro qual – para anunciar a sua subida ao palco principal. As percussões fizeram vibrar o ar e os corações, e começaram.

*“Moro... num país tropical!”*

Já estávamos em pé, a Andréa dez centímetros mais alta com sua sandália nova, quase alcançando meu queixo. Com a graça como só nadadora, de corpo musculoso e reto, de movimentos líquidos e agudos, ela declamava, acompanhando com um dedão e dois dedos no ar como se fosse hip-hop.

*“Em fevereiro... tem carnaval, tem carnaval!”*

A roda de casais amigos já não tinha nem diferenças, nem passado, nem futuro. Lá estava Leo com cigarro entre os dentes e gravata frouxa, dançando com os cotovelos juntos e cantando com voz de Humphrey Bogart.

*“... e tenho uma nega chamada Tereza... ah!”*

Álcool ardendo nas veias, limpando as imundícies do dia que se passara, livrando das inibições. E o coitado do vocalista tentava agitar um salão cheio de paulistanos exaustos.

– Assim! – O vocalista dançava com as palmas das mãos voltadas ao teto. – Assim!

Andréa fez o mesmo. Eu me lembro da curva lateral de seus seios, como esta se insinuava para dentro de suas axilas.

M&P cantavam com os copos meio cheios erguidos.

*“Tem carná... Tem carná!”*

E a música desenrolava, deslocava, desfiava, desenferrujava, dez... Ela tirava de nós o mundo inteiro. De canção em canção a vida ficava menor, ficava mais simples, tornava-se apenas uma longa presença.

E Andréa rebolava mais, gritava mais, ficava mais bêbada. Dançava para trás, a sensualidade nacional em seus poros, no suor que ela deixava sobre mim. No ritmo do meu quadril senti o sabor do seu vinho sair por suas narinas e por sobre as fronteiras de seus lábios, convidando-me a possuí-la. Mas ainda não, o ritmo levava-a para longe, até a barra do mezanino. E como sobre as ondas que ela pulava, ela foi trazida de volta. Ela conhecia meu corpo, e não tinha vergonha de fazer amor comigo, não obstante o seu vestido, não obstante a minha calça. Afinal, era só uma dança. Combinávamos como as estrelas e a praia, o nosso lugar predileto.

De costas para mim, com a mão atrás da minha nuca, ela dançava uma espécie de lambada. As palavras que ela cantava – ela cantava todas – evaporavam sobre o calor de seu hálito bêbado enquanto ela representava o momento como ele deveria ser.

*“Êê... Ôô... Quero te provar!”*



Havia uma fila imensa rastejando rumo aos caixas. Já nós calculamos a razão entre o tempo gasto na fila e aquele jogado fora em volta da mesa. O índice era muito baixo, o que significava que era mais proveitoso ficar e esperar. Alguém levou a idéia um passo adiante: que tal ver quanto tempo levaria até que eles nos expulsassem do bar? Eu pedi mais um daquilo que eu bebia. Leo compartilhou conosco como se falava uma meia dúzia de obscenidades em diversas línguas: *yob tvoyu mat*, *móðurserðill*, *mammaknullare*, entre outros. (Até que as línguas têm algumas coisas fundamentais em comum!)

Sua esposa o ouvia com as mãos dobradas sobre os joelhos cruzados. Mari reclinava contra Paulo e apoiava os pés no meu colo. Paulo ria com a boca larga e os olhos pesados. Andréa simplesmente estava aí.



De lingüística passamos a cultura, de cultura a paradigmas, e de paradigmas chegamos em Deus. Enquanto isso, a fila se extinguiu. Sempre há alguns que são tolerantes nas suas colocações, sempre tem um que é mais radical em suas idéias. De repente, Paulo estava debruçado sobre a mesa, tricotando uma malha invisível com seus dedos.

– Mas, afinal, Deus que é nossa invenção, ou a gente que é invenção d’Ele? Acho que tudo se resume nesta questão, gente.

– Ô, Paulo, o que você anda bebendo? – Andréa deu umas tapas na mesa. – Tá tarde demais para uma conversa destas.

– Eu gostei da pergunta –, apontou Leo, e ele apagou o cigarro que ele segurava com três dedos. – É bem por aí, mesmo. Só acho o seguinte: um não exclui o outro. Deus existe? Pode ser. Inventamos deuses? Não tenho dúvida. Deus pode ter feito a gente e a gente inventou um monte de mito.

Mari pôs a ponta de seus pés no chão. – Ai, gente, como vocês são. Acho tão bonito aqueles mitos todos. Já pensou se o mundo veio a existir em uma só semana? Você quer milagre maior do que a natureza?

Era a vez da Andréa. – Acho que aqueles mitos são metáforas dos milhões de anos que a geologia e a evolução precisavam para chegar até aqui. Eu penso assim.

– Mas aí, sempre atribuem a Deus o desconhecido. A gente acha que aqui é Deus, ali é Deus, mas depois isso se explica por leis naturais.

Mesmo descruzando as mãos, Daniela manteve seu ar de professora. – E tudo isso não pode ser Deus?

– Como assim?

– Está certo que podemos identificar leis e forças da Natureza. Mas tudo isso acontece, tudo isso muda as nossas vidas. Por quê que isso não pode ser Deus, Paulo?

– Não estou afirmando nada. Só coloquei a pergunta. Mas a gente também não pode ficar preguiçoso achando que encontramos Deus quando não sabemos a resposta –

Andréa o interrompeu – Mas, Paulo, isso não – (Paulo continuava a falar –... sabemos a resposta. É melhor dizer que... –) – isso não muda o que a Daniela disse. No fundo, deve ter uma força que mobiliza o universo. Chamem de destino, de Deus, mas deve estar lá. – Ela falou com seu tom de voz mais irredutível para dentro de seu Sex on the Beach. – É assim que eu penso.

– E o psicólogo, não tem nada a dizer? O que é a experiência mística?

Esses momentos são muito complicados. Há uma linha tênue na hora de falar de religião, uma fronteira de natureza política entre o reino da candura e o reino das ofensas.

Mas responderam por mim.

– Eu acho assim, tem tantos mil anos de cultura e tradição por trás de todas as religiões. Provavelmente nenhum deles é certo cem por cento. Vai saber se o messias na verdade não é o Mazzaropi.

Paulo ergueu seu copo para esta afirmação. Enquanto isso, uma garçonete rodeava a mesa, com ar de que queria dizer alguma coisa.

– Todos devem ter um fundo de verdade.

– Acho que o mais importante é fazer o bem. Sabe, se não está fazendo mal a ninguém, se isso te conforta, vai lá e acenda a vela, prepara a vela preta. O mais importante é fazer o bem. Cristo não falou que Deus é amor? Quando a gente conseguir seguir o exemplo de Cristo, tudo vai ficar bem.

– Já reparou que tem um “eu” no meio de “Deus”?

– Chuchu, tem um “eu” no final de “pneu”. Isso não prova nada.

Daniela manteve sua coluna reta. – Eu só vou acreditar que Deus existe quando fecharem estas igrejas evangélicas. Se eu fosse Ela, eu não permitiria que façam o que fazem em nome d’Ela.

– Ela? – Leo perguntou em meio ao nosso brinde.

– Por que não?

– Sei lá, Cristo, né. Para mim, Jesus foi um grande profeta.

– É, mas só. Essa história de ser o próprio Deus, que Nossa Senhora era virgem, essa história não cola, não.

– Ah, sim.

– É verdade.

– Acho que o mais santo da história era São José. Já pensou, assumir filho de outro daquele jeito? Tem que ter um coração muito grande. A história de Jesus é uma história de altruísmo do começo ao fim.

Mari deitou sua mão sobre meu ombro. – Raphael, você falava tanto a respeito disso na faculdade, e agora não disse um pio. Fale alguma coisa, fale o que você acha.

Andréa, por baixo da mesa, deu duas tapinhas na minha mão, uma censura discreta ao seu marido. A essa altura, ela devia saber que isso não era necessário. A mesma garçonete continuava a rodear a mesa.

– Deus existe.

– Mas é uma necessidade humana reverenciar o divino? É projeção da relação com o pai? É lavagem cerebral? Você deve ouvir cada história no consultório.

– Bom, ainda não estou atendendo tanto... – Mais um tapinha na minha mão, o que me lembrava da imagem que eu tinha que projetar para fazer meu *marketing*. – Deus existe, e tenho que lidar com isso. Às vezes isso me trás segurança. Mas também dificulta muita coisa. Mas eu concordo com tudo que vocês falaram, acho que é bem por aí.

Um segurança do bar, de terno azul marinho, ombros largos e cabeça raspada, cutucou Paulo porque ele estava mais próximo dele. – A casa está fechando. E o pessoal está querendo retornar às suas casas. Sei que vocês entendem...

As mulheres apanharam as suas bolsas e os homens se levantaram de suas cadeiras. Trouxeram as máquinas de cartões, e fomos pagando.

– E quem é Deus para você? – Paulo me perguntou.

– Deus, é que... Eu não sei mais. Nem sei se convém chamá-lo de Deus. Eu vou seguindo a minha vida, tento cuidar da minha porção do mundo.

Guardei a carteira na jaqueta, e aí vi que o cartão de crédito continuava na minha mão. Então eu o guardei no bolso da calça.

Já estávamos quase fora do bar, quase na esquina. Mari comentou, com um sorriso só para mim – por que é que psicólogo nunca dá uma resposta clara para a gente? Nunca falam o que a gente quer ouvir.

– Eu já fiz terapia com quem não abria a boca e fiz com quem não parava de falar. Ambos me deixaram com dor de cabeça.

Estava frio lá fora, em pela madrugada. As vozes atravessavam a grossa camada de zuniados composta de vestígios de samba-rock e álcool. Andréa se achegou ao meu braço. – *Meu* psicólogo só me fala coisas lindas.

Eu senti que eu sorria feito Paulo. Já este bocejava.

– Ufa...! – Mari ecoou. – Nosso carro ficou para lá. E de vocês?

Falei – O nosso ficou para lá.

Leo disse – O nosso está perto do de vocês.

Andréa tomou a frente – Foi muito bom ver vocês!

Daniela completou – Ah, com certeza!

Andréa continuou – E vocês não se conheciam, não é?

Leo –, Conhecíamos, sim. A gente viu aquele filme naquele cinema.

– Ah, é claro!

Mari acrescentou – Faz quanto tempo que a gente não sai, amiga?

Respondi por ela – Ave! Séculos!

Daniela fez um pequeno gesto circular. – Nós devíamos combinar algo assim mais para frente, sair com nós seis quando a gente voltar, o que vocês acham?

Todos concordaram, e concordaram em manter contato.

– Legal.

Os gestos e o balançar das cabeças derreteu-se no silêncio da madrugada. Alguém iniciou a fase final do encontro.

– Boa noite – com beijinhos.

– Boa noite!

– Bom te ver!

– Boa viagem...

– Aff...

– Se cuide.

– Me liga para a gente combinar aquilo lá.

– Boa noite.

– Onde ficou o carro, mesmo?

E, depois disso, estávamos a sós na rua deserta, ao lado do colégio azul: só eu, Andréa, e alguém no outro lado da rua com jeito de corintiano. Ela comentou o peso da Mari, “magra demais, isso não pode ser saudável”. Eu destravei o Vectra de quatro portas e senti um movimento atravessar a rua. Comentei que Leo até que era gente fina.

Andréa fechou a porta. Fechei a minha porta. Do banco de trás, ouvimos a porta bater. Do banco de trás, ouvimos uma voz com jeito de corintiano.



– Seguinte, maluco. Estou rendendo seu carro.

Senti a grossura de sua voz na base da minha nuca e fiquei tão sóbrio quanto no dia em que nasci.

Andréa foi tomada por risos. Suas gargalhadas expeliram-se do seu corpo, espremendo seus ombros, espremendo seu peito, seu abdômen, suas nádegas.

O corintiano prosseguiu. – Vou esclarecer para deixar as coisas bem claras. Ó, Motor, sua mulher não está me levando a sério.

– Andréa. Andréa. Olha para mim.

Ela conseguiu segurar o riso com a boca cerrada, mas as gargalhadas ainda lançavam seu corpo em convulsões, ainda a deixavam esbugalhada.

– Isso é um assalto. Eu vou querer as suas coisas, suas carteiras, seus cartões, seu dinheiro, suas jóias, e seu carro. Eu tenho aqui um ferro, e, se cooperarem, vão levar suas vidas com vocês.

Ele pôs a arma entre nossos bancos, só para nos fazer sentir o peso de tê-la em nosso carro. Percebi que eu nunca havia visto uma arma de verdade em toda a minha vida. A arma dentro do Vectra me fez lembrar daquele filme com John Travolta, aquela cena em que a arma dispara quando o carro passou por um buraco. Uma arma pode disparar a qualquer momento.

Andréa explodiu com gargalhadas, enchendo o carro e preenchendo o silêncio injetado de toda sorte de insinuação das vantagens que nosso acompanhante portava.

– Sua vagabunda, fica quieta!

Ele enfiou a arma no banco com tanta força que ele conseguiria fazer cócegas nas costelas da minha esposa.

– Rá! Rá-rá! Ai-ai, ó! Rá-rá!

– Andréa!!

De novo, ela cerrou seus lábios com muita força. De novo, o silêncio.

– Piranha, quero ver ambas as suas mãos sobre o painel. Motor, põe as mãos nas dez e nas duas.

Posicionei as mãos no volante como aprendi na auto-escola.

– E agora, a gente vai sair daqui pianinho. E não me venha com crocodilagem, Motor, que a Adriana aqui já está sentindo meu cano espetando as suas costas.

– Rá-rá! É “Andréa”, ó! Ladrão de merda é você, que não consegue nem acertar meu nome.

– Ó, Motor. Sua mulher está desacreditando de mim e eu tô ficando nervoso...

– Andréa! Se acalme.

– Tá! Tá!, tá, tá...!

– Eu não via nada do rosto do agressor no retrovisor.

– Agora, você vai ligar o carro e vai dar a partida. Lá na frente, você vai pegar à direita e vai pegar a Bandeirantes. Pode tirar a mão do volante.

Equilibrando meus movimentos sobre o pavio curto já esticado demais deste bandido, girei a chave e liguei o carro. O motor grunhiu com tom de ameaça. Dei a marcha ré, e eu logo estava no farol amarelo. Senti falta dos meninos com cara de miséria vendendo balas. Senti falta dos malabarismos socialmente inúteis. Senti, nas costas da minha mulher, um cano que estava a um estalo de disparar.

O farol abriu.

– Pode ir –, ele disse.

O carro morreu.

– Porra, meu, eu não estou de brincadeira aqui...

Andréa estremeceu no banco do passageiro. – Escute aqui, seu bandido de merda, ninguém fala com meu marido desse –

Levantei a voz. – Andréa, pelo amor de Deus, fique quieta! Ponha as mãos no painel e fique quieta!

Com olhos o dobro do tamanho natural e queixo trêmulo, ela devolveu as mãos ao painel.

– Desculpe, me desconcentrei. – expliquei.

Tirei a marcha da terceira e pus em primeira para entrar na avenida. Em poucos minutos, estávamos contornando a Vila Olímpia pelo viaduto e entrando no Marginal Pinheiros. A essa hora da noite, quase não tem trânsito.

Os olhos do bandido ardiam no banco de trás como brasas quentes, e conduziam o carro ao conduzir a minha força de vontade.

– Vá de boa... De boa...

Passamos por baixo de passarelas brancas para pedestres que levavam até a estação de trem. Fiquei na faixa do meio para evitar motoristas alcoolizados recém-saídos de balada. Uma meia dúzia de carros, representados por faróis brancos e vermelhos, acompanhavam a nossa velocidade máxima permitida.

– Isso... Agora pega a pista local.

Fiz os movimentos que são automáticos para motorista: olhar no retrovisor, dar sinal, girar o volante, pegar a faixa de conversão, prestar atenção redobrada para não atingir nenhum buraco...

Na via local, um carro preto surgiu de dentro do meu ponto cego. Era carro de playboy. Eu não estava em condições de reparar em mais detalhes do que isso.

– Quê que é isso! Ficou doidão, Motor?

Girei o volante, desviei da barreira, girei de novo para tentar domar o veículo.

E da minha esposa, tapas e batidas e gritos –, que susto! –, dos quais eu me desviei e que desviei do meu rosto com o cotovelo e, ao mesmo tempo, recuperei o controle do veículo para que o seqüestrador se acalmasse.

– Não-me-as-sus-te-as-sim!

– Entre aqui na ponte, aí, aqui, pela rampa.



Subi rápido demais, forçando demais a estabilidade do carro debaixo da força centrípeta. E os pneus cantaram. E Andréa perdeu o equilíbrio. E o cano... nada fez.

– Certo, agora você vai passar aí por baixo do viaduto e vai pegar à direita. Não pare nos faróis, dê aquela pisca-pisca com os faróis e dê aquela buzina básica... Isso...

Finalmente, Andréa estava quieta. Quieta de pavor, como gato encurralado, mas quieta. Suspeitei que fora a passagem por cima do Rio Pinheiros, a saída do Marginal, que finalmente a convenceu da nitidez em que nossa situação se apresentava. Mas foi um pouco mais à frente, depois que segui a ordem para sair da avenida, para entrar por alguns becos para cair na Rodovia Raposo Tavares, com suas pistas largas e vazias, seus esporádicos buracos, e sua cor de terra aparecendo entre as construções, que ficou claro para ela que a intenção realmente não era apenas sacar grandes quantias das caixas automáticas. Nós estávamos metidos em algo muito mais sinistro.

Andréa estava pasma. Sua pele pálida mudava de cor conforme as cores dos motéis que passamos.

Um carro de polícia das cores de São Paulo – preto, branco, vermelho – aproximou-se a velocidade do carro de playboy.

– De boa... vá de boa... – ouvi próximo aos pêlos do meu ouvido.

Ao nosso lado, a duas pistas de distância, eu via os uniformes cinzas, um braço encostada à janela aberta. Meu carro era filmado para bandido não ver dentro, para não ver a minha mulher e se aproveitar de sua fragilidade.

Um estalo, sutil como a quebra de um fósforo. O seqüestrador destravara a trave de segurança de seu revolver.

Andréa tremia.

O braço no vidro aberto desapareceu, e a aviatura avançou à nossa frente. Suspirei.

O braço de uniforme cinza reapareceu, e da aviatura apareceu a luz branca de uma lanterna, penetrando meu carro filmado.

– De boa... vá... de boa...

A manchete no dia seguinte seria de ironia patética. “Mortos em tentativa de resgate.” Se me restasse qualquer resquício do efeito do álcool...

Meu movimento foi brusco: com a mão direita, belisquei o antebraço da minha mulher, espremendo dela um grito.

– Ai, caralho! – Ela voltou a me esbofetear. – Que porra é essa?!? Estamos sendo assaltados. O que é que você tem na cabeça?

E eu revidei com gestos à frente do bandido. – Andréa, fique quieta, porra!

Foi uma salada de palavrões depois destas, eu contra ela, ela contra mim, ela contra a porra de merda de bandido covarde filho de uma puta.

A aviatura seguiu seu caminho. Mas Andréa não parou. Eu era uma merda de homem, onde já se viu agredir a esposa, ela ficaria roxa e isso não se faz...

– Bela jogada, Motor. Você salvou uma vida agora.

Porra, eu deveria ter lhe agradecido o elogio?

– Encoste aqui. Aí mesmo, em frente àquela árvore.

Os faróis do carro iluminaram os poucos grumos de grama ao lado do acostamento.

– Desligue o motor.

Girei a chave, os faróis se apagaram, e o carro foi tomado pelo silêncio que sempre estive lá, distendido entre nós três. Tive uma vaga noção de ouvir outros carros, totalmente despreocupados, disparados rumo às saídas da Rodovia Raposo Tavares.

Andréa manteve as mãos sobre o painel. Minhas mãos estavam às dez e às duas, igual ao que aprendi a fazer na auto-escola para dirigir com prudência.

– Agora, Motor, coloca a chave sobre o painel.

Pelo que eu sabia ser a última vez, senti os sulcos da chave sair detrás do volante do meu Vectra. Eu havia sido seu terceiro dono. Deixei a chave sobre o painel.

– A carteira, também.

Com muito cuidado, sem pressa alguma, eu me inclinei, disponibilizando o bolso de trás da minha calça. De lá, tirei a carteira, ainda úmida com meu próprio suor, e o deposei ao lado da chave.

Fiquei imaginando o que mais ele poderia exigir. O que mais ele poderia querer? O que ele queria com a minha esposa? Será que eu era homem o suficiente para bancar o super-herói?

Ah, se eu era. Depois de tudo que agüentei deste bandido de merda, meu pavio estava muito mais curto e fervia no calor do meu sangue Espanhol. Por enquanto, a prudência se aliou à minha paciência, mas certas violências não mereciam cooperação. Certos bandidos nem na cadeia sobrevivem.

– Agora a sua bolsa, vagabunda.

Andréa começou a sua cena. Ela escancarou o conteúdo de sua bolsa, praticamente rasgando o zíper e a fivela. E ela jogou dinheiro contra o pára-brisas, quase tudo notas de dez, cinco e um.

– É isso, isso que você quer? É? Aqui. Toma. Aqui. Aqui. Aí para você. E mais um de vinte. Ó, seu bandidinho de nada, ó, mais moedas, ó, aí para você. Toma. E mais... Aí. Pronto. Está feliz agora?

– Andréa...

– Nem vem, nem vem você que nem gosto de você mais. Nem vem. Ó, eu já dei prá você o que você quer, eu –

Estalou-se, um estrondo naquele silêncio, a porta do carro.

– Chega, eu vou embora, que meu homem nem para me defender...

E o resto eu não consegui mais ouvir. Ela me deixou a sós com este outro homem no meu carro. Um homem de verdade, com arma em sua mão.

– Cadê o resto?

– O resto...?

– Do dinheiro.

Controlei a minha voz trêmula. Talvez eu até tenha conseguido.

– Cara, não tem resto.

Achei que ele me faria provar o que eu disse. Em vez disso, ele simplesmente deu a última ordem.

– Saia do carro. E deixe a jaqueta.

Obedeci. A noite estava fria. Saí, e ele entrou no meu lugar.

– Você se meteu numa pesada, Motor. Você não sabe quem eu sou, não sabe do que sou capaz.

Do jeito que ele falava, parecia que era eu quem entrou no lugar que não devia.

Meu Vectra foi com ele pela Rodovia Raposo Tavares, carro de placa DAI9684.

As palavras se formaram junto com a leve tontura, a volta dos resquícios daquela noite em volta dos meus ouvidos e da minha testa.

Fui assaltado.

Um carro passou com um decalque da Jovem Pan, um eco de simpatia. “Já fui assaltado.”

A poucos metros, Andréa sentava em meio à terra e grama esparsa, sem pudor algum, o vestido amarrotado revelando partes de suas coxas por entre os rasgos de sua meia calça. Seu rosto estava amarrotado de lágrimas. Ela chorava do fundo de sua garganta.

Senti a força de vontade gotejando de volta ao meu ser. Com cada gosta de *animus*, mais o ódio borbulhava, mais a vergonha pesava.

Mas eu não me lembrava de seu rosto. Passei mais de meia hora com o bandido de merda babando no meu ouvido, e nem sequer consegui lembrar se tinha barba ou não. Acho que vestia camiseta do Corinthians. Ou era só impressão? Bandido de merda.

Lembrei-me, sim, de todas as armas de verdade que eu já havia visto na minha vida: na mão de polícia federal, de polícia civil, de polícia militar, de segurança de banco.

Andréa agarrou a minha mão, e agarrou meu braço, e me agarrou os ombros.

Desmoronei debaixo do peso de seus lamentos. Levei uma surra, e fui agarrado.

E a noite estava gélida.

– O que é que nos vamos fazer?

– Venha.

Eu me levantei, e comecei a andar no sentido da cidade.

– Você quer andar até lá? Que idéia de jerico!

Ela sequer se levantou do chão.

– Não tenho idéia melhor – falei por cima do ombro. Eu já estava sem paciência para ter que prestar contas, para seguir ordens.

Ela bambeou sobre um pé descalço e um salto. – Espera! Raphael, espera!

Parei, sem me virar, e esperei. Enfiei a mão no meu bolso, e descobri um pedaço de plástico liso, com algumas rugas. Era meu cartão de crédito.

– O que você vai fazer?

Apontei. – Tem um motel logo ali.

– Mas você vai pagar com que dinheiro?

Tirei o cartão de crédito, um Visa, do bolso da minha calça e o mostrei à minha esposa.

Eu disse – venha comigo.

Atravessamos a rodovia a trotes por entre os carros. Eu segurava o cartão de crédito com meus dedos em cada um de seus quatro cantos. Ele tinha aparecido por milagre, eu não iria perdê-lo por virada abrupta de sorte. Marchei para dentro do portão do motel enfeitado por luzes néon. Andréa esforçava-se para manter sua compostura, e conseguia, apesar de descabelada.

Falei na recepção que eu queria um quarto. A pequena mulher com traços tupi deixou sua Revista Caras de lado e perguntou como eu faria o pagamento. Mostrei-lhe o cartão.

– Que tipo de quarto?

Ri feito um abestado.

– Temos Presidencial, Tríplex, Tríplex Super, Fantasia, Fantasia Premium, Luxo, Luxo Erótica e Luxo Gold.

Joguei as mãos ao ar. Elas caíram sobre o balcão.

– Andréa?

Andréa mantinha a compostura.

– Andréa?

– Oi.

– Qual você quer?

– Qual o quê?

– Quarto.

Ela me olhava por entre pálpebras que se abriam e fechavam feito boca de peixe.

– Hidro. Quero hidro.

Perguntei à moça se algum quarto tinha piscina. Conhecia Andréa, sabia o que ela quis dizer.

– O Fantasia Premium e o...

– 'Tá, então vai este. – Coloquei o cartão sobre o balcão.

– Não, pode deixar para pagar depois. Paga quando pegar a chave do carro.

A palavra ecoava.

– Então que seja amanhã. Mas entramos sem carro.

– Hm. Então melhor passar isso agora.

Resolvido o problema do dinheiro, ela nos levou até o quarto.

O quarto, no segundo andar, até lembrava o quarto genérico de um hotel. Tinha aquele ar de artificial cordialidade, só que ainda *mais* cordial. Ele fora decorado com tons de vermelho-sangue e creme. Havia uma ou outra estátua de nudez mitológica espalhadas pelo quarto, multiplicados pelos espelhos que se refletiam entre si. Um teto solar deixava a luz das estrelas cair sobre uma gigante cama redonda cujos lençóis eram enfeitadas por séries de pregas. À esquerda, uma porta levava até o hidromassagem. À direita, uma cortina escondia a Rodovia Raposo Tavares. Ainda ouvia-se os carros.

Como não podia deixar de ter, havia uma televisão e um frigo-bar.

– Se o senhor quiser, posso mandar trazer champanhe e um balde de gelo.

Fechei a porta.

Pela primeira vez naquela noite, eu estava a sós com a minha esposa. Eu quis apagar a luz. Mas Andréa se sentou na cama, de costa para mim.

– Ainda bem que fiquei com o cartão.

Ela chutou seu único sapato para longe de seu pé. Ele caiu no chão com um estrondo.

Então eu me sentei no lado oposto da cama para tirar meus sapatos. E desabotoei minha camisa, e a arranquei de dentro da minha calça.

– Você quer entrar na hidro?

Eu mal ouvia sua respiração.

– Vou preparar a hidro para você.

Na hidro – de paredes cor de creme e estátua de mulher – segui as instruções afixadas na parede para ligar o motor. Voltei à cama, ouvindo a água jorrar contra o PVC. Atravessei a cama de joelhos até o zíper de seu vestido preto.

Foi só encostar o dedo no fecho que ela estremeceu como se tocada por uma lagartixa.

– Sai!

Minha esposa escapou para dentro da hidro e fechou a porta, abafando a água.

Ela nunca foi de se envergonhar de sua nudez. Aquela porta permaneceria fechada.

Suspirei, sabendo que tipo de noite me esperava.

Mas enquanto a piscina borbulhava atrás da porta, ainda dava para respirar e receber o acolhimento que este motel me oferecia. Ainda assim, não consegui me lembrar do rosto daquele filho da puta. Tinha mais que declarar guerra ao seu tipo, e que se fodam os direitos humanos. Afinal, ele já violara os meus.

Mas, em um mundo paralelo, havia um quarto de motel vermelho e creme, um lugar onde pessoas podiam se despir debaixo das estrelas e trocar seus calores, onde só se ouvia barulho de hidromassagem. Passou-se o tempo de um fim-de-semana inteiro desde quando subi ao mezanino do Bourbon Street para ouvir jazz e beber caipiroskas.

Eu sabia como seria o resto da noite, mas não tinha plano para chegar em casa depois. Mais uma vez, eu dormia em cama que não era minha.





O demônio vive nos detalhes.

Um gelo na testa que vaza por líquidos em volta do córtex. O córtex não sente: ele pensa. O pensamento é interrompido pela dor de cabeça. O trabalho exige raciocínio. Raciocínio acontece na cabeça fria. Eu recuso aspirina.

Em meu trabalho encontro o que sou. O despertador me arranca dos meus sonhos de vôo e queda e meu peso é a certeza da força da gravidade. Meu peso é a lembrança da minha idade. Há décadas eu saltava de beliches. Saltei de um beliche em uma noite de verão e caí em três colchões, caí em cima de um amigo e uma amiga de infância e a queda nos esmagou. A queda nos esmagou e nos fez rir. Era a amiga que hoje não gosta de homens. Vestimos jaquetas jeans por uma noite e éramos eternos amigos, os Amigos de Jaquetas Jeans.

O dia faz frio. Não consigo me despir para o banho.

O dia faz calor. Não consigo chegar no apartamento para lavar o suor do meu corpo.

Chove. Dou graças a Deus por haver paredes em minha volta. E janelas fechadas, espelhadas. Eu vejo a rua, mas não sou visto por trás do espelho.

Deu meu horário. Amaldição a chuva.

Não sinto meu coração bater. Sinto a testa pulsar. Quero que pare. Espero sinal vermelho para andar. Espero sinal verde.

Um chope no bar com gente que conheço há anos. Um chope para me sentir bem. Um chope para dar risada. Um chope para afogar a saudade de quem não vejo há mais de quatro anos.

Muitos chopos a gente lembra no dia seguinte, pela manhã.

As gatas estão por todo lugar, de saia, de jeans, de blusa, sem.

Alguns procuram ser feliz. Alguns pagam suas contas a pagar. Todos estão em movimento. Olhares se cruzam, nunca se tocam. Carros se cruzam, às vezes se batem.

Eu sempre ouço o ronronar de motores. Sempre ouço música em meus fones de ouvido. Sempre ouço uma canção de amor. É fácil cantar uma canção de amor.

Já tive tempo para escrever uma carta e mandá-la em forma de origami. Hoje, eu tenho tempo para atender meus clientes e responder suas questões. E eles reconhecem meu trabalho. Meu trabalho não é minha vida. Meu trabalho paga a TV à cabo.

Vejo uma série norte-americana. As risadas vêm de um público real no estúdio. Às vezes dá tempo de ver um filme de terror. Depois escovo os dentes e cuido do cavanhaque. Cuspo diante do meu reflexo.

Esses dias, atendi ao telefone. Recitei meu nome e perguntei no quê eu podia ajudar. Ele disse que não concordava com o aumento da mensalidade de sua linha pós-paga. Pedi seu nome e número de telefone. Eu já o tinha na tela, o cliente já havia o informado. Eu precisava de tempo. Idem para o CPF. Enquanto isso, verifiquei seu contrato. Expliquei o aumento em função do IGP-M anual. Não sei o que isso significa. Eu sei quem sou. Mas o cliente sabia que não tinha opção a não ser cancelar a linha. Na semana anterior eu poderia ter lhe oferecido um aumento de dez minutos dentro do plano de sua linha. Mas não nesta semana.

– Desculpe, senhores passageiros, incomodar a viagem de vocês. Deixei na mão de alguns de vocês a deliciosa goma de menta que refresca a boca e combate o hálito bucal. No supermercado e na padaria elas custam até um setenta e cinco centavos, mas eu estou as vendendo a um por cinquenta centavos, três por um real ou um passe. A data de validade está aqui no verso, você pode ver por vocês mesmos que não estão vencidas. Àqueles que quiserem contribuir com meu trabalho agradeço, e àquele que não puder, agradeço mesmo assim. Que Deus os abençoe.

Chego em casa, acendo a luz. Faço um café com pão e manteiga. Ligo a TV. Apago a luz. Eu me esqueço e perco a hora. Durmo, às vezes sonho. Sonho com gado.

Um anjo caído habita nos detalhes.

Meu celular apita uma velha canção. Eles me convidam ao chope. Digo que estou cansado. Vejo jogo do Santos. Dou risada.

Eu jogava no campo ao lado da casa do meu pai. Jogava no barro. Banhava-me na chuva. Fazia torneio. As meninas vinham ver. Diziam que escorpiões escondiam-se na erva daninha.

Fiz metade de uma faculdade, fiz um ano de outra. Estou começando já outra.

Nunca roubei, nunca matei. Não sonego. Só recuso aspirina, mas eu já puxei baseado.

Ao meu lar, não volto tão cedo. Não dá, não. À minha cama, no meu quarto, não posso voltar.

Ouçó o telefone do apartamento apitar como uma canção de amor antigo: canção de amor é fácil cantar. Eles me convidam ao chope. Eu topo. Dou risada e conheço uma garota, e ela passa a noite comigo. Na manhã seguinte, cadastro o número do seu celular.

Uma pelada no campo, de pés descalços. Uma vez, um escorpião saiu do seu esconderijo. Fui parar no hospital, de tornozelo inchado. Os antibióticos lavaram-me do veneno, e a palma da mão paterna pesava contra a febre. Tenho uma cicatriz em forma de cratera no tornozelo.

Na rua me deram um santinho que mostrava um homem de barba e toga. Na sua mão esquerda, um cajado. Sobre o braço e ombro direito, uma criança. Não sei o nome deste santo. Não sou de venerar santos.

A cama, na qual durmo quando estou no apartamento, é rente ao chão. É quase oriental. Eu não caio da cama. Não bato a cabeça em paredes. Dou graças a Deus pelas paredes. A testa lateja. Ouço uma música no rádio, mais uma nova canção de amor.

Ao entrar no prédio, o porteiro dispara o fecho do portão. Ao me cumprimentar, o porteiro me entrega um bolo de papéis que chegaram no correio. Ao pegar o bolo de papéis, vi contas e propagandas de supermercado e cartão de crédito.

Quando fui fazer o terceiro vestibular, cheguei com sete minutos de atraso. Desta vez era para o curso de Psicologia. Estavam fechando o portão do local. Mesmo sabendo que era inútil, mesmo já me sentindo um fracasso por não estar já me formando, mesmo assim, eu me arrisquei a tentar entrar pela conversa. A inspetora, uma mulher em seus quarenta, se dispôs a mover uma pequena montanha por mim. Ela falou com alguém que falou com alguém, e disseram ao inspetor da minha sala que eu estava no toalete no momento de iniciar a prova. Pronto. Fiz a prova. Eu gostaria de poder dizer ao me formar que fiquei até o fim porque a tia do portão acreditou em meu potencial.

Há um anjo na história.

Passam-se dois dias, e volto ao bolo de papel do correio. Dia do pagamento, dia de pagar as contas. Conta de luz. Conta da TV a cabo. Opção de cartão de crédito com o Banco Bamerindus. Promoção nos preços das bananas. Conta de gás. Um envelope roxo endereçado a mim. A letra precisa e curva eu reconheço: é da Natasha. A letra de mão é inclinada. Parece que foi escrita com a folha suspensa no ar. A letra é tão familiar quanto comida caseira. Uma letra que não vejo há meia década.

*“Não sei bem mais como começar esta carta. Eu tinha tudo planejado, mas era só pegar na caneta que as palavras fugiram. Mas, enfim, vamos lá. Vou me arriscar a escrever mesmo assim.*

*“Estou escrevendo porque faz dias – meses – que não paro de pensar em você. Às vezes, é mais intenso. Às vezes, é só uma impressão. O fato é que você está sempre logo ali, logo fora das vistas, no rumo da minha nuca. Quase ouço seus sussurros. Acho que, se telepatia existisse, seria assim. Tem uma conexão entre a gente que sai de mim*

*em sua direção. A você, por quem tenho palpitado. Eu o perguntaria se você também sente em seu peito ou em sua mente esta força. Mas que besteira. Sei que estou sendo uma boba.*

*“Tive um sonho de você. Foi um sonho daqueles que é muito real, mais do que muita coisa por aí. Sonhei com ventos e chuva batendo contra a janela. O vidro quase não resistia à força do vento. Eu ouvia uivos lá fora. Dentro de casa, no sonho, a luz do meu quarto estava acesa, e o cobertor era quente. Mas, ao mesmo tempo, eu me senti lá fora, exposta ao vento e às sombras. Engraçado como sonhos são. As sombras se mexiam. Aí que eu vi na janela o reflexo de um par de olhos. Algo lá fora estava me olhando. Eu estava protegida pelo vidro, mas não conseguia afastar aquele olhar, aquelas sombras de olhos, do meu quarto. Não tinha cortinas. Justamente por causa do vidro que me protegia é que não consegui afastar o olhar. Tentei gritar, mandando aquele observador sumir da minha frente, mas não saía voz. Eu senti uma fina trilha de ar passar por minha garganta, mas não consegui dizer nada contra toda aquela tempestade.*

*“E você estava aí ao meu lado. Você não teve que abrir a porta para entrar. Simplesmente estava lá, sentado ao meu lado, embaixo do edredom comigo. Você segurou a minha mão entre as suas. Não precisávamos dizer nada. Você me abraçou em seu olhar, seu olhar brilhante com cílios escuros. Eu nunca sabia o que você estava pensando, mas eu sempre sabia que você me desvendava. Sua expressão era triste, mas você me consolava. Mesmo com as trevas lá fora, sentindo minha mão entre o calor das suas, eu não me sentia sozinha. Suas mãos estavam machucadas e calejadas..*

*“Eu acordei, mas ainda senti um pouco de você aí, por perto.*

*“Sei que não era realmente você no sonho: era apenas um consolo que inventei. Você está vivendo a sua vida agora, nem sei se você ainda pensa em mim. Mas quero te agradecer por estar aqui quando eu precisei de você.*

*“Não entendo como pessoas como nós dois conseguem se distanciar tanto. Não digo isso como cobrança, muito menos como algum tipo de reclamação. A vida fez isso com a gente. Mas também não entendo como eu, em meio aos campos de milho em Illinois, consigo sentir você, que mora em meio aos prédios velhos do bairro Santa Cecília.*

*“Receba isso de mim: você é muito querido. Quero mais do que sentimentos e pensamentos e impressões. Não sei o que se passa na sua vida. Ainda assim, quero que você saiba que, por pior que possa ser a sua vida, ela é um tesouro que eu quero resgatar. Quando quiser, mande notícias. Estou interessada.*

*“Sua amiga, de sempre, para sempre.”*

Fui tomar um longo banho. Fui para ficar em frente ao espelho. O espelho era coberto por vapor. O vapor se dissipou, e vi meu rosto. Atrás do vidro espelhado, havia uma cartela de aspirina. Peguei a cartela, e olhei a data de validade. A data era a data de hoje. A última chance de tomá-la. Eu me senti em paz.

Fui tomar o comprimido com água do filtro.

Fui deitar para dormir. Fui, e demorei em voltar.



A diferença eu sentia quando chegava ao meu lar. Ao descer da lotação (o horário de chegada variava entre aquele de um céu avermelhado e aquele de um céu plenamente estrelado), eu sentia uma prévia de conforto, pois a luz que perpassava a cortina fina da janela do meu apartamento raiava por cima do portão de ferro. E lotação, parece que não, é uma maravilha. Eu chegava no apartamento agora já descansado, a nuca um tanto gosmento com o suor proveniente de uma soneca pesada no estofado plástico. O primeiro portão estalava, eu entrava e fechava a porta, o segundo portão estalava, e eu estava na área do prédio. Eu cumprimentava Seu Denílson, o porteiro, e ele me dava “boa noite”. Às vezes havia gente na piscina, às vezes havia na sala de ginástica. Eu subia pelo elevador. As luzes se acendiam na minha presença. Com dois passos, eu estava na porta – eu não tinha o luxo de poder trocá-la por uma mais caprichada, como fizeram meus vizinhos. Mas Natasha logo usou seus dotes artísticos: fizera uma aquarela de dragões e gárgulas, onde estava escrito, “aqui mora gente feliz”. Ela disse que escrevia porque palavras têm mais cor, mas ela escrevia com tinta preta.

O dia continuava a raiar dentro dos quatro paredes do apartamento. E era bom poder chegar em casa ainda de dia, mesmo que já fosse noite de lua nova lá fora. Havia luz, uma televisão ligada e comida no fogão.

Eu jogava as chaves no balcão e me sentava à mesa, de onde eu avistava Natasha na cozinha e Brian em frente à TV. Acenava para ela, e ela acenava para mim. Alguém perguntava como foi o dia, e a outra pessoa dizia que passou bem. Às vezes eu, às vezes ela.

Comida ficava na mesa, o menino era chamado, comíamos.

Brian não ficava muito tempo à mesa. Nossa conversa engatava, falando sobre assuntos diversos – filmes, fofocas, feriados novos – o que parecia afogar os momentos. Não precisávamos nos preocupar em entreter o menino, pois ele não dava trabalho. O

controle remoto ficava conosco porque, certa noite, pegamo-no vendo um seriado sobre zumbis e lobisomens.

Quando cansávamos dos assuntos mil, colocávamos entre nós um baralho ou jogo de dados. Fazíamos apostas com o que estava a mão: legos, talheres, feijões. Às vezes ela colocava entre nós os novos desenhos a lápis de cor que fizera. Eu falava o que eu gostava e não gostava em seu trabalho, até sendo mais rigoroso do que costumava ser com os amigos. Afinal, tinha que soar como sinceridade, e pessoas costumam acreditar mais em elogios conquistados do que nos elogios baratos.

Atualmente, ela desenhava elementos da folclore brasileira: personagens do Monteiro Lobato, Mula Sem Cabeça, rodas de capoeira. Uma vez, chamou-me a atenção um desenho bem cinzento de homens de paletó e mulheres de saia cumprida, estes em pleno caos. Perguntei o que era aquilo.

– É a Congregação.

Não entendi.

– A Congregação Cristã do Brasil.

– Ah, sim.

Não me atrevi a puxar o assunto. Eu bem me lembrava de sua adolescência e dos sacrifícios que uma menina com plena consciência corporal e talento para ginástica olímpica teve que fazer.

Às vezes ela colocava entre a gente sua máquina fotográfica Canon EOS 40D para eu navegar em suas imagens. Demorou mais de uma semana para ela ter coragem para sair de casa com sua máquina, e mais duas para ela ter coragem para me deixar ver as fotos – não por pudor de artista, mas por medo de deixar sua máquina em mãos alheias.

E quando Natasha sentia que havia dado a hora do Brian dormir, o que podia acontecer quando guardávamos as louças às oito e meia da noite ou quando guardávamos a máquina digital às onze e quinze, ela o mandava escovar os dentes e pôr



seu pijama. Ele tinha quatro anos, o que ele poderia entender de hora de dormir? E quando ele aparecia de pijama posto e dentes escovados, Natasha o mandava fazer pipi. E quando ele reaparecia, ela o mandava fazer pipi de novo. Quando ele ia e não ouvíamos mais o barulho do seu pipi no vaso, aí ela o mandava ir à cama. Ele dormia na minha cama, onde Natasha o encontraria algumas poucas horas depois.

Liberada a televisão, passávamos ao sofá. Natasha se deitava, já de pijama flanela com estampas de violetas. Eu, ainda de camisa e calça, me sentava no chão, onde era mais fácil tomar meu mate. Às vezes, Natasha fazia graça, apoiando seu pé descalço em meu ombro ou empurrando minha cabeça ou enfiando os dedos de seu pé em meu ouvido. Aí eu dizia alguma coisa –, “pára, sua boba”, “enfia esse dedo naquele lugar”, “empurra a cabeça da tua vó” –, e me afastava até ficar fora de seu alcance.

Não havia dominação do controle remoto. No geral, gostávamos de ver os mesmos canais: Universal, Warner, A&E, Home & Health, TCM, Cinemax, às vezes HBO. Ficávamos longes da TV aberta, canais de notícias e esporte. Logo encontramos programas que assistíamos de forma religiosa: *Lost*, *Heróis*, episódios repetidos de *Ally McBeal*. Só tínhamos discussões de Domingo a noite: eu queria ver *The Office* – série que, de maneira genial, captava a essência dos conflitos e absurdos kafkianos da vida no escritório – e ela queria ver qualquer coisa que não fosse *The Office* – série que, na sua opinião, era pura babaquice. Por falta de sugestão melhor, nessa discussão era sempre eu quem ganhava.

Houve outra coisa, mas esqueci agora o quê que era.

No final das contas, quem decidia a hora de dormir era ela. Ela sempre esperava começar a cair no sono. Ela tinha um jeito engraçado, meigo, de respirar fundo quando começava a dormir, algo como borboleta roncando. Ou seu queixo reclinava sobre a pele exposta entre os botões abertos de sua blusa flanela, ou sua cabeça caía para trás, escancarando sua pequena boca. De toda forma, era hora de dormir. Eu ia junto com ela

pelo pequeno corredor e, enquanto ela escovava os dentes no banheiro de seu suíte, com a luz lançando sombras pelo quarto onde dormia o pequeno Brian, eu tirava o colchão de debaixo da minha cama. Eu terminava de posicionar o colchão enquanto ela terminava de escovar seus dentes. E eu descia o corredor a tempo de vê-la fechando a porta.

Um de nós acenava “boa noite”, e a outra pessoa respondia, “boa noite”. Ou eu, ou ela. Sempre olhando o chão, ela fechava a porta. E aí eu mijava e escovia meus dentes.

Com a luz apagada, eu via meus emails pessoais no meu notebook. Mas aí a navegação era bem mais rápida do que antes. Agora que havia gente feliz morando nesta casa, eu não sentia a necessidade de navegar tanto pela *World Wide Web*.



– Oi, Tasha!

– Boa noite.

– *Good evening, Brian.*

O menino via desenho animado.

– Brian...? – sua mãe disse com tom bemol de ameaça.

– *Good evening, Mr. Raphael.*



Eu tinha apenas um par de três, mas eu queria ver no quê isso daria.

– Eu cubro seu lego de quatro pinos, e aumento mais um lego de oito pinos.

Sem ela o saber, ela fazia bico de pato. Valeu o blefe só para ver seu bico de pato.

Ela grunhiu feito porta enferrujada. Olhou para mim, olhou suas cartas. Finalmente, ela colocou um lego igual no montinho.

Ela mostrou o seu. Não mostrei o meu.

– Pode pegar. É teu.



– É cheiro de quê, isso?

– Espaguete.

– Eu sei, mas é diferente.

– Refoguei nozes.



Acenei – Boa noite!

– *Hey!* Você chegou!

– É, a chuva estava infernal.

Larguei a maleta embaixo do balcão da cozinha americana – esta semana havia alstromérias no balcão. Brian assistia seu desenho cheio de formas geométricas. Chamou a minha atenção a falta de linhas pretas.

Eu me deitei no sofá, quase de frente para Natasha.



– É...

– Pois é...

– Hm...

Ela deu uma risada curta.

Eu dei toques na mesa com a moeda que eu passara a noite brincando com ela.

Tasha riu de novo.

De repente – *Brian, sleepy time!*



Para o Brian, escolhemos *Os Incríveis*. Para a gente, *Último Tango em Paris*.



Um homem gritava na rua. Suas palavras ecoaram por entre os espaços escassos iluminados por lamparinas e holofotes de segurança.

– Seu filho da puta do caralho! Quer se passar por macho?

Brian não conhecia as palavras, mas ele se enrijeceu. Não precisava conhecer as palavras para entender o que se passava sobre o asfalto úmido.

– Vai! Aponta! Aponta e atira –

Natasha gesticulou para Brian. – *Come here. Stay away from the window.*

– Não tem problema, estamos muito altos, estamos seguros –, falei.

Eu me aproximei da porta de vidro que dava na sacada, diante do frio da noite, e coloquei, na maior altura, o disco 2 de *Barulhinho Bom*, da Marisa Monte, o CD de estúdio com desenho de mulher nua de costas, para nos acalmar e para afastar as vozes que subiam da rua.

Quando a última faixa se iniciou, Brian correu até o colo de sua mãe, onde ele se escondeu e passou a chorar. Natasha não entendia o que se passava. Eu ouvi sons saindo do CD que eu nem sabia que estavam lá: por sobre cânticos de um ritual macabro, um gongo ressonava, e continuava a ressonar e grunhir e destoar por baixo da voz suave e do violão da Marisa Monte. Era o tipo de coisa subliminar que pastor da Adventista do Sétimo Dia nos faria ouvir para nos dar pesadelos.

Saltei da cadeira para desligar a música, mas foi tarde demais: a música já estava terminando.



– E essa, é o quê?

– Puta, nunca pergunte isso a um artista.

– Só estou perguntando.

– O que você está vendo aqui?

– Não pergunte isso a um psicólogo.



– Boa noite – ela respondeu. – O que é isso na sua mão?

– É sorvete de Negresco. *Good evening, Brian.*

– Boa noite.

Guardei o sorvete no congelador e cutuquei Tasha logo acima do quadril para lhe dar choque. Ela reclamou e me bateu com o pano de pratos.

– Você não gostava de Negresco?

– Gosto, mas prefiro Passatempos.

– É mesmo. – Sentei-me a mesa, e me dei conta de alguma coisa – *Brian, did you say, “Boa noite”?*



– Gostei da textura que você fez aqui. Você usou alguma superfície enrugada?

– Não, é fácil de fazer. Olha.

Tasha puxou uma folha em branco até o espaço vazio na mesa entre nós, e, com alguns traços, fez algo parecido com o que estava no outro papel.

– É, mas eu não conseguiria nunca fazer isso.



– Você pensa na Andréa?

– Sem pensar, às vezes.

– Você ainda gosta dela?

– Gostar, tipo, *gostar*? Depois de se separar, você se torna dois estranhos. Nem parece ser a pessoa que te comia com paixão toda noite no começo.

– Hm.

– “Hm”, o quê? – Cutuquei a sola de seu pé descalço.

– É que não deu tempo para eu me sentir assim com o Hugh.



Para o Brian, escolhi *As Bicicletas de Belleville*. Para a gente, *9½ Semanas de Amor*.

O desenho mal começou que Brian caiu no sono.



– Você está fazendo terapia agora?

– Atualmente, não.

– Mas psicólogo não tinha que sempre fazer terapia?

– Sou muito Nietzscheano nestas questões.

– Menos, Raphael. Fale a minha língua.

– Psicólogo tem que sempre viver.

– E você está vivendo atualmente?

– Que raios de pergunta é essa?



Finalmente, eu estava *por aqui* com isso. Peguei seu pé na minha mão no meio do ar, do jeito que mestre kung-fu faz com moscas.

- Chega, vai. Já não tem mais graça.
- Credo, só estou brincando.
- ’Tá. Mas chega.
- Tudo bem, não faço mais.
- Já devia ter percebido que não gosto.
- ’Tá, já falei que vou parar. Eu não sabia. É que você fica bonitinho quando irritado.
- Pois é, você está me irritando.



- Espera um pouco... – Ela se virou na sua cadeira. – *What are you watching?*
- *Cartoon.*

Eu também achei ter ouvido uma conversa estranha para desenho animado: algo sobre casal gay e Kama Sutra.

– *Watch Nickelodeon.* – Tasha colocou em *Alf, o Eteimoso.* – Você sabia que o Cartoon Network era assim?



– Lisa ou americana?

Respondi –, Que tal rúcula?

Ela escolheu uma dúzia de tomates, uma meia dúzia de maçãs, meia dúzia de pinhas.

Levei Brian até a meia ala de cereais para café da manhã e o mandei escolher apenas dois. Ele escolheu Sucrilhos (do tigre, não do urso polar). Depois ele escolheu



outra caixa de Sucrilhos. Quando perguntei, ele explicou que era porque não tinha outro cereal de criança.

Eu nunca saía de lá sem uma garrafa de vinho Concha y Toro, e outra de Santa Carolina.



– Percebi que você não está fumando. Quer dizer que parou prá valer.

– Parei. Desta vez, é *cold turkey*.

– O que significa isso?

– Tipo, parei de vez.

– Isso foi quando?

– Quando saí de casa. Quando voltei à casa da minha mãe.

– Foi difícil?

– *Once a smoker, always a smoker*. Só não fumei depois de sair de casa, de ir à casa da minha mãe. Eu fumava mais com o Hugh. Ele saía de casa para fumar, e eu não queria ficar longe dele.

– E quando ele fazia suas viagens?

– Aí eu fumava que nem chaminé. Não tem jeito, né?



– Sua mãe ligou não faz quinze minutos. Ela pediu para você ligar para ela.

– Você anotou o telefone?

– Caramba! Raphael, ela é sua mãe.

– Não tem problema. Tenho o telefone dela em algum lugar... Espera um pouco, você atendeu ao telefone?

– Atendi. Ela é bem simpática. Eu até tinha uma outra imagem dela.

– Mas, e aí? Você disse quem você é?

– Primeiro, ela me chamou de Andréa. Eu me fiz de sonsa, como se eu não soubesse de quem ela falava. Aí eu falei com o maior sotaque “carioqueije”, e eu disse que era a diarista.

– Às oito e tantos da noite...? Vou ter sorte se ela não chamar a polícia.

– Calma. Falei que era meu segundo turrrrno, que você gochtava de ter comida pronta ao chegarrrr em caysa.

– Aff...

– Calma, não vai dar em nada, não.



– Fabíola vem para Sampa este mês.

– É mesmo?

– Ela perguntou se eu não quero sair para um *happy hour*.

– É mesmo?



– A Rejane me escreveu. – Natasha me contou. – Ela disse que estava com saudades, que ela está bem, e as coisas de sempre.

– Ela fazia mestrado, não fazia?

– Não sei, ela não comentou. Queria saber o que eu fazia de bom.

– O que ela sabe?

– É... Tem coisas que ela ainda não sabe.



Bati de levinho na porta do meu quarto antes de entrar. Abri a porta só um pouco, o suficiente para olhar lá dentro e o suficiente para não deixar luz atrapalhar seu sono. Mas ela não dormia.

– Como vai?

Ela sorriu por trás de olhos pesados. Sorrir era difícil, mas ela fez o esforço por mim.

Ela respondeu – como foi seu dia?

– Foi bom. Minto: foi um lixo. Só deu merda, e eu não via a hora de chegar em casa.

Ela fez um som que poderia ter sido aquela risadinha dela. – O meu, também.

Encostei a palma da minha mão à sua testa. Meu pai fazia o mesmo por mim. Ela estava ensopada de suor e sua pele ardia de febre. O edredom do Alexandre Herchcovitch verteria gotas, se espremido.

– Esse edredom assim não dá. – Puxei o cobertor. Ela só tinha seu pijama para se cobrir. Do banheiro, peguei um pano molhado com água morna.

– Ai, que frio...

– Estou aqui.

Sentei ao seu lado e a abracei. Ela era tão pequena em meus braços. Com o pano úmido, limpei o suor de seu rosto. Passei o pano atrás de suas orelhas. Limpei pálpebras fechadas. Ela encostou a cabeça no meu ombro. Passei o pano pela sua nuca, tirando seu cabelo da frente. Dei a volta pelo seu pescoço, limpei o suor dos contornos. Afastei o pano flanela só um pouco para refrescá-la com o pano úmido.

Ainda com os olhos fechados, ela abriu o primeiro botão. Toquei-a com o pano. Ela abriu o próximo botão. Percebi, pelos contornos naturais, que, por baixo do pijama ensopado, só havia pele. Continuei a refrescá-la, agora entre seus seios.

Seus olhos estavam abertos. Ela respirava pela boca, quase com aquele som de borboleta roncando, e via meus olhos, os quais viam que ela me via.

Com o pano, refresquei suas têmporas. Ela esmagou a testa contra mim. Eu segurei sua cabeça em minha mão para ajudá-la a encontrar o conforto que meu peito poderia lhe oferecer.

– *Brian, come help me take care of your mother.*



No pátio bem iluminado por luzes fosforescentes brancas, de mármore e vidro, do Shopping Jardim Sul, comíamos lanches do McDonald's. Nós estávamos em meio a uma conversa calorosa. De canto, Brian espremia batatas fritas na cabeça do seu brinquedo.



– Sabe, a gente podia dormir no outro quarto. Fico com dó de você dormir no chão da sala.

– Mas eu quero que você durma na melhor cama.

– Então durma lá no outro quarto, que está sobrando espaço. A gente põe o Sinistro para o Brian e troca o edredom.

Gesticulei como se fosse para lhe dizer que ela se preocupava demais.



– Você pensa na Andréa?

– Às vezes. Ela era minha esposa. Por quê? Você tem pensado em Hugh?

Ela respirou fundo, vi seu corpo girar por baixo dos edredons que cobriam o sofá, e ela olhou para longe. – Sim.

– E aí?

Ela se girou por baixo dos edredons mais uma vez, desta vez olhando para mim. – Aí que fico bem contigo.

– E a saudade?

– É só saudade. É que ele foi meu marido.



– Gostei desta. Ficou vivaz.

– Eu também.

Contemplamos as cores. Eu sentia o que ela pensava. Eu pensava no que ela sentia.

– Muito bom.



– Nossa! Que surpresa, chegou cedo!

– É... Na falta de trabalho... A paciente ligou para avisar que não vinha.

– Ah... Mas aí ela paga?

– Paga. Senão cancela sem critério, perde a seriedade.



Ela fechou a porta do banheiro do suíte devagarzinho, quase sem quebrar o silêncio do quarto escuro. Entrei no quarto e puxei o colchão de debaixo da cama. O chuveiro começou a jorrar água. Parei para ouvir as diferentes maneiras da água cair, de acordo com seus movimentos e a maneira que passaria por ela: água caía mais forte, água caía mais fraca, água caía contra o vidro do *box*, água jorrava da ducha, água caía mais fraca, água caía mais forte. A água parou. Levei o colchão até a sala.



– Como você conseguiu tirar essa?

– Como assim? – Ela dobrou o dedo indicador, apertando um botão invisível. – Assim.

– Mas nesse ângulo?

– É que ele estava lá embaixo, já tinha uma inclinação. Você gostou do efeito,

Raphael?



Para a gente, ela escolheu *O Paciente Inglês*. Para seu filho, *O Príncipe do Egito*.



Bocejei com muito gosto. – Ah, uí, ahm... Estou com sono...

– Ah, não. Deixa eu só ver o final de *ER*.

Desabotoei o segundo botão da minha camisa. – Vou dormir assim mesmo. –

Encostei a cabeça contra o assento do sofá e estiquei as pernas pelo chão. Eu sabia que eu teria dor de cabeça depois. Mas eu já nem sabia que estávamos vendo *ER*.

– Pode dormir. Só vou terminar de ver...

Eu tombei naquele calor que começa nas pálpebras fechadas e se estende pelo universo todo.

Em algum lugar atrás de mim, senti o sofá se reorganizar. Senti dedos pequenos, mas firmes, correr pelo meu cabelo, e um braço quente contornando meu ombro.

– Sh... Pode dormir... Sh...



Antes de sair de casa, deixei o bilhete ao lado do vaso de flores. Esta semana, havia rosas amarelas.



O vasculhar da chave na fechadura anunciava a minha entrada.

Acenei –, boa noite!

Ela acenou de volta –, boa noite! – enquanto lavava rúcula.

– *Good evening, Brian!*

– *Hi, Uncle Raphael.*

Fiz careta para Natasha: *Uncle Raphael?*

– Ele fala assim desde ontem.



Brian memorizava até as mínimas minúcias dos diálogos dos filmes. Então passamos a configurar os filmes novos em Português. Ele teria que aprender a língua em alguma hora.



– A Suzzanni passou aqui hoje.

– Hoje era dia dela vir?

– É. Hoje é quinta.

– É mesmo. Eu já nem percebia mais quando ela vinha. A casa está mesmo nos trinquês!

– Pois é... Deixa eu te perguntar uma coisa.

– Diga.

– Quanto a gente está gastando na diarista?

– Não se preocupe, não estou dividindo esta despesa.

– Tudo bem, mas quanto ela está cobrando?

– Eu lhe pago um redondo cinqüenta, incluindo seu transporte.

– Pois é, precisa mesmo?

– Que tipo de pergunta é essa? Claro que precisamos. Como vamos manter a casa limpa?

– Nos Estados Unidos, eu mantinha a casa limpa.

– Quer dizer que você quer fazer a limpeza da casa?

– Eu posso, sim.

– Olha, Natasha. Não estamos tão pobres assim. Não vai ser por duzentos, duzentos e cinqüenta por mês.



– Raphael, eu gosto disso. É o que eu sei fazer.

– Mas você consegue fazer muito mais.

– Tudo bem. Mas eu quero fazer isso. Já cuido da limpeza. Acho besteira pagar alguém para fazer o que eu já estou fazendo.

– Ah, não, Tasha. Não vou deixar.

– Olha, me ouça. É duzentos e cinqüenta –

– Duzentos.

– Tá, duzentos que não vai fazer falta, certo? E se a gente pegar esse dinheiro no final de todo mês para sair no fim-de-semana?



– *Turn down that TV. And don't sit so close.*



– Deixa eu te ajudar...

– Não, só espera...

– Não, eu só vou pegar aqui...

– Não dá para esperar eu terminar...?

– Só pegar os pratos...

– É sério, pode deixar...

Ela era pequena, era fácil alcançar as coisas. Bastava esticar meu braço em volta ou por cima dela.

– Raphael, você está atrapalhando...

– Se quiser, eu paro...

– Vai, senta lá, senta lá, *jeez*, senta, saia da minha cozinha!

Eu ia sair, mas... – *Sua cozinha? Sua?*

Vim por trás. Com muita calma, abri uma porta do armário. Eu a encoxei em frente à pia. Do outro lado da parede, Brian estaria de frente a nós. Com todo o tempo do mundo, peguei três pratos, depois três copos, depois três garfos, depois três facas.

– Saia...

Passei água por um prato, depois outro prato, depois outro prato. Passei água por um copo, depois outro copo, depois outro... Passei água por um talher, depois outro talher, depois outro, depois outro.

Ela respirava fundo. Eu ouvia seu respirar no aperto de seus ombros contra meu peito.

... e depois o último talher. Essa faca, eu lavei muito bem. E joguei água com as pontas dos meus dedos em direção à sua cara. Ela, de reflexo, tentou escapar para trás, mas não conseguiu ocupar o espaço que meu corpo já ocupava.

– Sai! Sai, seu brucutu! Me deixa em paz!

– Agora eu vou pôr a mesa. Com licença.



– Pára!

– Não!

Ela pôs o pé na minha cabeça.

– Tira!

– Não!

Bati seu pé com mais força do que seria brincadeira. Ela pôs o pé de volta.

– Não!

– Eu estou começando a ficar com raiva...

– Você merece.

Eu me afastei. Ela coçou a minha face com as unhas de seu pé.

– Credo! Pára! Já falei que não gosto!

Quase derramei meu mate.

– Você merece.

Tasha passou a empurrar minha cabeça com seu pé, rindo.

Larguei o chá no chão e aí eu estava sobre ela, prendendo-a com o próprio edredom que a cobria. Eu detinha seus movimentos. Mesmo assim, seus olhos saltavam rumo aos meus.

Não sei do quê eu era capaz. Só sei que, mesmo assim, ela me encarava.



Saí de casa bem antes de o sol nascer. Ainda dava para ouvir os motores de longe. Estava frio, e a luz da rua refletia sobre o preto do asfalto. A lotação demorou para chegar.



Para o Brian, aluguei *Spy Kids*, o qual alguém tinha me recomendado. Para a gente, *Como Água para Chocolate*.



– Boa noite! – acenei.

– Boa noite!

Brian ecoou – boa noite!

– É isso aí! – eu gritei, e saltei para cima dele com cócegas. – Boa noite, Brian!

Ele riu. Pela primeira vez, ele riu.

– É isso aí! – repeti, mostrando o dedão.

Brian repetiu o gesto. – *Yeah eese wai ee!*



Desmoronei à mesa, e larguei minha maleta em qualquer lugar.

– Boa noite – Natasha acenou, com olhar preocupada por cima do balcão e das flores. Esta semana, eram flores do campo, de cores variadas.

– Boa noite... *Evening, Brian.*

– *Hi.*

Chutei meus sapatos para tirá-las, mas um foi mais difícil de tirar.

– E aí? – ela perguntou.

Eu não respondi nada. Eu queria absorver a luz do meu lar.

– Você não conseguiu fechar o contrato, né...?

Esfregando o rosto, eu lhe contei –, Não, sim, na UOL eu consegui. Vou sentar com eles na terça-feira que vem para fechar o programa. Gostaram da idéia, vão me pagar direitinho. Só que me deram uma canseira até fecharem o acordo. Só isso.

– *Oh, baby.*

Arranquei a camisa de dentro da calça e baguncei meu cabelo. Eu queria ficar um maltrapilho.

Tasha pôs uma lata de cerveja entre nós. Estalei o lacre, e me preenchi com a doce amargura, com o caloroso gelo da bebida. E, com suas mãos, ela acalmou as minhas partes tensas.



– Boa noite! Boa noite, Brian!

– Boa noite, Uncle Raphael!

– É isso aí!

Ele mostrou o dedão – É isso aí!

Eu ri um pouquinho. – Certo... – Acenei para Natasha. – Oi...

– Boa noite, Raphael.

A noite parecia ser mais escura. Lá fora, ameaçava chover.

No estante, ao lado do brasão vermelho e preto da cidade de Amsterdã, havia um papel dobrado. Meu nome fora escrito no lado de fora. Então peguei o papelzinho.

– Tasha, o que é isso?

Um gritinho – Não!

Ela logo estava ao meu lado, tentando tirar o papel da minha mão. Isso eu impedi com facilidade: sua altura era uma desvantagem séria.

– Tasha, o que é isso?

Ela saltava, abanando as mãos no ar, como se pudesse chacoalhar o mundo e fazer o papel cair da minha mão. E aí, ela parou. – Me dá.

– Mas o quê que é?

– Não é da sua conta.

– Mas tem meu nome.

– Raphael...

Só havia uma única outra mulher no mundo que sabia dizer meu nome neste tom; só mãe para dizer nome assim.

Rendi o papel com meu nome. Ela o rasgou ao meio e escondeu os pedaços dentro da cintura de sua calça.

Como se não tivesse acontecido nada, ela perguntou – você gosta de sopa de mandioquinha?



Brian se encolheu. Brian se ergueu sobre os joelhos. Brian segurou sua própria cabeça. Brian subiu no sofá. Brian saltou, gritando uma palavra ininteligível.

Brian caiu no chão sobre seus joelhos. Ele passou a chorar.

Natasha largou suas cartas na mesa, viradas para cima, melando o jogo.

– O que é isso que ele está vendo?



Era quinta-feira. As flores da semana eram narcisos.

Eu falei que senti diferença na casa, um cheiro mais campestre. – Suzzanni veio hoje, não veio?

Tasha sorria, mas não disse nada. Depois ela me perguntou sobre meu dia.



– E a Fabíola, namoro ou amizade?

Eu não sabia o que dizer à Tasha.



– O Brian sai sério nas fotos.

– Desde pequeno ele é assim. Ele é charmoso, não é? Ele tem um ar de Marlon Brando. Ele faz direitinho o que lhe mando fazer para as fotos.

– Essa dele ficou ótima.

– Qual?

– Na frente da árvore grande. *Hey, Brian. I like this picture.*

Se eu não fosse mais entendido do assunto, eu diria que ele estava em um estupor catatônico.

– Não liga, não. Ele está vendo *Alf*.

– Esta com a flor também ficou um show.

– Custou para ele fazer esta pose. Acho que tirei umas dez ou doze até chegar a esta foto. O que você achou?

– Tenta desenhar essa. Mas faça algo mais surreal, como você fez naquele outro.



Era uma semana de cravos.



Tasha sorria, ainda brilhando com os resquícios da risada que demos às custas de sua anedota do dia.

– Ai, ai... Você sabe o que Hugh diria...

– O que o Hugh diria?

– Diria que eu me preocupo demais com as coisas pequenas.

Assumi minha postura clínica. – E como é isso para você?

Ela cedeu à minha pergunta, e ela me falou mais sobre isso.



A sala mudava de cor conforme as imagens dos personagens do *Lost* que discutiam o que fazer com a contagem regressiva: se deixavam correr naturalmente ou se apertariam o botão. O DVD era pirata.

Talvez pela primeira vez, o pé da Tasha não me amolava. Eu estava muito consciente deste pedacinho da minha amiga, deste pedacinho do fogo da minha vida adolescente, a poucos centímetros de mim; um pé branco encurvado sobre si mesmo, branco-de-mármore com esmalte escuro já velho de alguns dias, enrugado na sua sola, liso nesta curva golfística. Este pedacinho real de quem já foi fantasma.

Com as costas de um dedo, acariciei o peito de seu pé. Devagarzinho, como se nem percebesse o que eu fazia.

Ela suspirou. Acho que nem sentiu seu próprio sopro. Na televisão, não chegavam a conclusão alguma.



Cheguei em casa por volta do meio dia. Só tinha eu. Uma raridade eu vi: a cor verde e os prédios cor de mármore ardiam na luz do sol. Tive a sensação de viver um negativo de foto, vendo as cores invertidas dessa maneira.



Saí de casa quatro horas depois: o tempo de fazer uma boa leitura e tirar uma soneca. Ainda não tinham chegado em casa.

Voltei muitas horas depois da noite descer sobre a cidade e as luzes se acenderem. Foi a tempo de ver a abertura do *Alf, o Eteimoso*.



Era quinta-feira. Esta semana, havia flores secas no balcão, escolha da minha colega de apartamento.

Eu falei que senti que a casa estava mais limpa, que eu sentia um cheiro de coisa limpa, apesar do cheiro de atum que vinha do jantar, o qual estava sendo preparado. De onde eu estava sentado neste apartamento iluminado, eu via as luzes dos prédios a um quilômetro de distância, como um mural estrelado.

Tasha sorriu, e continuou a preparar a comida. Seus dedos estavam sujos de coisa crua. Brian via desenho sobre pré-adolescentes em intrigas escolares.

– Dispensei a Suzzanni.

– Você a dispensou?

– Dispensei. – Natasha chacoalhou o excesso de suas mãos e abriu a torneira para lavar o restante.

– Hoje?

– Já faz algumas semanas. Acho que faz três ou quatro Quintas.



Depois de desligar a televisão, depois da Tasha deitar sobre minha cama Queen entre os edredons do Alexandre Herchcovitch, depois de apagar as luzes, depois da hora

de dormir, abri o notebook. Esta noite, diferente de outras (agora raras) navegações que eu fazia, eu teria que fazer algumas contas no Excel. Fim de mês é para isso, e vida de Pessoa Jurídica não é simples.

Montei a projeção para o último trimestre. E quando terminei a projeção...

– Merda...

... a este ritmo, eu não fecharia bem o ano. Como fazem diferença a perda de um trabalho de consultoria, um paciente, e um feriado novo no meio da semana em pleno Novembro. Dezembro e Janeiro já eram meses difíceis, tinham logo que dificultar Novembro também.



O email da nossa amiga mútua, Serpentina, o qual Natasha leu no meu notebook:

“RaphaaaeEEEEEEEE! O que você tem no bolso esquerdo? Onde você se meteu? Acabei de ver aquele filme infame de Sei Lá e as Garras do Mandarim e me lembrei da imitação infame de Mandarim que você fazia! Caaaracas! Rs rs rs Ó, estou combinando com a galera para a gente jogar boliche lá no Shopping SP Market. Não confunda com o Marketplace, pq a) lá não tem boliche, e b) não tem nós. Pelamor de Deus, vê se aparece, tá, seu anti-social! Até o Norl vem. Ou você está tendo outra de suas fases obscuras? Tem ouvido da nossa elfa? Ela me escreveu esses dias, mas não entendi muito bem o que ela quis dizer. *Besos!*”

Ela assinou a mensagem “Serpentina”.

– Vamos?

– Pode ir.



Ela chegou em casa com *Os Incríveis* para o Brian e, para a gente, *Um Drink no Inferno*. Ela disse que se cansou de ver filme de menina.



Acenei para Tasha enquanto fechei a porta. – Boa noite, Natasha.

– Oi, Raphael, boa noite! – Ela acenou, com as mãos sujas de tempero para filé de frango.

– É isso aí! – Brian disse.

– *Hi, Brian.*

A torneira da pia foi aberta, competindo, com seu chiado, com o barulho da televisão.

– Que foi?

– Hm?

– Que foi? Parece que está triste.

Esfreguei bem o rosto, com gosto, finalmente em casa e longe da cidade que ronronava lá fora. – Perdi a proposta.

– Mas eles não falaram que era só questão fechar os detalhes do *workshop*?

– Pois é, foi o que eu entendi. Essa gente me dá uma canseira, viu. Porra, me dá uma canseira.

Tasha me mandou ter paciência. E ela já tinha preparado meu chimarrão, o qual ela trouxe até a mesa. Enquanto eu o bebia, ela cuidou dos nódulos de tensão, acalmando-me com seu calor às minhas costas, dizendo que ela nem conseguia imaginar o quanto eu estava frustrado naquele momento. Andréa teria dito que eu superaria, que eu era o máximo, que logo-logo surgiria outra oportunidade. Mas Tasha apenas aceitava que eu me sentia uma merda.



– Espera, deixa eu atender isso. – Eu me afastei do jogo e deslizei a parte superior do celular, teclando uma tecla qualquer. – Oi, linda!

Ela reforçou que ela estaria em São Paulo, perguntou como andavam as coisas, disse que devíamos nos encontrar, e sugeriu uma hora quando ninguém trabalha e um local onde o chope é cremoso. Bastava eu dizer, “ok”.

– Tudo bem – falei.

Então acertamos o local e o horário, para em seguida desligarmos nossos celulares.

– Então, onde estávamos? Era minha vez, não?

– Era a Fabíola?

– Era.

– Fala aí, Raphael. Namoro ou amizade?

Tentei imaginar qual seria a resposta correta para dar à minha colega de apartamento.

– Pode falar, não vou achar ruim.

– Tasha – falei –, você mexeu nas peças?

Ela inflou seus olhos asiáticos com a maior inocência do mundo.



Deixei a maleta ao lado da mesa. – O que é isso?

Era um bilhete com meu nome.

Tasha me mandou lê-lo. A letra de mão era inclinada, e parecia que havia sido escrita com a folha suspensa no ar. Havia uma única palavra:

“Sim.”

Ela sorria por trás das pontas dos dedos que se alojavam entre seus lábios.

Nenhuma pergunta dava sentido à palavra.



– Nossa! –, foi seu susto ao ver-me à mesa em plena luz do dia.

Por instinto puxei a tela do notebook um pouco. Era o suficiente para dificultar a vista dela do email que eu escrevia.

– Você não tem que sair? – ela quis compreender.

– Não, hoje só tenho compromisso pela tarde. De resto, posso trabalhar aqui mesmo. Quer café? Acabei de fazer uma garrafa.

– Obrigada, mas não tomo café.



Para Brian, eu trouxe *Bob Esponja, o Filme*. Para a gente, *Crônicas de um Amor Louco*, baseado em crônicas do Charles Bukowski. Na capa do DVD, mostravam-se as coxas nuas de uma mulher com flor no lugar da vagina.



Dormi até mais tarde. Acordei com os passos pequenos e leves pela casa, com o cheiro de suco de laranja, com uma meia dúzia de sussurros. Fingi que eu roncava.

( ○ ) ● ( ○ )

– Aqui você pegou bem o olhar, como que vou dizer isso, pesado... *profundo* do Brian.

– Mas você gostou?

– Ficou bom. Tem caráter, este desenho.

Ela parecia se relaxar na cadeira.

– Ele puxou os olhos do pai, não puxou?

Natasha fez um bico, e apoiou a cabeça na mão, com o cabelo fino, liso e preto fluindo entre seus dedos. Ela contemplou seu filho. – Acho que puxou o avô.

– Seu sogro tinha esse olhar profundo?

– Hm – ela respondeu. Tasha assistia seu filho em frente à televisão, o qual assistia Alf, sem rir com as risadas prontas da série. Ela sentava em posição retorcida sobre a cadeira, abraçando seu encosto, ainda com o cabelo entre os dedos.

Houve outra risada na televisão, outro eco de lotação na rua. Vi as costas da Tasha ondularem a cada vez que ela inspirava. Ela começou a fungar, seu nariz agora escorrendo.

Eu me atrevi a tocar as suas costas. Foi como assoprar uma casa feita de cartas de baralho: ela desabou e saiu voando corredor abaixo, onde ela sumiu por trás da porta do quarto.

Ela tinha me deixado com uma mesa cheia de louças sujas. Uma por uma, eu as levei até a pia. O prato do Brian ainda tinha pedacinhos de frango e ervilhas.

Feito isso, eu não tinha mais o quê fazer à mesa. Com Tasha no meu quarto, só me restava sentar no sofá.

Brian se dirigiu a mim, sem tirar o olho da televisão, perguntando se estava na hora de dormir. Eu disse que não, e perguntei o que ele estava vendo, mesmo já reconhecendo Robin Williams aos vinte e poucos anos vivendo Mork, o alienígena. Ele demorou para responder, com aquele silêncio que imita surdez. Talvez fosse a primeira

vez que ele fora perguntado isso sem ser seguido por uma bronca. Então perguntei do quê se tratava o que ele via. Ele respondeu que era chato. Perguntei se ele preferiria ver outra coisa, e ele disse que sim. Então lhe dei o controle remoto. Comecei a explicar como mudar de canal, mas ele já estava mudando de canal, e só parou de mudar quando encontrou um desenho animado: neste caso, um anime. Eu o mandei mudar de canal, e ele encontrou o Pantera Cor de Rosa.

Sentado no chão sobre seus calcanhares, ele deu um salto. – *I like this.*

Assisti este e os seguintes desenhos no Boomerang com o menino. Às vezes comentamos coisas, estas que poderiam ser engraçadas ou malvadas. Tomamos o que restava do velho sorvete de Negresco. Eu rezei para não já ter estragado.

– É isso aí!

– Sim, é isso aí.

Ouvi o som da porta do quarto abrir, seguido por passos pequenos e leves que rastejavam pelo carpete de madeira. Natasha tinha os olhos vermelhos e escondia as mãos nas mangas de seu pijama. Seu rosto, ela já tinha lavado de seus trilhos de lágrimas. Mas eu sabia que elas haviam recortados a sua face. Seu nariz ainda escorria um pouco.

Já no sofá, ela se encolheu contra meu peito. Eu a acolhi com o braço e lhe acariciou a testa com os lábios.

– Brian – ela chamou com voz fraquejante. – Brian, vem cá.

Ele veio. O gesto de sua mãe superara a barreira lingüística. Tasha o puxou até seu peito, fê-lo se deitar no sofá contra ela, fez carinhos em sua cabeça, beijou seu cabelo.

Eu mal ouvi as palavras que ela sussurrava em seu ouvido. – *I love you, te amo, filho. You're beautiful. I love you, Brian...*

Enquanto isso, eu acariciava a cabeça da Tasha. Ela acariciava a cabeça do Brian. O menino, em poucos minutos, estava roncando. Em poucos minutos, sua mãe respirava



profundamente, e sua perna convulsionou com sua descida ao sono profundo. Acordei no dia seguinte com dores no corpo inteiro, atrasado para uma reunião.

Mais tarde, em meio a um *workshop* que eu dava em uma consultoria – a consultoria era financeira, os consultores eram demasiados técnicos, o assunto era atendimento aos clientes –, meu telefone celular, o qual eu sempre mantinha desligado, disparou com *Cantaloup Island*, do gênio do jazz Herbie Hancock. Com a maior naturalidade (o ódio, eu mantinha muito bem reprimido) caminhei à mesa, ainda falando qualquer coisa sobre tons burocráticos de voz, e desliguei o celular, mas não sem antes ver quem ligava. No entanto, o número eu não conhecia.

Três horas depois eu descobri a resposta, ouvindo o correio de voz.

“Oi, Raphael. Quando você chegar em casa, quero conversar depois.”

Até chegar em casa ainda demoraria. Eu tinha três clientes na clínica para atender. Seria difícil eu me concentrar durante o resto do dia. Inclusive, esse era um dos meus pontos no *workshop* que eu acabara de ministrar: *nunca* diga apenas que você quer conversar, *sempre* especifique o assunto da conversa. Afinal, não existe assunto tão supérfluo que não merece ser especificado. E que espécie de conversa é tão importante que é necessária avisar com antecedência que ela acontecerá? Quando o assunto não é deixado às claras, deve ser porque ele é importante o suficiente para avisar que ela irá acontecer, e cabeludo o suficiente para evitar falar nela. Ou seja, se prepare vou soltar uma bomba.

“Conversar, conversar você faz comigo toda noite.”

Que bomba poderia ser? Era fácil especular já uma meia dúzia de coisas. Acho que verifiquei umas três ou quatro vezes se meu notebook não estava em casa – o que não era o caso. Imaginei quem pudesse ter ligado em casa – mas então eu me lembrava que eu não tinha passado meu telefone residencial para ninguém que não fosse família, e estes também poderiam me ligar no meu celular. Eu me mandava a mim mesmo me

acalmar, que esse tipo de sentimento era para quem tivesse culpa no cartório. Mas será que eu não tinha? Eu não tinha, mesmo?

De quarta-feira eu chegava um pouco mais tarde, e aquele dia não foi diferente. A diferença estava em que eu não caí no sono durante a viagem de lotação.

Os movimentos eram iguais aos de sempre: eu cumprimentei Seu Denílson, passei pela piscina e a sala de ginástica, peguei o elevador, fiz uma careta no espelho, entrei no corredor onde as luzes se acendiam na minha presença, destravei a porta do apartamento onde “mora gente feliz”. Abrindo a porta, decidi que eu deixaria a Tasha iniciar a tal da “conversa”.

Entre no apartamento acenando e dizendo “boa noite”. O sorriso da Natasha e a indiferença do Brian eram os mesmos. Eu me sentei à mesa, deixando a maleta no seu devido lugar. Esta semana, as flores eram margaridas.

– Como foi seu dia?

– Foi bom. E o seu?

– Também.

Aí eu percebi o que havia de diferente: o apartamento era preenchido por som de música, e não de desenho animado. Brian estava entretido com um livro cheio de desenhos de dinossauros.

– Oh. – comentei.

Natasha mostrou folhas de alga com ambas as mãos. – Estou fazendo sushi!

– Puxa...

Ela explicou que usava uma receita de sua vó, a qual era filha de dono de restaurante. Enquanto enrolava o sushi e o cortava em fatias, contou uma lenda sobre um homem que roubou de uma deusa seu kimono feito de penas, forçando-a a ficar na Terra e a morar com ele.

As músicas que saíam da caixa de som eram marcadas por guitarras distorcidas e vozes másculas que pareciam emitir de bocas cheias e gargantas secas.

Ignorei a música e segui o fluxo da situação. Tasha contava a lenda, explicando que o homem e a deusa aprenderam a se amar, que ela voltou ao céu quando encontrou o kimono, que o homem fez um grande feito para encontrá-la novamente, e que ele fez alguma coisa que os afastou de novo, e que eles se tornaram duas estrelas no céu que se encontram apenas uma noite no ano. E eu fazia pequenas interjeições para sinalizar que eu prestava atenção a estória.

– Você me ajuda a pôr a mesa?

– Ah, sim. Claro.

Eu a ajudei, levando copos e talheres. Ela levou a travessa com a comida. Enquanto eu voltei para pegar os pratos, Tasha plantou os pés em frente à estante. Com o controle remoto do aparelho de DVD, ela navegou o DVD-R com .mp3 até chegar em...

– U2. – Seus passos de volta à mesa acompanhavam o ritmo. Ela desaprovava dos garfos e das facas, e com boa razão. Seus passos de volta à cozinha acompanhavam o ritmo, junto com o qual ela passou a cantar. –... *I'm ready for the laughing gas...* – Ela mostrou os hashis com as duas mãos, enquanto fazia tradução simultânea da canção. – Estou pronta... pró que der e vier. – E, colocando os hashis ao lado de cada prato – ... *I'm ready for the shuffle, ready for the...* Brian, venha à mesa!

Seu gesto transcendia qualquer barreira lingüística, depois dela o repetir algumas vezes.

E, agora à mesa com a comida, comeríamos.

– Raphael, você agradece?

Demorei para entender que ela fazia referência a uma oração.

– Uhm, sim. – A memória da posição das mãos e dos olhos fechados estava na própria posição que minhas mãos e meus olhos assumiam.

Abri um olho. – Inglês ou Português?

– Você é quem sabe.

Eu não saberia fazer uma oração em Inglês. Faziam muitos anos que eu não ouvia música gospel, e naquela época eu não entendia Inglês.

Com a minha respiração, tentei encontrar o silêncio em minha alma. Como bom protestante, minhas orações não poderiam ser meras liturgias. Por isso que elas se tornaram tão escassas.

Senti a pressão de haver comida na mesa. Senti que o sushi esfriaria.

– Deus, obrigado por esta comida. Amém.

Tasha repetiu – amém –, e explicou que Brian deveria dizer o mesmo, o que ele fez, “*ameng*”.

Passamos a comer o sushi ao som do rock ‘n’ roll. Tasha puxava assunto, perguntava do meu dia, perguntava das visitas e consultas, perguntava dos detalhes, perguntava dos detalhes dos detalhes. Eu cooperei, contei que dei *workshop*, contei que atendi na clínica, contei que uma paciente se emocionou, contei que era porque se viu livre da responsabilidade de agradar a sua mãe, contei que o controle exercido pela mãe impedia que ela se entregasse à vaidade e pudesse levar uma sedução a cabo. E Tasha ainda perguntou –, e aí?

Se nossos jantares já eram saborosos, este o era ainda mais. Se nossas noites eram aconchegantes, esta o era ainda mais. Se nosso tempo ao final do dia era único, este o era além da conta. Se nossa rotina era segura, o que se desenrolava diante dos meus olhos era de uma segurança sem precedentes.

Natasha me mantinha em seu olhar, com os olhos baixos, enquanto Brian foi buscar outro livro. O próprio DVD-R navegou até as pequenas explosões e gemidos dos Cranberries. Achei que Tasha já iria voltar a me perguntar como havia sido meu dia.

O próximo momento da nossa liturgia noturna seria pegar o baralho.

– Tasha – invoquei –, você disse que queria conversar alguma coisa comigo.

– Pois é...

Ela olhou para a mesa, para um ponto onde ela batia de leve com uma moeda pesada. Pensei que ela mudaria de assunto, pegaria o chimarrão ou sorvete ou vacas pretas. Os olhos negros da Tasha se entregaram aos meus. Seus olhos negros me atraíram.

Entre nós... passou... alguma coisa. Neste momento translúcido, eu a vi com total intimidade. Nossas pálpebras se retraíram, deixando nossos olhos nus. Respiramos, ela um pouco mais veloz do que eu.

Ela disse para mim – preciso tomar jeito. Quero a sua ajuda, Raphael, para eu tomar jeito.

Eu poderia escalar os modernos arranha-céus na Marginal Pinheiros por aqueles olhos.

– O que você quer que eu faça por você?

– Você não é psicólogo?

– Espera, amiga, espera um pouco... – Em poucos parágrafos expliquei o vínculo terapêutico, projeção, resistência, transferência, neutralidade, contratransferência, arquétipos do velho sábio, *trickster*, as raízes gregas da palavra “terapêutica” e que, enfim, eu poderia lhe indicar algumas pessoas que dariam conta do recado.

– Mas, Raphael, eu preciso da *sua* ajuda. Quero que você tome a frente, porque eu não vou conseguir fazer isso sozinha.

Ela disse meu nome, dizendo que precisava de mim. E ela disse que ninguém precisava saber: isso ficaria entre ela e eu. Ela disse que seria algo só nosso.

“Não” eu não consegui dizer-lhe. Ficamos em silêncio.

– Então... – ela disse. – Pode começar.

Fiz um gesto. Pois que ela então comece.

– O quê, eu falo da minha infância e dos sonhos que eu tive?

– Que tal – falei, afastando o que nós tínhamos colocado entre nós para tornamos toleráveis estas noites um na presença do outro – começar com “tomar jeito”.

Enquanto isso, Brian caía no sono sobre o livro que olhava.

Nossas primeiras sessões não passaram muito disso. Brincávamos com nosso silêncio incômodo. Eu a olhava com meu olhar levemente desinteressado clínico para fazê-la sentir meus olhos perfurando a sua roupa, pele, espírito, até atingir o âmago de sua alma. Mas ela ajustava a roupa, dava uma risada constrangida, e contava os acontecimentos do dia. O teor da fala era praticamente idêntico àquela da fala antes de seu estranho pedido, com a diferença de que era apenas *praticamente* idêntico. Eu passei a lhe perguntar como *aquilo* ou *aquilo outro* lhe fazia se sentir. Eu perguntava como era *aquilo* para ela. E ela ria por trás da mão. Lembro-me de que eu nunca havia visto tão nitidamente sua ascendência japonesa como vi transcórrer diante dos meus olhos naqueles dias. Não que seus gestos *per se* fossem japoneses, mas carregavam a limpidez japonesa na mecânica de seus ligamentos. Nesta mecânica, ela insinuava que ela escondia muito e revelava pouco, sugeria que tinha algo para render a mim se eu lhe pedisse da maneira correta, dava a entender sem de fato entregar o jogo. Não era miudez, nem delicadeza: a força e a grandeza se mantinham resguardadas. Eu mantinha um dedo sobre o lábio superior, ou acariciava uma barba que eu poderia ter. Eu perguntava “o que você sentiu?” de trás da minha mão. Estas mãos que segurávamos diante das nossas bocas não escondiam as palavras que dizíamos: elas tentavam esconder o silêncio que vigorava e cobria nossas conversas como trepadeiras subindo por paredes brancas. As noites ficaram cada vez mais abafadas depois que mudamos para horário de verão, mesmo sem se tornarem mais calorosas. Natasha se cercava com falas inautênticas, histórias superficiais e comentários fúteis. Eu me enclausurava nas

perguntas abertas. Ela dizia que precisava tomar jeito, e eu lhe perguntava o que significava “tomar jeito”, ao que ela respondia com risadas.

Mas, entretantes, chegou a noite com Fabíola. Pedi meu carro emprestado, e Tasha me o entregou de bom grado, “contanto que fosse por uma boa causa”, disse ela. Voltei ao apartamento razoavelmente cedo, porque já eu tinha menos trabalho naquele dia. Tomei banho, passei *Givenchy Pour Homme*, vesti uma calça jeans e uma camisa verde para ressaltar os olhos – este foi uma sugestão da Natasha. Ela também queria que eu levasse um suéter para jogar por cima dos ombros, mas eu achei que isso era forçar a barra: eu nunca andei assim antes. Muito menos na primavera.

Foi uma destas sextas-feiras paulistanas em que o céu desaba, oceanos caem do céu, e, não obstante as nuvens espessas, a noite é iluminada pelos raios mil que castigam o chão. Para chegar em Vila Madalena do Panamby, era necessário passar por uma das várias pontes, os quais formavam gargalos e espremiavam os milhões de carros, ônibus e caminhões em estreitas filas. E quando não eram as pontes e semáforos queimados, eram acidentes de ordem escatológica. Pensei que andar de carro seria um alívio do estresse de andar de lotação. Esta noite, todavia, eu senti saudades do meu Vectra, o qual tinha um toca-CDs razoável.

Meu celular apitou com um torpedo. “Estou presa no trânsito. Vou atrasar meia hora.”



Ela é alguém que preciso ver para recordar em suas minúcias. Seus traços gerais, suas características brutas, eu consigo descrever sob demanda: cabelo cacheado, de tom fronteiro entre ruivo e loiro, pele clara, olhos verdes, preferências por decotes baixos e esmaltes claros, semblante vivaz e alegre. Mas quando ela aparece, Fabíola toma sobre si os detalhes que eu memorizara de tanto tempo trabalhando ao seu lado. Seus cachos são de herança africana. Sua cabeça sempre pende alguns graus para a esquerda ou à direita, enquanto seus olhos se fixam na pessoa à sua frente, emanando com veneno paralisante. Seus olhos não são exatamente verdes, porque o íris eclipsa um círculo cor-de-mel. Sua pele, não é que ela é clara: ela é macia e cremosa. Sua pele parece ter tomado aquele formato por ora, e pode se desmanchar ao mero toque, inundando o tocante com o mais suave bálsamo. E não é exatamente lisa, pois a luz é absorvida por pêlos, dando-lhe um brilho sobre-humano. Seus decotes não são só preferência de estilo e moda: ela estrategicamente desafia os homens a superarem a lascívia e a encontrarem seus olhos, como também desafia às mulheres, com afirmação quase fálica, a competirem com tamanha feminilidade. No meu caso, percebo-me sempre inconscientemente em dívida com ela por vê-la como mulher – e que mulher! – e não como colega de trabalho, como igual, dívida esta que então me propulsa a semear nossa conversa com pequenas lisonjarias (para não dizer “flertes”). Sem dúvida, seu semblante é alegre, porém tal semblante está no lusco-fusco que salta em olhos umedecidos e no sorriso que puxa os cantos de sua boca para baixo. Na única aula de Inglês que fizemos juntos, o professor disse que a cor de seu cabelo se chamava “*strawberry-blonde*”.

A noite se desenrola ao som da cidade – buzinas, motores, o eventual temporal – fora das quatro paredes do bar, ao som de rock progressiva – Pink Floyd ou Supertramp – e ao gosto do chope – claro ou escuro. O chope parece se derreter na boca, o que é estranho, uma vez que já se trata de um líquido. Ouço uma música que eu adoraria ter em casa. É *allegro ma non troppo*, de bateria leve, piano jazz dissonante. Eu a teria na minha



coleção, mas não sei nem o nome da faixa, nem o artista por trás dela. Tenho de perguntar à Fabíola, tenho de interromper uma de suas histórias. Ela se arrisca a apostar em Seal, mas a voz carece de melancolia. Aprecio os últimos segundos da canção, ainda assim alimentando a esperança de ainda a ouvir alguma outra vez na vida. E, pensando assim, sou forçado a aceitar que não tenho nem cinqüenta anos pela frente – aliás, não deve ser nem quarenta.

Estou gozando de uma pequena orgia de cunho gastronômico. A porção que dividimos é picanha com catupiry, pão francês acompanhando. Quase dá para sentir a gordura caminhar pelo fluxo sanguíneo até o coração, onde ela se torna “colesterol ruim” e constringe um pouco mais o correr natural do líquido viscoso. E a cerveja também contribui. Vejo a gordura sobre a frigideira em reluzentes poças pequenas, e me pergunto se terei mais de trinta anos pela frente.

No começo da noite, ela pede licença para atender ao celular.

- Ó... Oi, Ri! Tudo bem com você? [...] Comigo, também. [...] Pudera. [...] Ah, até queria, viu, mas não vai dar. É que estou em São Paulo. [...] É, até que seria divertido, sim, mas acho que eu não chegaria a tempo, entende? [...] Nada demais, só estou fazendo um *happy hour* com uma amiga do trabalho.

Gesticulo, quase acertando o garçom que trazia outro chope escuro.

- [...] É, eu também. Mas vamos combinar, sim. [...] Esse fim-de-semana, mesmo. Segunda-feira tenho que estar aí no escritório. Aí eu te ligo para a gente combinar direito. ‘Ta bom? [...] Então, ‘tá bom. [...] Tchau. Para você, também. Até. [...] Tchau. – e, com isso, ela fecha o celular para brindar comigo, “*salud!*”

O chope, de fato, é muito cremoso.

- “Amiga de trabalho”?

Ela ri enquanto bebe o chope. – É lógico. O Ri é prospecto. O que você acha que aconteceria se eu dissesse que eu estava com um amigo? E, enfim, você é mais para amiga de trabalho do que um amigo.

– Entendi. – concedi, mas sem gostar.

– E não é?

Depois de alguns anos destes *happy hours*, os quais começaram poucos meses antes do meu casamento, ficou estabelecido o ritual que nós atrai, porém por motivos radicalmente opostos e complementares: ela tinha prazer em contar suas histórias e eu encontrava gozo em ouvi-las. Enquanto isso, eu tinha o prazer de olhá-la durante duas ou três horas.

Ela contava situações de trabalho, como a vez em que, por coincidência, toda vez que seu superior, uma gerente nível 2, chegava à área, o assunto da conversa se encerrava. Na terceira vez a situação não deixava dúvidas de que se tratava do movimento, “assunto encerrado porque o assunto chegou”. Até então, poderia ter sido só uma questão de manter a aparência profissional na frente da chefe – que também é complicado porque essa gerente é daquelas que quer ser acessível, humana e divertida. Aproveito para dizer que eu sei que a Fabíola leva suas fidelidades a sério e é confiável. Ela me conta um momento pérola: uma vez no banheiro ela ouviu uma colega – uma que eu conhecia, a Nanci, flor que não se cheira – aconselhando a novata a “tomar cuidado com aquela Fabíola do T&D” porque ela só espera o momento certo para “acionar o rádio corredor contra você”, que ela “se faz de séria e comprometida na sua frente para você abaixar a guarda” e depois “queima seu nome com a diretoria”. A explicação só podia ser a vez em que a Nanci contou para a Fabíola que não tinha chamado um candidato para uma entrevista final porque não queria ver uma pessoa feia destas à sua frente todo bendito dia. Fabíola a questionou, na frente do gerente – o qual, na época, ocupava o cargo que ela hoje desempenha – quais eram as opções que Nanci apresentava, já que

havia um outro candidato mais qualificado. Antes da Fabi fechar a história, afirmando que Nanci é uma daquelas pessoas raras que são ruins e procuram qualquer oportunidade para se promover, eu a interrompi.

– Trabalhar com uma peça agradável assim (com o gesto deixei claro que eu me referia à própria Fabi) à minha frente, não seria nada mal.

Ela fecha a história dizendo que ela deixou as duas saírem do banheiro sem saber que ela tinha ouvido a conversa, e que só vai esperar a chance de virar a mesa contra a tal da Nanci.

De vez em quando deixo meus dedos tocarem de leve as costas de sua mão. Em outras ocasiões, com firmeza deito a mão sobre seu antebraço para ressaltar uma questão de suma profundidade. Faço isso para reforçar o argumento. Na verdade, continuo sendo comportado, como se Andréa pudesse aparecer a qualquer momento. Não ajo assim por paranóia: ajo porque não sei mentir para ela. E ela vive saindo com o pessoal de seu escritório, e eu não acho ruim com ela.

Fabíola passa a contar suas aventuras amorosas. “Situações” não lhe faltam. Houve um professor de Espanhol que a levou para um bar de merengue e, depois, a um drive-in. Houve um instrutor de aeróbica com ambições espirituais que dava a entender que “sim”, mas dizia que “não”, e aí a levava para casa, mas em seguida literalmente tirava o corpo fora, tendo crises de consciência. Houve o rapaz com quem ela saiu cinco ou seis vezes, que até a levava até a porta de sua casa, mas que mal lhe beijava, mesmo jurando que era atraído a ela. Mas a vozinha fina, as mãozinhas leves, a música *house* no seu carro pintavam outro quadro. Ela recusou um convite para viajar com ele certo feriado. E ela dizia “ai, meu bem, a fila anda...”

– Você vai bem, se tem uma fila toda para você.

Andréa diz que Fabi é mulher fácil. Mas eu entendo minha amiga. Pouco depois que eu me casei, ela desmanchou seu noivado. Um dia, no Vectra, ela me contou como

gostava de ir às baladas, como não conseguia parar de ir às baladas, quantas bocas havia para beijar nas baladas (ponto de exclamação!). Depois, ela dizia que queria um relacionamento mais sério, mas admitia que já era madura o suficiente para não esperar ter o casamento todo – dito de boca para fora, pois toda mulher se sente fadada ou a ter ou a perder o vestido branco.

Pergunta para reflexão posterior: se eu tivesse ficado como ela naquela noite e vivido mais alguns semestres, eu teria a mesma esperança?

Mas e o tal do namorado dela?

Os chopes não param de chegar. O namoro não deu certo, mas isso é uma coisa boa, porque desde o primeiro dia não havia química. É lógico que ninguém começa a namorar sem ter vontade, mas às vezes a diversão é a própria conquista: uma vez que ela se dá, não resta mais nada. Ela conta alguns exemplos de como não havia química, como a vez em que foram para bar no Flamengo, sem entrar em nenhum deles. Enquanto isso, não tinha assunto para conversar, era tudo “é... legal...”, “Puxa... que legal...” e “uh-huh... que legal”. Aí nem parece que valoriza. Mas era dos dois lados. Ou então se beijavam, e não acontecia nada. Um beijo bom (ela simula a perda de fôlego, enchendo seus peitos de ar, expandindo o decote, fazendo tremer seus cachos *strawberry-blonde*) tem que tocar até as bases. Não precisa sempre ser assim, mas de vez em quando é bom. Ela explica que a química abre a plataforma para a relação se dar, e que uma pessoa não se doa quando não tem onde se doar.

Eu digo – A gente tinha uma química boa. Continua tendo.

Conversamos sobre quando *é* e quando *não é*. *É* quando se sente que o *é*. É a questão da química. Ela deixa claro que não é sobre paixão, é sobre a energia que acontece no beijo, no toque, no respirar depois do orgasmo enquanto os corpos ainda estão unidos. (Já bebemos muitos chopes.) Ela deixa claro que não é felicidade. Deve ser

química, é, tem de ser. E era isso que faltava com este último namorado. Beijá-lo não era muito diferente de passar batom: ela até se sentia mais bonita, e só.

Ela acrescenta – Ah, mas você gosta de toda aquela coisa platônica.

Ela diz coisas assim e pisca, como se sacasse meu jogo e aceitasse jogar de acordo com as minhas regras. Ela brinca com minhas regras.

– Você é feliz no casamento? – ela me pergunta, às vezes.

Eu costumo vê-la de blusa clara, ver a luz que irradia de sua pele branca e de seus cachos de mulato, porém cor de *strawberry-blonde*.

Respondo –, estou seguro no meu casamento.

Tem um momento quase ao final da noite em que percebo que, em algum lugar do meu cérebro (entre os lobos parietal e frontal, se não me falha a memória), há devaneios sobre como seria se eu a tocasse. Mas já não sinto mais esta química vindo dela. Mesmo assim, como seria se *eu* a tocasse? E como e quando eu faria isso?

Mas aí está. Aí. Diante de mim, a uma distância. É assim que eu quero a Fabi, onde posso olhar, esbarrar, ouvir, imaginar. Porque fazer mais do que isso a colocaria em uma posição na minha vida onde, nas oito meses entre um *tête-à-tête* e outro, eu não a quero. A esta altura da noite, costumo sentir a contagem regressiva do momento que se esvai, a possibilidade da iniciativa se derretendo e escorrendo ralo abaixo. Mas ainda dá tempo de agir. Se eu realmente assim quisesse. É isso que eu sempre digo para mim mesmo, de lobo frontal para o lobo temporal, lembrando que este é, também, Senhor do Medo.

Eu sempre a levo até a porta do seu hotel. Em meu carro, a conversa se reduz a esporádicas frases e sons. Mas o que rege o momento é o álcool que filtra o mundo e dá um colorido à noite. E sempre tem o carro preto de playboy, do qual tenho de me desviar. É um Ford Fusion rebaixado, é um Fiat Stillo, eventualmente, é um BMW.

Em frente ao hotel, ela se despeja do assento do carro. Sua pele, seus olhos, sua blusa ardem com o brilho do álcool, o qual ofusca o passado e o futuro, dando à própria

Fabíola mais nitidez que o mundo todo. Ela é maravilhosa aí, no último segundo deste momento antes da porta do meu carro se fechar.

Nós sempre terminamos dizendo qualquer coisa sobre como a noite foi divertida.

– E você me manda uns torpedos em uns horários que não têm *nada a ver!* – certa vez ela me disse.



O Domingo amanheceu às 13 horas. Logo cedo o sol fazia cócegas em minhas pálpebras e eu ouvi passos zanzando pela casa por trás do biombo. Acho que eu resmungava, porque a Natasha ajoelhou-se sobre meu travesseiro, ainda de pijama, e, com dedos entre meus cabelos, recomendou que eu dormisse “lá no quarto”. Então eu perambulei pelo curto corredor até a cama Queen, *minha* cama Queen, *meus* travesseiros com *minhas* fronhas, *meu* edredom – mas estes não reconheciam mais o meu corpo. Eu me afundei em meio a estes elementos de conforto, e, em poucos minutos, eu sonhava de novo.

“Refrescante” era a palavra da noite. Com esta janela fechada, a cortina estendida, o edredom já aquecido, a noite se prolongava até que eu me saciasse dela. Afinal, era Domingo, o Sétimo Dia, o dia de descanso.

Descobri que eram 13 horas depois de tirar o aviso de SMS da Fabíola da telinha do meu celular. Apareceu o relógio, e eu sentia que não havia mais sono para tirar.

A sala estava repleta de luz. O biombo, como fazem as folhas das árvores, parecia beber desta luz, projetando-a parede atrás da mesa.

Já havia um prato, uma xícara, um pires, um copo de suco e talheres prontos para mim. Ao lado destes, Natasha deixou um bilhete:

“Tem suco na geladeira, e um bolo guardado no forno. Fomos ao parque. Qualquer coisa, estou com o celular.”

Ela usou nosso código para escrever este bilhete. Para qualquer outra pessoa, o bilhete pareceria algo quase Coreano, com linhas e círculos. Estas letras somente eram conhecidas por nós dois. E qualquer outra pessoa poderia supor qualquer mensagem mais calorosa neste bilhete. Dificilmente adivinharia que se tratava de uma mensagem tão corriqueira.

Eu tive que rir. Eu dei uma risada boa, que vinha do centro dos meus pulmões: a parceria que se dava entre a gente, a cumplicidade, estava justamente neste cotidiano

banal que compartilhávamos. Isso que é viver: é o cotidiano banal. Junto com a Natasha, eu vivia.

Empurrei o biombo da frente do caminho e me aproximei à porta de vidro. Neste dia, o verde sobre os túmulos estava vivo, salpicado por pétalas que até do meu apartamento eu conseguia ver.

O sol já queimava a pele, já provocava gotas de suor. Na minha espinha dorsal, eu sentia o sinal de algo frio, como se minha intuição ficasse arrepiada. Essa noite, haveria ventos violentos e chuva. Mas só à noite. Por enquanto, ainda dava tempo de aproveitar. Natasha e Brian faziam bem de passearem no parque. Diante desta vista toda eu não precisava de roupa. Isso não era atentado ao pudor: era liberdade, isso de sentir a frente fria nos meus poros e glândulas.

O melhor de Domingo é que eu poderia ficar verdadeiramente ocioso. É o único dia em que não sinto que estou perdendo dinheiro.

Eu busquei companhia no meu CD de Chico Buarque. Sentei-me no sofá, e deixei o dia me levar. Li um livro, vi televisão. Liguei para Norl para combinar o boliche. Aproveitamos para pôr a conversa em dia: quem está trabalhando com quê, quem estuda o quê, quem obtém o quê e como. Tirei as cadeiras e as plantas da varanda, caso houvesse tempestade.

Fico maravilhado com a energia dos meninos que jogam bola na rua a tarde toda.

A partir dos uivos e das vaias ecoando entre os apartamentos, eu acompanhei o placar do jogo, sem saber ao certo quem jogava no estádio.

Quando a paisagem estava banhada na luz vermelha do sol poente, Natasha chegou em casa, ofegante. Ela sorriu, e disse que eu precisava ver as fotos que ela havia tirado. Mas, antes, ela queria tomar um banho e me perguntar como foi meu dia. Enquanto isso, Brian entrava no apartamento fazendo careta e barulhos resmelengos. Bastou o menino encostar-se ao sofá para cair no sono.



Natasha saiu do quarto cheirando a sabonete e água quente, vestindo o robe de seda sintética que comprara em uma das mil visitas nossas ao Shopping Jardim Sul. Falamos em pizza, em estar azul de fome, em refrigerante ou água-de-coco – a ser misturado com qual bebida alcoólica? A pizza chegaria dentro de quarenta minutos, a tempo de ver Fantástico. Mas nós tínhamos outra rotina. Como previsto, iniciou-se uma brava ventania.

Tasha me fez ver as fotos que havia tirado no parque, querendo saber minha opinião. Eu não lhe dei elogios fáceis. Comecei com comentários pouco impressionados. Quando eu esbarrava em uma foto boa em sua máquina digital, eu a pulava. Chegando ao final, comecei a apontar as qualidades positivas. Assim, eu ajudei a construir sua autoestima. Enquanto isso, as pizzas chegaram e, como ela estava de robe, eu vesti uma jaqueta e busquei o jantar, como há milênios fazem os homens.

Quando voltei, os pratos e Brian estavam em seus devidos lugares à e na mesa. O menino olhava as coisas em sua volta como se o mundo inteiro girasse sem ele, em frente aos seus olhos, sendo ele um mero espectador tentando encontrar algum sentido nisso tudo. Ele bebeu a água-de-coco (sem mistura, é claro) com as duas mãos e futucou a comida já picada por sua mãe até finalmente limpar o prato.

Natasha retomou a sua análise. Ela tinha sonhado essa noite com tornados na marginal Pinheiros e queria saber o que isso queria dizer. Pois bem, então descreva os tornados, como você se sentiu, de quê isso lhe lembra? Ela comentou que o calor do dia com o vento frio que chegava daria um belo tornado em Illinois, e acrescentou que um tornado reviraria todos estes túmulos, trazendo os corpos enterrados à tona. Isso era para ser uma piada.

Não sei quem percebeu que Brian não estava mais à mesa, a qual ainda tinha uma pizza inteira semi-imaculada. Ele estava encolhido entre as almofadas, parecendo os filhotes de rato que eu vira nos viveiros de répteis no instituto Butantã.

- Olha, que fofo.
- Ele precisa escovar os dentes.
- Deixa que eu o levo.
- Não tem problema, não, Raphael. Deixa que eu...
- Você está cansada.

E, afinal, eu já estava em pé, ao lado do sofá. Chamei o nome do menino, com minha mão sobre seu ombrinho. Ele foi levantado de seu lugar por forças invisíveis e levado até o banheiro. Enquanto ele esvaziou a bexiga, preparei a escova de dente. E quando ele terminou de escovar os dentes, eu o mandei escovar de novo, polindo bem os dentes dos fundos e limpando a língua, o que ele não gostou muito. E eu o mandei fazer xixi de novo.

Ele, ainda sonolento, saiu do banheiro e virou-se à esquerda. Com leve firmeza, direcionei seus ombros em meia-volta, levando-o à cama de solteiro forrado com Sinistro. Ele até que choramingou um pouco, desconfortável sem saber o porquê. Mas eu sou psicólogo. Era nítido para mim o que aconteceria. Eu o aquietei com alguns carinhos na cabeça, dizendo que eu já voltaria. Saí, e fiz conforme prometi: já voltei, com um travesseiro do outro quarto debaixo de um braço e um edredom da cesta de roupa suja, separado para ser levado à lavanderia qualquer dia destes. O menino precisava de cheiros familiares, e esse conjunto de Sinistro cheirando a quarto fechado e estocagem de Zelo nem chegava perto.

Antes de encostar a porta, eu lhe assegurei de que estávamos logo ali ao lado, ainda na sala. Ele nem respondeu: e, francamente, suspeito que nem me ouviu, a julgar pela maneira que ele havia se enterrado no edredom e travesseiro usados.

Natasha viu o que fiz, e sorria. Mas não era um sorriso feliz. Era inseguro. Ela me olhava de baixo para cima, um pássaro em minha mão, esperando ver o que eu faria.

- Não sei se essa é uma boa idéia – ela pronunciou.

– Já eu vejo urgência. Um menino não pode dormir com sua mãe para sempre.

– É, eu sei...

Ela deixou a meia frase no ar, e eu me recusei a completá-la.

– Bom. Você se lembra da outra vez.

– Mas isso já faz tempo. Agora ele está acostumado com a casa.

– É. Mas.

– Isso é bom. O trauma só vai lhe ajudar a re-configurar seus afetos. É assim que passamos de fase a fase, e não tem volta. Não obstante as fixações, é claro. Mas e você? Como você se sente agora?

Ela franziu a testa, mexeu a boca, franziu a testa de outro jeito.

– Como assim?

Eu não falei mais. Esperei, assistindo seu desconforto. Seu não-verbal comunicava que era absurdo perguntar algo assim, como se a resposta fosse óbvia.

Terapia é cura dolorida. Eu aguardava palavras. A falta destas palavras a torturava. Então eu guardei. Ela mesma havia pedido terapia para tomar jeito.

– Sei lá, eu só não acho uma boa idéia colocá-lo sozinho naquela cama. Não quero que ele a deixe mijada, só isso.

Esse era um mecanismo de defesa. Ela racionalizava, e tanto eu quanto ela sabíamos disso.

Ela tentava se ajeitar na cadeira, tentava encontrar uma posição mais confortável.

– O que foi? O que você está olhando?

Falei – Nada.

– Por que você está sorrindo?

– Que tal você me dizer o que realmente a incomoda?

– Não, nada.

Outro mecanismo de defesa: a negação.

– Tudo bem, você quer saber se isso me incomoda? Incomoda. É lógico que isso incomoda. Que mãe não se incomodaria com a idéia de seu filho pequeno dormir longe dela? É normal. Mas não é bem *incômodo*. É mais... sei lá. – Seus dedos voltaram a se entrelaçarem nos seus cabelos pretos. – É preocupação.

Outro mecanismo de defesa: agora era substituição.

– Preocupação com...?

– Se ele tiver um pesadelo a noite, ou se sentir sozinho?

Agora eu apostaria em projeção.

– É verdade – falei –. E se ele se sentir sozinho?

– Eu sei, eu sei que é bobeira. Por estar aí no quarto ao lado.

Completei – E ele está seguro aqui. A casa é segura. Você e eu, Natasha, estamos juntos aqui para cuidar dele.

Fiz questão de enfatizar que *nós* estávamos *juntos*. Ela tinha que ouvir estas palavras saindo da minha boca.

– É, né? – ela disse.

– É, sim. – Lhe assegurei. Apertei sua mão por cima da mesa. – E quanto a você?

– Quanto a mim? Como assim?

– Como é a idéia de dormir sozinha?

– Não, sim, quanto a mim, é tranqüilo.

– Faz quanto tempo você não dorme sozinha?

Ela soltou o ar por entre lábios tensos, assoprando como se soltasse fumaça. – Hugh voltou de seu último *tour* uns sete meses antes do divórcio. Dois meses depois, eu estava na minha mãe, aí o Brian dormia comigo.

– E mesmo com o Hugh... como você disse? Fazendo viagem?

– *Tour*.

– Fazendo *tour*, você não sossegava. Ainda dormia com sua ausência.

– Não entendi.

– Como você dormia quando ele viajava?

– Eu não dormia, até passar umas duas ou três noites em claro. E aí eu desmaiava.

Não era bem “dormir”.

– Então. Você dormia com a ausência do Hugh.

– Hm. Nunca pensei nisso desse jeito.

– O que você sente?

– Eu me sinto... – Seu pescoço saltou para trás, como se ela tivesse soluço ou fosse arrotar. Tasha suspirou profundamente pelas narinas. – Sinto que quero fumar.

Ela girou sobre a cadeira, erguendo-se e se lançando ao outro lado da sala, onde o vento forçava o vidro e a chuva dava tapas. Eu até pensei que ela sairia em meio à tempestade.

– Tasha, o que você sente?

Ela passou a tossir contra o vidro que a chuva castigava. Seus joelhos se dobraram, e ela se curvou sobre o chão ao lado da mesa de centro de vidro, tossindo de fazer reverberar os anéis de cartilagem da traquéia. Eu logo tinha um copo de água pronto para ela, mas isso não lhe aliviou a tosse que dobrava seu corpo e empurrava sua língua para longe de sua garganta. Deixei o copo na mesa de centro e, com mãos firmes, ajudei-a a se deitar, recebendo sua cabeça no meu colo, na medida do possível no reduzido espaço. Aos poucos, o arco que se impunha à sua coluna se endireitou.

Com sua cabeça em um braço e o copo de água na outra mão, eu lhe dei de beber. A posição era incômoda, fincados como estávamos entre a mesa de centro e a janela e a fúria da chuva a centímetros da gente.

Quando ela finalmente pôde falar, ela disse – Ser fumante, Raphael, é foda.

– Mas você não tinha parado?

– *Once a smoker...*

A posição era incômoda, tampouco queríamos sair dela. Ela comentava que entendia o que eu quis dizer sobre ela dormir sozinha. Não que ela concordasse ou discordasse, simplesmente entendia.

– Também... Só assim para eu tomar jeito.

– Mas o que é o “tomar jeito” de que você tanto fala?

Eu a via da cabeça para baixo, pois eu me inclinava sobre ela, com sua cabeça entre minhas mãos e sobre minhas coxas.

– Minha vida, Raphael. Vejo você aí, fazendo as suas coisas, a Rejane com mestrado sendo turista do mundo... Você sabia que ela está para ir à Indonésia agora?

– Não, eu não sabia.

– Pois é. Eu tenho segundo grau, e aí eu parei. Não tenho habilidades grandes, não estou produzindo nada. E acho que Brian merece mais amor do que eu lhe dou.

– Você não vai ajudá-lo até que ele seja livre. Enquanto você precisar dele.

– Eu sei disso. Já sei.

– E, no fundo, você sabe que não está sozinha nisso.

– Sei.

Houve duas ou três ondas de chuva contra o vidro. Brian chegou a sair do quarto, mas mal estava consciente e Tasha o levou de volta à cama.

– E a Fabíola? Como foi?

– Ah. Sim. Foi legal.

– Deu para pôr a conversa em dia?

– Deu. Deu, sim.

– E... O que aconteceu?

Não pude não rir dela.

– A gente se divertiu.

– Que bom por você. S. Vocês.

– É, que bom.

– Beberam muito?

– O suficiente.

– Dançaram?

– Não.

– Se você não quiser me contar, não precisa.

– Não é bem assim...

– Só acho um pouco estranho. Você sempre quis me contar as coisas.

Não tinha como negar que isso era verdade.

– Não é bem isso... – eu falei. E minha voz estava mais fina do que eu queria que estivesse.

– Então me conta. Você a levou até o hotel.

– Levei. Sempre levo.

– Raphael, eu não vou achar ruim com você se vocês transaram. Pode contar.

A chuva e a mesa de centro estavam pertos demais. Definitivamente, aí não era meu lugar. Tirei sua cabeça do meu colo e fui até o sofá. Ela me acompanhou e deitou seus pés sobre meu colo.

– Vocês transaram, não transaram? – Ela sorria pelo canto da boca, com uma feição mais vulgar do que eu jamais tivesse visto nela. No tempo do colégio, ela não era assim.

– Só me fala uma coisa: você fez a festa?

– Huh?

– Lá embaixo, o sexo oral, você fez? Como queria?

– Tasha...

– Que foi?

Eu iria dizer que estava tarde e que deveríamos dormir porque amanhã era segunda-feira.

Eu disse – Amizade.

A palavra veio do além, como se fosse para me impedir de qualquer outra coisa.

E eu queria encher meus braços de Tasha, deitar sua cabeça em meu ombro e tocar a base de suas costas.

Ela riu e disse – Eu sabia.

Natasha ficou na sua metade do sofá, com um sorriso estampado em sua cara. E lá ela ficou, imóvel e sorridente como uma foto.

– Vem cá.

– O quê?

– Vem cá – falei. – Deite aqui.

– Como?

Então eu peguei suas duas mãos e lhe olhei no centro de seus olhos para não deixar restarem dúvidas.

– Namoro ou amizade: eu digo que é amizade. Sinceramente, a esta altura do campeonato, eu nem acredito mais em relacionamentos compromissados. Ou gosta, ou não gosta. É amizade. Só pode ser porque o resto nem existe. Mas isso nunca, *nunca*, vai afetar o que temos aqui, o que eu sinto por você.

Senti suas mãos se retraíndo. Mas eu as prendi.

– Simplesmente é impossível.

Ela começaria a dizer algo, se tivesse as palavras a serem ditas.

– Não importa o que aconteceu na noite passada porque isso não vai afetar a *nossa* amizade.

Seus olhos negros eram forçados a se abrirem, grandes e ovais como só no oriente. Como a uma deusa pagã, eu era atraído por algo terrível neles e repellido por algo divino.

Meus dedos, *apenas* meus dedos, se enchiam de Natasha.



Há momentos que são profundos. Este foi um deles. Na nossa primeira conversa na varanda, eu mal a olhava, relacionando-me com ela por som. Nas noites de rotina, sempre colocávamos coisas *entre* nós, seja um jogo de baralho, uma foto, ou um assunto parrudo. Ou víamos a televisão.

Mas isso não era verdade. Tivemos muitos momentos nestes meses, momentos inesquecíveis, momentos que me provaram que ainda era possível ter aquela certeza intransitiva que eu tivera quando adolescente. Não posso menosprezar os momentos que eu dividia com essa pessoa que muito possivelmente era meu “Jônatas”.

Mas nem isso era verdade. Algo novo e único acontecia, algo que nos repelia ao mesmo tempo em que atraía. Pois ela não puxava as suas mãos para tirá-las de mim. Ela puxava as *minhas* mãos para *perto* dela. Mas eu não me movia. Eu não me movia porque ao queria entrar neste mundo desconhecido.

Nem isso era verdadeiro. Eu sabia muito bem o que aconteceria.

A verdade era que esse momento – esta farpa no tecido da minha biografia – era profundo. Profundo como é um poço. Profundo, chamativo. Profundo e escuro, profundo com ecos. Aquilo que é profundo é também vazio. É esse vazio – Tasha me tem em seus olhos, tão escuros que não há fronteira entre íris e pupila, tão escuros que vejo meu reflexo, onde meu olhar se volta contra mim – é esse vazio que me atrai, que me dá vertigem, que me dá segurança.

Porque isso é verdadeiro: é um momento que eu conheço. Eu o conheço pela falta, pelo desejo que eu tive desde meus dias ouvindo o rádio a tarde inteira, trancado em meu quarto, contemplando a morte. Quase quinze anos depois (o tempo de alguém nascer, crescer, passar pela puberdade e se apaixonar) este momento veio a ser.

E é um momento profundo. É um momento vazio.

Eu me dei conta de que respirávamos. Respirávamos com movimentos bruscos do peito, ao mesmo tempo, no mesmo ritmo, quase sem fôlego, quase prendendo a

respiração, quase respirando, em movimentos complementares, eu para dentro, ela para fora, eu para fora, ela para dentro, o ar úmido porque saiu de suas narinas e voltando para ela dos meus pulmões.

E ela retirou suas mãos das minhas. Ela chacoalhou a cabeça, desarrumando seu cabelo liso e exclamando – Puxa!

Eu só disse – Uau.

Mas nem por isso acabou-se nosso momento. Tasha passou seus calcanhares por cima da minha cabeça para depois plantá-los no chão. Assim, ela sentava ao meu lado, de frente à televisão, onde víamos o reflexo de um homem, de corpo já um pouco flácido, de semblante já um pouco esgotado, e de uma mulher, de sorriso jovem que ela jamais teve na sua juventude.

Senti seus braços em volta do meu pescoço e vi sua cabeça se pousar em meu ombro. E lá eu senti o peso velado pelo seu fino cabelo preto. Alguns fios caíram sobre seu rosto, mas ela os afastou.

Não havia música, não havia chá. Não havia imagem, não havia cortes de edição. Não havia cores fosforescentes. Não havia risadas forçadas. Não havia nostalgia, porque eu tirei meu olhar do reflexo na televisão para olhar a Tasha mais uma vez. Ainda era um mistério para mim: tantas outras pessoas passaram por nossas vidas, e sabíamos um pouco mais do que antes, tínhamos um pouco menos fé do que antes, mas ainda éramos aqueles mesmos dois.

Por tanto tempo, eu me perguntava por que Deus Ihe havia levado para tão longe, e eu queria acreditar que era por um Bem Maior. Hoje, sem saber no quê acredito, se é que eu preciso mesmo acreditar, não entendo como voltamos para cá. Este Bem que agora temos é algo tão caótico, tão sem sentido, tão isento de causa, que sou tentado a finalmente parar de tentar acreditar em Deus e deixar a vida me levar, sem sentir o peso

do céu e do inferno, fazendo o que eu entendo ser melhor para mim. Aliás, já parei de acreditar. Só me falta deixar a vida me levar.

Isso, por causa de você.



Tempos que giram você de ponta cabeça e lhe arrancam as tripas não o largam sem deixarem as suas marcas.

Casa do Carlos. Assuntos de conversa são menos importantes do que o próprio evento da conversa. Jogos do *Master System: Alex Kidd, Shinobi, R-Type, Double Dragon, Castle of Illusion, Alex Kidd in Shinobi World*. Com dois videocassetes, é possível copiar os VHSes alugados. Na sua coleção: *Highlander, Batman* (com intenção de ainda conseguir pegar *Batman Returns*), a Trilogia do *De Volta Para o Futuro, He-Man, Operação Dragão, Jack Burton nas Garras do Mandarin* e, nosso predileto, *Os Goonies*. Dizem que a cópia não é ilegal se for para uso pessoal. Bola de tênis jogada contra a parede e pequenos lanches, pudins ou sorvete trazidos por sua mãe. Na minha casa, minha mãe os recebe da mesma maneira – quando minha mãe em casa estava, quando não estava em viagem de trabalho – e meu pai faz calabresa defumada.

Somos em três. A casa do Carlos é o lugar mais fácil para a gente se reunir.

Carlos trouxe um desenho animado para copiar: *Heavy Metal*. Poxa, Carlos, desenho animado? O Joaquim da locadora da esquina disse que não era como qualquer outro desenho que tivéssemos visto. Fita virgem no vídeo de baixo. A fita desvirtuada no videocassete de cima. Com coordenação precisa, as máquinas: sincronizadas.

Um astronauta de carro conversível, atmosfera perfurada, um milharal, uma casa antiga, um pai chegando em casa ao som da fúria de *hair metal*. Uma inocente filha de minissaia, um presente que veio do além. Ao abrir o pai o presente, sua pele e todos os seus músculos se derreteram, deixando um esqueleto e um poço banhados em luz verde. O rosto da menina se contorceu com horror, como um pano embolado. Este desenho é diferente de qualquer outro que eu já vi. Não sabia se eu deveria ver este desenho animado. Não como servo de Cristo.

“Muito prazer. Sinta medo. Sinta muito medo. Sou o mais desejado dos homens. Alguns me oferecem sacrifícios e me prestam culto. Alguns dariam tudo que lhes é

querido para me possuir. Muito prazer,” disse uma voz de dentro da luz verde dentro da televisão, “eu sou o terrível poder das trevas.”

Achei que estava na hora de eu voltar para casa. Carlos disse que já ia abrir o portão para mim. Mas seus olhos estavam vidrados em *Heavy Metal*. Ninguém se mexia. E não era possível parar as fitas, uma vez sincronizadas.

E assim prosseguia o desenho animado. Corpos eram derretidos, pessoas eram trapaceadas, tiros eram disparados em Nova Iorque com sujeira que parecia saltar da tela. Uma moça fugiu, um taxista a resgatou e a levou até sua própria casa. Ela se despiu todinha, e no desenho animado vimos uma cena de sexo explícito.

Carlos avaliou que a desenharam direitinho.

Eu devia mesmo voltar para casa. Não disse nada. Eu já estava metido no meio disso. Havia um arrepio abaixo do meu estômago. Aonde daria isso?

Todos morreram por ganância, por desejarem o mais desejado de todos os homens. E a luz verde furtou um menino, levando-o a um planeta cheio de monstros e sacrifícios de belas e nuas virgens, todas desenhadas “direitinho”. O rei afeminado, a prova de balas, chamou seu guarda como se fosse um garçom francês: “Norl!”

E Carlos achou graça. Repetiu-se a palavra, o tom de voz, o gesto afetado: “Norl!”

Norl, então, ganhou seu apelido. Enquanto isso, o herói resgatou a virgem, e a deflorou aí à nossa frente.

Eu não voltei para casa naquela tarde. Não a tempo de fugir do filme. Retirou-se de mim alguma coisa naquela tarde.

*Já.*

*Já* havia acontecido. *Já* tinha sido feito. O resto da tarde seria um mero acréscimo. Eu sentia um peso que deixava a cabeça mais leve, um desânimo que me dava mais energia. Independente do conteúdo da próxima fita, eu topava vê-la. Só que não houve próxima fita, e voltei para casa.

Durante dois meses, segurei dentro de mim o peso de ter visto *Heavy Metal*. As imagens do desenho animado. Corrosão até a medula dos meus ossos.

“Norl! Norl!”, depois que Norl conta uma piada. “Norl! Norl!”, quando ele vem pela calçada.

Eu dou risada. Claro que dou. Entrementes, o brilho dos meus dias se esvai. Eu sinto no meu âmago que *já* fora feito o que havia sido feito. Furtar uma olhada à uma revista pornô na banca de jornal só acrescenta: fundo branco, seios de fora, e as palavras em letras pretas: “sexo é bom!”

Ele se concentra em seus estudos: “Norl! Norl!” Ele se distrai por algo fora da janela: “Norl! Norl!”

Até eu confessar, eu bem o sei, meu pecado permanece comigo. Mas ninguém o conhece, então continuam me tratando do mesmo jeito. Mas... e se Jesus voltar neste instante? Ele não me encontraria sem pecado. Eu veria todas as outras pessoas indo com ele, enquanto eu ficaria do lado de fora da Nova Jerusalém, com o Dragão, a Besta, os mentirosos e os feiticeiros. E se Jesus voltar agora?

“Norl! Norl!”, só por ele ter nascido.

Antes de dizer qualquer coisa, penso duas vezes, por medo de me entregar por deslize de língua. É óbvio que ninguém, nem na minha família nem na igreja teria visto o desenho animado que não era como qualquer outro desenho animado. É claro que ninguém sabia o que é uma bola verde no meio do espaço, nem quem cavalgava um canário gigante. Mesmo assim, a vez em que eu vi um canário na casa da líder de jovens, meus lábios se fecharam sobre si mesmos. Quando vi uma bola verde rolar para dentro do Lago dos Patos, fiquei pasmo. Um dia, na escola dominical, ouvi uma garota dois anos mais velha do que eu dizer, ao se inclinar sobre um menininho, “puxa! Você o desenhou direitinho!”

Foi no final do culto antes da minha saída para a campanha missionária que finalmente confessei. Foi quando um missionário australiano pregou sobre a mulher hemorrágica. Gregory Dangerfield. No final da pregação, através de seu tradutor, ele chamou à frente todos que sentiam que algo emperrava as suas vidas, enquanto a congregação cantava, *“Cantarei uma nova canção”*, tradução de *40*, do U2. Com a viagem missionária faltando horas para começar, com alguém que eu não conhecia à frente do santuário, eu não tinha escolha: tinha que ser aí, à frente dos olhos da minha família e dos meus amigos. À frente, eu fui. Gregory orava com as mãos encostadas às testas das pessoas. Algumas pessoas caíam nos braços de membros da equipe de intercessão. Meus olhos, fechados. As palmas das minhas mãos, viradas para cima. Assustei-me ao sentir uma mão em meu ombro. O tradutor me perguntou pelo quê eu queria oração.

– Eu vi... vi... – meus soluços vieram à tona. Mal consegui dizer nada. Havia fogo em minha testa. Desisti de falar uma frase inteira. As últimas palavras que consegui dizer: *“Heavy Metal”*. Passei a chorar e gritar, gritar e chorar. Meu rosto se derretia. Eu suava.

– *I saw that film.* – disse a voz distante do missionário. Sua oração, o tradutor me contou: “Deus, eu sei que você conhece tudo, antes mesmo de nós lhe dizermos. Meu irmão tomou coragem para abrir seu coração a você. Mostre sua graça infinita, que coisa alguma apaga.” Gritei, chorei, chorei, gritei. “Tire de sua mente as imagens que lhe atribulam. Encha-o de ti. Encha-o de ti.”

Meus punhos se abriram. Nem sabia que estavam fechados. Se abriram enquanto o tradutor me abraçava. Ele orava em línguas estranhas. Sons guturais. Vogais. “L”s e “R”s puxados. Gregory Dangerfield também pôs uma mão sobre meu ombro. Com as mãos abertas, apertei os dois contra meu corpo. Eu estava livre, e me sentia mais leve do que nunca.

No carro, silêncio. Meu pai me olhava pelo retrovisor, e eu sabia que ele queria ter a conversa séria comigo. Mas minha mãe o impedia com sua mão sobre sua coxa: discricção de mulher que comanda. Em meu coração, lhe agradei.

Campanha missionária, uma tarde de lazer. Eu sentava a beira-mar, e sentia a brisa tocar os pêlos do meu rosto que nunca sentiu o raspar de uma gilete e via gente que corria. Gente que jogava bola. Gente que brincava de pega-pega. Mas quanto a mim, eu tinha parado para respirar e olhar. Eu saí da correria, e *olhei*. E, ao olhar, eu vi beleza à minha volta. A praia, não mais lugar de correria e gritaria, lugar de pular ondas com o sal subindo por minhas narinas e pingando atrás do céu da minha boca: era uma outra praia que eu olhava, um outro azul, um outro sussurro da espuma que escorria por entre os grãos. Eu senti a distância entre mim e o horizonte. Entre nós, havia um pequeno navio do tamanho de um prédio modesto. Os raios do sol tocavam uma camada logo abaixo da minha pele, já dando indícios da queimadura que estava por vir. Por enquanto, esse toque dentro da minha pele dizia-me uma única coisa: “Liberdade...” Eu poderia correr até o parasol, eu poderia passar um protetor solar. Pela primeira vez, senti os raios do sol. Eu vi que era bom.

A brisa salgada fazia cócegas nos pequenos pêlos da minha face, fazendo tremerem só um pouco as bases cravadas em de mim. Havia gente pulando onda, gente que eu conhecia entre eles, novas amizades. Entre eles, Fabrício, meu designado parceiro de oração, um Jônatas. Depois eu iria até eles, mas antes... Eu me sentia separado daqueles corpos que subiam pelas ondas junto com as algas e espirravam água e gritavam e riam. Sem conexão com eles, a imensidão que eu sentia entre mim e o horizonte conectava-me. Eu nunca havia pensado em ver um quilômetro, mas aí, diante de mim, alguns quilômetros se apresentavam. Até onde alcança a minha visão?, fiquei a pensar.

Eu me voltei ao azul acima de mim. Neste azul, minha visão alcança aonde não tem fim. E, no meio desse infinito, o sol que me queimava estava relativamente próximo, o sol



cujas explosões têm centenas de vezes o tamanho do nosso planeta. Mesmo assim, meus olhos o viam – mesmo que por alguns segundos, após os quais eu tinha que cerrá-los, ainda assim pagando o preço da cegueira por alguns minutos. Eu ainda sentia seu calor. Eu ainda voltava meu peito nu aos seus raios, deixando que me tocassem, porque eu vi que era bom.

Cego, eu ouvi risadas de vozes que eu acabara de conhecer na equipe missionária. As risadas me chamavam com sua alegria. Por mais um segundo, ouvi atentamente a espuma escorrer entre os grãos de areia. E, depois, fui de encontro ao grupo que brincava sobre as ondas, espirrando sal e água e tentando tocar a pele e a carne por onde borbulhavam hormônios.

Estas são as férias de verão rendidas ao serviço a Deus. Durante um mês, eu estou longe da proteção e das decisões dos meus pais. A própria decisão de participar desta campanha teve que brotar em meu coração, e de forma alguma poderia surgir pela vontade dos meus pais. A responsabilidade da minha experiência é totalmente minha. Aprendemos a passar quarenta e cinco minutos em silêncio, em oração e estudo bíblico. Voltamos aos pontos principais das Boas Novas: que Deus habitou entre nós e entregou Sua vida para que não tivéssemos que morrer, e assim conhecemos o que é o Amor. Cantamos músicas já bastante conhecidas. Aprendemos músicas novas. A música tema, quando possível com percussão de Axé: *“Deus está aqui... Operando em nossos corações...”*

Intercalamos momentos de introspecção, celebração e lazer com visitas a orfanatos, presídios, asilos e favelas. Para as crianças, eu tinha aprendido a fazer esculturas com bexigas enquanto contava a história da Criação, segundo o primeiro capítulo de Gênesis. No começo, eu abordava as pessoas dizendo, “você sabia que Deus tem um grande plano para sua vida? Pois é, o plano está aqui, em João 3:16...” Logo aprendi que pessoas querem falar, e não ouvir. Aprendi isso quando entrei na casa de uma senhora

em uma favela praticamente construída *sobre* o mar em São Vicente. A Dona Yolanda logo me respondeu, “sim, conheço o plano de Deus para minha vida. Ele levou todos os meus nove filhos, um por um. Eu fiquei sozinha aqui para sofrer neste buraco. Não me fale que Deus é Amor que ele não tem lugar aqui, não. O Amor, tem.” Ela não queria ouvir que Deus amou o mundo de tal maneira que mandou seu filho unigênito. Eu fiz esta visita com Melissa. Melissa tomou a frente da conversa e pediu para ouvir sobre os filhos da Dona Yolanda. Eu fiquei quieto, deixando a Melissa levar a conversa.

Há uma regra fundamental na campanha: não podem surgir namoros. Lucas e Ana Paula já namoravam antes de se iniciar a campanha missionária, e não tem sentido impedi-los de namorarem – isso os líderes deixaram bem claro quando chegamos na Baixada. Mas nosso foco não deveria ser em procurar parceiros, mas sim em Se Aproximar a Deus e Levar Mais Gente Conosco. “Vinde e vede,” dizíamos. E há um mecanismo fácil para impedir “situações”: no ônibus, um rapaz não pode sentar ao lado de uma moça. Minha amizade com Melissa não sofria por causa disso. Eu a conheci em um destes momentos de oração em grupo, e continuamos a conversar depois das orações. Não me lembro ao certo qual foi o assunto que rendeu tantas horas de conversa. Terminamos as orações, o grupo dissipou, conversamos, conversamos mais, conversamos na fila do almoço, almoçamos juntos, lavamos nossas louças juntos, limpamos um banheiro juntos, jogamos pingue-pongue, jogamos truco com outros dois, conversamos um pouco debaixo de uma árvore. Paramos para tomar banho, mas combinamos de se encontrar na fila do jantar, onde nós de fato nos encontramos e continuamos a conversar até algumas horas depois da refeição. Algumas outras pessoas entraram e saíram da conversa neste tempo, pessoas que não permaneciam. No final da noite, cada um foi para o quarto de seu respectivo sexo.

No ônibus, quando vamos às visitas, ela senta na poltrona à minha frente, e se contorce um pouco para a gente conversar.

Ela diz assim às pessoas, quando chance tem: “você precisa abrir seu coração a Jesus. Isso não significa pegar uma faca e *abrir* seu coração.” Um gesto de punho fechado sobre um punhal imaginário. “Significa que você precisa se abrir a Ele, deixar que Ele te ame. Você quer fazer uma oração comigo? Repita assim...”

Uma loira anda com a gente, parceira de oração da Melissa.

Sou respeitoso em tudo que faço, e quando tenho chance de ser cavaleiro, eu o sou. Lucas, que já tem dezessete anos, me perguntou o que eu sentia em relação a um relacionamento mais profundo com a Melissa depois da campanha. Eu disse que eu estava aberto à possibilidade.

– Mas isso é de Deus?

– Claro que é. Olha só para ela. Da carne não pode ser...

Melissa mora em Vitória, Espírito Santo. Ela foi criada pela madrasta, a qual se casou de novo e logo depois morreu, deixando-a com uma espécie de “padrasto de segundo grau”. Ela é a única pessoa no seu núcleo familiar que havia aberto seu coração a Jesus. A “família” respeita seu desejo de freqüentar a igreja, mas não a acompanha. Mesmo assim, ela participa da equipe de louvor, dá aula na escola dominical, participa das reuniões de oração, e é secretária da mocidade. Tudo isso, aos quatorze anos.

– Você está normal, Raphael?

A pergunta veio do Rodrigo, que, a meu ver, participa da campanha só por farra. Puxa, eu estava tendo uma conversa agradável com minha nova amiga, e ele tinha logo que tocar no assunto.

Melissa perguntou – Normal?

Vermelho como um pimentão, fingi que não era nada.

Uma tarde, dois dias antes: deitado no beliche, quase dormindo, quase acordado. Sem motivo algum, eu senti que estava tendo uma ereção. Faltava pouco tempo para servirem o jantar, e eu tinha que tomar banho. Depois de uns seis ou sete minutos, a

minha situação não havia mudado. Mesmo assim, o tempo estava acabando, e eu tinha que tomar um banho antes de ir ao jantar. Logo depois do jantar daquela noite daríamos apoio em uma peça evangelística, ficando para conversar e/ou orar com as pessoas depois da apresentação. Tempo, só para escovar os dentes. Mas a ereção não ia embora. Então eu fui até o banheiro e me despi, do jeito que eu estava, na maior naturalidade fingida. Esbugalhados, os outros meninos. Um tumulto e tanto. Fabrício disse que “masturbação não é de Deus” – mas esse nem havia sido o caso.

Ouvi a voz do Lucas passando pela porta. – O que está acontecendo?

– O pinto do Raphael está gigante!

Lucas veio conferir. Com tanta gente de olho, finalmente a ereção havia abaixado. – O que é isso, gente? Ele está normal.

E pronto, cunhou-se o termo. Do Rodrigo ao Tiago – O que você acha do Raphael?

– Sei lá, ele é um cara normal. – Do Tiago ao Rodrigo.

Mas Melissa não sabe desta história, nem virá a saber.

O palco já estava posicionado à beira de uma praça. Por um lado: uma estrutura metálica. No centro da praça: um coreto antigo. A peça começaria às oito horas da noite, enquanto caía a luz do sol. O rumor era que havia um efeito especial com luzes ao final da peça que, quando começava enquanto havia luz do dia, era inesperada. O ministério de louvor da igreja que acompanhávamos (uma Presbiteriana) fazia a trilha sonora ao vivo, com teclado e guitarra. Começamos a nos preparar espiritualmente meia hora antes do horário para a peça começar.

Faltando cinco minutos para as oito horas, chegou o recado: não havia eletricidade. Pela tarde, tinham testado todas as conexões, todas as entradas e todas as saídas. Mas, sem luz, não poderiam começar. Então nós demos as mãos, e passamos a orar. Passados mais vinte minutos, o Tio Samuel nos dispensou para simplesmente esperar.

Dispersou-se a equipe. Refrigerante. Bancos da praça. Deixar que a equipe da peça cuide da instalação.

Eu sentia um pequeno vento frio, e fui até o ônibus para pegar a jaqueta. Não que fosse necessário em Janeiro na baixada Santista, mas era algo para fazer enquanto esperava. Indo até o ônibus, eu fazia pedidos para o Senhor consertar o equipamento. Peguei a jaqueta, falei qualquer coisa ao Seu Pedro, o motorista do ônibus. Voltando ao outro lado da praça, eu me lembrei do estudo que fizemos sobre uma passagem do livro de Tiago: é necessário pedir com fé. Até então, eu pedia mecanicamente, fazia a oração que se faz diante de obstáculos. Então eu fiz a mesma oração, desta vez colocando em risco a própria bondade de Deus: pedi com fé de que Ele responderia.

“Senhor, se você quisesse, você mandaria luz.”

O breu da noite recém-nascida brilhou com holofotes do palco, delineando a silhueta das árvores. Pisquei.

No ônibus, trocamos experiências da noite. Eu contei do rapaz que eu avistei de longe e com quem senti que deveríamos conversar. Melissa completou a frase, contando que ele não conseguia sair de onde ele estava: seus pés simplesmente tinham ficados congelados naquela posição. Ele mesmo disse que, mesmo se ele tivesse dito, “pés, andem!”, ele não conseguiria andar. Ele até estava entrando em silencioso pânico quando nós o abordamos. Queriam saber se ele havia aceitado a Jesus. Deixei Melissa responder, já que eu já havia lhe dado bronca por ela não me deixar oferecer a oração. Nós nem fizemos o discurso sobre abrir o coração com faca. Eu pensei que, dadas as condições extraordinárias – milagrosas, até – deveríamos tomar a iniciativa. Para ela, só o fato de conversarmos com ele e ouvirmos a sua história, só da conversa se dar daquele jeito, que Deus estava se revelando a ele e a nós. Ela disse que saiu tão transformada da conversa quanto o rapaz, e isso era o que tinha que acontecer. Tio Samuel: vocês devem ao menos arriscar. Melissa não replicou a ele com o argumento que usara comigo: ela

não queria dar a chance para ninguém pecar o pecado que não tem perdão, o de recusar ao Espírito Santo. Para Tio Samuel, ela apenas fez que estava ouvindo.

Fernanda é alguns meses mais velha do que a Melissa, alguns meses mais nova do que eu. É a própria garota latina. Seu cabelo dourado é tingido com um tom de loiro idêntico à sua pele bronzeada. Apesar de ser de Guarulhos, quase não conversamos, simplesmente porque ela anda por outros grupos na campanha. Ela e Ana Paula contaram que, naquela noite, presenciaram uma resposta de oração. Elas tinham ficado bastante angustiadas com o problema da luz, então quando o grupo se separou antes da peça, elas permaneceram em oração junto com a Ediméia, a esposa do Tio Samuel. Mas, enquanto oravam, sentiam uma coisa muito ruim. À Fernanda, veio a imagem de pássaros tentando voar, mas cobertos por petróleo, o qual, na visão, cobria o oceano. Na visão, ela também viu a extensão e a profundidade de todo o oceano. Em comparação, a camada de petróleo era pequena. Mesmo assim, os pássaros estavam presos. Ediméia interpretou que o oceano representava as orações, e o petróleo, a religiosidade. Ediméia explicou que orações têm grande poder, mas a religiosidade, fazer-por-fazer-porque-é-*assim-que-se-faz*, impede a fé de participar da oração. Elas eram os pássaros. Confessaram sua religiosidade, oraram “*reacenda a nossa fé e a fé de todos na campanha e, se for da sua vontade, faze a luz voltar*”. Não mais do que dois minutos depois, as luzes do palco se acenderam. Terminamos a conversa no ônibus agradecendo a Deus pelas pessoas que viram a peça, reconhecendo que o tempo de Deus, o *Kairós*, é perfeito e superior ao *Cronos*, o tempo dos homens. Cantamos, a meia voz, “*Deus está aqui... Aleluia... Tão certo como o ar que eu respiro...*”

No último dia da campanha, eu contei à Melissa como eu me sentia em relação a ela. Logo depois do almoço, pouco antes de juntarmos as malas no ônibus, eu a puxei pelo cotovelo.

– Escuta, eu estava pensando que a gente poderia manter contato ainda depois da gente voltar aos nossos cantos.

Sorrindo – Claro! Me empresta seu caderno.

– Deixei no quarto.

– Então me empresta a sua mão. – E ela segurou meu pulso na sua mão direita enquanto ela escrevia com a mão esquerda. Seu corpo estava próximo ao meu.

Dançávamos, só que não estávamos dançando. O endereço ficou de ponta-cabeça. Eu tinha que girar a mão para lê-lo.

– E se a gente namorar assim? – perguntei. Soou tão natural.

Seu sorriso permaneceu, mas se encheu de melancolia. Ela pôs a mão em minha face. Eu sabia que havia gente a nossa volta tomando nota do gesto.

– Raphael, você sabe que distâncias acabam com namoros.

Na verdade, eu sequer namorara. Quem diria, então, à distância. Mas eu disse que sim.

A última coisa de que me lembro dela é que ela me disse – A gente vai se falando.

Eles nos devolveram a tempo de aproveitarmos o fim-de-semana com família e igreja antes de retornarmos às aulas.

Compartilhei com meu pai as minhas experiências concretas. Eu tinha visto e ouvido coisas com meus próprios ouvidos e olhos. Até agora, ele reparte comigo as verdades da Bíblia, ele me ajuda a interpretar passagens mais difíceis, ele me ajuda a distinguir o certo do errado e o bem do mal. Ao me ouvir, ele se remexia atrás do volante feito criança, deixando-se levar pelo sangue italiano. Desta vez, no lugar de histórias bíblicas e dogmas, ele deu testemunho de uma experiência sua na praça central de Ibiúna. No caminho até lá, indo de caminhão, parecia que havia uma praga: ele só via urubus à beira da estrada e sobrevoando a paisagem. Montaram uma caixa de som em meio à praça, com apenas a guitarra do missionário, um norte-americano, o qual passou a tocar com

notas lentas o hino “A Mensagem da Cruz”. O coral de vozes masculinas entoou, “Sim eu amo a mensagem da cruz... ‘Té a morte eu a vou proclamar...” Pássaros elegantes voavam entre as nuvens, centenas de pássaros. Todos juntos vojavam e caíam e subiam novamente. Dançavam com o hino que se cantava. Conclusão: o louvor a Deus invoca a beleza da Criação para colocá-la aos pés do Criador.

Não sinto necessidade de contar a ele sobre a Melissa. Não conquistei minha primeira namorada, portanto, não tenho nada a declarar.

Já com minha mãe, o que importa é que eu voltei a ela depois de três semanas longe, como se ela nunca ficasse ausente. Com ela, sempre senti falta de conexão. Quando ela quer conversar, não há conversa. Nossas tentativas de conversa me deixam desconfiado de que eu não tenho nada a ver com ela. Eu a vejo jogando baralho e xadrez em total silêncio até altas horas, tomando chá de camomila, e a desconfiança se torna certeza de que nem parentesco há entre nós dois. Não importa, para ela, conversar comigo. Importa, sim, a minha presença em casa para a sua vida poder seguir em frente como haveria de seguir.

Fui ao encontro do grupo de jovens ainda no crepúsculo das férias de verão. Estes encontros acontecem no salão da igreja, em baixo do santuário. Jogos de sinuca (rapazes) e pequenas rodas de conversa (garotas). Uns quinze minutos depois do horário de “começar”, meu pai chama todos para a roda de cadeiras de plástico, onde começamos formalmente com uma oração. O barulho de adolescentes cessa, e o salão se enche de silenciosa reverência. A própria oração é um longo período de quietude, interrompido em alguns momentos por palavras.

– ... Oh, Senhor... Viemos aqui... para te adorar... sonda nossos corações... somos falhos... não merecemos... não merecemos estar em tua presença... Te convidamos, Santo Espírito... Te convidamos... Maranata...

Houve uma longa pausa.



– Te convidamos... Sim. Amém, e amém.

E, assim, Sérgio, em pé com seu violão apoiado sobre o joelho cuja perna se apoiava em uma das cadeiras de plástico alaranjado, puxou alguns acordes em ritmo acelerado. Ele parou de tocar para bater palmas no ritmo que ele iria tocar, e nós cuidamos da percussão com nossas palmas. Aí, ele retomou a música.

*“Senhor, Eu te exalto...”* Sérgio fez outra seqüência rápida de acordes. *“Como é bom cantar louvores...”* Ele repetiu a seqüência.

Foram umas duas ou três músicas deste naipe. Aí ele mudou de ritmo, como se costuma fazer. Sérgio puxou uma canção mais contemplativa.

*“Ó Rei das Nações... Quem não temerá...? Quem não glorificará... Teu nome...?”*

O clima em meio ao grupo se mudou. Aos poucos, olhos se fecharam. Aos poucos, mãos se elevaram ao alto. Aos poucos, o círculo tomou movimentos orgânicos, expandindo e contraindo conforme as ondas que nos levavam.

*“Àquele que é, àquele que era, àquele que será...”*

Comecei a perceber coisas. O mundo inteiro estaria na mão de alguém. Isso não é o tipo de coisas que um dia você deduz. É como a mortalidade: eu sempre o soube. De alguma maneira, esse conhecimento fazia parte de mim. De olhar as ilhas e o mar e a maneira em que os prédios e o asfalto se estendem sobre a terra como quem esconde os espólios furtados e as nuvens sobre as nuvens montadas sobre uma barreira invisível e a chuva e os raios e as pernas de um gato quando salta até o topo de um muro. Há beleza. Até na merda, há beleza.

*“Santo, santo, santo... àquele que é, àquele que era, àquele que será...”*

A mesma frase ao som do violão, de olhos fechados e mãos levantadas. Não sei quantas vezes. A cada vez, as sílabas eram mais doces, eram mais naturais, eram mais autônomas. Meus lábios acompanhavam os contornos destes elementos vivos, se curvavam pelas voltas que os sons esculpiam ao som da multidão de vinte e meia dúzia

de adolescentes. Palavras são mensageiras. Elas têm o poder de descortinar câmaras do coração aos quais, desde os primórdios dos meus dias, concedia-se a esperança de um dia se abrirem à luz. Palavras têm o poder de trazer aquilo para o qual estas câmaras foram feitas. Poder de invocar.

Mas como, então, nomear a Deus?

*“Santo, santo, santo... àquele que é, àquele que era, àquele que será...”*

Alguém bateu palmas quatro vezes, fora do ritmo, como quem se aquece ao fogo, como quem ora com paixão.

Eu sentia uma presença. Senti algo maior do que eu, maior do que nós, maior do que a Grande São Paulo e a serra que eu acabara de subir. Eu o sentia como se fosse um calor aconchegante sobre o órgão que palpitava dentro de mim, um calor que preenchia melhor do que o fôlego de vida em meus pulmões. Eu não estava mais em pé: estava sentado na áspera cadeira de plástico montado sobre arcos de metal. Meus antebraços se apoiavam sobre os joelhos para suportarem o peso da minha face que se derramava nas palmas das minhas mãos. As lágrimas de alegria, as lágrimas de um corpo que não podia suportar o tamanho de tudo que se abria.

*“Santo, santo, santo... Deus todo-poderoso... àquele que é, àquele que era, àquele que será...”*

Aquele toque maior do que os astros acariciava-me lá dentro, no lugar secreto onde eu sou quem sou, cuja palavra “Raphael” abre as portas de sua ante-sala.

Como, então, nomear a Deus? Como posso invocá-Lo?

Mas Deus veio. “Por que Deus se deixaria ser chamado?” é a pergunta que flutua sobre a experiência como petróleo sobre o mar.

Eu faria uma oração, “Quem sou eu?”. Mas havia outro anseio dentro de mim, como se a tempestade batesse à minha porta. Eu já via as outras pessoas agirem assim. Crescendo. Diziam que era incontrolável, que quando vinha, eu não conseguiria o reprimir.

Mas eu sentia que isso pedia licença. Meu coração pedia permissão para responder assim.

*“Santo, santo, santo... Deus Todo-poderoso... àquele que é, àquele que era, àquele que será...”*

Dei permissão às palavras novas. Deixei que novas sílabas escorressem pelas vias da minha laringe, deslizassem sobre minha língua, roçassem meus dentes e guiassem meus lábios e língua. Palavras misteriosas, invocando o mistério, tocavam regiões obscuras. Aquele toque mostrava que isso, também, era bom.

*“Àquele que é, àquele que era, àquele que será... toda honra, toda glória, todo o poder, pelo século dos séculos...”*

Alguém bateu palmas quatro vezes.

*“Século dos séculos...”*

Algumas pessoas uivaram e ulularam.

*“Séculos dos séculos...”*

Senti o peso da mão de um homem na base da minha nuca, e o calor do meu pai e a sua voz ao meu lado, compartilhando comigo este momento e louvando esta presença maior que nos cercava.

*“Meu prazer é estar... Nos átrios do Senhor... Meu prazer é viver... na casa de Deus... Onde flui o amor...”*

A voz do Sérgio nos unificou e encerrou o momento com uma oração. – Deus, queremos entrar em tua presença... Queremos estar na tua presença, ó Deus. Nos leva até os átrios do teu coração. Entrem, entrem no coração de Deus, onde flui o amor... Onde flui o amor... Ministrando louvor...

Eu tenha a plena certeza de que há algo muito maior “lá fora” do que as preocupações adolescentes permitam enxergar. Há quem quer comparar isso aos homens na caverna na parábola que Platão contava, mas não é bem isso que eu sinto.

Eu não tenho a visão condescendente de que eu sou privilegiado por ter uma visão mais ampla e menos temerosa. Pelo contrário: eu me sinto entrando em contato com aquilo que eu sempre sabia, e que neste momento adolescente que vivemos, corremos o risco de ficarmos acorrentados. Esta humildade é, pelo menos em parte, sombra da Melissa em mim.

Mesmo estudando em colégio Adventista, eu ouço comentários que nivelam Deus, Papai Noel e o Coelho da Páscoa. (E alguém passou a cantarolar, “*coelhinho, se eu fosse como tu...*”) Por outro lado, há quem queria enquadrar as experiências em sistemas litúrgicas e bons modos. Muitos argumentos contra uma contemplação mais apaixonada alegam que isso não era para todos, então não deveria acontecer. “Perguntam” – e é fundamental reconhecer as aspas em perguntas retóricas – como um dirigente de louvor faria todos entrarem em transe em todo culto enquanto cantavam hinos ao som do piano.

Mesmo discordando em tudo menos os pontos do “Credo Apostólico” – e, mesmo assim, tivemos discussões acaloradas sobre a frase, “Ele desceu ao inferno” – meu professor de religião, um índio que anda de paletó, devoto da- e teólogo formado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, desafia-me a apegar-me profundamente às minhas convicções. Ele me ensina que há uma caminhada espiritual solitária para cada pessoa. Não é solidão, diz ele, pois a caminhada solitária é intimidade com Deus. Tampouco, acrescentava, é ela sem companheiros, pois é na troca de histórias e na intercessão dos e pelos outros que este caminho se revela a nós.

Isto, para mim, faz sentido. Eu preciso ter meus amigos, mas eu tenho que assumir a responsabilidade pela minha vida. Tenho que brincar e me levar a sério ao mesmo tempo.

Um outro ponto de vista sobre a mesma tese: muitos entrariam e sairiam da minha vida, mas o essencial é eu encontrar nestas coisas efêmeras algo constante.

Ainda outro ponto de vista: muitos seriam meus amigos, mas a minha vida só poderia ser compartilhada com uma menina que saberia se levar a sério, que teria uma proposta para sua vida, assim como eu tinha.

Ela é nova na escola, e eu sou a única pessoa que ela conhece em toda a instituição. Isso dificulta os primeiros cinco minutos de convivência, pois eu *tinha* de me distanciar dos amigos para falar com ela, provocando os amigos a apelidarem-na de minha namoradinha. Cheguei cedo para o primeiro dia de aula, justamente para colocar a conversa em dia com aqueles que são amigos de peito durante os dias de aula, sendo estes aqueles que eu não via em nenhum dos dias das minhas férias. O ano de oitava série, o último do ginásio, prometia.

Carlos começou o ano perguntando para todos, “O que tenho no bolso esquerdo?” Ele termina todos os questionários agora com a mesma pergunta, “O que tenho no bolso esquerdo?” Ele tenta inaugurar um novo apelido para si mesmo: Bolseiro. Mas isso não pega. Mesmo assim, ele nos treina a responder, “No bolso esquerdo, você tem meu presente de aniversário.”

A chegada dela na sala de aula foi uma mistura de tentativa de ser invisível com projeções de carisma natural. A sala já estava cheia de gente que já se conhecia. Ela portava um sorriso torto estampado em seu rosto. Sua calça jeans destoava da calça quase moletom e quase azul do uniforme. Sua camiseta enfiada na calça traçava um ângulo agudo desde seus seios até a cintura fina. Nela estava escrita, “Jesus te ama, e eu também”.

Primeiro, eu a vi, e fingi não conhecer a Fernanda. Aí eu me senti mal por ignorar alguém que conhecia somente a mim. Eu imaginei o que eu diria para ela, mas o fato era que nunca tínhamos conversado direito antes. Provavelmente qualquer coisa que eu fosse dizer sairia como uma tremenda idiotice, como costumava sair nestas horas. Fingi estar interessadíssimo na conversa do Carlos e Norl sobre Mega Drive e *Altered Beast*, o

qual jogaram durante as férias todas. Mas dava dó de vê-la assim. E ela me viu, e ela sorriu com sorriso ainda mais torto, e eu apenas acenei para ela. Eu não tinha nada a dizer para ela.

Mas faltavam dois minutos para as sete e meia. Respirei fundo para ir até ela e dizer “oi”. Chegando perto, tive uma idéia melhor, que, enquanto idéia, era bem charmosa.

– Isso é perseguição?

Seu sorriso sumiu, substituído por um ponto de interrogação. Professora Edmunda, de Ciências, entrou na sala, e sentamo-nos às carteiras. A diversão durante as suas aulas é chutar valores numéricos para cada letra de seu nome, somá-los, e chegar em 666. Quando encontrada a soma exata, dizemos, “eu sabia!”

Enquanto a professora (carinhosamente chamada de Mum-Rá) lia o devocional do dia e fazia a oração, eu tomei a decisão: depois da aula, eu chamaria a Fernanda para vir sentar com a gente e eu a apresentaria ao Carlos e Norl.

Mas isso não aconteceu. Quando deu o intervalo, ela já estava entrosada com as duas mais Nerds da sala: a Coreana Carina, e a japonesa mestiça Natasha. O máximo que fiz foi acenar para ela ao sair da sala rumo ao recreio.

Só realmente conversamos depois da primeira aula de religião do Professor Fábio, o Índio. Foi ela quem se aproximou, falando com a cabeça inclinada só um pouco, só o suficiente para fazer o cabelo fluir sobre seu ombro direito. Ela, agora vestindo o uniforme cor de tempo nublado, se encostava a uma das carteiras enquanto eu ainda nem tinha me levantado para continuar minha discussão com o professor, como é de costume. De certa forma, é mais crime deixar as meninas usarem este uniforme de calça apertada do que permitir que desfilassem de calça jeans. Explicaram para a gente que a calça jeans tinha conotação sexual, então era mais decente usarem estas calças. E nem perceberam, pelo jeito, que o uniforme deixava tudo mais redondo.

Ela disse – o pessoal aqui acredita em algumas coisas estranhas...

– Pois é...

– Só queria te dizer que admiro muito o que você fez aí na aula. A gente tem que se posicionar para Cristo até nesta escola...

– Eu sempre trago a minha Bíblia...

– Eu também... – e ela descruzou seus braços, revelando uma pequena Bíblia preta, com zíper.

– Qual versão você lê?

– Linguagem de Hoje. E você...?

O meu já estava em cima da mesa, com capa dura de cortiço. – Revista e Corrigida.

– Legal...

Carlos e Norl estavam em pé, conversando perto da lousa. Não estava claro se eles deveriam ir à fila da cantina ou me esperar. Eu os ignorei. Apontei à Fernanda a parábola que eu mostraria ao professor. Ele tinha ensinado que o homem dorme ao morrer, sendo que só irá ressuscitar quando Jesus voltar. Mas havia a parábola do Rico e Lázaro que conta como este vai para o céu e aquele ao inferno. Era muito claro que o próprio Jesus acreditava que iremos ao céu logo ao morrer.

– É mesmo... – Fernanda disse. – Também tem aqui esta parte na cruz... cadê...

Aqui: “Eu afirmo a você que isto é verdade: hoje você estará comigo no paraíso”. Taí, ó.

No mínimo, Fernanda tem se tornado a minha aliada. E no máximo?

As conversas que acontecem entre nós acontecem mais depois das aulas de religião. Carlos e Norl sabem que, no intervalo de quartas e sextas-feiras, nem precisam me esperar. Fico com Fernanda por mais uns minutos. E assim se prossegue por alguns meses: Eu e Fernanda, Eu e Carlos e Norl, Fernanda e Carina e Natasha.

Eu arranquei, ou você arrancou, *alguém* arrancou minha camisa. Mais do que apenas um botão acertou a mesa de vidro como pedrita lançada à janela de um quarto.

Você me inundou com chuva de beijos. Ainda trovejava a tempestade no outro lado da porta de vidro, ainda sem cortinas, a privacidade de estar diante de um largo cemitério e de ter somente luzes à vista a distância.

Meu peito poderia explodir. Minha pele, exposta, seus lábios saltitando da minha testa à face, do peito ao pescoço, à boca, à boca, à testa, aos olhos fechados, à boca, à boca, à boca, à boca...

Pele, a minha pele, aberta, sem nada que me separasse do frio, da paixão, dos beijos de sua boca, de sua boca, de sua boca...

Entre seus joelhos, com a camisa rasgada me prendendo os cotovelos, eu não podia fazer mais do que esticar meu pescoço para beber mais destes milhares de milhares de beijos que você – Tasha! Céus, Tasha! – despendia em mim.

Você ria ao por sua boca em mim. Eu tentava vir de encontro à sua boca. Isso só fez seu corpo tremer ainda mais com ainda mais risadas, só fez sua boca ficar ainda mais ágil e mais esticada com seu sorriso.

Você carimbava seu sorriso sobre meus ombros, meus mamilos, meus lábios. Ainda assim, prendia-me com seus punhos fechados sobre a camisa rasgada.

Em sua boca, o sal do meu suor.

Com seu pélvis embalado por calça moletom sobre minha calça Kakhi, você percebeu aquilo que eu sentia em meu íntimo: meu pênis estava pronto para entrar em ação. Você só sorriu feito cobra, e saltou ao meu pescoço.

Esse tempo todo, eu sentia voltar a mim todas as perguntas que me suscitaram quando eu era apaixonado por você: de que tamanho e de que cor eram seus mamilos? Como é o gosto de sua nuca? Como você reagiria se sentisse minha ereção ao sentar no



meu colo na montanha russa Tornado no Playcenter? Você seria mais esfomeada ou mais submissa na cama?

Esse tempo todo, não tinha tempo.

Seu pescoço me sufocava, e era tão macio quanto no dia em que nasceu.

Pondo minha força contra a sua, levantei meus antebraços. Antes que você pudesse responder ao meu ato, enganchei as pontas dos meus dedos na cintura de sua calça moletom. Quando, então, você respondeu ao meu ato, empurrando meus cotovelos, dispensando toda a sua força, você também expôs as suas ancas ao nosso reflexo na televisão desligada.

Por isso, você enfiou ainda mais seus joelhos no sofá da minha sala. Por isso, você se esfregava com ainda mais vigor. Você me beijou agora com beijos mais sérios, mais moles. Beijos com ecos, beijos com fluídos.

Bastou você se erguer sobre seus joelhos para meus dedos enganchados arrancarem sua calça e calcinha. Sua pele era como pura mármore – branca, quase azulada – e seu púbis, como amoras – preta, quase roxo – depilada de forma a cobrir apenas o encontrar dos grandes lábios.

Não tinha tempo para olhar. Você voltou a plantar seus beijos em mim.

Só por um instante. Seus dedos – pequenos e um pouco gordos, agora com esmalte azul escuro, mas que certa vez você pintou de preto para chocar a Congregação Cristã do Brasil e a Igreja Adventista do Sétimo Dia, tudo em um dia só – seus dedos tentavam agir no meu cinto. Mas estes dedos estavam estabanados.

Você suspirou – Tira, tira.

Eu também estava todo estabanado. Consegui abrir o cinto, abrir o botão, abrir o zíper. Expus o pêlo que desce pelo estômago, desde o umbigo até o púbis. A cueca estava enganchada em minha ereção.

Você a pegou na palma da mão para mover a cueca branca e trazer meu pênis ao ar livre.

Empurrei a calça, alcancei por cima de sua perna nua, puxei mais o tecido, levantei o pélvis –

Nossos sexos se roçaram, fechando os seus olhos e tirando seu fôlego.

Chutei a roupa que ainda se agarrava aos meus calcanhares.

Lá estava eu, diante da porta de vidro, nu, a não ser a camisa em volta dos meus antebraços e a cintura e a meia preta que abraçava as batatas das minhas pernas.

Lá estava você, diante da tempestade, nua da cintura para baixo, coberta por uma blusa branca da cintura para cima, de laço desamarrado.

Ainda havia mistérios para desvendar.

– Oh – você disse, por trás de suas mãos.

– Que foi? – esticando o pescoço por mais do seu carinho.

– Você... O seu... Não tem circuncisão!

Não fiz mais nada. Esperei.

– É que é diferente.

Esperei.

Você voltou ao meu corpo. Exerci um pouco de esforço para meu pênis se encaixar dentro de sua vagina.

Você se retirou um pouco. – Não.

Tudo bem, então.

Seus punhos prenderam minha camisa e, assim, meus braços. Agora, não tinha beijos com seus lábios. Havia leveza sobre meu quadril, carinhos sobre meu sexo, ao seu sexo se dobrar sobre o meu.

No reflexo, eu vi nosso encontro. Era um encontro, apenas.

Seus olhos estavam fechados. Seus movimentos, introspectivos. Você respirava por entre dentes cerrados.

Lentamente, sua cabeça e seu cabelo se inclinaram, como se você caísse no sono.

Era por instinto, e não por querer: meu membro quase deslizava para dentro de você. Ao que você dizia: “Não!” Mas não perdia o ritmo.

E você parou, de olhos abertos e ouvido inclinado.

– Você ouviu isso?

– O quê?

– Aquilo.

– Aquilo, o quê?

– Acho que o Brian...

Você saltou do sofá e correu até o corredor, com o corpo dobrado como se, dobrada, você pudesse esconder sua nudez. Isso só empurrou suas ancas para trás.

Eu ainda tinha uma ereção que fazia jus ao termo “pau”. Ela doía, de tão duro.

Não dava para ficar lá, parado. Fui até minha jaqueta. Sobravam duas camisinhas no pacote, as quais coloquei sobre a mesa de centro. Tirei a camisa e as meias. Agora eu estava, de fato, nu.

Enquanto isso, ouvi o estalar da porta do quarto do Brian. Segundos depois, ouvi o estalar da porta do seu quarto.

Você voltou com o edredom Alexandre Hercovitch em volta de sua cintura, ainda vestida de blusa aberta, revelando apenas a curva dos seus seios. O edredom parecia uma saia armada vestida ao contrário.

Com seus dedos contra meu peito, você me fez cair no sofá na mesma posição que antes. Diante de mim, você estava sorrindo. Você se descortinou feito cisne saindo da água. O cheiro estava forte.

Mais uma vez, eu me apaixonei pelo mármore e o cacho de framboesas: por sua pélvis e seu púbis. E esses voltaram à posição sobre mim, agora cobertos pelo edredom. Este retinha nosso calor.

Você usou o cobertor para prender meus braços. Eu achei que eu me tinha deixado prender. Mas você prendeu meus braços de jeito. Eu só pude esticar meu tronco para vir mais próximo a você. Você tinha retomado seu ritmo, um pouco de dança do corpo todo para cima e para baixo, um pouco de carinho de sua vulva com movimentos para frente e para trás.

Eu me esticava, mas mal conseguia alcançar a delicadeza do seu pescoço. Você se inclinava para longe da minha boca, fugia da ternura dos leves beijos.

Era evidente.

Ao inclinar-se para trás, você me conduzia ao amplo espaço revelado pelo decote de sua blusa.

Enterrei a face entre seus seios. Usei meu rosto para cavar pelo tecido. Ofeguei por entre seus peitos. A proximidade cegava.

O calor do nosso suor, a fricção dos nossos quadris, seu líquido sobre meu membro, tudo isso acendeu o fogo: a contagem regressiva havia começado e eu não conseguiria me conter.

Mas você pausou. Com a cabeça inclinada, seu ouvido estava atento e seu cabelo estava sobre meus olhos. Só se ouvia os ecos do furor dos motores.

Abafou-se o meu furor.

Você, mais uma vez, retomou o movimento. No escuro do nosso reflexo, o edredom exagerava seus movimentos.

Seu quadril tinha volúpia.

Um espasmo: um deslize, um enrosco de ponta com orifício.

– Não!

Você abraçava minha cabeça contra seu peito. Tudo era cheiro, calor e gosto. Tudo era cegueira. Minha mão encontrou a linha das suas costas.

Um *crescendo*: um salto, um reencontro das carnes.

– Não!

Seu hálito era úmido e fazia tremer a minha nuca.

A contagem regressiva voltou. Tensão na palma contra suas costas, peso na testa contra seu ombro.

A unha do meu pé fez estalar a mesa de centro.

Você saltou de cima de mim e se instalou ao meu lado no sofá. Sobrou apenas o clima de namorados em banco de praça em tempos antigos.

Mas não havia mais ninguém na sala.

Eu disse – Foi mal. Fui eu.

Você disse – Ai, droga. Eu estava quase lá.

Eu disse – Eu também.

Você disse, fazendo bico de pato – É foda, viu.

Eu estranhei ouvir esta palavra, vindo de você.

Não dissemos nada.

A energia ainda pulsava pela minha pele. Eu sabia que a energia ainda pulsava pela sua.

Encontrei um caminho sobre o espaço entre nós, por baixo do edredom e por cima das almofadas do sofá. Minha coxa encontrou a sua.

Fiz do meu braço esquerdo seu travesseiro. Guiei você aos meus cuidados, como eu fiz nas noites de sua febre. Sua fronte perspirava.

Posicionei a mão direita entre as suas coxas. Você suspirou. Eu a acariciei.

Movimentos leves da minha mão. Movimentos profundos do seu quadril.

Nossos olhos, enamorados. Eu não piscava. Nem você piscava. Seus olhos estavam escuros, dilatados, e lacrimejavam só um pouco.

Movimentos mais profundos. Suas costas arquejavam para depois descer ainda mais.

– Ah!

Suas coxas não se contentavam com meus dedos. Você esfregava seu sexo na palma da minha mão, e subia. Sua vulva raspava contra meu pulso e, em seguida, contra meu antebraço todo.

Enquanto isso, seu olhar estava acoplado ao o meu.

Você parecia dizer – Não!

– Mas eu não fiz nada –

– *Now! Agora! Now!* – Você suspirou, e com suas unhas você quase arrancou fora meu pau.

– Ah, sim, claro!

Com o mesmo braço direito, alcancei uma das camisinhas. Com o braço esquerdo, protegi você da força da gravidade.

Usei os dentes para abrir o pacote.

Esse tempo todo, não havia tempo.

Você se agarrou em mim para não perder tempo.

Eu entrei dentro de você, e você se revirou por dentro, com a testa enterrada em meu pescoço, respirando sobre a minha pele.

Você era suor do meu suor, pele da minha pele, sexo do meu sexo, sopro do meu sopro, toque do meu toque.

Eu me revirava dentro de você, até liberar meu gozo.

Não se ouvia nada. Tremíamos até os tímpanos nesta noite de chuva. Nossos corpos estavam lubrificados pelo calor.

Empurrei meu quadril para cima, contra seus músculos. Você empurrou seu corpo para baixo, sobre meu colo.

Exalamos, demos grunhidos, sentimos espasmos, inalamos o cabelo um do outro. Tudo para não acordar o Brian.

E, quando tudo acabou, ainda havia resquícios de energia ecoando onde meu pênis e sua vagina se uniam em uma só carne.

De repente, nós nos vimos na mesma sala de estar, diante da mesma parede, debaixo do edredom branco cortado por três ou quatro linhas pretas.

Era um momento para se dizer alguma coisa.

Ao invés disso, nossos olhos permaneceram acoplados.

Nossa respiração perdia a sincronia. Você respirava mais rápido do que eu.

Eu ainda senti um pequeno espasmo.

Aos poucos, eu percebia que sentia calor.

Ainda assim, nossos olhos estavam fixos um no outro.

Você fazia carinho na minha perna com seu pé.

Eu deitava uma mão sobre seu seio por baixo da blusa molhada.

Isso era suficiente para passar a noite inteira. Agora, tinha tempo.

Tinha tempo de sobra.

Tínhamos todo o tempo do mundo.

Eu disse – Você quer tomar alguma coisa?

Você disse – Eu quero.

Tirei meu corpo de cima de você. Com som de apaixonado beijo molhado – SMACK!  
– saí de dentro.

Vestido apenas de camisinha murcha, fui até a cozinha. Voltei com dois copos de água. Você me esperou voltar para se sentar.

– Obrigada.

Ao erguer-se você, o edredom caiu em volta de sua cintura. Assisti a delicadeza da água descendo por dentro de sua garganta, curtindo a maneira em que seus músculos se moviam.

Sua blusa molhada do suor de nos dois revelava o formato, tamanho e cor dos seus mamilos e dos seus discos.

– Obrigada – você disse, com voz de quem saciou a sede. Segurando as mangas com as pontas dos dedos –, Preciso de um banho.

– Eu também.

Por alguns minutos, ficamos em chuveiros separados. Você me acompanhava em minha memória de curto prazo, assim como eu seu que eu a acompanhei.

Quando saí do chuveiro, encontrei você toda nua sobre a cama que se tornara sua. Você estava coberta de sombras.

– Sabe... – eu disse, parado na porta. – Ainda tem uma última camisinha. Você encara?

Você ficou de bruços. Seus seios se encostavam ao lençol da cama. Você brilhava com um vigor que eu jamais vi em você.

Natasha me disse – *Bring it on.*





Acordar com um sonho.

Seja o sonho Natasha Siqueira.

Tempestade, vidro.

Juntos pelas palmas das mãos.

Um jardim japonês.

Quando Giro dorme, ronca.

Quando Giro ronca, não acorda por nada.

Abrir gavetas.

Da última gaveta, pegar e abrir o envelope roxo, já envelhecido e gasto nas bordas.

*“Você não teve que abrir a porta para entrar. Simplesmente estava lá, sentado ao meu lado, embaixo do edredom comigo. Você segurou a minha mão entre as suas. Não precisávamos dizer nada. Você me abraçou em seu olhar, seu olhar brilhante com cílios escuros.”*

Perceber: não há quem a substitua.

Voltar à cama.

Se for só um sonho, deixar a vida seguir adiante.

Se sentir a sua presença no mundo, acreditar em telepatia.

Se acreditar em telepatia, procurá-la.

Fazer *download* e instalação do ICQ.

Fazer *logon* com possíveis senhas antigas, por tentativa e erro.

Fazer busca por “Natasha Siqueira”.

Clicar em um dos perfis encontrados. Escolher a opção “Enviar mensagem”.

Enviar o seguinte texto: “Aqui é o Rapha Volpe. Você é a Natasha Siqueira que estudou comigo?”

Repetir a operação com cada um dos quatro perfis.

Se não tiver resposta, voltar a dormir.

Se tiver resposta –

Natasha Siqueira: Boa noite, Rafa!

Raphael Volpe: Tasha?

N.S.: Vejamos o que você sabe.

R.V.: Como você está?

N.S.: Vou bem. Quem ganhou o jogo do Palmeiras?

R.V.: São Paulo. Em que parte do mundo você está agora?

N.S.: Estou em casa. Em qual rua de São Paulo fazia-se torturas durante a ditadura militar?

R.V.: Não sei.

N.S.: Rua Tutóia, no bairro Paraíso.

R.V.: O que você está fazendo?

N.S.: Não consigo dormir. Como se chama a parte masculina da flor?

R.V.: Acho que é “gérmen”. Algo assim.

N.S.: Não. É “androceu”.

R.V.: Mas o que você está fazendo da vida?

N.S.: Qual livro do José de Alencar virou filme pornô-chanchada?

R.V.: Você é a Natasha Siqueira que estudou comigo de '90 a '95?

N.S.: Qual livro do José de Alencar virou filme pornô-chanchada?

R.V.: Não sei.

N.S.: *Iracema*, com Helena Ramos. Que cor é turquesa?

R.V.: Verde.

N.S.: Não. Azul. Onde aconteceram os tribunais de crimes de guerra da 2a Guerra Mundial?

R.V.: Nuremburg.

N.S.: Muito bem.

Esperar. Ouvir Cazuzza terminar de cantar *Carta Dani*. Ouvir Charly García iniciar a canção *Vos También Estabas Verde*.

N.S.: Rafa?

Esperar.

N.S.: Você está aí?

Esperar.

N.S.: Rafa...

R.V.: Estou aqui.

N.S.: Quanto é a aceleração em queda livre?

R.V.: 9,8.

N.S.: Isso. No sistema Americano, é 32,2 ft/s<sup>2</sup>.

R.V.: Eu te procurei porque estava pensando em você.

N.S.: Em mim? Que bonitinho.

R.V.: É. Acho que sonhei contigo.

N.S.: Legal. Quem dirigiu *The Wall*?

R.V.: Não sei.

N.S.: Alan Parker. Quais novelas já terminaram este ano?

R.V.: Nunca fui muito ligado em novela. Isso era mais com você. Você acompanha aí nos EUA?

Esperar.

Ouvir Chary García terminar *Vos También Estabas Verde*.

Perceber a hora. Pensar que deveria estar dormindo.

Ouvir Raul Seixas iniciar *Tu És o MDC da Minha Vida*.

N.S.: Quais novelas já terminaram este ano?

R.V.: Agora está passando *O Clone*.

N.S.: Quais novelas já terminaram este ano?

R.V.: *A Padroeira*?

N.S.: *A Padroeira* e *As Filhas da Mãe*. O que tenho no bolso esquerdo?

R.V.: Você tem falado com Carlos?

N.S.: O que tenho no bolso esquerdo?

R.V.: O anel, meu presente de aniversário.

N.S.: Muito bem. Que tipo de corrente elétrica é usada em cadeira elétrica?

R.V.: Não sei. Você é a Tasha que fugiu de casa para morar com a mãe nos EUA?

N.S.: Qual lugar no mundo recebe mais visita de alienígena?

R.V.: Sua mãe é fascinada por OVNI porque acha legal ou porque teve um encontro imediato?

N.S.: Qual lugar no mundo recebe mais visita de alienígena?

R.V.: Corrente alternada.

N.S.: Muito bem.

R.V.: Não sei qual lugar.

N.S.: Woomera, Austrália.

R.V.: Você ainda trabalha na fábrica de chocolate?

N.S.: Você prefere Antártica a Kuat?

R.V.: Você já provou Kuat? Você saiu do Brasil em '96.

N.S.: Lógico. Você prefere Antártica a Kuat?

R.V.: Antártica.

N.S.: Você vai votar em Lula, Ciro Gomes, Serra ou Garotinho?

R.V.: Serra, eu acho.

N.S.: Escorpião é a) inseto, b) aracnídeo ou c) outro?

R.V.: c) outro.

N.S.: Errado. É aracnídeo.

R.V.: Por que você pergunta tanta coisa?

N.S.: Não é divertido? Quem descobriu América?

R.V.: Cristóvão Colombo.

N.S.: Não. Foi o Leif Erikson. Onde mora o Djavan?

R.V.: Minha vez. Vejamos que tipo de Americana é você: do Norte ou do Sul. Quem inventou o avião?

N.S.: Santos Dumont. Onde mora o Djavan?

R.V.: Rio de Janeiro.

Se não gostar do jogo, parar.

Se gostar do jogo, continuar.

Se duvidar da pessoa do outro lado, fazer perguntas que Natasha saberia responder.

R.V.: Quem foi crucificado de ponta-cabeça?

N.S.: São Pedro. Quem foi goleiro na copa de '98?

Se usar o termo “São”, deduzir origens católicas.

R.V.: Taffarel, um Atleta de Cristo, e Carlos Germano. Quem é a profetisa da Igreja Adventista?

Esperar.

N.S.: Como morreu Álvares de Azevedo?

R.V.: Como se chama a profetisa da Igreja Adventista?

N.S.: Tumor na fossa ilíaca, aos vinte anos.

R.V.: Qual era seu nome?

Esperar.

N.S.: Eu sou a Natasha Siqueira.

R.V.: E a profetiza?

N.S.: Você quer ver uma foto de mim?

R.V.: Quero.

N.S.: Vai ficar querendo. Além de Hiroshima, onde mais caiu a bomba atômica?

R.V.: Nagasaki. Completa o versículo: “Nisto conhecemos o que é o Amor:\_\_\_\_\_”

N.S.: O que é um gazebo?

Se não for a Tasha, encerrar a conversa.

Se for a Tasha, continuar.

“Sessão encerrada.”

Voltar a tentar dormir.



**De:** Raphael Volpe [volpe.rapha@yahoo.com.br]  
**Enviado em:** Sábado, 5 de Julho, 2003 09:35  
**Para:** Natasha Siqueira Kaiser [hamtaro.cuty@gmail.com]  
**Assunto:** RES: Re: RES: Re: RES: Quanto tempo!

É sempre bom receber mensagem sua.

Que coisa isso do seu marido ir para a guerra e tal. Imagino que deva ser difícil. Quando quiser, pode desabafar comigo, ok? Posso ser seu psicólogo. Afinal, você foi a minha psicóloga por tanto tempo, te devo essa. Meu telefone é (55 11) 9221-1333.

As coisas estão indo bem com a Andréa. Por um tempo, evitamos chamar o que está acontecendo de “namoro”. Acho que ela se cansou da palavra e das responsabilidades todas. Aí, de repente, ela queria que eu fosse seu namorado. Assim, então, estou oficialmente namorando!

Ela vem para cá hoje à noite e, então, talvez não seja uma boa idéia você ligar neste fim de semana. Aliás, fim de semana pode ser complicado. Não que eu ache que tenha nada, só acho prudente.

*Love you!*

R.

- > **De:** Natasha Siqueira Kaiser [hamtaro.cuty@gmail.com]
- > **Enviado em:** Sábado, 5 de Julho, 2003 01:15
- > **Para:** Raphael Volpe [volpe.rapha@yahoo.com.br]
- > **Assunto:** Re: RES: Re: RES: Quanto tempo!
- > Aargh! Estou com tanta raiva do meu marido agora! O Saturn pifou, e
- > ele não conseguiu consertar antes de sair ao Iraque de novo. E o pior é que
- > ele nem precisava ir mais. Mas ele viu a necessidade, talvez tivesse a ver

- > com o feriado, e quis apoiar as tropas. Tinha algo a ver com alguma coisa
- > que o presidente disse.
- > Eu pedi desculpas pelas coisas que falei, mas ele não deu o braço a
- > torcer. E agora ele viajou... Acho que essas coisas se resolve antes de
- > qualquer coisa. Principalmente se for para deixar sua família para trás.
- > Tenho mais coisa para fazer.
- > Desculpe, estou andei tomando vinho. Passei a noite com os Kaisers,
- > vimos fogos de artifício. Agora estou em casa, e estou sozinha com o meu
- > vinho. Acho que vou fumar mais um maço antes de dormir, se eu conseguir.
- > As coisas estão uma zona por aqui.

>> **De:** Raphael Volpe [volpe.rapha@yahoo.com.br]

>> **Enviado em:** Quinta-feira, 8 de Maio, 2003 19:53

>> **Para:** Natasha Siqueira Kaiser [hamtaro.cuty@gmail.com]

>> **Assunto:** RES: Re: RES: Quanto tempo!

>> Que bom que você está tendo tempo para ficar com Hugh. Imagino  
>> que deva ter sido difícil com ele longe assim, ainda mais no Iraque. Esta  
>> situação toda é complicada. E ainda mais passando na televisão a toda  
>> hora, só posso imaginar como tem sido este último mês.

>> Você tem falado com o pessoal? Eu já não os vejo desde antes de  
>> começar a primeira faculdade. Que irônico você saber mais do que eu, você  
>> morando em Virginia e eu aqui do lado deles.

>> Tenho que te contar uma coisa; Você se lembra de uma situação uns  
>> sete anos atrás? Era na época que eu ainda era obcecado pela Fer (não  
>> quero nem me lembrar disso). Não sei se te contei. Foi *bem* na época que  
>> você viajou. Tinha uma amiga no curso de Filosofia. Ela era meio que



>> minha pior inimiga, ideologicamente, mas a gente tinha bastante carinho um  
>> pelo outro. Ela era a maior atéia na época, e vinha com umas conversas  
>> horríveis, dizendo que a vida não tinha sentido porque a gente morre e tudo  
>> acontece por mero acaso. Ela não aceitava quando eu falava que Deus  
>> tinha me prometido a Fer, perguntava se eu renunciaria a minha fé se não  
>> fosse acontecer com ela. A gente brigava e se abraçava de brincadeira.

>> No ano seguinte, meus pais se separaram, a Fer me dispensou de  
>> vez, e tudo foi por água abaixo. Mas aí vai um longo tangente e não quero  
>> ser prolixo.

>> Enfim, cruzei com ela no cinema vendo uma obra prima nacional sobre  
>> um rapaz que rompe com a religiosidade de sua família. A Andréa agora  
>> acredita em uma força maior, pelo jeito. Ela está muito mais viva, mais  
>> sorridente, mais colorida. Colocamos a conversa em dia. Foi como se não  
>> tivéssemos passados tanto tempo separados. Eu tinha me esquecido que  
>> ela se move como um peixe, e de como sua voz é mansa, apesar de seu  
>> gênio.

>> Ela acaba de terminar um namoro bastante sério e longo. Alíás, foi  
>> com o Guilherme (ou Gustavo, esqueci o nome) que ela começou a  
>> namorar quando tranquei a primeira faculdade. Foi por causa dele que  
>> paramos com as nossas brincadeiras. É que dizíamos que, como casal,  
>> tínhamos um projeto de nós nos divorciarmos. Já que nunca daria certo,  
>> teríamos que dividir os espólios da festa.

>> Sinto que perdi muito tempo estes anos todos. Deu tempo de alguém  
>> passar por todos os movimentos de um namoro seríssimo, e, enquanto  
>> isso, não tive ninguém.

>> Por outro lado, sinto que não passou quase tempo algum, já que a

>> Andréa só saiu do mesmo relacionamento que ela estava a última vez em  
>> que eu a vi.  
>> Sinto uma coisa parecida em relação a você. Eu acho. Não sei. Você é  
>> diferente, também.  
>> Love,  
R.

>>> **De:** Natasha Siqueira Kaiser [hamtaro.cuty@gmail.com]

>>> **Enviado em:** Terça-feira, 6 de Maio, 2003 10:16

>>> **Para:** Raphael Volpe [volpe.rapha@yahoo.com.br]

>>> **Assunto:** Re: RES: Quanto tempo!

>>> *Wazzup!*

>>> Graças a Deus, tudo vai bem por aqui. Hugh voltou, e ficará mais duas  
>>> semanas antes de retornar ao Iraque. Parece que o mais difícil já passou, por  
>>> isso que ele pode ficar *homeside* um pouco, agora que tiveram vitória.

>>> Fiquei feliz que você está realizando seus sonhos. A Serpentina está  
>>> trabalhando com crianças que têm “necessidades especiais”, o Norl parece  
>>> que entrou em Publicidade de vez... É verdade que Rejane foi para Recife  
>>> trabalhar no negócio do seu pai?

>>> Só eu que preciso tomar jeito...

>>> XOXO,

>>> Natasha K.

>>>> **De:** Raphael Volpe [volpe.rapha@yahoo.com.br]

>>>> **Enviado em:** Quinta-feira, 14 de fevereiro, 2003 21:24

>>>> **Para:** Natasha Siqueira Kaiser [hamtaro.cuty@gmail.com]

>>>> **Assunto:** RES: Quanto tempo!

>>>> Tasha! Que bom receber notícias suas! Esses dias, aliás, já deve fazer  
>>>> uns oito ou nove meses, acho que foi em Maio, eu tentei te achar no ICQ e  
>>>> no MSN. Encontrei algumas Natashas Siqueiras. Tive uma conversa  
>>>> totalmente surreal com uma delas. Não foi com você, foi?

>>>> Estou na metade do meu curso de psicologia agora. Demorei, mas  
>>>> finalmente me encontrei na Psico. Estou fazendo uma pesquisa para  
>>>> Técnicas de Dinâmicas de Grupo baseada em minhas vivências no *Call*  
>>>> *Center* onde trabalho. O título é, “*Vidas Secas: aspectos interpessoais,*  
>>>> *emocionais e afetivos do atendimento em SAC*”. É a minha chance de  
>>>> humanizar a vivência das pessoas que passam o dia fazendo o que fiz  
>>>> durante anos.

>>>> Ainda não é certo, mas já me falaram em *off* que, no final deste  
>>>> semestre, vão me promover ao posto de coordenador. Parece que cheguei  
>>>> perto de ser promovido para gerente, mas preferiram dar o cargo para  
>>>> alguém que já tem 3º grau completo. Eu chego lá.

>>>> Você disse que está descansando. Posso saber o que te cansou  
>>>> tanto? Só estou perguntando.

>>>> Parabéns! (Achou que eu fosse me esquecer do seu aniversário no dia  
>>>> 12?) Que Deus a abençoe ricamente. Você ganhou algum presente  
>>>> especial este ano? Espero que sim.

>>>> Tasha, adorei que você escreveu. Quando sentir vontade, escreva.  
>>>> Suas mensagens são sempre bem vindas.

>>>> *Love* (não é assim que fazem nos EUA?)

R.

>>>> **De:** Natasha Siqueira Kaiser [hamtaro.cuty@gmail.com]  
>>>> **Enviado em:** Quinta-feira, 14 de fevereiro, 2003 03:07  
>>>> **Para:** Raphael Volpe [volpe.rapha@yahoo.com.br]  
>>>> **Assunto:** Quanto tempo!  
>>>> *Hey, dude! Wazzup?*  
>>>> Só estou escrevendo para saber como você está. Aqui está fazendo  
>>>> um frio danado. Semana passada, tivemos uma tempestade de neve, mas  
>>>> agora já passou. Graças a Deus, porque agora minha mãe pode vir me  
>>>> ajudar aqui em casa. Hugh vai sair para mais um *tour* na semana que vem,  
>>>> e eu preciso descansar.  
>>>> Sei que faz algum tempo que a gente não se fala, mas quando tiver  
>>>> um tempinho, *drop me a line.*  
>>>> XOXO,  
>>>> Tasha.

**De:** Natasha Siqueira Kaiser [hamtaro.cuty@gmail.com]  
**Enviado em:** Terça-feira, 8 de Julho, 2003 14:32  
**Para:** Raphael Volpe [volpe.rapha@yahoo.com.br]  
**Assunto:** Fwd: Tem Esperança No Fundo do Poço!

Esta mensagem me tocou muito:

- > Se estiveres triste, só ficarás mais feliz.
- > Se estiveres pobre, só assim verás milagres.
- > Se estiveres doente, só poderás ficar melhor.
- > Se estás brigado com alguém, só chegarás em um acordo.
- > Se estiveres ansioso, só podes aguardar.
- > Se sintas fome, só irás emagrecer.

- > Se estiveres apaixonado, só podes sofrer.
- > Se sintas tédio, só irás se animar por algo realmente valioso.
- > Se choras, só poderás sentir alívio.
- > Se estiveres lendo esta mensagem, não estás mais lendo-a agora.

*See you later, alligator!*

Te amo e sinto a sua falta,

Tasha

P.S. O que significa quando alguém sonha com um sino que, quando soa, é capaz de trazer paz ao mundo?



De novo, Tasha demorou para chegar em casa.

Eu saía cedo todo dia, voltava tarde todo dia, tinha longos intervalos todo dia, o dia todo, durante os quais eu me enfiava em uma padaria ou uma praça de alimentação para atualizar planilhas, estudar novidades acadêmicas, e modificar arquivos .ppt. Eu chegava tarde em casa.

Tasha demorava.

Eu não acendia a luz. Nestes minutos solitários, a casa era iluminada pela fraca chama azul do fogão embaixo do caneco de água. No lugar de luz, havia gemidos do Jim Morrison para preencher o vazio. Meus vizinhos estavam longes. “*My only friend, the end...*” Ou John Coltrane murmurava o mantra, “*a love supreme, a love supreme, a love supreme...*” Eu nunca ouvi o resto desta peça musical, talvez porque a segunda parte de *A Love Supreme* não exista.

Enquanto Natasha não chegava, meu notebook ficava ligado, e eu ficava na varanda.

Toda noite, havia uma mulher na piscina. Era alguém diferente daquela que lá nadava alguns meses atrás.

Tasha chegava depois das dez e meia; ela chegava acendendo a luz. Uma noite, Brian chegou com uma camiseta nova. Outra noite, chegou com um novo leão de pelúcias. Outra noite, ele chegou com dois brinquedos de McLanche Feliz. E ele estava sorridente.

– *Say ‘hi’ to Uncle Raphael.*

– *Hi, Uncle Raphael.*

E os dois iam até o chuveiro para Natasha dar um banho no seu filho.

Enquanto isso, eu via qualquer merda na TV a cabo, com as propagandas dos canais onde se dava conselhos enlatados patrocinados por eles mesmos e redundantemente se repetiam e se estendiam.

Enquanto isso, mãe e filho se trancavam no quarto do menino e ficavam o tempo de mais uma lista de dez melhores ou piores de não-sei-o-quê na E!.

Natasha então saía do fininho do quarto, suspirando. Já não teria mais água quente para chimarrão para ela, nem se ela o quisesse.

E, por eu já estar à frente da televisão, nossa conversa consistia de três frases:

– Ufa... que dia! O que você está vendo?

– Se quiser mudar...

– Deixa eu ver o que está passando...

Minutos depois, eu estaria dormindo, e ela estaria deitada ao meu lado, com insônia. Quando finalmente ela iria até a sua cama, provavelmente enquanto *Friends* passava de madrugada na Warner Channel, ela me ajudava a montar o colchão na sala.

Era nestas horas que Tasha queria sexo. Sua diversão era estimular meu corpo enquanto eu estava no sono mais profundo no qual se pode estar sentado no sofá. Meu corpo gemia e se contorcia em seu prazer, e eu acordava com uma mescla de euforia e enjôo matinal. Ou, de dentro de um dos meus pseudo-sonhos, eu ouvia a sua voz; “me dá uma essa noite...”

E, já que eu estaria para lá de Bagdá de cansado, eu a pegava de jeito, arrancava sua roupa e a minha, colocava a camisinha escondida na almofada do sofá, e mandava ver: uma vez para eu gozar, outra vez para ela gozar e uma última para eu terminar. Às vezes nos momentos de suspiro e endorfina depois do sexo, ficávamos de conchinha. Às vezes, ficávamos um em cada canto da cama. No estado em que eu estava naquelas noites, eu tinha alucinações, misturas de sonho com o quarto. Alexandre Herchcovitch certa vez sussurrou em meu ouvido: “Querido, e se Brian te vir aqui? Melhor dormir na sala... Por favor, por mim...”

Dentro de quatro horas, eu estaria na metade do caminho à clínica psicológica verde, vendo o sol nascer da janela da lotação e ouvindo pagode sentimental com uma

platéia desafinada no rádio. Eu fazia contas mentais de como eu conseguiria financiar outro carro. Mas com a diminuição da procura por meus serviços, eu não poderia assumir uma dívida deste tamanho. Já bastava o apartamento.

Na primeira semana neste ritmo, eu me surpreendi com a disposição que eu tinha durante o dia. Formulei a hipótese de que o ser humano precisa de menos horas de sono – talvez só três ou quatro – e mais horas de sexo. Já na segunda semana, eu aproveitava o tempo no transporte público para incrementar as horas de sono em dívida acumulada. Houve aumento de frequência de sexo que, de início, acreditei ser em função do tamanho de nossa paixão. Mas na terceira semana entendi o verdadeiro motivo, pois foi nesta semana que ela menstruou. Nem por isso ela deixava de me dar experiências eróticas: ela simplesmente mudou seus meios. Registrei um aumento de 188% nos meus gastos em café. As sessões psicológicas da quarta semana foram caracterizadas por aquilo que Freud chamava de “atenção flutuante” e vários convites para os clientes se deitarem no divã, onde não poderiam me ver. Na quinta semana, em meio a uma dinâmica durante um treinamento de um SAC do Ibmec São Paulo, eu caí no sono em pé, andando por entre os grupos que treinavam a técnica.

“Nós precisamos de menos quantidade e mais qualidade!” eu treinava dizer à Natasha, na minha cabeça.

– Faz uma rapidinha, faz – você dizia, e me acordava do pseudo-sono em frente ao clímax de um Warner Movie.

Eu torcia para ela chegar logo. Torcia para Brian dormir rápido. Torcia para o menino aprender a tomar banho sozinho.

Eu comia macarrão e lanches. No começo, eu deixava o suficiente para eles, mas eles chegavam já sem fome. Brian parecia engordar.

E Português, quando estávamos com Brian, era uma língua morta.



Em algumas noites, Tasha já saía do quarto muito tarde. Nestas noites, ela me encontrava esparramado pelo sofá, em frente à TV. E, por mais que eu tentava protestar – porra, preciso dormir! – eu apenas grunhia, ao que ela reagia com mais vigor para me compensar pela atenção dada ao seu filho.

E todo dia Brian tinha algo de novo. Em pouco tempo, não havia mais espaço para seus brinquedos, livros, canetinhas e roupas novas. Ele estava contente.

Eu saía cedo para trabalhar cedo, e voltava tarde por ter trabalhado tarde. Mas, no miolo do dia, já não havia tanto para fazer. Natasha ficava o dia todo levando seu filho para o parque e o shopping. Isso, é claro, quando ela não estava em casa fazendo faxina – coisa que eu queria fingir que não acontecia. Eu não queria passar o miolo dos meus dias sozinho em minha casa feito um desempregado.

E valia a pena. Não só porque tinha alguém em casa pela noite, mas, puxa, não era qualquer pessoa. Por isso, pensava eu, valia a pena investir em cafeína.

Certa noite, Brian gritou com os tons mais estridentes, de fazer se racharem os vidros dos apartamentos vizinhos. Natasha só saiu do quarto horas depois, e apenas beijou a minha testa. Isso foi quase ao final da sétima semana.

Os fins de semana neste final de 2007 começavam no Sábado. Já não tinha demanda por treinamentos ou sessões psicológicas no Sétimo Dia. Eu me permitiria descansar, mas Brian já acordava relativamente cedo. Eu conseguia dormir até oito ou nove horas da manhã, mas ao ouvir o menor barulho eu acordava e era encurralado por uma tremenda insônia: conseguindo nem dormir, nem acordar. Para entreter o Brian, eu o emprestava meu notebook, o qual eu só deixava usar no chão, para não correr o risco dele cair. Até a Natasha acordar, eu já havia preparado o café da manhã. Ela andava pela sala com o robe de seda esticado em volta de seus seios, dos quais a seda revelava o formato dos bicos, e, esfregando os olhos, ela me chamava de seu anjo de guarda.

Passávamos o dia em frente à televisão, fazendo compras no hipermercado e andando pelo Jardim Sul.

No primeiro Sábado, eu tinha boliche marcado com Norl, Serpentina e Carlos. Mas Natasha não queria encontrá-los. Ela não queria que soubessem que ela estava no Brasil, não queria ter que contar toda a história, de como trabalhou em fábrica de chocolates e refinaria de petróleo, como conheceu, amou e se divorciou do Hugh, como morou com a mãe antes e depois deste casamento, como não estudou e emburreceu, como não queria nem chegar perto de dar indícios de que tinha se tornado mãe. Suspeitei que ela não queria ver Carlos, seu ex-namorado, mesmo já tendo passados treze anos.

Mesmo assim, eu queria vê-los.

Quando deu a hora de sair, Brian e Tasha estavam vendo Robôs pela enésima vez. Anunciei que eu estava saindo. Natasha se levantou do sofá e me guiou, pela mão, até meu – seu – quarto. Com muito cuidado, e sem acender a luz, ela fechou a porta sem fazer ruído algum.

Feito isso, ela saltou ao meu pescoço, unindo seus lábios aos meus, jogando seu peso contra o meu, abraçando-me com braços e pernas, sugando-me com a boca e o quadril. Caímos juntos na cama e lutamos um com o outro com a força dos corações pulsantes.

Em meio a isso, pausamos.

– Tem certeza de que você quer ir?

Sem fôlego – falei que eu iria.

– O filme ainda vai demorar... Me dá umazinha antes de ir, vai.

Com o coração palpitando e os quadris já estrategicamente posicionados, era difícil dizer, “não”. Mas eu já estava cansado de trepar.

Mas quando comecei a lhe dar “umazinha”, ela começou a fazer amor comigo.

Tive que ligar para avisar que eu não iria. Alternamos momentos no sofá com Brian e meias horas no quarto compartilhando nossos corpos. Contentei-me com as mensagens SMS. Sim, eu escrevia em frases curtíssimas, eu estava tendo uma daquelas minhas fases obscuras. Colocamos um clipe musical do menu de extras do Robôs, com Sarah Conner. O jeito da cantora era sensual, mas era filme de criança, então não supus que seria picante demais. Deixamos o controle remoto na mão do Brian e voltamos ao quarto.

Outro dia, atendi meu celular e, finalmente, minha mãe conseguiu falar comigo.

– Rapha? – No fundo, dava para ouvir o barulho de um lugar movimentado, provavelmente um aeroporto. Eu a imaginava em seu uniforme de aeromoça, com uma malinha de rodinhas em sua mão.

– Sou eu.

– Como você está?

– Vou bem.

– Que bom. Eu sinto bastante saudade, viu?

– Que... Bem, eu também.

– Não vou perguntar quando é que você virá visitar. Mas a porta está aberta, filho.

– Tá bom. Obrigado.

– Eu te amo, Raphael.

– Também.

– Bom, se cuide, tá bom? Te amo.

– É. Você, também.

– Tchau. Quando quiser, pode me ligar.

– Tá ok.

– Tchau.

– Tchau.

– Tchau – ela disse, e desligou.

Natasha disse que eu deveria falar mais com ela. Afinal, estávamos na mesma cidade.

– Se bem que seu pai está logo ali – falei.

Ela fechou a cara, e falou enfiando seus dedos em meu espaço pessoal. – Sua mãe nem se compara com meu pai. Nem se compara. Se liga! Você não sabe do quê está falando. Sua mãe foi uma mãe para você, e ela só quer um pouco de carinho. Você não sabe o que eu passei, então nem vem.

– Minha mãe... – falei, com gelo – ela virou as costas para a gente. Tenho todo direito de não querer ser seu filho.

– Mas ela é sua mãe.

– Ela não queria perder o filho. Só isso.

– Eu morreria se Brian um dia falasse desse jeito comigo.

– Você faz qualquer coisa por este menino.

– Você não quer fazer isso...

– Ah, desculpe, desculpa, porra. Estou muito cansado.

– Você acha que te sobrecarrego? Se quiser, eu saio daqui, arrumo outro lugar-

– Não!

Brian estremeceu, e me olhou com medo. Ignorei-o.

– Não, Tasha, não, você não está me sobrecarregando. Eu te amo, te amo, quero você aqui.

– Quer mesmo? Você tem estado muito distante. Às vezes, acho que você vai fazer comigo o que faz com sua mãe, com Andréa. A Fernanda...

– Êpa. Não misture as bolas. – Agora era eu quem falava com dedos apontados. –

Tasha, é você que é luz para mim. Nem Fabíola –

– A gente poderia não falar nesta mulher um pouco?

– Você não se incomodava antes. Que foi, ficou com ciúmes? Nem tenho conversado com ela já faz algum tempo.

– Às vezes, penso que você vai parar de fazer amor comigo por causa dela. Eu não tenho ciúmes, mas acho que você é capaz de me largar se ela o pedir.

– Que absurdo. Vai, vamos mudar de assunto.

– Não, vamos falar desta mulher. Vocês trocam email?

– Sim, de vez em quando.

– Você trocava email comigo quando casado com Andréa.

– Tasha, pare com isso.

– É verdade ou não?

– Tá. É verdade.

– Você ainda deseja a Fabíola?

– Desejo. – Eu sempre pude ser sincero.

– Se ela se oferecesse agora, você iria?

– Isso não... Ela não está aqui. Ela não faria isso.

– Sim ou não?

– Tasha, isso é besteira.

– Quero saber. Por que você não me diz?

– Não faça isso...

– Você não confia em mim. Rapha, você não é mais o mesmo. Você tem dó de mim, e não me ama. Eu sei. Está nos seus olhos. Você não tem mais brilho. E eu dou o meu máximo para te satisfazer. Mas você parece que nunca está satisfeito. Não posso fazer mais porque tenho que dar atenção ao...

Natasha continuava a falar, com fluência de bêbada. Ela entendia nada de mim, ela interpretava tão mal as coisas, ela duvidava e blasfemava contra os meus sentimentos

mais íntimos: o meu amor por ela, o amor que me manteve lúcido em meus tempos mais obscuros. E ela insistia, insistia, insistia.

Todo o vigor que eu não tinha, toda a irritação das noites em semi-claro, toda gota de paixão que eu tinha pela Tasha me subiram a cabeça.

Eu precisava agredi-la. Tinha que ser fisicamente.

Com Brian vendo seu desenho animado, eu a empurrei para dentro do pequeno espaço da cozinha.

– O que é isso? Você –

Eu a fiz calar a boca com um beijo violento. E só. Parei por aí com esta violência.

E, no dia seguinte, começou-se a oitava semana. Tive uma terça-feira inteiramente livre de compromissos de negócios. Resolvi entrar em uma dívida. É que faltava uma coisa fundamental no quarto do Brian: um centro de entretenimento. Comprei uma TV da CCE de 15” e tela côncava, com DVD. Para completar, comprei um PlayStation 2 no tingling da Avenida Paulista. Aproveitei para comprar a segunda temporada de *Lost*: pirata, é claro.

Assim, a rotina mudou-se completamente, e Tasha não duvidava mais da vivacidade que seu amor e sexo me traziam.

Nesta nova configuração, Tasha chegava tarde, mas não tão tarde. Ela continuava a trazer Brian para casa com algum novo objeto, mas gastava menos, pois geralmente era só um DVD alugado. Ela voltou a comer em casa, e eu era o encarregado de fazer comida. E, assim, depois de três décadas, aprendi a cozinhar.

Comecei com massas e molho de tomate. Aos poucos, experimentei com sopas. Descobri como era fácil fazer panquecas. Bastava seguir as receitas que eu encontrava na internet.

Quando enjoamos todos nós de molho vermelho, tive que descobrir novas alternativas: molho branco, molho de espinafre, quatro queijos. Algumas criações minhas

eram mais difíceis de engolir do que outros. Nestas ocasiões, Tasha me apoiava diante de seu filho.

– *Come on, eat Uncle Rapha's food.*

Depois do jantar, Natasha colocava o Brian em frente à televisão de seu quarto. Este, depois de algum tempo – *quanto* tempo não sabíamos, mas o efeito era garantido –, Brian estaria dormindo. Tínhamos tempo e energia para colocar conversa em dia.

Descobrimos que, depois de dois meses de insônia e sexo, não tínhamos muito para dizer um ao outro. A vida prosseguia. Nem eu, nem ela estávamos a fim de bancar o paciente ou o terapeuta. Então nós nos divertíamos vestidos apenas de roupa de cama. Ou isso, ou víamos televisão. Por mais uma semana, ela estava menstruada.

E, antes da meia noite, eu estava dormindo. De vez em quando, Tasha sentava no sofá, de pernas cruzadas, de bico de pato, observando-me. Eu sabia disso porque eu fingia dormir, sabendo que ela me assediaria. Mas não foi assim. Ela só queria me ver dormir.



No meio da noite, Natasha correu ao quarto de Brian. Tínhamos ouvido um estrondo abafado. O menino estava deitado no chão, e não sabia se chorava da dor ou do susto de cair de sua cama. Eu voltei a dormir atrás do biombo. Depois de alguns minutos, eu a ouvi voltar ao seu quarto.



De vez em quando, quando as noites eram menos abafadas, eu senti seus braços me envolverem. Lentamente, para não me acordar. Ela me abraçava e eu, dormindo, acolhia-a.



Depois de cair no sono após nossa euforia, eu mesmo acordava e me retirava do seu quarto, e a deixava dormir sem preocupações.



Se a gente abrisse a porta bem de fininho, conseguíamos flagrar o Brian falando no seu sono. Certa noite, ele disse, com a ternura de sua idade: “*Resistance is futile...*” Foi difícil não acordá-lo com nossas risadas.





Quando eu cozinhava, Natasha tentava se vingar: para ouvir um elogio, era necessário arrancá-lo a força. A postura durava por apenas alguns minutos, diga-se de passagem. O fato era que ela não conseguia ficar sem dizer ao menos uma coisa boa, mesmo quando não havia nada de bom a ser dito. Mas ela é assim.



Eu preferia fazer amor com ela no sofá: para abafar seus gemidos, ela suspirava dentro do meu ouvido, fazendo surtir arrepios do fundo do meu corpo.



Ela mal pintava mais, pois pouco ficava em casa. Porém as suas fotos melhoravam sempre. Sua máquina fotográfica saiu do parque – onde é mais fácil tirar uma foto bela – e foi à rua. Chamava a minha atenção os jogos de cores que ela montava em suas imagens: São Paulo não me parecia ser uma cidade colorida até vê-la através de sua lente.



Às vezes – principalmente aos fins-de-semana –, Natasha aproveitava sua viagem à locadora para pegar algo para a gente. Ela me devolveu a diversão pela diversão, com películas que eu deveria ter visto, mas nem cheguei perto de ver nestes últimos anos: *Star Wars II e III*, *As Identidade e Supremacia Bournes*, *O Senhor dos Anéis I, II e III*, *Os Matrixes Reloaded e Revolutions*, *Os Chamados*, *Os Albergues*, *os X-Mens* e *Sr. e Sra. Smith*.



Natasha chegou em casa com os dois volumes de *Kill Bill*. Qual não foi a sua surpresa ao descobrir que eu já os tinha visto!



Com sua cabeça reclinada sobre minha coxa – Sabe, Rapha, o que eu achei muito bonitinho que você fez quando estávamos no colégio? O Carlos ficou tirando sarro, mas eu gostei muito, mesmo. Lembra que ele disse que era uma proposta indecente?

– Que eu a chamei para ver *O Rei Leão* comigo?

– É.

– Ele que estava com ciúmes porque nunca teve coragem de sequer conversar direito com você. Você sabe que ele só chegou junto porque eu tentei primeiro, né?

Ela nem confirmou, nem desmentiu.

– Engraçado – ela sorriu –, como para a gente isso era realmente uma proposta *caliente*.

– Para vocês da Congregação e da Adventista, até que era. Eu só queria estar a sós com você, sem a turma.

– É que é coisa de namorado, levar a namorada ao cinema.

– É.

– E por isso era complicado para mim. Você entende, não entende?

– Entendo.

Ela se ergueu para se espreguiçar. Quando voltou ao sofá, foi para deitar em cima de mim, olhando em meus olhos.

– Quero que você me leve ao cinema.

– O que nos vamos fazer com o Brian?

Ela só me olhou como criança que implora com expectativa.

– Não podemos deixá-lo aqui em casa sozinho.

Ela continuou a me olhar com aquele ar de criança.

– Também não posso largar isso na minha mãe, assim, do nada.

Seus olhar de imploração e expectativa não mudou em nada.

– Vou falar com a minha mãe... – cedi.

– Êba!

– O que você queria ver?

– *Jogos Mortais IV.*



Ouvimos um rugido que não era bem um rugido. Era um choro, mas era mais que um choro. Ouvimos um grito, mas não chegava a ser um grito. Era algo semelhante ao gemido do vento lá fora, mas vinha daqui de dentro do apartamento, e era o Brian que gemia.

– Brian!

Tasha foi até o quarto, onde ela tentou acordá-lo. Eu a segui. Natasha chamou seu nome, e pôs a mão em seu ombro.

O menino rasgou a garganta com grito de vítima mortal, seus olhos saltando do seu crânio.

– Brian! Brian! – Ela desviava os tapas que ele lançava ao seu rosto. – *It's me!*

Ao se dar conta de que se tratava de sua mãe, ele agarrou seu pescoço como se sua vida dependesse somente dela.

Mais tarde, ela me explicou que ele havia sonhado com os mortos do cemitério, os quais, dizia ele, chamavam-no.

– Eu o convenci de que era só um sonho.



Nós falávamos em como suas fotos eram, no mínimo, únicos. Eu a encorajava a tentar fazer uma exposição. Ela não confiava no quê eu dizia.



Eu a encorajava a informar pessoas que ela estava no Brasil, pelo menos à nossa turma. Ela ainda resistia.



Eu preferia fazer amor com ela na cama: entre quatro paredes e de porta trancada, Natasha se entregava de corpo e sopro.



Mesmo dormindo, percebi que Tasha estava sentada acima de mim, no sofá. Isso me acordou.

– Não... Pode dormir...

– Está tudo bem?

– Só quero ficar com você um pouco. Pode dormir. Não foi nada, não.

– Que foi, Tasha?

Ela escondia suas mãos nas mangas de seu pijama e sentava sobre seus calcanhares nus.

– O Brian entrou em meu quarto, mas ele estava dormindo. E aí ele disse assim para mim: “mandaram dizer que não gostam de você”. Seus olhos estavam abertos, mas ele não estava olhando. Durma, Rapha.



Enquanto esperava nos pontos de ônibus, enquanto abraçava meus pertences para não serem furtados, enquanto tentava dormir com a cabeça contra o vidro que vibrava, enquanto passageiros com cecê me espremiavam com os meus testículos esmagados contra o banco de um passageiro, enquanto ouvia as garotinhas flertando como motorista ou cobrador, enquanto recebia ordens do cobrador para dar mais um passinho para trás fazendo favor, enquanto eu levava o triplo do tempo para chegar em casa, eu pensava em uma única coisa: meu Corsa. Ele provavelmente estava em um estacionamento, acumulando despesas só por estar parado em uma vaga do shopping. Isso era necessário, até a Natasha se estabelecer no Brasil.



Eu preferia fazer amor com ela no chuveiro: apesar de limitar os movimentos do pélvis (chamados, na literatura, de “*thrusts*”), eu podia perscrutar as minúcias do seu corpo.



A limpeza e a organização da minha casa permaneciam impecáveis. Eu até me esquecia de comprar produtos de limpeza.



Fiz os cálculos cruéis no início de Novembro: eu ganhei 62,3% do que havia ganhado três meses antes. A queda era menor quando comparada com os rendimentos de Outubro do ano anterior, para 79,7%. Porém tal valor era também mais assustador, pois atestava que esta ano era bem mais fraco, enquanto o PIB Brasileiro aparentemente gozava de prosperidade.

E Novembro prometia, sendo um mês de feriados. Em 2007, estes feriados eram prolongados.



O mundo é sem sentido, caótico. Fazemos o que fazemos com aquilo que nos acontece. Neste espírito solitário, enviei emails marketing a todos de quem eu tinha o contato, na expectativa de aproveitar o chorinho do orçamento controlado à risca pelas empresas. De algum lugar eu havia de conseguir o trabalho necessário para cobrir meus gastos. Comecei a escrever artigos e a enviá-los para revistas de todo tipo, desde a revista Capricho, passando pela Playboy, e chegando até a Carta Capital, na expectativa de conseguir algum trocado.



Eu não trabalhava. Tampouco descansava. Isso, sim, era o oposto de férias.



Eu, ainda por cima, era responsável pelo jantar na minha casa.



Em minhas andanças pelas empresas, conheci a pessoa responsável pela Responsabilidade Social da Cargill no Brasil. Ela me disse que tinha espaço na entrada do prédio para expor artes plásticas. Eu lhe disse que conhecia alguém que teria interesse em expor seu material.

Mas quando eu contei a esta alguém interessada, ela não se interessou.



Seja onde estávamos, eu preferia fazer amor com uma fresta aberta na janela: o vento enrijecia nossos corpos.



Gravei todas as fotos em cinco DVD-Rs. Eu as enviei para mim mesmo em carta registrada. Quando Tasha me perguntou sobre o enigmático pacote que chegou pelo

correio, expliquei que se tratava de uma maneira fácil de garantir os direitos autorais das imagens. Foi só por precaução.



Eu não sabia como explicar a situação à minha mãe. Como dizer para ela que retomei contato com a menina por quem quase cometi o suicídio, que ela estava de volta em São Paulo, que ela estava na minha casa, que ela tinha filho, que eu precisava de um favor dela?

Natasha simplificou a situação – Você quer levar sua namorada ao cinema, e ela é mãe solteira sem ninguém mais no mundo.

– Você é minha namorada?



Caiu nas minhas mãos, através dos meus amigos Paulo e Mari, os quais trabalhavam no Banco Real, uma lista de pessoas responsáveis por diversas atividades relacionadas ao tema Sustentabilidade. Enviei por email três fotos e duas aquarelas que eu gostava, todos do Brian. O assunto do email era “Lente de Mãe”. O Banco Real se interessou, sim. Mas tive que lhes pedir desculpas: a artista, não.





De vez em quando, Natasha alugava *O Estranho Mundo de Jack*, a pedido do Brian. Durante semanas, o menino desenhava seres que poderiam sair de um filme de terror infantil. O filme é inocente.



O apartamento estava em silêncio, as luzes estavam apagadas. Caímos no sono abraçados no sofá, vendo o terceiro disco da segunda temporada de *Lost*.

Estalo: a porta se abriu. Passos pequenos desceram pelo corredorzinho, rumo a nos.

O pano branco era esticado sobre a cega face que surgiu das sombras. O travesseiro do Brian era uma máscara branca sem rosto.

– Bicho Papão! *I'm the Bicho Papão!*

O monstrinho cambaleava pela casa com violenta embriaguez, esbarrando contra as cadeiras, a mesa, o estante.

– *I'm the Bicho Papão!*

Tasha mal acordou para murmurar uma ordem para o menino voltar a dormir.

– *I'm the Bicho Papão!*

Ela teve que se levantar para pegar o menino pelo braço, não sem tirar a fronha da cabeça dele.

Isso só o fez gritar algo que parecia ser – *Nooooo!*

– *Brain Kaiser, you go to bed right now!*

Seu filho afundou os dentes em seu braço, e não tirou a mordida quando sua mãe se retraiu.

Não teve outra: Natasha tomou Brian debaixo de seu braço, pegou o chinelo mais próximo, expôs a bundinha do menino, e o castigou até chorar. O menino já chorava depois da segunda chinelada, e levou muitas outras para arrancar lágrimas da mãe.

Natasha o pôs em pé. Ela o mandou parar de chorar, ser homem, puxar sua calça.

Ela o mandou voltar à sua cama e dormir.

Perguntei se ela estava bem.

– Tsc! – ela disse, e foi ao quarto batendo a porta.



– Alô.

– Oi, mãe? É o Rapha.

– Raphael! Você está bem?

– Estou.

Suspirei. Era melhor fazer isso rápido, do jeito que se faz quando arranca curativo.

– Viu, eu preciso de um favor seu. É que não tem ninguém melhor do que você para isso. Eu vou levar uma garota ao cinema –

– Que bom. Você precisava disso. Já deu tempo do divórcio passar.

Suspirei. Eu não precisava disso. Quase que eu iria desligar. Afinal, a Serpentina poderia fazer o mesmo favor, e não precisaria saber de quem era o filho.

Mas Tasha estava diante de mim, encorajando-me.

– É. Então, preciso que você cuide do filho dela. Ela também é divorciada, mas não tem ninguém no mundo.

– Com o maior prazer, Raphael. Fico feliz que você me pediu. Mas se ela não tem ninguém, viu, não faça nenhuma loucura. Não saia casando de novo, não a chame para morar contigo. Tome todas as precauções. Essas meninas são meio desesperad –

– Não quer ajudar, então não ajude!

Desliguei o telefone. Procurei o número da Serpentina na agenda do meu celular. Eu murmurava – Puta hipocrisia pró meu lado. Não preciso disso... Alô? O que tenho no meu bolso esquerdo?

Afastei o telefone do meu ouvido a tempo de me esquivar do grito *à la drag queen*. Natasha reconheceu o timbre, e lançou dardos com seus olhos.

Depois de quase dez minutos jogando conversa fora, expliquei a situação daquele jeito que havíamos combinado.

– Ah, eu sabia que esse papo de “fase obscura” era furado! Aaahhh, Rapha! Depois você vai me apresentar essa garota! Não vai fazer como fazia com a Andréa e esconder ela da gente. Te juro que eu cheguei a pensar que você tinha ficado gay e contava essa história da Andréa para despistar. Norrl falava que o tal do André deve ser bem másculo, porque ninguém quer um *short dick man*! Rá, rá, rá! Aaahhh! Seu cachorro!

– Prometo que vou apresentar. Mas você faz isso por mim?

– Claro!

– Você vai gostar dele. Ele é bem quietinho. É só colocar um filme. E ele só fala Inglês.

Serpentina não resistiria um menininho que só fala Inglês.

– Seu cachorro! Aaahh! Eu te odeio!

Combinamos um horário, e tudo estava pronto para, no Sábado à noite, vermos *Jogos Mortais IV*. Tinha que ser no Sábado à noite porque eu não queria dar trabalho para Serpentina no Sétimo Dia. Desliguei o telefone rindo.

– Quer dizer que agora sou sua namorada?

– Eu disse isso?

Ela fez que sim com a cabeça.

Eu não sabia o que dizer. Mas é que eu sou assim, no meu lado alemão.



Entrei em alguns sites de editoras e, no campo “Fale Conosco”, perguntei o que eu teria que fazer para mostrar-lhes o trabalho visual de uma fotógrafa e pintora talentosa interessada em vender seu trabalho e ser capista. Nem tive que consultar a Tasha desta vez: ninguém se interessou.



Natasha estava bastante desconfortável de deixar Brian com Serpentina. Afinal, ela poderia simplesmente fazer as perguntas certas, e Brian acabaria dando tudo a entender. Mas, afinal (conforme eu contrapunha), minha mãe poderia fazer as mesmas perguntas.

Então nós a despistamos: Natasha enviou por email algumas fotos de *Halloween* que ela tinha guardado, alterando as datas e propriedades dos arquivos. Feito isso, ensinamos Brian a mentir: era só ele fingir que era filho de sua avó e que sempre tinha morado com ela em Robinson, IL.

Deixei Brian com nossa amiga mútua, com *Spiderman 3* e *A Casa Monstro* e o de sempre, *O Estranho Mundo de Jack*.



O único retorno que tive dos emails marketing foi uma meia dúzia de avisos de falha no envio da mensagem.



Para ver *Jogos Mortais IV*, escolhi minha camisa predileta e usei o perfume que eu nunca usava. Enquanto eu me vestia, percebi que eu cantarolava, “*Deus está aqui, aleluia... Tão certo como o ar que eu respiro...*” Fazia anos que sequer havia ouvido estas música.

Natasha tinha trancado a porta do quarto, o qual soava com o alvoroço de uma oficina de marceneiro. Quando deu a hora de sair, eu me angustiei.

Dois minutos depois, ela abriu a porta. Foi a primeira vez que eu a vi de saia desde que ela voltou para mim. Feito estrela à meia-noite, ela brilhava. Eu não sabia explicar por que: o que ela talvez tinha feito no cabelo, talvez tinha vestido de jóia, talvez tinha passado no rosto.

Mas ela parecia querer insinuar isso que ela tinha feito. – Gostou?

Respondi elevando Natasha, minha namorada, à minha boca. Em seu ouvido, assoprei – você está uma deusa.

Até o carro fomos de mãos dadas. E, no topo do Shopping Morumbi, depois que abri a porta do Corsa para ela, nossas mãos se fundiram de novo.

Em meio a um assunto e outro, Tasha me avisou – Sabe Seu Denílson? Ele vai me levar para conhecer alguns projetos aqui no Paraisópolis.

– Quem?

– Seu Denílson. O porteiro.

– Ah...

Comemos hambúrguer no América: eu, de salmão, ela, de mexicano.

Em meio a dois outros assuntos, eu lhe perguntei – Quem vai ficar com Brian quando você visitar esses projetos?

– Ora, eu o levo comigo.

– Dentro da favela?

– Não vai ter problema.

De repente, eu me perguntava se eles eram Corintianos ou São Paulinos em Paraisópolis. Achei que eu tinha visto um cobrador de lotação com camisa de São Paulo, mas todos tinham aquele jeito de Corintiano.

– Bom, se é isso que você quer fazer...

Bebemos cerveja à vontade. Natasha quis comprar um presentinho para compensar o Brian pela noite de abandono. Da loja de brinquedos excêntricos no corredor do segundo andar, ela acabou comprando uma série de quatro *hobbits*. Custou uma nota, mas ela passou o valor no seu cartão de crédito mágico que caía no fundo de pensão.

No cinema, descobri que eu pagava meia entrada por causa do cupom da América. Eu já estava todo bobo, então pedi “duas meias para *Jogos Mortais IV*. E um par de sapatos.” Tasha riu, não sem me punir com um tapa no meu peito. O balconista nem parecia perceber a graça.

Vimos o filme agarrados um no braço do outro. Filme tenso dá nisso.

E, no escurinho, no fundo do cinema já razoavelmente vazio, ela guiou minha mão até seu colo. Ela virou a palma da minha mão para baixo, para ficar sobre a área de sua saia onde ficava sua vulva. Estava áspera debaixo do pano: debaixo do pano, só havia pele.

Foi só um aviso. Só uma constatação. Só para eu saber. Foi só um movimento brusco. Ela devolveu minha mão ao encosto do banco, onde nós transferíamos a tensão do filme um ao braço do outro.

Saindo do cinema, em meio às lojas desertas, falei – Não acredito que eu deixei você me fazer ver esse filme.

– Nem vem. Você gostou d’O Albergue.

– O que você achou?

– O // foi melhor.

– Nunca vi o shopping tão vazio.

Em nosso canto do novo telhado do Shopping Morumbi não havia nenhum outro carro.

Natasha, minha namorada, estava com aquele seu novo vigor nos olhos.

– Você topa fazer uma loucura?

– Aqui?

Ela abaixou seu banco e levantou a saia, comprovando o que eu senti no escurinho do cinema.

– Mas não tem camisinha.

Com o dedão do pé, ela abriu o porta-luvas, de onde caíram algumas camisinhas.

Em questão de menos de um minuto, os vidros estavam embaçados, fechando-nos em nosso mundo dentro do nosso carro.

Com muita discrição, eu me desfiz do saquinho de lixo com camisinhas usadas ao ir até o caixa para pagar o estacionamento pela segunda vez. Eu tive que ir até a sala administrativa no G2 para não pagar o valor da segunda rodada de 0 a 4 horas.

Quando passei pelo apartamento da Serpentina em Vila Mascote, já eram quase uma e meia da manhã. Natasha roncava.

Minha amiga me passou o Brian no portão do prédio.

– Ele se comportou?

– Olha, Rapha, ele ficou esperneando e gritando por um tempão. Mas aí dei Sucrilhos para ele, e ele ficou pianinho, pianinho. Nem vimos os filmes. Jogamos jogos de tabuleiro até ele cair no sono. Ele é uma gracinha de menino.

– Que bom. Ele é bonzinho.

Ele deitava sobre meu ombro como o bicho preguiça que ele era.

– Essa sua namorada... Nossa elfa voltou, não é?

Eu não a respondi. Ela teria dado outro grito se não fosse pelo menino. O horário da madrugada, para ela, não significava nada.

– Não precisa explicar.

– Mas como você sabe?

– Cara, ela me mandou umas fotos de *Halloween* do ano passado. Tinha que ver as fantasias, tudo de filme '06. Fora a faixa gigante escrito *Halloween* '06. Sendo que ela nunca me manda foto. Sendo que esse menino tem a maior cara de elfo, e tem a idade certa e o nome certo.

– Você já sabia do Brian?

Serpentina foi pega no flagra ao falar demais, e isso estava estampado em sua cara.

– Não fale para ela que você sabe.

– Não, quando tiver que acontecer... Só não demore para agitar para a gente sair a turma toda.

– Você sabe como ela é.



Cheguei em casa ao pôr-do-sol, tendo passado por um trânsito muito, muito chato, o qual se rastejou até o parque Burle Marx. Eu viajei em pé durante mais de uma hora, espremido dentro da intimidade humana composta de pessoas que eu jamais queria perto de mim. Deu tempo de terminar o CD de pagode e cair em um canal de rádio que só tocava funk carioca.

O pôr-do-sol que vi da minha varanda fez valer tudo que eu havia passado. Nem tomei banho, só absorvi e apreciei a vista.

Tasha demorava. E eu esperava.



Finalmente, recebi em minha caixa de emails uma resposta ao meu email Marketing. Leo, do Banco Real, ex-ABN Amro, comentou que tinha visto a mim, minha mulher e meu filho no shopping Jardim Sul e me convidou a levar o menino para um evento de Papai Noel que fariam no dia 5 de Dezembro.

– Querido, cheguei!

Ela estava maravilhada com o que ela tinha visto. Ela fez o *tour* geral da favela. Ela até foi apresentada a alguns dos “líderes comunitários”. Todo mundo foi simpático e receptivo, é claro que em função das pessoas com quem ela estava. Por um lado, havia toda aquela miséria da favela que já se sabe: ausência parcial e total de asfalto, saneamento básico precário, bares em toda esquina, gangues e violência, etc., etc. Ela fez questão de salientar que havia uma Igreja Congregação Cristã do Brasil, de paredes cinzas, os quais nem McDonald’s consegue superar em padronização arquitetônica. Enfim, por outro lado, tinha seis escolas públicas em ótimo estado, tinha programas culturais, musicais, esportivos, bem como algumas iniciativas de reforço escolar. Ela se encantou com os Meninos do Morumbi e suas canções e danças. Ela viu os inícios da construção de um CEU e ouviu falar de planos para erguerem uma escola politécnica.

– Rapha, têm até um Hospital Albert Einstein lá dentro.

– Eu sei. Isso não é novidade. O pessoal faz um trabalho bonito.

– Olha, fazem mesmo. Aquele lugar está, está... – ela fez um gesto que borbulhava – assim com vida! E as mulheres lá, olha, daquelas que se interessam, elas têm uma garra e tanto. Fiquei algumas horas conversando com elas, e elas me contaram as suas histórias e dificuldades. Tem uma lá que é diarista e, quando não está limpando casas, está nos ônibus vendendo bala. Tudo para sustentar seus filhos de três homens diferentes. Tem uma outra que o marido faleceu, acho que ele foi morto por engano porque tinha o mesmo apelido que alguém que devia dinheiro aos bandidos. Mas parece que ele era ponta-firme. Como ele ainda estava em viagem de trabalho, tem toda uma

pensão que ficou para os filhos, mas o dinheiro só vai ser liberado quando atingirem a maioridade. Enquanto isso, ela atravessa a cidade inteira para pegar senha para não-sei-o-quê que os filhos precisam e tal. Eles têm um monte de coisas que a gente não tinha acesso.

– Realmente.

– Achei engraçado que o Rap aqui progrediu junto com o Rap americano. Só que aqui o *Gangsta Rap* fala coisa com coisa.

Perguntei ao Brian o que ele achou. Ele disse que os meninos jogam futebol.

– Você tinha que ver meu filho jogando futebol. *He's a craque!*

– Deve ter sido bom. É importante conhecer estas coisas.

– Amanhã, vou levar minha máquina.



Acordei com as vozes dos dois na varanda. Ela apontava que os túmulos todos estavam fechados com pedras maciças e pesadas. Mesmo se houvesse zumbis lá embaixo, as lápides eram muito fortes.

Brian perguntou se eles agüentariam se tivesse um demônio muito, muito, muito forte, assim, assim, assim, com dentes bem grandes e chifres para bater e bater e bater.

Natasha o assegurou que, mesmo assim, as lápides davam conta.

Ele perguntou das vozes que ele tinha ouvido.

A mãe lhe disse que, às vezes, os mortos malvados colocam mentiras em nossas cabeças quando a gente sonha, e aí a gente tem pesadelo. Mas é tudo só um sonho. Basta acordar e lançar as idéias ruins pela janela. Joga! Joga! Jogue tudo fora!

Brian disse que eles o chamavam para ir até eles.

Jogue, jogue, jogue tudo fora!



Natasha tirou suas imagens mais inspiradas em Paraisópolis. Além de capturar a expressividade das pessoas, além dos jogos de cores, ela também fotografou detalhes que beiravam a fotografias abstratas. Através de sua lente, Paraisópolis realmente borbulhava com vida.

Apontei algumas imagens que eu queria que ela pintasse. No dia seguinte, ela apresentou as pinturas na porta do apartamento, pichando a porta com a frase: “*Give me LIFE!*” porque palavras, mesmo em tinta preta, segundo ela, são coloridas.



– Você anda preocupado com alguma coisa.

– Deixa prá lá. É coisa do trabalho.

Ela voltou a me atormentar com seu pé, do jeitinho que ela sabia que me deixava bravo, principalmente quando via *Lost*. – Me conta, vai, me conta...

– Não quero pensar nisso agora.

– Querido, você está pensando nisso agora. Me deixa entrar. Compartilhe isso.

Ignorei-a e concentrei-me na série.

– Rapha...

– Diachos, viu!

Com um tapa afastei seu pé da minha orelha. Peguei o notebook e o deixei carregando em cima da mesa de centro.

– Credo...

– Quer saber ou não quer?

– Quero...

Ela não parecia mais querer saber. Dei um pause no filme.

– Espera que está carregando.

Quando terminou, havia um gráfico de dispersão simples de quatro linhas em cima de uma planilha Excel.

– O que é isso?

A linha azul descrevia as entradas em cada mês. Uma linha amarela marcava as despesas simples do mês. Uma linha vermelha acompanhava as despesas acumuladas no mês, ou seja, acrescentava ou subtraía dos valores indicados pela linha amarela o valor da diferença entre a linha azul e a amarela no mês anterior. Uma linha verde registrava o valor depositado mês a mês na poupança. Através da comparação da linha verde com a linha vermelha, era possível perceber o quanto era tirado da poupança para cobrir o rombo causado pelas despesas. As mesmas linhas continuavam pontilhadas, projetando a situação futura. O gráfico dispensava explicação. Bastava lê-lo.

– Resumindo – Tasha disse –, você está fodido.

– É isso. Perdi o treinamento na UOL, perdi mais um paciente. Nenhum dos emails deu retorno, e nenhum dos artigos foi publicado. Como vocês dizem, *I'm fucked off*.

Ela me corrigiu – É só *fucked*. Não tem “*off*”, neste caso.

– Que seja. Estou muito *fucked*.

– Vem cá.

– Não.

– Vem, deita aqui no meu colo.

– Tsc.

– Larga mão de ser bobo.

Rápida seqüência de interjeições e meias palavras de um símio que protestava.

– Vem cá, vem.

Natasha pôs a mão em minha nuca. Ela se reclinou e, ao se reclinar, ela se abria para mim e, ao se abrir, ela puxou minha cabeça para si.

Ela era macia. Não como um travesseiro é macio, mas sim como um corpo pulsante com vida recebe o peso de outro corpo. E eu era como um ímã em relação ao seu carinho: meu corpo se repelia e retraía dos seus avanços.

Suas pernas desnudadas pelo seu *shorts* se estendiam ao longo das minhas pernas escondidas pela minha calça moletom. Seus dedos alisavam o meu cabelo. Tasha sussurrava sons primitivos. Parecia que eu apenas esperava ela terminar de satisfazer seu instinto materno.

Ouvi, ressonando contra suas costelas, o som abafado carregado por seu seio até o meu ouvido: o bater do seu coração. O pulsar do músculo reverberou, provocando sinapses e, como um bom narcótico, abriu portas da minha mente.

Fui liberto. Apesar de mim, eu tremia. Meu nariz escorria, meu corpo inteiro convulsionava. Eu chorei. Cada soluço era uma tosse que chacoalhava meu corpo desde seu âmago. Para não acordar o menino, enterrei o rosto entre seus seios, sem preocupação alguma com os fluídos que escorriam do meu nariz e dos meus olhos.

Natasha, minha namorada, espremia meu rosto para dentro de si, absorvendo as ondas do meu choro com seu seio e levando os gemidos ao músculo alojado na base do seu pulmão esquerdo.

Ela continuava a sussurrar aqueles primevos sons em meu cabelo, mesclando seu hálito com suaves beijos em cada um dos fios. Como um tambor, a batida do seu coração falava comigo.

Eu precisava de mais dela. Precisava que Natasha estivesse perto de mim, ainda mais perto. Precisava de seu toque.

– Jogue tudo fora, *baby*. Jogue tudo fora...

Eu me agarrava a ela, sem me preocupar se eu esmagava. Ela sussurrava.

Eu precisava de sua pele. Tentei afastar o pano da minha roupa, mas eu tremia. Ela compreendeu, e passou a tirar as nossas camisetas. Uma vez livre do tecido, ela abraçou a minha cabeça contra a sua pele. Este tecido me refrescava.

Minhas lágrimas escorriam por entre seus seios, pelas linhas do seu corpo, enchendo seu umbigo.

Eu queria mais. De lá dentro, seu coração me chamava. O calor que vinha do seu corpo me convidava a penetrá-la. Eu precisava entrar dentro dela. Eu me expus. Com pouco esforço, afastei a braguilha de seu shorts e a calcinha revestida por absorvente.

– Vem, *baby*. Quer entrar? Pode entrar.

Seu sangue estava quente, e me recebia de bom grado. Apenas entrei e ocupei o lugar que me era dado. Nu, meu corpo tremia com meus gemidos. Eu não me mexia, simplesmente me alojei dentro dela. Eu não buscava orgasmo. Só não queria mais me sentir sozinho.

Eu balbuciava. – Não agüento mais, não consigo mais, não posso mais carregar este peso todo, não agüento mais, não posso mais, não consigo mais, não posso mais, não agüento mais...

Depois de dormir, acordei no sofá. Eu ainda estava alojado entre seus seios e dentro dela. Era de madrugada, e a cidade ainda aos poucos pulsava.



Tudo isso, em parte, eu contava à Fabíola. E Natasha se envolvia mais e mais na comunidade ao lado.



Por entre olhos dormentes, vi a sombra de uma pessoa atravessar a sala. Como um roedor, suas unhas raspavam contra o biombo.

Contra a minha vontade, levantei-me do colchão. Eu vi Brian, de costas para mim, bem próximo à porta. De onde ele estava, ele escondia a maçaneta. Ele não fazia nada, apenas pairava em volta da maçaneta. Sílabas sem nexos eram entoadas a meia voz.

Mesmo no estado no qual ele estava, ele reagiu à minha presença. Seus olhos e seu rosto giraram em minha direção. Ele estava vazio.



– Eu ainda não te contei?

– Não.

– Bom, foi assim. Eu estava em Bloomington, só passando uma noite.

– O que é Bloomington?

– A minha tia, irmã da minha mãe, mora lá. Enfim, eu estava com a Rose, minha amiga. Isso foi em Junho de '97. Ela tinha vindo comigo, e estava ficando comigo lá na Tia Cheryl. Eu não conhecia mais ninguém naquela cidade e, para falar a verdade, nem pretendia conhecer. Mas a Rose ficou insistindo. Tipo, eu já estava me sentindo a velha da história. A Rose tinha acabado de sair do colégio e estava com aquele pique. Mas eu, argh, estava cansada. O irmão dela estudava no IU –

– Ai Iu?

– *Indiana University.*

– O que você estava fazendo em Bloomington?

– Eu estudei lá. Cheguei a fazer algumas matérias.

– Que curso você fez?

– Lá não é como é aqui. Eu fiz alguns créditos obrigatórios. Comecei a estudar na faculdade de Artes Liberais.

– Foi lá que você aprendeu a fotografar.

– Não. Mas aprendi a pintar um pouco. Nem isso. Fiquei ouvindo um monte de blá blá blá sobre a História da Arte 101.

– Mas então. O Hugh era amigo da Rose, e eles queriam sair.

– É. Na verdade, é amigo do irmão da Rose. Ah é, eles queriam sair para comemorar que Hugh e Robbie tinham ganhado medalha de prata em luta livre. Eu ainda estava me arrumando quando chegaram. Mas como já estava em cima da hora, e como eu nem estava a fim de sair, vesti qualquer coisa e desci com o cabelo molhado, mesmo. E aí, foi daquele jeito que você fala, *woosh*, passou aquela coisa entre a gente. Ele estava lindo.



Hugh tem aquele sorriso suave, tipo George Clooney. Ele estava tão de bem com a vida, com tudo. Ele me passava uma paz e uma tranquilidade. Rose disse assim, “esta é a minha amiga, Natasha”. Hugh disse, “oi, minha amiga Natasha”. E eu gelei. Fiquei toda de borracha. Eu achei que iria fazer xixi nas calças. Nem conseguia olhar para ele direito. Ele depois disse que achou que eu era estrangeira, da Sibéria, com nome assim e esse jeito desleixado de europeu.

– Mas Sibéria não fica na Europa.

– Eu não sou de lá! Mas, tudo bem. Isso a gente esclareceu logo. Eu já falava Inglês, e isso ficou claro, mesmo sem eu ter que falar muito.

– E quando foi o primeiro beijo?

– *I'm not one to kiss and tell.*

– Que é que tem?

– Tem coisa que não preciso contar.

– É verdade.

– E você depois vai querer saber mais, como, “como foi a primeira transa”?

– Não, só o beijo, só.

– Promete que não vai perguntar mais do que isso?

– Você está me deixando curioso.

– Promete?

– Prometo de sódio.

– Nossa... Essa veio do fundo do baú.

– Achei que você não fosse se lembrar. Mas, e aí, como foi?

– Então, foi naquela noite. Como te disse, a gente iria comemorar com mais uma galera a medalha de prata dos dois. A gente foi no *Mother Bear's Pizza*, uma pizzaria que tem umas pizzas muito boas, ao lado da universidade. E eles tinham ganhado uma garrafa de champanhe, e eles queriam tomar a garrafa lá no restaurante. Só que, lá nos

Estados Unidos, não deixam você tomar bebida que não é do restaurante. Mesmo que não vendam aquela bebida no restaurante, que era o caso. Muito bem. Tentaram pedir taças, mas o garçom não queria nos ajudar. Hugh chamou o garçom de lado, e tentou dar um xaveco daqueles. Depois o garçom chamou o gerente. Só que Hugh não falou com o gerente. Ele deu aqueles toques em um porta-vela com uma faca, chamando a atenção de todo mundo. E o garçom e o gerente só olhando. Ele disse assim, “todos sabem o que a gente veio comemorar. Todos, menos uma pessoa aqui.” Nisso, ele vinha vindo para mim. De repente, ele estava de joelho com minha mão na sua, e eu me tremendo toda, e ele disse, “Natasha, você se casa comigo?”

– Vixe! E aí?

– Aí que era o menino mais lindo que já tinha visto, e aí que todos esperavam para eu liberar o champanhe. Eu disse, “sim”.

– Deu certo?

– Deu. Cobraram setenta e cinco centavos mais impostos por taça, mas deu. E o pessoal ajudou, os amigos deles. Tiramos umas fotos, alguém emprestou alianças para a gente trocar e tirar mais fotos. E em cada foto, a gente tinha que dar aqueles beijos apaixonados, senão o gerente não iria acreditar.

– E você só aproveitando.

– É claro. Eu nem me reconhecia naquela noite.

Ela suspirou e fez uma viagem no tempo.

– Rapha...

– Sim?

– Me prometa que não vai me julgar.

– Eu já te julguei alguma vez?

– Me prometa?

– Prometo.

– Eu me casei no ano seguinte.

– Nove anos atrás.

– Hugh foi transferido para Virginia, e eu ainda teria mais uns três anos de curso.

– Mas você o amava e não queria abrir mão dele. Até entendo.

– Não foi por isso que eu me casei. Não dava para ser, né. Dadas as condições.

Ela deixou o resto da história no ar. Mas eu não consegui completar a lacuna.

– Ah, sim... – eu fingi.

– E é estranho, quando não dá certo. Por um lado, não era o que eu precisava naquela altura, nem naquela idade, então foi um alívio. Mas foi uma perda terrível, no final das contas. Eu tenho cá comigo que o Hugh me culpava por isso. Até hoje.

– Ah...

Ela me olhou com seus olhos castanhos brilhando com lágrimas que não derramaria, pedindo para eu não a julgar.

– É que não foi culpa minha. Meu corpo que não agüentou. Eu já estava até apaixonada pela Sue.

– Sue?

– É. Não é um nome muito diferente, mas era seu nome.

– Não sei. Nome é nome.

– Às vezes eu fico pensando como ela seria hoje. Ela cuidaria do Brian, com certeza.

Aí ele teria duas mães, praticamente.

– Você e a Sue?

– É. Eu já cuidava dos filhos da minha madrasta aos nove. É a melhor idade.

– Sue era irmã do Brian?

– Sim.

– Ah.

– Ela está na minha vida, ainda. Nada do que aconteceu de '98 para cá teria sido assim se não fosse por ela.

– Natasha, você tinha que ter me contado isso antes. Eu poderia ter feito alguma coisa por você.

– Não, Rapha. Você estava tendo sua fase obscura. E você simplesmente era outro.



Toda noite, eu encontro um consolo. Tudo está se mudando: amigos, a chegada no 3º grau, rotina, horário de chegada em casa. Mas toda noite vejo a mesma constelação: a forma de uma cruz, cinco estrelas que brilham logo acima do portão do meu prédio. Se as estrelas persistem, então eu, também, persistirei, mesmo em meio às tribulações. Não como os outros, os quais tentam viver por uma filosofia fácil. Não como meus novos professores.

Enganosa é a saída fácil.

É fácil desejar o alívio da angústia. É fácil desejar anular o desespero. Deixar de temer e tremer. A saída fácil, diga-se de passagem, é tão popular. Um caminho largo para pés apressados. Respostas prontas para toda súplica por sentido.

Difícil mesmo é: *“Espera em Deus, e Ele satisfará os desejos de seu coração.”* Isso traduz-se em uma prática que soa com tons agudos e graves, que é colorida por verde e vermelho, preto e branco, céu e inferno, santidade e pecado, amor e desamparo. O silêncio de um mosteiro e uma capa pela qual posso me orgulhar. Aguardar nas promessas, ter Fé, assegura-me de quem sou: uma pessoa prometida. Sei que seremos um para o outro, e a primeira pessoa a dizer isso é ela. Fernanda também o quis. Tudo a seu tempo.

Neste ínterim, a culpa fornece um abrigo para a angústia. Diante dos perigos de um desvio de caráter, é permitido angustiar-se. Algumas lágrimas, algumas penitências, e não se esqueça das determinações deste mundo. Tudo é fixo, tudo estabelecido. Há um maravilhoso plano para sua vida, um Chamado do destino. Qual será o caminho? O furor do final do 3º Colegial martela esta pergunta. Mas eu sei que isso somente irá se revelar com o tempo. Enquanto isso: práticas, disciplinas, zelo pela integridade do tecido cósmico, mantido com os joelhos dobrados.

(Óps, um deslize...)

Eu tenho ciência do conhecimento privilegiado: o mundo com sentido. Portanto, eu tenho sentido. Eu tenho um nicho nos cosmos. Eu creio nisso. Nós sabemos disso, no mistério da promessa.

(Óps, um deslize...)

O cosmos não se abalará, pois as práticas se mantêm. Disciplinas e busca por um chamado interior, o grande sentido que se resumirá em uma palavra secreta e um plano de ação.

Óps, um deslize...

E a angústia encontra seu lugar. A culpa por ser quem se é: algo remediável. As promessas de um sentido para isso tudo, logo-logo tudo será revelado, e Fernanda saberá também em seu coração aquilo que eu já sei. Não há necessidade de enganos. Diante de todos, posso assumir que sou imperfeito, pois tudo é tão remediável. Disciplina e meditações nestas garantias mantêm-me distantes de meus mais íntimos perigos e próximo ao tecido do cosmos. O cruzeiro está sempre a brilhar.

Óps, mais um...

Óps, mais um...

Óps, mais...

Óps... E este será secreto. Nem a Fernanda, aquela que me é prometida, o saberá.



Vivo de joelhos. Deslizes e deslizes. Culpa torna-se vergonha. Não mais culpado pelos atos. Agora: vergonha por ser. Vozes estrondeantes tornam-se murmúrios abafados. Anjos e demônios se dissipam e tornam-se sombras. Passos que se puseram a caminhar com firmeza agora cambaleiam. Joelhos se cansam, mas a súplica é intensa. Sangro. Pele rasgada. Tardes entre os túmulos, um conforto longe dos dedos que

perfuram os tecidos cósmicos, longe destes amigos afetivos que também são meus inimigos mortais: Danilo, Andréa e Jacob. Longe do falso desespero de seus dogmas.

Eu pensava que eu era inabalável.

Faço seu nome se repetir em minha mente.

Angústia abriu as portas do pequeno abrigo. Este humor torna-se um caminho para apreender-se a si mesmo. O monstro antes enjaulado é agora cão de guarda. Afasto a todos que possam descobrir a verdade: uma existência rebaixada. Certezas abaladas. Danilo não pode saber. Como explicar isso à Andréa? Jacob fará perguntas que não quero responder. Espero que haja alguma fibra cósmica, distante no mínimo, e que o deslize passe como o gripe da temporada.

De joelhos faz-se súplicas: um sentido, por favor, um sentido!

Levar a vida a sério, não ser tomado por meros truques do Ser, é isso que se deseja. Se há verdade, ela se revelará no clímax. Se clímax haverá antes da morte...

Com Andréa no meu colo, um clima se faz. Não se faz um clima: ele acontece. E estamos beijando, e estamos nos acariciando. E vamos a um cantinho escondido nas instalações do D.A. Pela primeira vez, um pouco contra minha vontade, em muito uma escolha, eu me deixo ser levado pelo momento. E, depois da minha primeira transa, sou deixando com uma frustração: é só isso? Era isso que me levaria ao inferno? Não me sinto completo, não sinto a minha identidade formada, não sou mais homem, não sou íntimo de ninguém, não tenho um momento de gloriosa pureza e um sentimento de que, por um instante, estou sem mácula. Não, foi só uma diversãozinha, boa como chocolate.

Êxtase, um êxtase verdadeiro, eu já havia experimentado, e era melhor do que sexo.

Ela é tão moderna: ela não quer compromisso. Eu sou tão místico: sei que ela não é a prometida.

Temo o silêncio eterno. Súplicas por sentido se tornam a cada dia mais fortes, e ecoam por paredes úmidas.



A família se rompe ao meio. Eu juro a você: se eu pegar o cara que come a minha mãe, eu vou assassinar alguém.

Meu pai sai de casa – entrega a casa à minha mãe e ao seu novo cara. E ele, escondido em uma kitchenette, envelhece cinco anos no tempo de um ciclo da lua. De repente: câncer. Em seguida: é maligno. De repente: ele está morto, e sequer lutou pelo vigor da vida.

Desisto do curso de Filosofia.

Trabalho o dia inteiro. E Fernanda deixou claro que, com ela, as coisas não irão acontecer. Seu nome continua a ecoar pelos contornos do meu cérebro. Não... por enquanto?

Encontro uma certeza. Se for ou não verdadeira, pouco importa. Agora é o seguinte: toda verdade é relativa. Determinações do ser no seu encontro com o mundo. Sentidos são multiformes. Como pano de fundo, se não houver a garantia de amor, pelo menos há a garantia na consciência de que não haverá desamparo. Não quando a morte chegar. Até lá, tem tempo, onde minha vida se desenrolará segundo os meus projetos e meu mergulho no mundo.

Pois agora sou responsável pela minha própria existência. Perguntam-me se abandonei o Chamado e o Sagrado. Digo que não. Há temor pelo sagrado na consciência. Minhas convicções se revelam no coração, e como bom protestante, sem temor pelos atos – pois a Salvação é pré-determinada, alheia aos meus atos – os ditos do meu coração são plenas ordens.



Brota-se o sonho e, conjuntamente, a responsabilidade de seguir este sonho. O mundo revela caminhos para os projetos, determinações do ser. Sempre um faltante, sempre a lua rumo à cheia, sempre infestada pela sombra.

A constelação é também apenas um conjunto de pontos. Como seria a vista destes mesmos pontos quando do Alfa Centauri?

Tomo coragem para ficar de joelhos, para fazer súplicas. Enquanto o sentido revelado condiz, os desejos do coração imperam. O Medo pelo castigo pouco importa. A angústia pelo Ser, pela minha essência, esta é a cura. Lanço-me ao mundo revelado no encontro do meu Ser já imerso no mundo e cercado por nada.

Pois “*aquilo que é feito por amor, faz-se sempre para além do bem e do mal*”. Passo a conhecer a força da Vontade de Poder: os ditos do coração, os projetos e a responsabilidade. Aceito aquilo que me falta. O mal-estar é o lugar da angústia e o desespero. Mesmo a alegria e a indiferença abarcam este mal-estar. Cultivo o mal-estar, pois assim passo a conhecer a *realidade* do meu Ser. Só assim para revelar quem eu sou.

O que antes fora negado, o que antes combatido, agora é combustível: o absurdo é o pano de fundo, maleável enquanto ele impera. Posso encarar uma nova faculdade: Administração de Empresas, com *cases* de sucesso.



Não desejo o Nada, não desejo a Morte. Desejo viver intensamente. Não viverei debaixo dos ditados de um mundo já dotado de sentidos fechados em si mesmos. Encontrarei novos sentidos e novas determinações no encontro do ser com o mundo, com o poder de tornar em Nada o mundo absurdo.



Apenas sei disso: estou imerso, constrangido e compelido à minha própria experiência, firme como um asteróide.



*“Oh, life is bigger... it's bigger than you... and you are not me...”*

Vertigem se instaura.

“Não” às certezas, “não” aos absolutos. Eu estou diante de um mar de possibilidades. Exposto, nu, susceptível ao que der e vier. Projetos e futuros e coesão cósmica, coação... tudo se esvai, como água por solo preto. Nem tudo importa. Nem tudo.

A vida se desenrola, um ano se passa, dois anos, três, e não há mensagem do além. Apenas contingências. Onde antes houve deslize, agora há frustração e revolta. A cara se revela à coroa e se apresenta como *necessária*. As fibras do cosmos não precisam da minha disciplina. E tudo somente depende da ótica.

Não moro mais na casa que vê a constelação do Cruzeiro. Abaixo à família. “Viva a república!” é nosso lema.

Foram tantos anos de espera, de disciplina, jejum e ânsia, e não tenho mais forças. A vida – minha vida – clama para ser. De certa maneira, tenho de agradecer a Fernanda por isso. De trauma em trauma, passando de fase a fase, não obstante as fixações.

*“That’s me in the corner, that’s me in the spotlight...”*

Não importa nem o dever, nem as possibilidades, nem os projetos. Importa, sim, o que faço com isso. Um vislumbre de transcendência: eu faço sentido de tudo isso.

Seria sustentável tanta culpa e ansiedade? Posso olhar isso de outro jeito. Seria sustentável temer aos padrões divinos? Posso olhar isso de outro jeito.

Posso direcionar o olhar sobre o mundo. É um mundo que existe por si só, puro, absurdo. Sem sentido. E por que me culpar por algo absurdo?

Pois a realidade das coisas é que *eu vejo, eu manipulo, eu faço* a vida ser o que é. Sou responsável pelas minhas próprias pegadas. Eu crio sentido conforme os valores que me guiam. E os valores de hoje são negociáveis.

*“I thought that I heard you laughing... I thought that I heard you sing... I think I thought I saw you try.”*

Salvo pela Graça. Este é o amor incondicional que me envolve. Deus me tocou com um amor que me liberta de toda e qualquer restrição. Deus, presumo, entende a minha situação específica. Salvo pela Graça, não por mérito, nem por lei. Não devo me culpar por nada. Tudo que acontece é necessário. Estou sem medo do inferno, liberto da lei e da letra que mata. Livre para viver, livre para fazer um projeto e abraçar novos sentidos para o mundo e para mim mesmo.

Não mais de joelhos: não preciso responder a ninguém. Vai tudo pela vida. O que eu quiser, o que tem valor para mim, isso sim é digno da minha vida. Este é meu amor. Faço *“para além do bem e do mal.”*

E dou risada – não sem pena – das pessoas que se agridem à saída fácil. Pessoas sem coragem para abraçar sua angústia. Já a minha angústia é o que fomenta a chama dentro de mim. Meu direcionar, minha aventura através dos novos valores por sobre contingências absurdas. Tantos absurdos. Tantos encontros. Já nem lembro mais de fazer um esforço para abafar os vestígios da Fer.

*“That was just a dream... just a dream... just a dream... dream...”*

Levo a vida a sério. Agora, isso significa levar o absurdo a sério. Mas como levar o absurdo a sério? Somente sobram os meus valores. E quais são os valores que sobram? Somente o absurdo da minha vida.

A graça divina libertou-me do medo do inferno, libertou-me da letra que mata, libertou-me da culpa. Ela me entregou o volante e disse “vá”.

“*It’s a great, big, white world, and we are drained of our colors...*” – um dos discos do Ciro: *Mechanical Animals*, de Marilyn Manson.

O quê no mundo me será útil? Quem me será útil? Como devo ativar meu *network*? Veja bem, *networking* não é sinônimo de usurpação. Num mundo de absurdos, onde meu amor impera, onde minha vida vigora, onde a essência é meu valor, tudo é útil, demasiado útil. Respeito à liberdade de todos, os mil e um sentidos sobre o absurdo. Não há mais medo. Nada mais é errado, nada mais é correto, nada mais é profano, nem é mais sagrado. Apenas...



Mas que sentido é esse que encontro no absurdo? Parece-me que, quando estou só, diante do mundo como um farol à beira do precipício na Hora Zero, é o velamento das trevas, o poder da noite – e não o poder dos meus motores ou a chama elétrica e fria – que é o Real. *Aletheia*, como dizia o Professor Abraham Oliveira, do curso História do Pensamento. Levar a vida – a existência mortal em um mundo absurdo – a sério, é aceitar o absurdo. Somente por cima deste absurdo é que posso encontrar os sentidos que minha consciência pode des-travar, nos projetos e nas determinações da minha liberdade, aquilo que vejo somente por já ter-me posicionado, e encontrar-me já posto aqui, na posição de farol no precipício.

Mas há algo na transversal, algo afiado e fulgurante. Lá, o horizonte brilha. Uma infinita linha luminescente. Uma outra luz, já a bailar sobre a água em pontos fugazes, mas firme e cada vez mais vigorosa, está a invadir este mundo obscuro e absurdo. Uma luz que foge do meu poder, uma onda que escapa à minha eletricidade, com o poder de

*revelar*. Uma luz que toca meu mundo e o arranca do meu poder. Uma luz que decepciona, uma luz que é o próprio desmoronar de todo sonho e alucinação. Esta luz é a presença de alguém com poder para me oferecer um sentido, não só para meu mundo, mas até para mim mesmo. Alguém que me faz ouvir “Tu!” Esta luz do outro me limita. Esta luz me faz joguete do meu destino. Esta luz pode ser a brisa que toca as árvores, um acidente de carro, um sorriso de um estranho, uma carta de uma velha amizade, o dedo de laweh, o Deus Vivo. É terrível, pois faz desmoronar toda luz e projeto da consciência de mim mesmo. É a chance de ser eu mesmo, sem a segurança de me conhecer. Por um instante, poder ser quem eu sou, sem desespero. Ser em Fé. Por um instante, lançar-me livremente ao poder que me constituiu.

Não mais em solidão. Não mais ser meu próprio absoluto. Não mais perseguir meu próprio projeto, e confiar-me aos cuidados da moeda Chance e Destino.

Estes joelhos, que sempre se dobraram, nunca se submeteram.

Vidro filmado e óculos de sol, cortinas e luzes neon. Palpitar do peito ao som das ondas, um mundo apenas de sons, e nenhuma voz. Tintas sobre panos e uma televisão com jornal e novelas. Nada pode me impedir de criar o mundo e os monstros mais convincentes. Nada me segura, e esta é a verdadeira vertigem. Aguardar e persistir, pois esta é a determinação do ser: criar e sempre criar. Absurdos e tintas e guaches. Esperar poder abrir a janela novamente e encontrar a única substância palpável. Negar o poder de alcançar e liberar sentido com a luz da minha lanterna a navios forasteiros, alcançar ondas e sentir a gravidade do precipício nas fundações. Abraçar as trevas, afirmar meu projeto e aguardar o mistério da minha libertação: o fim absoluto, a ameaça constante.

Esta é a saída mais fácil, quando na luz do sol. É que há um demônio nos detalhes.



Do jantar com o vinho predileto, passamos ao sofá. Do sofá, à cama. Das roupas, às pijamas. Da conversa, de assunto em assunto, às palavras reais. Andréa estava de blusa de alcinha e calça moletom e se inclinava em “n” posições sobre nosso novo edredom à *la Piet Mondriaan*. A cada mudança de posição, sua roupa se ajustava de maneira cada vez mais desajeitada. Aos poucos, seu corpo escapava da roupa que ela vestia.

– Posso ler um pouco do meu diário para você? – ela perguntou com o vinho em suas palavras.

– Pode.



*É um verão de mosquitos e poeira, um verão de areia e gelo. O mar aplaude as palmeiras, cujas folhas se esbarram entre si como pré-adolescentes. A montanha pelas costas e a brisa pela frente. Uma gaivota clama, o sol aquece. Espuma se desfaz entre os poros da praia. Restam apenas um branco seco e uma massa quebradiça.*

*“Eu já fui adolescente”, ela se lembra. Ela se lembra disso da mesma forma que as pessoas se lembram da tabuada de dois ou no quê se tornou a pequena sereia.*

*Surge uma onda. Ela começa no silêncio, encobre os limites, e avança. Ela cresce, a água empurra água, e algumas cabeças flutuam por cima de seu topo para descerem além do alcance das vistas. Ela abrolha, seu topo afunila e forma uma ponta. A ponta se curva e a onda se desmonta sobre si mesma. A espuma é rosada na luz do pôr-do-sol, e enche o ar com o som de sua queda. Crianças desaparecem por baixo da sua força. Uma menina de azul e amarelo faz manobras até ser lançada ao ar e ao mar. A onda avança, a espuma caminha sobre a camada de oceano, como se escorresse sobre vidro. O cheiro de sal, o gosto de coco. A espuma se perde no caminho e agora, ao chegar, desgasta-se.*

*A onda se esparrama sobre seus pés, uma poça se forma, e desaparece. Andréa sente cócegas no solo de seus pés enquanto a areia se desfaz.*

*As crianças estão rindo. Elas se preparam para uma nova onda que esconde o horizonte. Esta é grossa – parece que tem dois topos.*

*A água é luminescente, mas o sol já se foi. Alguns pontos de luz já se posicionaram no céu veludo, logo acima do horizonte. O dia pelas costas e a noite pela frente. Parece que há um barco equilibrado no limite da Terra, posicionado em cima da linha que demarca o fim. Para quem está no navio, já deve estar escuro. Já para quem está ao oeste, o dia expõe seus últimos raios; o sol é maior e mais belo. Será que, no horizonte, vêem constelações? Será que vêem o arco-íris?*

*Mas aqui, neste encontro de árvores e peixes, na brisa e na água, não há nem sol, nem lua. Há apenas a lembrança viva de um dia, o saber de que este momento já se findou, e a expectativa da noite.*

*Ainda sobra muito a ser deixado para trás.*

*Andréa toma a orla de sua canga entre seus dedos. Ela puxa o pano de seu corpo. Por um instante, ela se sente nua no crepúsculo. Sua pele se arrepia toda. Contato bruto com o ar – a praia é o último refúgio da liberdade, onde a nudez e a inocência se confundem. Ela deixa a canga em baixo de um coqueiro na livre certeza de que não será roubada.*

*E ela corre.*

*A água aqueceu-se durante o dia. As ondas surgem, mas o mar está cada vez mais longe. Vê-se as marcas que havia deixado na areia. Apenas espuma. Andréa corre, e seus pés semeiam gotas de água no vento, aos quatro sentidos da bússola. A água lhe resiste, mas ela resiste à água, correndo com os joelhos no ar.*

*A onda surge. A correnteza lhe puxa o calcanhar. O muro azul e roxo se ergue à sua frente. Ela fecha os olhos, fecha a face e se lança à superfície. A onda lhe passa, ela*

*passa a onda, seu corpo se desliza, a água escorre pela sua pele, duas correntezas, e Andréa entre elas, e ela não precisa mais respirar. Ela passa pela onda, e a onda lhe perpassa.*

*Andréa consegue tocar o chão com a ponta de seu pé. Ela está coberta pelo oceano. As famílias se foram, os surfistas se foram. Gaivotas pendulam em vôo baixo sobre a praia, procurando por restos de comida.*

*Tudo está em um leve vai-vem – as árvores e a água. Outra onda passa, e Andréa está sem peso por um instante. O vai-vem das ondas, o vai-vem dos braços. O vai-vem do vento, o vai-vem dos sons. E não há alma vivente a vista.*

*Andréa está despida dos olhares alheios. Ela sente as pressões de forças em seu corpo. São correntes, água, brisas, a vista da montanha. Ninguém mais. Seu cabelo flutua em volta de seu pescoço. Ela se afunda na água para brincar de ouvir a praia sem seres humanos, sem ela, sem nada.*

*O sol se foi. Resta apenas um clarão atrás de uma montanha distante, uma abóbada amarela cercada por roxo.*

*Andréa está tirando as pontas de seus pés do chão, primeiro um, depois o outro. A cada passo, o mar a leva um pouco mais longe; a cada leva de ondas, ela está um pouco mais distante. Até que um dedo do pé raspa a areia, e o outro dedo do outro pé não mais a alcança.*

*A onda lhe levanta e ela repousa. Mas não dá mais pé. Um pensamento suspira a ela que outra pessoa, alguém mais alto e mais forte, ainda alcançaria o chão. Se ele estivesse aqui, ela se apoiaria em seus ombros para flutuar sobre o mar. Mas o suspiro é só um pensamento, um pensamento e nada mais.*

*Não há ninguém na praia. Ninguém para vê-la, ninguém para lhe chamar a atenção, ninguém. E nada mais do que oceano entre ela e o horizonte.*



*Com os pés fazendo uma dança lenta bem abaixo da superfície, os olhos na altura do horizonte, ela pensa, “até onde será que eu consigo chegar?”.*

*Será que ela disse isso, ou apenas pensou? Mas de quem mais poderia ser a voz?*

*Além do horizonte, há apenas mais horizontes. Já no caminho de volta, ela teria todo o resto da vida. Voltar é o que pessoas sensatas fazem. Coisas sensatas sempre foram o que Andréa fazia.*

*Mas houve uma época, antes do Guilherme, em que desafios falavam mais alto.*

*De costas para todo o resto. Até onde será que uma campeã de natação conseguiria chegar? Mas a medalha oxidara faz algum tempo.*

*Seus pulmões se lembram de como se faz. Ela alterna água com ar. O gosto sempre salgado se aloja em suas narinas e sobre seus lábios, a sensação que ela por nada trocaria. Ela mergulha quando uma onda avança. Mas aqui, mais distante, as ondas são mais mansas.*

*Seus movimentos a levam. Ela confia que a linha é reta. Se ela parar para tentar ver, ela teria que limpar a água de seu rosto. A água refresca, pois o dia foi quente. Sobre o bater de seus braços sobre a água, ela ouve a espuma despedaçando-se na areia. A corrente a leva.*

*– Que a corrente me leve!*

*Ela sente que precisa descansar. Em baixo dos braços e nas coxas ela sente os músculos começarem a arder. Qual é a quantidade de suor no líquido em seu corpo? A água lhe segura o peso, a onda lhe empurra. O mar está mais frio.*

*Ela pára em meio ao oceano. Seus dedos empurram o sal de seus olhos. A praia é uma linha de espuma oscilante. Algumas sombras que parecem árvores lhe cercam. Não há nenhuma luz na terra, e o céu está estrelado. Não há lua esta noite. Um círculo mais preto do que a noite sobrevoa as montanhas. Esta é noite de lua nova.*

*Andréa tenta calcular a distância até a praia. Deve dar algumas centenas de metros.*

*Será que daria um quilômetro?*

*Ela mergulha a cabeça, e gosta do que ouve. Em baixo da água, há um tremor mais próximo do que qualquer som terrestre.*

*Ela sempre foi boa de prender a respiração. Até onde dava o fundo deste mar? O desafio de tocá-lo com a mão: fazia tempo que ela não o sentiu. A possibilidade de descer e tocá-lo, e demorar para voltar à superfície...*

*Andréa não precisa mais respirar. Isso ela já sabe faz alguns meses. Já se passou mais de um ano desde que Guilherme a trocou. Ela apoia a sua busca por felicidade. Mas Guilherme não poderia nunca ser feliz com ela.*

*Ela enche o peito com todo ar que precisaria para o feito. Andréa lança seus pés ao ar, e estende seus dedos rumo às profundezas.*

*Ela está cega. O mar é escuro e, à noite, é tenebrosa. Com arabescos, ela cava pela profundidade do mar. Mais afundo, mais afundo. Ela sente que está descendo, pela pressão dentro de seu crânio. Por instinto, Andréa, de um metro e cinqüenta e oito, vinte e seis anos, faz movimento de bocejo na garganta.*

*Isso deveria aliviar a pressão. Dor de cabeça. O fundo nunca chega. Até onde chegaria este mar?*

*Ela cava mais, e tenta chutar para chegar logo no fundo. Se ela pudesse enxergar, ela saberia se está perto ou não. Será que algo vive aqui embaixo? Ela não pensa direito. Em baixo dos braços e na batata da perna, há cansaço.*

*O que é que lhe sobra em terra firme?*

*Seu pulmão vai estourar, e ela não terá mais que respirar.*

*Há mais movimento de bocejo, instinto provocado pela pressão. Bocejo. A abertura é invadida pelo sal, como furo no fundo do barco. Nada de chão, há apenas sal subindo-lhe as narinas. O ar lhe escapa a boca, sal lhe enche a boca, ela está engolindo água, está*

*engasgando, é frio e quente e o sal raspa-lhe por dentro do peito. A superfície! Será que ela está nadando rumo à superfície? Ela não respira, onde está o regate? Ao menos uma rocha... Seus músculos queimam, ela vai se afogar. Ela chuta e tenta alcançar o ar e o frio e a brisa, mas demora, é agora, estava para vir. Bolhas lhe escapam pelo nariz. Cócegas enquanto cada uma lhe escapa. Ela quer tossir, quer vomitar todo o sal que lhe cobre a língua e impregna a garganta e – onde que fica a superfície?*

*“Frio! Ar! Vento!”*

*Seu cabelo pesa sobre sua testa.*

*Ela inspira e expira ao mesmo tempo. A brisa é fria, mas que doce frio que ela respira! Ela assopra pelo nariz, cospe o sal, raspando os resquícios que conseguiu do fundo de sua boca. Respira, respira... Respira.*

*Seus músculos queimam. Ela não agüenta mais. Andréa precisa se deitar. Ela mal se mantém sobre a superfície da água.*

*Uma onda lhe passa. Por pouco ela levanta seu corpo, mas sua cabeça é enfiada em baixo da montanha de sal. Os grãos se movem entre suas pálpebras e seus olhos, deixando trilhas de feridas. Qual seria a distância até praia? Será que chega a ser duzentos metros? Parece ser tão longe...*

*Uma pontada. Dor em baixo de seu peito, entre suas costelas. Ela tenta respirar fundo, tenta se recompor, mas cada vez que ela se atreve a respirar, a pontada lhe atinge. Ela estremece.*

*A linha da água sobe em sua volta. A água do mar lhe invade a boca e o nariz e os olhos. Ela se debate, espanca a água tentando se segurar em qualquer coisa firme, mas o mar lhe escapa as mãos. E tudo arde, como xampu em seus olhos. Esta água só trás mais sede.*

*Andréa sabe que tem que voltar. Ela chuta um pouco, só para não voltar a se afundar naquelas trevas. Ela mal ouve as ondas atingindo a praia. O mar caçoa de seus*

ouvidos, subindo e entrando pelos buracos, e saindo. Ela só ouve através de barreiras de água.

*Mover os braços dói. A praia está longe.*

*Uma corrente a suga mar adentro. Com a pouca força que lhe resta, Andréa balança seus pés. Ela usa a força da onda para se manter acima da água. Ela é erguida, e desce de novo. Parece que seus pés são feitos de chumbo.*

*Enquanto a onda se distancia, Andréa percebe que a maré está lhe engolindo. Seus membros se recusam a se mover. Ela fez uso da pouca força que lhe restou por nada. A correnteza irá levá-la ao alto mar e lhe puxará em redemoinhos rumo às profundezas onde o sal e a pressão lhe corroerão as tripas. Afogar-se só demora por volta de dois minutos. Isso não é nem o tempo de uma canção.*

*Como seriam estes cento e quinze segundos? O que vem depois não é problema... Mas e o afogar? Antes do desmaio, quando só se pode se engasgar em sujeira? Quantas carcaças de peixe não há no mar... Por que ele é tão salgado?*

*Andréa força seus braços a se moverem, força as suas pernas a levarem-na até a praia. Isso é coisa que se faz, simplesmente isso. Voltar à praia, voltar ao chão. Tudo deve voltar ao chão.*

*A maré lhe puxa. Ela tenta usar mais força, mas sua força não lhe faz mover-se contra a pura atração do mar.*

*E a onda começa a levantar seu corpo ao alto.*

*É só tempo suficiente para ouvir o mar aplaudindo a sua falta de força. A linha de espuma branca não se moveu. Ela não agüenta mais, ela não pode mais. Em baixo dos braços, nas coxas, em baixo da costela, Andréa é a própria dor, somente dor. O mar repuxa, toda a água se move, em preâmbulo da próxima onda. O mundo se curva. Ninguém está aí para lhe segurar. Andréa nunca se sentiu tão nua. A câimbra nas costas é pior do que crianças apontando a sua nudez. A onda quebra sobre sua cabeça. Sua*

*boca estivera aberta, em meio à respiração – agora inundada, um grito às avessas. Ela sente seus braços sacudirem-se enquanto os pés são puxados. O frio lhe morde o corpo. Seus seios vão se rachar ou explodir, de tão frio que está. Ela não pode ficar, simplesmente não pode.*

*Não consegue.*

*A maré a puxa, e outra onda se dobra sobre sua nuca – o peso da água lhe empurra sob a superfície. Corrosão nas narinas, sal, grãos sob suas pálpebras, riscos em seus íris. Não lhe resta fôlego.*

*“Ar e vento, ar e vento!”*

*Empurrada à superfície, ela tenta parar de se movimentar para conseguir respirar. Mas outra onda se fecha sobre ela. Andréa é empurrada, sua cabeça está estourando. É frio, tão frio. O mar lhe puxa pelos pés.*

*Se ela entregar-se, seria apenas questão de muitos e muitos segundos. Não tem saída; o mar lhe assalta com suas correntezas. Falta pouco tempo, os pulmões, o peito irá estourar...*

*Os pés ao ar, ela é forçada a sair. O oceano nem lhe dá tempo para se afogar que já lhe vomita. Ela não se dá tempo para respirar, senão isso nunca irá parar.*

*“É preciso chegar lá – é preciso me mover – é preciso respirar – é preciso ter estratégia.”*

*Ela ouve seu próprio ofegar ao se mover contra a água. Ela espera a onda parar, respira até onde puder sem provocar a pontada no pulmão, deixa a onda passar, e retoma seu movimento. Ela nada do pior jeito, mas ela só quer saber de chegar à praia. Ela se embica contra tudo que lhe empurra e puxa. É preciso voltar ao lugar de plantar os pés.*

*Água não tem peso. Oscila, leva, empurra, solta, solta, sufoca, salga, sufoca, sufoca, empurra, e os pulmões não param de respirar.*

*Em baixo dos braços, os músculos são uma massa de fogo e câimbra. A garganta está para lá de seca, impregnada por uma crosta de sal que sobe por trás do seu nariz. As pernas já não se movem mais, seu chutar é algo patético.*

*Ela sente a atração do mar. Espuma lhe empurra os ombros, lhe levanta, e os pés são puxados rumo às profundezas...*

*Chão.*

*Os dedos de seus pés riscam a areia. Os grãos lhe escapam, são tão moles – mas é areia! Seus braços podem se mover.*

*E ela olha para trás, o que ela não ousou por algum tempo. A praia se estende atrás dela, e não aos lados. Desorientada, ela havia nadado em paralelo à praia.*

*O mar lhe aplaude e ri.*

*Ciscando a areia com os dedos, Andréa se move rumo à terra seca. Uma onda branca e espumante lhe derruba, forçando seus joelhos a se rasparem na areia, e enchendo as feridas com sal. O contra-fluxo lhe puxa levemente rumo ao oceano.*

*Andréa só quer saber de cair na areia.*

*Quando o mar se retrai, as pernas da nadadora não agüentam o peso do seu corpo. Basta dar três passos para seus joelhos se ruírem ao chão.*

*Ela está na areia. Seu corpo todo está estendido sobre o chão. O mundo continua girando. As estrelas giram sobre ela.*

*Andréa ouve o vai-vem de espuma se espatifando. Ela sente suas costas coladas à face Sul do planeta. O céu se estende sobre o vazio. O mundo se inverte, e continua girando a milhares de quilômetros por hora. Andréa não cai às estrelas por causa de uma misteriosa força chamada “gravidade”. Um meteoro risca o céu com chamas, e jamais será visto.*

Atravessamos o saguão da sede do Banco Real, cuja imensidão era preenchida pela vila do Papai Noel. Brian estava estupefato com a vila de duas ou três ruas percorridas por Papais Noéis mecânicos e elfos e fadas de corpo e alma. Apesar do pé direito quádruplo, com dois mezaninos, o espaço ainda era iluminado predominantemente por lâmpadas fosforescentes.

Na recepção, eu iria dizer que vim visitar o Leo. Mas percebi que eu não me lembrava de seu sobrenome. Sua esposa era Danielle Spacek (pronuncia-se “Spatchek,” nome de origem Polonesa), mas achei que ela não havia mudado de nome quando se casou. Uma epifania: Leo Grant, de Americana.

– Leonardo Grant.

Depois de teclar seu nome: não tem este nome no sistema.

– Desculpe, claro, Leandro Grant.

Depois de teclar seu nome: agora, sim. – Você já tem cadastro?

Encontramos o Leo no oitavo andar. Não tendo percebido que pegamos um elevador que servia apenas os andares ímpares, tivemos que ir até o nono e descer por escada. Este tempo todo, Natasha (esta, estupefata com as pessoas de terno e gravata) apontava as nuances de um ambiente de trabalho ao seu filho, o qual mal vira um escritório na televisão, quem diria, então, na vida real. Ele ficou fascinado pelo poder do crachá de abrir as portas de vidro.

Leo já esperava por nós atrás da porta. Ele nos recebeu com uma mistura de cordialidade e afeto, os quais combinavam bem com o verde conífera das paredes.

– Muito prazer – à Natasha.

– Igualmente – ao Leo. Seu joelho quase se dobrou, como se ameaçasse um gesto de cortesia.

– Vocês estacionaram aonde?

– Estou na Zona Azul.

– Ah. Dependendo do estacionamento, temos convênio.

Passamos de novo pela porta de vidro. Ele nos instruiu a passar o crachá no leitor, mesmo que a porta já estava aberta. Descemos ao quarto andar.

– E os negócios? – ele perguntou.

– Vão bem. O mercado está aquecido. E por aqui?

– É o que todos me perguntam. Mas está tranquilo. Lógico, a gente sabe que haverá cortes, mas vão manter a marca Banco Real, vão manter o Fábio Barbosa, então estamos firmes e fortes. Chegamos.

Ele deixou a mulher e a criança saírem primeiro. Estávamos no andar do café e da biblioteca. Já se ouvia vozes de crianças, atores e bexigas. Havia um Papai Noel com barba de verdade. À sua volta, havia atores com as faces pintadas de cores fortes e vestidos de roupa da Espanha do século XVII: plumas, boinas e bermudas largas de cores igualmente fortes. Eles saltavam com a energia sapeca do Saci-Pererê. Não reconheci o personagem, mas reconheci o arquétipo: *trickster*. O cheiro de gengibre era forte.

– *Verkleurde Piet* – Leo apontou. – O Piet Preto não daria certo, por motivos óbvios.

Com um braço, Brian agarrava a perna da Natasha. Com o outro, ele mantinha seu Nemo de pelúcias próximo ao seu nariz.

Natasha apontou os “*clowns*” e as bexigas. – *Go ahead*.

Mas Brian não se mexeu, a não ser se fosse para agarrar o Nemo e a perna com mais força. Natasha tentou dar um sorriso charmoso, o qual apenas revelava o desconforto que ela queria esconder.

O certo seria um dos atores vir receber Brian. Mas havia tantas crianças que já estavam de mãos cheias.

Leo deu a sugestão – Você não precisa deixá-lo sozinho, mãe.

Ao que acrescentei – É, a gente vai ficar logo ali no café.



Por cima do menino agarrado à sua perna, ela lançou um olhar que fez ondular pela conexão invisível entre nós: *não me largue aqui*.

– Com licença – falei para o Leo. Eu coloquei a mão no ombro da Natasha para lhe transmitir força. Aos poucos, atravessamos o espaço até a muvuca.

O Papai Noel estava dizendo alguma coisa, terminando a frase com – ... Susten... –, ao que as crianças completaram com – ... tavel!

Natasha puxava sua perna como se fosse hemiplégica, e eu segui logo atrás para lhe dar assistência.

Deixamo-no nas redondezas do grupo. Custou para tirar seus braços de sua mãe. Quando conseguimos, Natasha deu um salto para trás para ele não voltar a lhe agarrar.

Mal demos três passos que ele desembestou a gritar com força de fazer tremerem as janelas. Natasha voltou para ele, não sem me dar aquele olhar que dizia, “*você não vai me abandonar aqui*.”

Com sua voz mais materna, Natasha disse com dedo firme: - *I’m going over there. You’re staying here. Have fun.*

Virando as costas de maneira irreversível, ela veio até nos com passos dignos do São Paulo Fashion Week, porém vacilante.

Leo bateu as palmas e esfregou as mãos, igual ao que eu faço quando dou treinamento. – Vamos lá?

Pegamos o corredor ao lado da biblioteca e de uma equipe de desenvolvimento de sistemas. Acenei para dois analistas que participaram de treinamentos meus, virando o rosto o suficiente para ser surpreendido pelo que vi acontecer com Brian: um menininho – ou mais novo do que ele, ou apenas muito miudinho – ofereceu-lhe uma coroa feita de bexigas. Natasha simplesmente mantinha a postura.

Nossa conversa foi cordial e recheada de oportunidades. Eu sinalizei que estava disponível, sondando as necessidades da área do Leo. Ele sondou meu conhecimento da

situação da Andréa – menos que mínima, era ínfima. Assim, continuamos amigáveis e apaziguados. Eu sabia que ela havia retornado para São José dos Campos, e prometi arrumar o email dela para ele, uma vez que Leo havia perdido contato com a gente desde aquela vez no Bourbon Street. Aos poucos, consegui fazer o Leo se abrir sobre as frustrações que ele enfrentava com sua equipe. E eu, aos poucos, dava meu parecer compreensivo de especialista em comunicação nas dinâmicas humanas. E, ainda aos poucos, ele trouxe a intenção de recomendar a retomada dos meus cursos.

Natasha permaneceu ao meu lado em silêncio, mantendo seu sorriso meigo. Eu me lembrei de como a Andréa sabia vender meu trabalho como se fosse dela e como se fosse puramente idéia do próprio requisitante. A esta altura, eu precisava de uma postura mais agressiva, sem aquele clichê de que “personalizamos tudo”. Como será que a Fabíola faria isso se ela estivesse aqui?

– A Natasha é artista – eu lhe disse. – Aquela lá que eu lhe falei.

– Ah, é você, então!

Era óbvio que ela se irritou. E em outro ambiente, ela teria reagido de outra forma.

– Sim – ela disse. – Sou eu.

– E você tem interesse em mostrar seu trabalho? De repente, posso lhe apresentar a alguém aqui que faria isso.

Sem parar de sorrir, sem perder o *timing*, sem sequer gaguejar, ela disse – sim.

– Deixa-me só ver se ela está à mesa dela. – Leo ativou seu celular e deu uma viradinha para se concentrar.

Natasha aproveitou para fazer uma cara e dizer, sem usar a voz, “eu não quero!”

– Maravilha. – Leo disse, e fechou o celular. – Ela já vem.

– Na verdade... – falei. Natasha tinha retomado sua pose muda. – A Natasha também tem atuado na favela de Paraisópolis.

– É mesmo? O que você faz lá?

– Ahem... Não é bem assim...

– Ela está começando. Acaba de chegar dos Estados Unidos. Ela começou a acompanhar a comunidade.

– Então, a Fernanda vai ser a pessoa perfeita para ela conhecer. Olha ela aí... Não, espera, ela foi para o lado errado. Espere aqui.

Ele foi buscar a colega, e voltou com a Fernanda, a própria.

– Olha só quem está aí... – ela constatou. Ela sorria. Para ela, a surpresa era boa. Para ela, era só um reencontro com uma amiga e um paquera desenterrados. Para ela, não havia motivos para mágoa, para apagar o vigor da Fé, para exercícios de perdão a sua própria pessoa e algumas sessões terapêuticas.

Longe deste algum outro lugar onde eu me encontrava, eu estava explicando para Leu que a gente já se conhecia. Se ele tivesse motivo para ler nas entrelinhas, ele perceberia que eu forçava o tom neutro e cordial. Mas se ele percebia isso, ele dispensaria a noção pelo fato disso não ser da conta dele.

– ... enfim, você é a última pessoa que eu esperava ver aqui.

Ela ainda tinha o sorriso que eu não sabia se era timidez ou sossego zen. O ambiente corporativo pede assertividade. – Pois estou aqui. – Ela se inclinou o tantinho certo para Leo não perceber que ela o excluía da conversa. – É um jeito bom de fazer missão e ainda ganhar a vida.

Ela voltou à posição inicial e puxou uma rodada de risos.

Tasha não tomava iniciativa, então eu falei de seu envolvimento na comunidade em Paraisópolis. Não deixei passar em branco seu trabalho com fotografia e aquarelas.

– Legal, bacana, legal – Fernanda avaliou. – Sempre peço a Deus para Ele trazer as pessoas certas. Olha, este é meu cartão. Vamos combinar alguma coisa, sim.

Fernanda então esperava que eu lhe desse o meu cartão. Mas simplesmente não consegui enfiar a mão no bolso para tirar o porta-cartões. Isso porque, colocando no preto

e branco, eu nunca mais queria a ver na minha vida. Nem Andréa eu condenaria ao sétimo círculo do inferno. O casamento foi algo que se consumiu e depois desmoronou. Mas as promessas que eu julgava serem de Deus, a obsessão, a vergonha, a rejeição, os sacrifícios, para a Fer não eram nada.

Pensei de rabiscar o celular da Tasha em um guardanapo e dar isso para nossa velha amiga. Mas Natasha tomou a frente em meu lugar – vamos combinar, sim. Qualquer coisa, eu te ligo.

– Bacana. Muito bom ver vocês. Então, eu tenho que resolver algumas coisas. Mas a gente vai se falando. Vê se aparece na Batista da Água Branca qualquer domingo desses.

As portas de vidro automáticas se fecharam. Como vestígios de perfume, Fernanda deixou a lembrança de seu beijo no meu rosto em uma Feira de Ciências. Leo disse algum clichê sobre o mundo pequeno. Ele precisava ir, também, mas ele me deu duas dicas: apesar da contenção de custos imposta pela fusão, poderia haver necessidade dos meus serviços no AskHR, como também poderia haver fôlego (isto é, grana) na Vice Presidência de Contas Corporativas.

– Você não tem cartão sobrando que eu poderia passar para frente?

– Ah, claro! Aqui! – Do paletó tirei logo uns cinco cartões: o logotipo de uma seta/rabo de raposa em movimento de elipse circulava as palavras Volpe Treinamentos. – E deixa eu te dar algumas da clínica, também... – Tirei-os do outro bolso do paletó.

Enquanto os cartões passavam à sua mão, o canto do meu olho bateu na frase que subscrevia o cartão da clínica: “Tudo que é feito por amor faz-se para além do bem e do mal. – Nietzsche.” De tanto ver o cartão de visitas, eu tinha me esquecido que a frase estava lá. A frase portava um pouco de melodrama. Era hora de fazer novos cartões, talvez com frase do Buber. Ou do Adam Smith, sobre os Sentimentos Morais. Seria, ao menos, inusitado.

Atravessando os anos luz até este outro lugar onde eu ainda me encontrava, a voz do Leo se despedia e assegurava que a gente podia ficar a vontade até o Brian voltar de seu *tour* pelo Banco. Então foi isso que fizemos durante uma hora e quinze minutos, quase em silêncio catatônico. Enquanto isso, eu me enterrei em meio aos livros, procurando Adam Smith, Peter Drucker, Oscar Wilde, ou qualquer outra coisa que eu poderia usar no cartão. Tasha escondia sua pose atrás de copos de cappuccino da máquina de café.

Brian voltou com um saquinho cheio de bolachas de gengibre e uma letra “B” de chocolate. Tivemos que trocar telefones e cartões com a mãe de um menino que fez amizade com o nosso. Eu cuidei da formalidade enquanto Natasha buscava o perdão de seu filho por tê-lo deixado para trás, chorando.



Voltamos às nossas rotinas. Eu saía todo dia para fazer o trabalho eventual. Tasha saía toda tarde para trabalhar na comunidade carente, levando seu filho pequeno para dentro da favela. Carregávamos idênticos cartões de visita da Fernanda – eu no meu porta cartões na maleta, e ela na sua carteira. Nós o carregávamos porque sabíamos que teríamos que ligar para ela alguma hora. Era interesse nosso ligar, porém tampouco era interessante ligar. Eu sabia que, se eu não ligasse primeiro, a Natasha faria a ligação. Natasha, por sua vez, desconfiava que eu ligaria para sua antiga colega de classe pelas suas costas.

A verdade era que, no final do dia, quando passava da hora aceitável para fazer chamadas de negócios (ao meu ver, 21h30), só então que nós nos lembrávamos de perguntar um ao outro se alguém tinha ligado para a Fer.

Em pouco tempo, duas semanas se passaram, e eu ainda não tinha escolhido presentes de natal. Natasha fez questão de encher o apartamento de bugigangas natalinos, não porque tinha crescido com isso, mas porque Brian o havia, e ele já tinha passado por tanta mudança que pelo menos este costume ele não deveria perder. Ela tomou posse do pequeno balcão da cozinha americana, colocando uma árvore de Natal no lugar onde havia alguns meses eu colocava sempre um buquê novo. Ninguém a avisou que 25 de Março era o melhor lugar de ir, então certo dia o apartamento estava repleto de sacolas da rede Natalie, com as primeiro cinco letras em vermelho. Comentei que este era a versão européia de seu nome, ou melhor, que “Natasha” era a versão russa. Seu nome era uma lembrança de que Deus cumpre as suas promessas – se fundamento histórico havia para as festas religiosas.

Presépios a parte, em pleno verão tropical, o Papai Noel estava agasalhado nas ruas, um verdadeiro espírito onipresente das Boas Festas, sinalizando promoções de quatro, cinco, oito ou dez vezes sem juro no cartão.

Eu ficava a comparar as minhas opções: “posso assumir uma dívida a tão longo prazo?” vs. “seria melhor fazer uma única parcela e assumir logo a dívida?” Era Dezembro, e não entrava muito dinheiro. No mês seguinte, eu teria que pagar o IPVA (fazendo um parênteses: o veículo eu mal usava mais), e, por ser autônomo, eu não recebia o décimo-terceiro salário. Eu também não receberia pela semana sem trabalho entre Natal e Ano Novo. Em outros anos, eu me distraía deste incômodo do recesso em um chalé nas montanhas, mas este ano não viabilizava tais luxos.

Entrementes, eu recebia dezenas de emails com arquivos .ppt anexados com mensagens de paz sobre o verdadeiro sentido do Natal, acompanhados de apitos de *Jingle Bells* em formato .mid.

Fabíola me ofereceu um convite para a festa da empresa. O show seria do Jorge Ben Jor. “Você pode me buscar no hotel.” Mas eu já trabalhei naquela empresa, e, por mais que seria bom ver alguns rostos que fazia anos que eu não os via, eu não me sentiria bem fazendo esta viagem no tempo. Simplesmente não me parecia ser coisa que se faz. “Neste caso”, respondeu ela, “vou fazer o convite de outra maneira: venha me comer no hotel antes da festa.”

A Fabíola sempre teve aquele caráter fálico, aquele que sabe o que quer, “chega chegando” e ou faz acontecer ou se contenta em saber que fez o que pôde. E eu, o que faria?

O que eu fiz: prestação. Projetei um tamanho honesto de prestação em alguns cenários diferentes, inclusive em combinações diversos de prestações. Tempo para pensar, afinal, eu tinha.

O Natal é, de fato, um tempo acompanhado por tristezas. Os sete pacientes que atendi compartilharam comigo esta temporada que evocava promessas quebradas, agressões, excessos de álcool, afogamento em festas, ressentimentos e solidão, esperanças em um amanhã melhor e desejo por paz mundial. O ano seguinte, para

alguns, seria diferente. Para outros, o ano que viria seria mais do mesmo. Aquele que tinha o voto para tirar o empate entre estas duas possibilidades escapou com um malabarismo filosófico: melhor, pior ou igual era só uma questão de perspectiva. Um evocou um natal marcado por agressão familiar. Outro evocou os natais perfeitos que nunca voltariam a acontecer.

Meu Natal amanheceu com a luz do sol se refletindo no prédio ao lado e iluminando a nossa pele. Ora estávamos abraçados, ora esparramados pela cama, ora acariciando, ora beijando, ora dormindo, ora grunhindo, ora perdidos nos olhos um do outro, ora encantados pela pele. E, de repente, estávamos trepando. Depois, voltamos a dormir.

Só depois do banho encontramos Brian, o qual via seu filme predileto, perfeito para o dia: *O Estranho Mundo de Jack*. Natasha insistiu de fazer panquecas, enquanto eu coloquei os presentes ao pé da “árvore”. Antes de comermos, Natasha registrou o momento em 10.1 megapixels.

O dia, convenhamos, era para o Brian. As panquecas Americanas com pedaços de morango, as músicas de Natal na voz do Bing Crosby e no estilo Big Band, a aquarela em folha A3 que ela pendurou na parede atrás da mesa escrita “*Merry Xmas*” e enfeitado por folhas pontiagudas e círculos vermelhos, tudo isso era para tentar esquecer das 31°C que faziam lá fora. Antes de liberar o café da manhã, Tasha foi e voltou da cozinha, com algo escondido por trás das costas.

– *Brian... I have...*

Tchan, tchan! Revelação:

– *Molasses!*

O menino saltou da cadeira, a começar pelos olhos que pulavam de dentro das cavidades oculares e as pontas de seus dedos atirados em direção ao vidro de melado.

– Melado? É só isso?



– Fiquei tão feliz quando achei na casa da Dona Rosa. Tem para vender em todo lugar. Ôpa, ôpa! – Brian já virava o vidro todo sobre as panquecas.

O Natal de '07 nem se comparava com o de '06. Senti vontade de fazer uma oração. Não sei explicar por quê. Ao mesmo tempo, eu não queria voltar a mexer naquelas superstições todas que outrora me amarravam.

Eu sugeri – Que tal falarmos pelo quê somos gratos.

– Essa é outra festa, Rapha.

Mas ela gostou da idéia.

Brian mastigava com a boca esticada, cuspidando para fora os pedaços de panqueca que ele havia afogado no melado.

Em qualquer outro dia, Natasha teria outro chilique. Mas hoje – talvez fosse por causa do sol – ela apenas substituiu o prato e as panquecas, não sem indicar que ela já tinha o avisado que ele não gostava de “*molasses*”...

– Mas, então. Pelo quê é você grata, Natasha?

– Eu comecei o ano sabendo apenas onde eu não queria estar. Aliás, eu sempre soube onde eu não queria estar. Estou grata porque, talvez pela primeira vez, eu sou feliz. E você?

– Eu... – Eu tinha sugerido a situação, e não sabia o que fazer. – ... preciso pensar.

– Brian?

O menino parecia mascar chiclete, sua boca ainda impregnada pelo melado. Ela colocou a pergunta para ele.

Ele disse que era grato por pedras...

“Pedras?”

“Sim. Elas nos protegem dos monstros-zumbis.”

“Ah, sim...”

O silêncio do nosso *brunch* estava incômodo.

– Então... Já pensou?

– Rãn? Ah, sim. Grato... Bom, não é óbvio pelo quê sou grato?

Foi tão natural eu me inclinar em direção à sua boca. Foi tão pudica a maneira que ela se afastou.

– O menino...

– Ah, é...

O que posso dizer? O *Trickster* me fez agir: eu disse que era grato pelo seu sexo.

– Rapha!... – Seu sorriso era de uma pessoa incomodada. Ela indicou o motivo com um dedo escondido pela outra mão.

– Mas ele não entende o que estou dizendo. Sou grato pela sua língua.

Ela jorrou risadinhas asiáticas.

– Grato pelo que sua língua fez. Grato pelas suas pernas, suas coxas, pelo vão do seu decote...

– Raphael!

– Sou grato pelas suas ancas, grato pela maneira que sua pele reflete o lusco-fusco da noite... Grato pela sua...

– *Uncle Raphael!* – Natasha disse, quase em convulsão e vesga de tanto tentar me dar sinais indiretas.

– Tudo bem. Parei.

– Obrigada.

De novo, o silêncio enquanto Brian engolia seu leite.

– ... Perereca.

Ganhei um belo soco no ombro. Brian achou graça, bebendo seu leite.

Ela limpou a sujeira, dizendo, em Português – Ai, Brian, cuidado!

Depois de comer panquecas, lavar as louças. Depois de lavar as louças, fazer café.

Ao tomar café, perceber o aroma forte.

- O que é isto? – Perguntei. – Whisky?
- Gostou? É um toque de Bourbon.
- Mas quem comprou? Você não abusou do cartão do Hugh, não?
- Gostou?
- Gostei...

Enquanto abusar do café com toque de Bourbon, distribuir os presentes, um por um. Deixei a Natasha conduzir o ritual através do Brian, o qual teria que pegar o presente e identificar na etiqueta o nome do destinatário. Por um segundo, eu não tinha certeza de que eu havia colocado os nomes certos. Mas eu os havia colocado, sim.

Os primeiros presentes, Brian teve que perguntar à sua mãe. Os presentes seguintes, ela o fez comparar com os anteriores. Enquanto crescia a quantidade de pacotes em nossos colos, e diminuía a quantidade de pacotes no despacho abaixo do pinheiro de plástico, mais ela simplesmente o fazia reconhecer o nome através dos traços. Tudo, como dizia uma professora de Psicologia Escolar II, pode ser pedagógico.

Duas coisas causaram confusão, e uma terceira, preocupação.

A primeira: Brian começou a encontrar pacotes com a minha letra. Tasha voltou na sua pedagogia, fazendo-o comparar as palavras mais uma vez. Logo, ele conseguiu reconhecer os dois presentes marcados “Brian”. Mas logo ele encontrou mais três pacotes com marcas que ele não conseguiria nem reconhecer, muito menos comparar. Já a Tasha bateu o olho nas letras e reconheceu seu nome escrito em nosso alfabeto próprio.

– *Oh, that's mine.*

Quando Brian viu outro pacote com riscos parecidos – ecos da caligrafia coreana, mas isso sua mentezinha não saberia identificar – ele o entregou diligentemente à sua mãe.

– *No, that's his.*

Ele o entregou a mim. Eu me identifiquei escrito em nosso código tão bem quanto como se fosse escrito em minha língua materna.

E isso leva à segunda coisa. Eu esperava ganhar talvez um envelope com uma carta – o que, de fato, ganhei – ou talvez um ou dois presentes simples, como *pocketbook* ou DVD – os quais, também, pelo jeito, estavam escondidos nos embrulhos laminados com logotipo da Saraiva e do Siciliano. Mas havia outros pacotes. Um parecia ser um livro grande, de capa dura, mas era mais leve, talvez oco. Outro, era mole, quase que certamente uma camisa ou calça. Outro era apenas pequeno e quadrado. E o último, Brian não sabia o que fazer com ele, pois havia marcas parecidas, mas mais complexas.

– *Oh, that's ours* – Tasha disse.

Era um sinal que um de nós inventou antes da nossa formatura, mas que caiu em desuso antes de ser usado sequer uma vez: o símbolo mantinha as letras “a”, “h” e “a”, e enroscava as letras “T” e “R”, “p” e “s”, de maneira que meu nome e o nome dela se tornavam um só.

O *Pocketbook* era “*White Oleander*”, cuja capa era a imagem do cartaz de um filme com Michelle Pfeiffer e Renée Zellweger. O primeiro DVD era do U2, “*18 Singles*”, e o segundo era “*Pulse*” do Pink Floyd, com uma performance integral de “*The Dark Side of the Moon*”. Fazia anos que eu não ouvia esse disco. Depois de comprar o CD em sebo, acho que só ouvi uma vez. Não por não gostar da obra prima.

O quadrado grande era um aquarela que ela fez do seu – meu – nosso quarto. Ela o colocou em uma moldura branca. Na pintura, ela escreveu, “cura”. Lembrei: ela disse que palavras tinham cores próprias, como as músicas têm cheiros e gostos. E também me lembrei: em Psicologia Escolar II foi mencionado um quadro de genialidade chamado “sinestesia”, onde dois sentidos se fundem em uma única sensação.

A Tasha agradeceu o perfume da Dolce Gabanna. Agradeceu a blusa de seda e o tripé para sua câmara fotográfica. Ela mandou seu filho agradecer o DVD *A Noiva Cadáver* e o jogo de memória (os dois, comprei em promoção).

Eu tinha razão: um dos pacotes era uma camisa. Era do Aramis. E, para acompanhar, havia na caixinha um par de abotoaduras.

E no pacote marcado com um único nome nosso?

– Abra, pode abrir.

Dentro de outra caixinha, havia duas correntes. Em cada corrente, havia metade de um círculo *mobius*.

Natasha levantou seu cabelo, oferecendo sua nuca. – Quero que você o ponha em mim, Raphael.

Eu o coloquei nela. O semicírculo se alojou entre os contornos de seu decote.

Virei-me de costas para ela o colocar em mim.

Eu não sou de usar correntes de ouro. Inclusive, nem sou de usar abotoaduras. Gosto de qualidade, mas jóias já beiram à pompa, quando não despencam do limite logo de vez. Mas eu entendi o que ela fazia: ela tentava me elevar ao valor que eu já tinha para ela.

Eu havia escalado a montanha: finalmente, atingi o maior grau de importância na vida da Natasha.

Só que ela não me conhecia. Se me conhecesse, não teria comprado jóias.

E isso leva à terceira coisa, aquela que me preocupava.



Três minutos passados da meia-noite. Acima do cemitério, um céu parcialmente nublado. O campo de túmulos era um olho de furacão em meio aos milhares de fogos que estouravam por cima dos prédios, em meio às ruas, na comunidade carente, acima do Parque Burle Marx, e dentro da televisão que alternava entre Copacabana e a Avenida Paulista. Alcançavam os nossos ouvidos os ecos dos ecos das comemorações.

Três minutos atrás, aconteceu o tradicional beijo para inaugurar 2008. Foi um selinho apaixonado, um beijo que aconteceu pela formalidade, mas também um abraço a mais que aconteceu pelo conforto de poder encontrar um espaço próximo um ao outro.

Mas era exatamente este afeto caloroso que acusava a falta que eu sentira nos seis dias que haviam se passados. Era algo tão sutil que, se tivesse continuado daquele jeito, nem teria percebido. A semana que se passou tinha sido perfeita e romântica, com sorrisos e conversinhas e robes e luzes acesas. E esse beijo simples, um beijo formal, fez meu estômago azedar, justamente porque um quê autêntico perfurou uma membrana que, de tão frágil, era invisível. As nossas fragilidades se apoiavam nesta mecânica simples do sorriso: não se perguntava para não ter que responder.

Eu não podia ameaçar o ninho perfeito e acolhedor que eu criara para ela. Não podia pôr em cheque o acolhimento que eu lhe dava. Não podia arriscar dar sequer um motivo para ela cortar os laços que eu pus em sua volta.

Os “nãos” eram recíprocos. Ela não podia ameaçar sua entrega de corpo e alma. Não podia pôr em cheque a certeza que ela me transmitia. Não podia arriscar a constância de seu afeto e sua dependência feminina da minha provisão masculina.

Por isso, seguíamos de uma maneira que não restavam dúvidas. Sorriso e robe branco usados em volta da mesa, os silêncios incômodos preenchidos por *Discovery Home & Health* e *Fox Life*.

Cinco dias neste roteiro de manteiga derretida e sorrisos Colgate – cinco dias, não: meses a fim – tentavam a resistência dessa membrana, como alfinete em pirueta sobre uma bexiga.

À meia noite, no instante infinitésimo entre um ano e outro, os fogos estouravam.

O beijo não tinha sido perfeito. Aliás, foi totalmente estabanado. Já tínhamos esvaziado uma garrafa de champanhe, e passávamos à segunda metade da garrafa de vinho para mantermos os sorrisos acesos. Um beijo rápido; estouros em todo o céu. Menos sobre o cemitério.

A todo momento eu me esforçava em esquecer a pergunta que havia surgido. Às vezes, eu não conseguia me lembrar do quê eu queria me esquecer. Eu tinha de esquecer da pergunta porque ela conseguiria fazer ruir ao chão a situação amorosa com a qual eu envolvi a Natasha. Mas a pergunta não se calava. Afinal, eu tinha de usar os presentes que ela tinha me dado. As explosões dos fogos não paravam.

Minha honestidade de psicólogo, aquela introspecção que não deixava passar nada...

– Querido, você é tão lindo. Pega outro vinho para mim, vai...

... ela sempre fazia a pergunta voltar às gotas: como Natasha pagou por estes presentes?

Nenhuma das respostas eram aceitáveis. A única plausível era que ela usara seu cartão de crédito mágico, o qual era pago pelo seu ex-marido. Ou seja, eu gozava (talvez...?) do dinheiro destinado ao Brian, e pago por um outro homem.

Brian era ingênuo demais para entender o que se passava. E Hugh, ocupado demais para abrir um processo contra alguém em outro hemisfério. O máximo que ele poderia fazer era confiar que seu dinheiro seria bem aplicado.

Com não pouco tempo para fazer não muita coisa, resolvi, certo dia, colocar o nome da Tasha no Google para ver o que eu encontraria.

Com Natasha Kaiser, descobri uma atleta *African-American* que ganhou medalha de prata nas olimpíadas pela corrida de 400 metros.

E o Hugh, haveria algo sobre ele na *World Wide Web*, a teia estendida pelo mundo todo?

Em 0.24 segundos encontrei aproximadamente 3.620 incidências de alguns Hughs Kaiseres. Entre eles, encontrei um blog que não era apenas de *um* Hugh Kaiser, mas sim de *um certo* Hugh Kaiser que era soldado no Iraque.

Ao ler as últimas entradas, as quais eram mais extensas e cansativas, encontrei várias palavras que eu não conhecia: *trudge, grind, the Big Picture, in a nutshell*. Com a ajuda de um dicionário on-line, consegui decifrar algumas expressões. Nesta busca por esporádicas traduções, encontrei uma ferramenta eletrônica que traduz o texto inteiro. Entretido com as nuances que apareciam nas traduções e expressões desconhecidas, pensei, “por quê não”?

Dentro de segundos, o texto estava totalmente convertido para a língua Portuguesa.



01/02/2008

*Você gasta suficiente tempo passando por os movimentos você esquece do Quadro Grande: as estatísticas, o placar, a razão nós viemos aqui fora, o serviço. O Grande Quadro diz, “Isso tem sido um bom ano. Bom serviço.”*

*Para aqueles de vocês que tem mantido o placar: '07 tem sido um bom ano para as operações em al-Fallujah – para o Iraque no general. (Isso é o que você faz no Ano Novo, certo? Retrospectiva e auto-avaliação geral?)*



*O ano começou deprimente, promessa de mais do mesmo. Nos moveríamos cá, mover lá, saquear outra câmara de tortura, desativar mais bombas, prender algum mais pessoas suspeitas, demonstrar coragem sob fogo. Se apenas isso tinha sido tão fácil: um inimigo comum faz por estranhas aliados. “O inimigo do meu inimigo é meu inimigo”, Dick Tracy concluiu. Nós somos inimigos para os Xiitas e os Sunis, e isso era suficiente para eles. Muitos demais de nossos caras caíram vítimas para seus bélicas alianças para mim a dizer isso foi uma boa coisa – mas bondade tem prevalecido. Quando nós estávamos finalmente visto como um grande suficiente ameaça, gerações – e eu significo séculos derretidos fora sob este sol – de ódio e amargura eram empurrados para o lado. Eu espero que, quando um Suni cai, um Xiita pode dizer que ele era um amigo e dar água por o morto por aquilo. Primeiro semestre, nós sofremos altos-récorde contagens de corpo para confundir um Cardasian, tanto em nossas linhas como bem como civis locais. Isso foi sangrento. Homens crescidos fazem choro, como lá está pequeno outra que destroça suas defesas como o momento um amigão que faz todas as corridas com você é rasgado para baixo e matou dentro segundos.*

*E aquele é o tipo de situação onde você precisa puxar si mesmo junto – mesmo se coisas estão caindo aos pedaços lado do lar, coisas estão explodindo em partes aqui fora e eu ainda tenho um serviço a atingir feito – e tomar o touro pelos chifres. Você atinge para um ponto onde você apenas diz, “foda isso, eu estou puxando meus shorts para cima de em volta de meus tornozelos.” Você atinge cansado de sendo ricamente fodido para cima a bunda.*

*Eu penso que aquilo é 2007 em uma casca de noz. Aquilo é o ano eu disse, Foder Aquilo. Isso tem feito toda a diferença. Isso é como eu posso dizer que, enquanto o ano moer para um fechamento/quebra aberto, este foi um bom ano.*

*Porque os homens precisam de um líder, os comandantes precisam alguém para carregar para fora ordens. Você tem que honrar aqueles poucos preciosos momentos quando coisas estão realmente tão cristal e ser um homem.*

*Quando meu final lar foi queimado (veja Meu Próprio Privado Cais Pérola), eu pude finalmente dar meu tudo para nossa Causa aqui fora. Eu estou ainda lutando pelo bem estando e segurança do meu pequeno menino e minha esposa. Ainda lutando para o fim de Guerra e Terror.*

*As palavras do Churchill precisam para ser disse uma mais tempo: a primeira pessoa a desejar um final para guerra – toda guerra – é o soldado.*

*O Comandante em Chefe, o Presidente, disse, “Missão Cumprida” um par de anos atrás. Eu não significo para dizer ele realmente sabia o que ele estava dizendo em o tempo, mas eu agora entendo que aquelas palavras significar. Nós estávamos finalmente em uma posição para iniciar fazendo uma diferença, e nós temos estado tomando vantagem daquela janela de oportunidade.*

*Eu acredito que 2007 irá marcar o virando ponto nesta guerra. Eu vou dizer isso: nós viemos aqui fora em um passo errado, procurando aquelas Armas de Massa Destruição que informação errada insistiu em cima. Mas agora que nós estamos aqui – e este é o virando ponto – os locais estão iniciando para entender que nós temos um inimigo comum, os Terroristas, o Terror, e nós estamos tirando as ervas daninhas aquilo fora. O mais cedo eles moram em Liberdade, o mais cedo eu posso ir casa.*

*Eu apenas desejo aquilo eram mais fácil para manchar o inimigo. Onde suas alianças se deitam é nunca tão claro como aquilo parece. Por tão longo eu esperava o ataque para vir de um terrorista iraquiano, mas a batalha real era no lar. Entrementes, os Sunis e Xiitas acordaram para encontrar si mesmos estranhos companheiros de cama. É nunca suficiente para olhar o tamanho de um pele-cor-de-oliva bigode de homem para julgar suas alianças. Para os terroristas, lá está nenhum uniforme, não tatuagem de*

*regimento. Não mesmo tão tanto como um inflexível dedinho. Mas ao lado de o tempo que eles furam com furadeira a mão de um homem com uma furadeira de mão ou afixam com cinto elétrodos para sua genitália, aquilo está já tarde demais. Aquilo é apenas não certo, e aquilo é a razão eu estou aqui fora. Aquilo é quase nada sempre tão fácil, e os inquietos momentos são que tempo na frente são tudo a respeito.*

*Lentamente, os locais estão vindo a ver nos como aliados. Finalmente, depois quase cinco anos, eles vêem o real inimigo do povo: os terroristas. Caixas no meio da estrada, caixas no lixo, caixas deixados no canto de um prédio, como na mesquita Saddam Hussein. Aquilo pode apenas ser uma caixa. 50 a 50 diz aquilo é um IED, mais freqüentemente do que não reforçou para cima com diesel, bombas de artilharia ou (surpresa!) pesticidas. Um ser humano seria nunca ser tão desumano. Aquilo é a mente pútrida de um terrorista em trabalho. 2007 tem visto os locais vir juntos – em comissões, em reuniões de aldeia – para ou contra-agir estes vilões ou reconstruir o que eles tem destruído. Pequenas comunidades esforços, tal como retirada de lixo, pode reduzir os riscos e salvar as vidas de crianças.*

*Lt. Hugh Kaiser, assinando desligado.*

*12/26/2007*

*Aqui está um exemplo de como dúbias coisas poder ser aqui fora. Nós colocamos fora em um escolta de humvees. Aquilo era um combóio de bastardos estrada porcos. Eu juro a deus, você gasta suficiente tempo aqui fora, seu dirigir atinge como ruim como dos locais. Somando, estas estradas não estão para carros isso grande. Tráfego se aproximando guina para longe de nós, e não podemos fazer merda para fazer qualquer melhor. Em tempos, nós estamos deixados com brincar frango com os motoristas mais duros. Eu tenho longo parado com calculando as forças em jogar em uma colisão em*

*cima cabeça com trânsito se aproximando. Eu não iria culpar os locais para a merda eles provavelmente chamam nos atrás nossas costas.*

*Quando você está seguindo o líder, e o líder bate nos freios, você certo como o inferno espera lá tem margem de segurança entre seu humvee e os aqueles em frente e atrás. Em um normal caipira comboio, caras seriam ser trocando os mais coloridos Francês a ter jamais ser perdoado. Mas este é chão zero. Você embrulha sua mente em volta da coisa mais plana você pode porque todas outras opções são mais espúrio do que seu atual complicação.*

*“Nós temos atingidos um possível IED aqui”, é a explicação que pipoca por cima do rádio. Palavra também veio em volta que nós não desejaríamos chamar EOD porque aquilo provavelmente não era qualquer tipo de IED em tudo, mas apenas um velho caixote. Experiência de combate tem eu esperando que aquilo realmente seja um IED porque, quando você está negociando com explosivos, você sabe onde o fogo irá vir de. Não assim quando sob a falsa esperança de um caixote vazio que teve sucesso em parando uma escolta de quarto ou cinco pesadamente armados jipes.*

*Soldados não estão aqui fora para matar pessoas. Simplesmente atirar e bater seu alvo quer significa explicar si mesmo para o NCO que acontece para ser em dever. Se você matar, você tem melhor ser certeza você atingiu um dos fodedor de mãe vilões porque, se você atira trabalhador Mohammed orgulhoso pai de seis e marido para dois ou três, você tem atingir lotes de papelada e pessoas para reportar para. O mundo está vendo em Tempo Real, e lá está pequeno espaço hoje para um mal decisão. Quando você tem atingido liderança status, você responde por seus ações de homens enquanto você dá a eles a segurança que você vai grudar atrás deles. Nós grudamos juntos, e aquilo é que faz nos família, mais apertado que qualquer coisa atrás lar que eu não tenho mais.*

*Alguma coisa fez me enfiar meu M-4 Carbine esguicho sob um veículo, gritando alguma coisa feroz em meio as ordens para “vir fora e mostrar si mesmo” e “evacuar veículos ASAP”. Talvez aquilo era um bruxuleio, ou o mais ligeiro farfalhada que deu me uma informação secreta. Aquilo podia ter apenas sido aranha sentido. Aquilo é para danado certeza eu tenho sido gastando suficiente tempo chupando em fluidos repondo Gatorade para ter desenvolvido alguns forma de poderes mutantes. O local débil tinha uma mochila em ele. Dois ou três outros M-4 Carbines estavam apontado para cima sua bunda, e nós estávamos todos gritando por ele para virar aquilo sobre. Talvez alguém estava falando Árabe. Se ele sabia que era bom por ele, ele desejaria manusear aquilo por cima e vir o inferno fora de lá. Se ele não fizesse, nós iríamos ser deixados com não escolha. Mas este específico pequeno fodedor não desejaria arredar pé. Eu estava lá gritando minhas bolas fora enquanto os outros veículos são cobertos e nosso muito nosso próprio Juan “Cara de gavião” está em pé pronto por ação.*

*Um por um, os outros quatro veículos são declarados “claros”.*

*Juan “Cara de Gavião” Hidalgo disse que a caixa no meio da estrada era somente uma caixa no meio da estrada. E aquilo não fez me sentir qualquer melhor. Nós adicionamos a nosso coro a questão, “que a foda está você fazendo fora aqui embaixo nosso carro?”*

*Em apenas três tempos tenho eu sentido o maluco sangue sede. Subsequente a cada uma destas ocasiões, eu vomitei minhas tripas fora. Este tempo, minha adrenalina estava iniciando a ferver.*

*Nosso visita ainda não tem movido um músculo.*

*“Atinge me sua mochila”, “Cara de Gavião” disse.*

*Eu estava pensando, o fodedor de mãe é um balsy pateta. Ele estava patinando aquele fina linha entre sendo um herói e sendo uma pessoa estúpida.*

*Você nunca sabe que irá disparar sua perda. Felizmente, aquela noite nós não achamos fora. Juan empuxou a mochila tão duro o zíper explodiu e derramou pacotes de cigarros todo sobre o asfalto. Aquilo era provavelmente tudo contrabando, mas nós estávamos tudo somente tão aliviado que nós deixamos ele ir. O local tinha simplesmente entrou em pânico e abaixou, fim de estória. Sortudo por nós, eu iria dizer. Ele fugiu fora como o demônio si mesmo. Ele era um das pessoas nós estamos rebentando nossos cortes de carne para ajudar fazer um melhor mundo por eles mesmos e sua prole.*

*Aquilo é momentos como aquele aquele você sempre encontra você mesmo pensando que iria ter acontecido se... Ele poderia ter sacolejado sua mão em tal um caminho que eu desejaria ter aberto fogo. Eu não pergunto sobre a fita vermelha e toda aquela bosta. Eu quero dizer, o que iria ter acontecido para minha alma se eu tivesse aberto fogo então e lá?*

*Mas aquilo é porque você tem para saber seu inimigo. Alguns você deixa vir próximo, e mesmo mais próximo, e então roubar você de sua alma. Você talvez mesmo casar com o inimigo. Entrementes, o cara que parece um real maluco é realmente somente tentando atingir adiante, e desejaria provavelmente apreciar a ajudando mão.*

*Aquilo é apenas um daquelas coisas onde você não deveria apontar dedos em tudo. Eu sei eu não deveria. Mas algumas vezes você não pode ajudar pensando que você deveria ter feito certo, porque você deve ter fodido aquilo para cima realmente legal para a merda para ter batido o ventilador a maneira aquilo fez. Então eu agradecer Deus aquele específica pessoa fez a coisa certa e passou sua mochila para inspeção. Aquela específico tempo, o real réu era o caixote mamãe-eu-quero-ser.*

*Este é Lt. Hugh Kaiser, assinando desligado.*

12/22/2007

*Eu tenho a ficar focado nas razões eu estou aqui. Sim, eu tenho assinado para cima para um serviço para os locais Iraquianos, que inclui destruindo todo formas de opressão, tortura, e racial preconceito como bem como os instrumentos e prédios usado para tais fins. Sim, aquilo também inclui assistência na formação de local comissões para ver para local necessidades. Sim, as pessoas em volta aqui precisar para ver nós como servos para suas necessidades para mais limpo, mais saudável, e ambientes mais seguros.*

*Aquilo era apenas quando eu perdi a únicas pessoas quem deu me razão que eu encontrei a uma razão por as pessoas quem estão perdidos em volta mim. Algumas de você tem seguido uma um tanto catártico série de entradas, e eu faço tenho para agradecer você por sua paciência e comentários. (OPSEC não censura família drama.) Eu tenho venha para um lugar onde eu sinto a responsabilidade em direção a suas vidas, mas não mais comprido a necessidade de gratidão. Em direção a eles, aquilo é um serviço a ser feito.*

*A verdadeira família está aqui fora, pisoteando aquilo fora com você, dando você apoio, assistindo suas costas, precisando sua fé. A única real compreensão eu tenho encontrei veio de minha pelotão. Apenas dizendo uma algumas palavras no altar vem nenhum lugar próximo aquilo vai descer entre soldados debaixo fogo. Eu sei eles tem atingido minhas costas e eles podem ser como certeza como fogo do inferno eu estou assistindo seus.*

*A maioria do tempo, eu não mesmo sinto a perda atrás no lar. Eu posso focar em alguma coisa outra que ódio.*

*Eu, acima tudo, tento para manter uma cabeça nível. Não uma fresca única – não enquanto tão próximo para o funesto bola de fogo – mas um único nível.*

*Aqui fora, eles estão encontrando que o inimigo é um seletor pouco em seu próprios lares, o tipo de doente, monstruoso fodedor de mãe terroristas mentes que irá voltar contra seu próprio pessoas, que irá voltar em sua própria família membros para tortura. A*

*maioria dos Xiitas e os Sunis são apenas normal gente quem estão tentando para atingir através. Apenas um punhado ao meio de eles querem nós morto. Eles estão vindo para entender este cheio de sentido e sutil diferença em quem o inimigo é. Cada vez eu vejo um pequena batalha venceu, eu eco, “missão cumprida”.*

*Eu seriamente tenho esperança – pessoas estão morrendo aqui fora para fazer isso acontecer, talvez para mim – Eu tenho esperança que Iraç irá ser um segundo Japão. Aquilo pegou militar imposição para trazer para baixo tirania lá fora, e agora eles estão um cultural e cívico exemplo para o mundo.*

*Então nós não podemos deixar apenas ainda não. Nós temos venha demais longe e pagar demais querido por nossas realizações para os doentes mentes que mensurar guerra através equações para puxar nós fora agora. Aquilo iria ser como bom como cagando em cima o sacrifício tão muitos de bons homens e famílias tem feito para colocar um fim para Terror, Opressão, e Tortura.*

*Nosso trabalho é longe de por cima. Nós somos ainda debaixo fogo de armas.*

*Este é Lt. Hugh Kaiser, Por sobre e fora.*

*12/04/2007*

*Alguns dias eu acordo com uma canção em minha cabeça, como o eco de um sonho de um suspiro de uma sirene. Eu tenho vindo a pensar se estas canções são avisos de o mistério que irá revelar no curso do dia.*

*Estas canções e seus versos usualmente derretem para longe enquanto o sol aproxima-se por entre ondulações de miragens. Eu juro a deus, esta terra é um inferno muito mais próximo à funesta bola de fogo do que meu lar era. E no lar, eu não pisoteava com 70 libras de equipamento em minhas costas. O que eu daria para secar minha sede com o valor de um dólar em limonada. Aqui fora, eu refresco meus fluidos corporais com nenhum outro do que Gatorade.*



*O aviso de hoje tem sido me seguindo por aí. Talvez ele esteja empacotado em gelo em algum lugar. Eu sei que ele está empacotado para cima por causa da penugem em volta das palavras. Certo agora, ele soa algo como isso em minha cabeça: “nanana, nana, na-nana. Nanana, nana, na-nana. Liberdade ainda nana.”*

*Eu agora recordar outra linha deste aviso nas costas da minha mente: “nanana por cima da fronteira, eu fui avisado para render. Isto eu pude não fazer.” Leonard Cohen sempre merece um segundo, terceiro, ou mesmo um décimo - terceiro olhada. Quando eu vim por cima da fronteira, eu fui implorado para ficar em pé para baixo e deixar outras pessoas brigar esta guerra. Mas eu cresci para cima debaixo o medo de holocausto nuclear. Mesmo crescendo para cima em New Haven, IN (próximo Fort Wayne). Agora eu sei que algumas pessoas, aqueles fora do US-NATO-Europa do Leste-USSR eixo não tem uma dica que aquilo é para morar em medo de Armagedom.*

*Cada tão sempre atrás então nossas colunas iriam arrepiar-se para a mais comprida e mais alta lançada nota por sobre o rádio e ondas de televisão. Aquilo seguiu uma voz em monótono quem seriamente garantia nos que aquilo era “apenas... um teste”. E mais uma vez, ele desejaria dizer, aquilo era “apenas um teste”, somente no caso nós não ouvir ele o primeiro tempo. Sua garantia garantia que um dia, aquilo não iria ser um teste nunca mais. E aquilo podia acontecer, dizer, amanhã. Eu podia nunca ser certeza eu desejaria acordar para cima o próximo dia. Sempre, lá estava um silencioso maravilha como eu olhou no avião trilhas atravessar o céu: faz um de aqueles carregar a bomba?*

*Quando aquilo desejaria, nós iríamos correr para o porão somente porque eles treinaram nos tanto nós iríamos ser treinado para fazer alguma coisa. Nós iríamos correr para o porão o caminho nós fizemos quando monstruosos tornados e tempestades de trovão ameaçaram para saquear nossas ruas. Menos este tempo aquilo iria ser estilhaços de granada em vez de escombros estuprando nosso lar, aquilo iria ser radiação em vez de correntes de vento, e aquilo iria ser as ações calculadas de homens nos elejamos em*

vez de atos randômicos de Deus de violência. Porque alguém, algum lugar, iria decidir aquilo era tempo, porque negociações iriam falhar. Nós iríamos correr para o som nós tínhamos associado com “isto é apenas um teste”. Mas os aviões iriam voar para longe, o sol desejaria por vermelho por cima do abandonado beisebol diamante em dourado Outubro, e eu desejaria sentir um momento de alívio aquilo aquilo não tinha sido O Dia.

E aquilo era tudo nós podíamos fazer atrás então: esperar e esperar as políticas equações não iriam vir para nosso repentina exterminação.

Como comprido como eu estou aqui fora neste abandonado por deus fornalha os locais chamam de lar eu estou fazendo alguma coisa. Em essência, o inimigo é o mesmo. O mesmo tipo de doente mente que era capaz de salário a ameaça de holocausto nuclear é o tipo que vontade amarrar com cinto um litro de bombas atilaria, diesel ou pesticida para o de IED eles deixar no lixo onde local crianças podem brincar.

Atrás então, aquilo era os Comunistas, agora aquilo é os Terroristas. Mas este tempo em volta, eu posso fazer – estou fazendo – alguma coisa então minha esposa e filhote de bode não moram embaixo aquele tipo de medo. Aquilo é razão suficiente para vir por cima da fronteira.

Como comprido como nós estamos aqui fora, as pessoas no lar podem ser certeza que eles estão seguros. Não somente ter um sentimento de segurança. Eles estão seguros, porque nós estamos aqui fora para atingir os terroristas. Aquilo é que tão muitos de nossos homens e locais amigáveis tem morrido para: para parar o Terror.

E aquilo é que mantém me macio em direção os únicos quem tem virados suas costas em mim. Eu estou aqui fora no pé do Sol, rebentando minhas cortes de carne, para fazer certeza eles podem morar sem medo de opressão.

Aquilo seria ser mais fácil se eu podia contar em o apoio de minha esposa e criança. Eu tenho vindo a aprender, apesar, que eu não necessito eles para motivar me para ser aqui fora. Eu tenho a morte de meu próprios homens para empurrar me. Eu tenho a

*sobrevivência e missão de meu próprios lutadores para esporar me em cima. Como comprido como pessoas brigam, como comprido como eles estão dando seus todo por a Causa, eles irão necessitar minha liderança. E se eu deveria cair amanhã, eu sei eu irei querer meu pelotão para manter a boa briga tão eu irei não ter sido matado por nada.*

*Outro eco, em alguma coisa como Francês Canadense. “De camis jamais sequois, tecameux jamais sequis. Tecumseh pas blue. Eu tenho perdido minha esposa e crianças. Mas eu tenho muitos amigos. E alguns de eles estão com me.”*

*Eu apenas agora fiz google o Leonard Cohen canção, desde torturar no cavalete minha mente não podia trazer volta as letras para O Partidário. A linha eu acordei para cima com esta manhã era, “Oh, o vento, o vento está assoprando. Por entre os túmulos o vento está assoprando. Liberdade ainda irá vir.”*

*Este é Hugh Kaiser, assinando desligado.*



– Raphael?

Imagine a minha surpresa ao ser flagrado às quase quinze para as dezoito no café do segundo andar da livraria Martins Fontes do Edifício Patrimônio na Avenida Paulista com a Brigadeiro. Eu estava atrás do meu notebook no cantinho do café. O que ela estaria fazendo aqui?

– Você acredita que só consegui almoçar agora? – Fernanda suspirou. – Aqui é ótimo para dar uma escapadinha, fala que não é.

Eu disse que era. Ela prosseguiu explicando que ela veio comprar o livro de Francês do próximo módulo que ela faria. Ela deu aquela inclinadinha só para eu ouvir (só que, desta vez, só tinha a gente) que ela aproveitava para se tentar com os livros de viagens e turismo. – E você, com o quê você estava se tentando?

Eu já tinha fechado rapidamente o notebook. Para mim, não era horário de almoço porque, como se costuma dizer por aí, autônomo faz seu próprio horário. Eu estava com um horário que era meu próprio. A dedução lógica era que eu estava me mantendo a par do que havia de mais quente e novo no mercado, e deixei a Fer deduzir exatamente isto.

Ela na tinha pedido licença nem para ocupar a cadeira vazia, nem para fazer um carinho cordial no meu ombro e nem para dizer que sempre admirou a minha garra para dizer aquilo que é e denunciar aquilo que não o é. E eu não lhe disse, mas pensei comigo mesmo, que tal dogmatismo na tem mais a ver comigo. Também não lhe contei qual fato da minha vida marcou o ponto de inflexão no meu dogmatismo.

E, já que ela havia rendido a cadeira, já que ela pediu um chocolate italiano para beber com as pontas dos dedos na xícara e no pires, ela aproveitou para superar o incômodo do vão em nossa comunicação imposta com a simples proposta de assunto, “me conta de você.”

O que havia para contar?

Eu estava com a máscara do homem de negócios. O roteiro pronto já oferece, não só os assuntos, mas também as informações: os negócios vão bem, estou desenvolvendo projeto x e projeto y, você conhece “fulano”? Se sim, dar informação. Se não, sugerir que precisa conhecer. Sugerir um café “qualquer hora destas”.

Na sua camiseta, na vez que eu considero que foi a Primeira Vista, estava escrito, “Jesus te ama, e eu também”. E se eu tirasse os olhos do ponto fixo logo atrás dela para focar-me em *seus* olhos, eu veria a face daquela que estampeei sobre meu córtex cerebral durante os anos de obsessão com a promessa de Deus que não se cumpriu, sendo que a face da Fernanda tinha arbitrariedades diferentes daquelas que se tornaram foco da minha amargura: olhos castanhos (e não pretos), pele um pouco mais branca (e não bronzeada), cabelo mais escuro (e na clareado pelo sol).

Ela esperava pacientemente para eu lhe contar de mim.

*Então, pensei comigo mesmo, foda-se.*

– Bom, você viu que a Natasha está comigo. Sim, ela não só está de volta como está morando comigo, ela e seu filho, é que ela tinha se mudado para os Estados Unidos pouco depois do colégio, não é possível eu não ter escrito nada sobre isso em nenhuma daquelas cartas que eu enviava para você a cada semana. Enfim, ela voltou este ano. Não que a gente tenha se deixado perder a amizade, então falei, puxa, já que você vem, fique aqui comigo até você achar um lugar para ficar. E aí, para minha surpresa, ela veio, ela e o menino. Ela casou direitinho, não foi nenhuma “situação”, sabe. É que não deu certo, parece que o cara vivia indo lutar no Iraque e não cuidava do que tinha em casa. E aí que eu falei, puxa vida. Sabe aquela pessoa que você fica pensando, “e se eu tivesse uma segunda chance”? Então, era ela. E agora ela está morando comigo. E aí uma coisa vem, outra coisa vai, é claro que, quando dois adultos de sexos opostos moram juntos, ainda mais entre mim e a Natasha, as coisas acontecem.

– Você e a Natasha...? Eu não sabia eu vocês tinham uma história.

– Bom, não é nenhum segredo. Todo mundo da turma sabia. Você não tem que voltar ao escritório?

Apontando o *Blackberry* sobre a mesa, como se isso falasse por si só, ela disse que ela tinha banco de horas.

– Você se lembra da oitava série, que todos na sala faziam aquele alvoroço todo, dizendo que eu estava a fim de você? Foi a primeira vez que as impressões de alguém eram mais fortes do que eu, do que meu sono, do que qualquer coisa. Eu ficava planejando maneiras e maneiras para lhe falar dos meus sentimentos. Mas também nem dava com a turma toda de coruja em cima da gente sempre que conversávamos. Aí você saiu, a Carina saiu, saiu todo mundo quando chegamos no Colegial. Eu ainda tinha Norl e Carlos, eu estava bem. Aí eu também conheci Rejane e Serpentina, ambas Adventistas – a Rejane da Promessa e a Serpentina do Sétimo Dia. Mas não era tão fácil para Natasha. Ela entrava muda na sala de aula e saía calada. Nos intervalos, enquanto todos os outros adolescentes ficavam nas suas turminhas, ela ficava sentada no banco, de braços cruzados. Eu sentia falta de você, porque eu conversava mais contigo quando Norl e Carlos ficavam na fila da cantina. E aí eu olhava para o lado, e sua amiga estava lá sem ninguém. Pensei, puxa, eu devo isso à Fernanda. Vou cuidar da amiga dela. É o que ela iria querer. Dentro de poucos dias, Tasha estava enturmada com Rê e Serpentina, e aí meu grupinho na hora do intervalo estava formado. E com os hormônios a mil, eu preferia ficar estes minutos no meio das meninas do que junto com os caras só falando sobre as mulheres e chamando um ao outro de viado. Bom, foi acontecendo. Não tenho muita história para contar. Ela foi a segunda pessoa por quem perdi o sono, me angustiei, fiquei planejando como eu lhe contaria meus sentimentos. Eu passei algumas noites orando por ela, em batalha espiritual mesmo, porque ela tinha me contado algumas histórias de acordar sem poder se mexer com um demônio encarando-a, até ela falar bem alto, “Jesus!”. Certa noite, disso eu me lembro bem, senti um cheiro forte de enxofre. Depois

daquilo, devolvi os discos de Led Zeppelin que o Nori tinha me emprestado. Também me lembro que eu lhe contei dos meus sentimentos. Decidi que só conseguiria me confessar se tivesse um ultimato, do tipo, “até tal hora, ou nunca”. É claro que a palavra “nunca” é uma coisa tão pesada que, depois de passar o momento, eu renegociava o prazo. E assim passou segunda-feira, terça, quarta... Até o final da última aula (era do Professor Xiang, um chinês, de Física) eu a puxei pelo cotovelo aí no meio da classe. Eu disse algo assim, “então, eu te amo, viu!” E se tenho alguma lembrança que consigo rever em todas as suas cores, cheiros, sons, batimentos cardíacos e suspiros, é o sorriso surpreso dela que a derrubou.

– Que bonitinho...

– Só que ela pediu um tempo para pensar. Na segunda-feira, ela me entregou em mãos uma carta, a qual dizia que éramos tão bons amigos, por que estragar isso, etc., etc., basicamente dizendo que não iria acontecer.

– O sentimento não era igual.

Comentário infeliz, o da Fer. Travei, o rosto congelado em uma meia palavra que poderia quase ser um sorriso. A comparação entre o método das duas relampejou: Natasha não disse que o sentimento era igual mas cortou qualquer esperança. Já Fernanda nutriu a esperança, espiritualizou, colocou a “esperança em Deus e o mais [que] Ele fará”, enquanto seu sentimento era longe de ser igual ao meu. Isso, para Fernanda, tinha sido conveniente.

Simplesmente completei a meia palavra dizendo – pois é. Tem coisa mais triste de se ouvir do que “eu te gosto como amigo”? Eu achei que era porque ela não achava que tinha idade. O Carlos pediu minha permissão para “tentar” com ela. Bom, aí você tem que entender uma coisa, e não vou dizer isso para me glorificar. Eu estava razoavelmente malhado porque fazia exercícios toda manhã, às cinco e meia da manhã, eu orava, meditava na Palavra, reprimia pensamentos impuros, não falava palavrão, quanto menos

contava piadinha de sacanagem. Já o Carlos, o oposto. Eu não via muita ameaça. Só seria chato para ela ter que dispensar dois em uma semana só. Só que, na sexta-feira seguinte, Carlos e ela eram namoradinhos. Resumo da ópera, conheci o que, de fato, era desejar a morte. Cheguei a planejar como eu conseguiria fazer com que parecesse um acidente...

Fernanda estava visivelmente incomodada.

– Coisas de adolescente – eu disse para amenizar.

Não lhe disse que essa foi apenas a primeira vez, que a solidão daquele episódio se repetiu com muito mais intensidade quando recebi o email da Fernanda que, em resumo, dizia, “pare de me encher o saco, será que você não percebeu que não quero ficar com você? Não me fale mais nessa história que eu estou começando a ter ódio de você.” Em resumo, foi isso, na época do divórcio dos meus pais.

De repente, eu disse – Deus não deixou. Eu me matar. A história foi esta.

E era a mais pura descrição do que aconteceu. *Algo* em minha alma ouviu nitidamente as palavras, “*Deus não é homem para dar para trás em suas promessas.*”

E Fernanda ainda mantinha suas mãos dobradas sobre seus joelhos. Havia quanto tempo que sua xícara estava vazia?

– Você aceita mais um? – ofereci.

– Aceito, sim. – Ela mesma se encarregou de gesticular para a moça e apontar a sua xícara vazia.

– Deus é bom, não é mesmo? – ela disse.

Respondi com um grunhido neutro.

– Sabe que eu havia pensado em você aquela semana, pouco antes de você aparecer. Pensei, “puxa, o que será que aconteceu com Raphael? Ele nunca mais deu notícias.” Eu acredito em coincidências, mas acho que não era o caso.

Por um segundo, eu me perguntei se eu acreditava em coincidências.



– Por isso que fiz questão de sentar aqui. O trabalho espera, o dever chama quando quer. Para mim, é muito mais importante ver o que o Senhor vai fazer.

Outro grunhido neutro.

Tivemos um silêncio daqueles que gosto tanto, sem assunto, sem necessidade de ter um assunto, a espera de um assunto chegar. Se tivéssemos álcool conosco, um assunto chegaria mais rapidamente. Será que Fernanda era daquelas crentes que bebem? Ela disse que freqüentava uma Batista agora. Seria uma mais “tradicional” (lê-se “fundamentalista”) ou focada em Graça? Por que isso me preocupa?

Na falta de espontaneidade alcoólica, deixei a cafeína me levar. – Fer, tem uma coisa que a gente está evitando conversar, e eu sei que você sabe do quê estou falando. Não quero discutir porque não era para ser, não vou lhe acusar de nada. É que... Enfim, eu só queria pontuar.

– Eu sei – ela concedeu, não de maneira leviana ou cordial. Seus olhos brilhavam, mas não de alegria.

Ela não disse que se arrependia, nem disse que ela queria consertar o que fez, nem pediu desculpas ou perdão. Todavia, este brilho melancólico satisfez uma década de amargura. Acho que eu tinha passado pouco mais de uma década por estas duas palavrinhas saírem de sua boca.

Meu celular vibrou, ameaçando se lançar de cima da mesa. Era minha cliente, avisando que não conseguiria chegar na sessão, pedindo desculpas e fazendo promessas de não faltar mais, as quais eram pouco plausíveis, tendo elas um ciclo de três semanas. Conclusão: o trabalho que esperei a tarde inteira para fazer foi cancelado. Eu seria pago, mas não era esta a questão.

– Pelo jeito – ela determinou –, você está livre por mais alguns momentos.

*Tasha, preciso que você entenda algumas coisas. São coisas minhas, coisas de mim, do meu peito. Escrevo em código porque, assim, não saberei ao certo o que escrevo. Espero com isso ser mais espontâneo.*

*É que é muito difícil para mim ser sincero contigo. Eu não consigo me expor. Colocar meu pênis em sua boca e minha boca em sua vulva é relativamente fácil. Trazer o coração à boca para depois despejá-lo em seu ouvido é quase impossível. Eu não quero lhe fazer mal. A última coisa que quero é lhe causar dor. E é paradoxal: sem eu lhe dizer estas coisas, você já sofre – ou você pensa que não vejo a tensão em seus olhos?*

*Isso não é de 2008. Tampouco é de nossa união. Se precisa saber, não conheço lugar melhor do que dentro da fogueira entre suas coxas. Tasha, amo estar em você, amo sentir seus suspiros dentro do meu ouvido. Amo sentir seus útero devorar meu pênis até a sua base. Amo entregar meu corpo ao ritmo que faz você palpitar por dentro.*

*Mas, amiga melhor que já tive, minha colega, minha cara metade, você ainda não voltou dos EUA.*

*Você sabe do que estou falando. Se você quiser chamar isso de “tomar jeito”, assim seja. Acontece que não sei como lhe ajudar.*

*Já lhe dei casa.*

*Já lhe dei atenção.*

*Já lhe dei carro.*

*Já lhe dei liberdade.*

*Já lhe dei meus ouvidos.*

*Já lhe dei meu corpo.*

*A tensão não sai dos seus olhos.*

*Eu não sei mais o que fazer para libertar a sua alma.*

*Tasha, eu te amo, e quero te amar. Mas se eu não puder tocar as regiões mais íntimas de sua alma, não adianta gozar dentro de você.*



Eu deixava que meus esforços sobre seu corpo fluíssem pelos contornos que ela fazia ao se contorcer por entre seus gemidos. Em parte, meu peso estava em meus braços apoiados ao lado de seus seios, os quais reclinavam sobre seu tórax e ondulavam com delicadeza. O resto do meu peso assumia a força do abrigo que eu queria formar à sua volta, um abrigo de puro deleite em meu calor. Eu deixava minha nudez cair sobre sua pele a cada beijo que plantei em Natasha. Senti seu cheiro ao beijar-lhe a pele fina delineada por finos fios de seu cabelo oriental, atrás dos ouvidos e alcançando a sua nuca, onde eu suspirei para provocar arrepios. Era tão natural ela se contorcer para o lado, fazendo seu seio esquerdo se despejar na palma da minha mão. A minha mão livre correu pelas suas vértebras.

Suas costas arquejaram, seu sexo roçava contra o meu. Meu peso se configurou com mais força para recebê-la neste abrigo nos meus braços. Meus lábios encontraram os seus em um beijo que a fez morder e sugar meus lábios.

Segui os cheiros de sua pele até o seio que não estava em minha mão. Um dedão brincava com um mamilo, e os dedos da outra mão acariciavam o topo do vão entre suas ancas. Ela teve um gemido que a fez deitar-se novamente, agora esparramada pela cama de braços e pernas abertas. Ofereci os dedos da mão direita, e ela os recebeu entre os dentes e sobre a língua. Eu respirei sobre a penugem finíssima de sua barriga.

Ela quase chorava. – Ai...

Lambi seu umbigo, com a língua bem afundada lá dentro para provocar arrepios em suas entranhas. Por não alcançar mas a boca, usei a mão direita para provocar o outro mamilo, e usei a mão esquerda para lhe acariciar as coxas e a virilha: o destino final da minha boca. Seus dedos se enroscaram no meu cabelo para apressar a minha chegada.

Quando cheguei, afundei a minha face no seu calor, cheiro, gosto, umidade. Seu corpo se estendia diante de mim, resplandecente como um vale no final de um dia de verão. A nossa pequena elfa agora se tornou uma deusa da terra. Como se não bastasse eu me afundar, seu sexo se empurrava contra minhas narinas.

Ao que eu respondi com mais força, ao que respondi com minha língua sobre seu clitóris.

– Não...

Então eu me afastei um pouco para priorizar toques leves. No entanto, seu quadril seguiu o movimento.

– Não. Assim.

Tasha afastou minhas mãos de seu seio e coxa para levá-las ao seu quadril.

– Assim.

Retomei os leves toques dentro de sua vulva. Com minhas mãos em seu quadril, pude fazer carinhos leves em sua pele...

– Não. Não é assim... Aqui, ó, Rapha...

Ela empurrou minhas mãos ao seu quadril e as apertou como se fosse para travá-las. E, de novo, ela levantou o pélvis, espremendo os grandes lábios contra os lábios da minha boca, gestou que forçou sua abertura.

– Não! Rapha, faz direito, Rapha!

– O quê...?

– Ai, não para. Rapha, me levanta, não para...

Com isso, ela forçava os limites do meu pescoço. Os novos contornos pareciam querer que eu usasse a língua para tocá-la dentro do orifício, mas eu não sabia se era isso que ela queria, então continuei como estava...

– Não, Rapha, você não entendeu... – Sua mão voltou à minha cabeça. – Não para.

Não parei.

De repente, percebi que aquelas contorções que me direcionavam haviam cessados.

– Que foi? – perguntei.

– Faz do jeito que você quer. Não tem problema.

De novo, sua mão empurrou minha cabeça.

– Mas não adianta se você não quer assim.

– Tudo bem, pode fazer como você quiser. Quero ver você feliz.

– Mas como você quer?

– Não se preocupe, já passou o momento. Faz gostoso, faz aquilo que você estava fazendo.

– Não, eu preciso saber o que você quer que eu faça.

– Eu quero o que você quer. Eu me dou para você.

Não consegui responder: ela encheu minha boca com sua vulva, fazendo cócegas no céu da minha boca com seu púbis.

Engasguei.

– Faz, faz, faz, vai, faz...

A muito custo, consegui me afastar sem me machucar muito, explicando que assim eu não queria.

– Tudo bem, vem cá e faz como você quiser.

Seu corpo agora era apenas uma massa falante estendida sobre o edredom. Não, eu não queria fazer amor com uma massa falante.

Limpei minha boca e o cavanhaque. Em frente ao espelho, procurei os traços da minha cara atrás do cavanhaque. Procurei os traços que não mudaram depois de tantas fases e mudanças em minha vida. Na verdade, era apenas uma distração porque o que eu *realmente* pensava era:

*O que será que Hugh fazia que ela tanto quer que eu faça? Mas eu não sou Hugh, não vou fazer como Hugh, será que faço tão bem quanto Hugh? Hugh, Hugh, Hugh, ele ainda está na cama que é minha.*

É claro que era besteira pensar assim, como se eu pudesse ter um lugar absoluto na vida da Natasha. Absurdo, eu tentei me convencer, e consegui.

Ainda nu, mas não mais ereto, voltei ao quarto. Ela vestia o pijama de flanela e lia com a boca imitando bico de pato. Tasha não reagiu à minha volta.

O silêncio que pairava me deu vontade de pedir desculpas, mas eu não sabia dizer pelo quê eu as pediria.

Então eu não disse nada. Optei por vestir a calça.

– Vou dormir.

– Okay.

Montei meu colchão na sala, como de costume, Voltei ao quarto para lhe desejar boa noite.

– Boa noite.

– Boa noite. Durma bem.

– O que você está lendo?

Natasha fechou o livro, usando seu dedo como marca páginas. Ela me mostrou a capa, a qual mostrava um par de lábios carnudos e sensuais sobre pele. O título era “101 Técnicas sexuais, por Camila e Valéria Ferreira”.

– É bom?

– Interessante.

– Depois, você me ensina?

– Eu tentei, Rapha. Você não entendeu. Homem é desligado, mesmo. Já estou acostumada. – Enquanto falava, ela virou mais uma página. – Não faz mal. Teremos tempo para experimentar mais.

– Não entendi o que se passou agora.

– Você não iria entender, mesmo.

– Me explique.

Ela pausou a leitura para pensar sobre o que eu havia dito. Quando chegou em uma conclusão, ela voltou algumas páginas no livro.

– Isso aqui.

Ela mostrou um desenho de manequins carecas e razoavelmente sarados. O homem estava sentado sobre os calcanhares com as pernas da mulher estendidas sobre seus ombros. Da mulher, apenas a cabeça tocava o chão, enquanto o homem elevava seu quadril até a sua boca, como se fosse uma taça de vitória.

– Ah. Você quer isso agora?

Com uma única nota musical, ela disse – não.

Eu estava sendo tomado por sono. Quase que eu dormia em pé.

De repente, ela deixou o livro de lado.

– Você quer fazer sexo, rapidinho? Para você relaxar? Eu deixo.

– Não, pode deixar. Quase que durmo em pé. Amanhã eu faço daquele jeito do livro para você.

– Se você quiser, querido.

Respondi com um grunhido. Depois eu lhe desejei bons sonhos.

– *Bom soi* para você, também.

Nem dei risada.

Depois que deitei, fiquei um bom tempo me perguntando se era justo o Hugh ter que pagar por um livro de 101 posições sexuais.



*Não pense que estou ingrato. Pelo contrário, nunca estive tão feliz, eu acho.*

*Não estou lhe cobrando nada. Se eu digo que você precisa permitir a sua alma a vir para cá, é porque quero ver você desfrutando do que sua vida lhe dá de melhor. Tasha, você sabe que você é muito querida – não pelo que você faz, mas por ser quem você é. Será que você não entende isso? A única coisa que você teve que fazer para ganhar meu amor foi nascer Natasha. Só.*

*Vamos levar isso a um extremo absurdo: suponha que você tenha nascido Rejane. Aí, tudo bem, concedo que meu amor você não teria. Eu amaria a pessoa que nasceu Nastasha.*

*Só estou dizendo que ser quem eu sou é intimamente atrelado ao meu amor por você. Há anos que sei que, no dia que deixo de amar você, deixo de ser Raphael.*

*Por isso me dói ver como você se despreza. Você é um gênio. É inteligente. Sei que qualquer coisa que você se empenha a fazer vai dar certo. Tenho plena confiança em seu potencial. Não só isso, porque suas fotografias têm uma sensibilidade fenomenal. Na sua alma, vejo a alma que você sempre compartilhou comigo. A serenidade que acolhe com ternura que ousa ser frágil.*

*Quero lhe ajudar a tomar jeito. Mas você tem que me guiar. Não sei o que você quer fazer.*

*Não tem pressa – eu mais que ninguém sei que isso demora. Só pude lançar raízes na Psicologia por causa de seu amor, mesmo a distância.*



O email do Paulo trazia um ar de graça que só ele conseguiria trazer: “Quero ver meus melhores amigos junto comigo depois destes dois anos na terra de Bocconi.



Venham tomar umas comigo no Bourbon Street na Sexta-feira que vem! Meu novo celular é...”

Vasculhei os nomes de seus queridos amigos. Em meio aos nomes encontrei Leo Grant e Dani Spacek, Ciro Régis Vieira. Sua esposa, é claro, estava lá no meio. Andréa estava lá, mas com o nome de solteiro, com conta no gmail. E (como pode?) Ana Fernanda Bastos Maia. De repente, a Fer aparecia em todo lugar. Seria uma cidade de vinte e tantos milhões de habitantes ainda um mundo pequeno? Pelo jeito, realmente o é.

Mande logo um email para Fernanda, “Você viu o convite do Paulo Ruboni? Você vai?”

– Recebi um email de um amigo que voltou de um MBA em Bocconi – contei à Natasha enquanto a Warner Channel interrompia o programa para fazer propaganda dela mesma. – Vai ser num barzinho bem legal, com jazz e uns drinques diferentes.

– É mesmo?

– Queria que você viesse comigo.

A julgar pelo silêncio, parecia que havíamos tomado a decisão e o assunto estava encerrado. Mas eu não tinha presenciado a tomada de decisão.

– Desculpe, mas você quer vir?

– Pode ir.

– Vem comigo.

– Não conheço ninguém lá. E quem vai cuidar do Brian?

Aviso ou não aviso? Aviso ou não aviso?

– A Fernanda parece que vai.

– É mesmo?

– Quer dizer, ela recebeu o convite.

Tasha absorvia mais informação da televisão.

Em meio a uma cena de muita tensão e violência, – Que dia?

- Sexta-feira.
- Pode ir.
- Mas eu só vou se você quiser ir.
- Não vou proibir você de ir.
- Então você não quer ir? A gente pede ajuda para a Serpentina...

A noite de sexta-feira chegou ao final de uma sessão terapêutica de 13 minutos que era mais para uma retrospectiva dos melhores momentos da semana do que reflexão terapêutica. Foi o tempo que sobrou depois que o paciente/cliente se atrasou 39 minutos.

Os mesmos sons de sempre: molho de chaves, chaves na fechadura, televisão ligada, digo boa noite, ela diz boa noite, Brian diz alguma coisa. Familiaridade: estou em casa. Havia movimento no meu apartamento na minha ausência. Quem colocou uma revista *Caras* em cima de *O Poder do Mito*?

Nem uma hora inteira depois, a gente estava tomando sopa *chili*, com molho de tomate, carne moída, tempero *chili*, bolacha água e sal murcha e macarrão, seguindo a receita de Indiana.

- Gostou, querido?
- Gostei...

Estava claro para mim como esta noite se desenrolaria. Terminaríamos de comer, Brian voltaria ao seu desenho animado, e nós ficaríamos à mesa fazendo qualquer coisa enquanto esperávamos dar meia hora para o menino ter que dormir, após a qual nós iríamos até a televisão para ver alguma coisa que faria a Natasha rir. Eu a esperaria relaxar em frente à TV, com sua enxurrada de informações jornalísticas, imagens que valem mil palavras e mensagens subliminares. Para ela relaxar, entende?

Isso levaria umas duas horas, no mínimo. Aí nós passaríamos ao nosso beijo de boa noite: uma trepada rapidinha; duas quando era muito rapidinha. Enquanto eu esperaria as duas horas em frente à TV se passarem, eu imaginaria as preliminares que eu poderia

fazer para fazê-la relaxar, questionaria por que ela não aproveitava as horas que eu não estava em casa para buscar entretenimento na televisão, e faria as vezes como um mero ursão de pelúcias para ela abraçar enquanto ela esperava o relaxamento chegar.

Passou-se a primeira meia hora, e Tasha mandou Brian fazer xixi, escovar os dentes, fazer xixi, mostrar os dentes escovados, fazer xixi e ir para cama. Sim, ele podia ver *A Noiva Cadáver*, se quisesse, mas no seu quarto.

Como era de esperar, deixamos a mesa e nos instalamos no sofá. Como eu havia previsto, a televisão foi ligada, e Natasha se ajeitou no meu colo, não sem dar corda no DVD que ela havia alugado: *Ligeiramente Grávidos*. Numa espécie de premonição do sentimento que estava a caminho, vi que aí estavam duas horas da minha vida que eu nunca mais recuperaria. Dito e feito, foi isso que senti quase duas horas depois.

Mas eu também estava ciente de outras coisas que aconteciam. Em um bairro não muito distante, Paulo recebia diversos amigos meus. Aos poucos, eles encontrariam seus lugares ao redor da mesa, pediriam Cubas Libres, Sexes on the Beaches, Caipiroskas. Haveria jazz desprezioso enchendo o ambiente. Contariam histórias, compartilhariam opiniões, fariam demonstrações de intelectualidade. Não seria exatamente uma questão de terem conversas profundas ou autênticas e íntimas. Era apenas questão de *viver*. Ver pessoas vivendo na televisão, para mim, não era suficiente, do mesmo jeito que ver pessoas falando sobre preliminares e indiretas de cunho sexual não era suficiente – ainda mais com um sofá e uma cama a mão.

Pensei de, ao menos, ligar para Paulo, como se fosse seu aniversário. Seria cabível lhe dar os parabéns? Eu deveria mandar um abraço a todos? Já que não era seu aniversário, será que eu poderia ligar para as outras pessoas como, por exemplo, a Fernanda?

Profissionalmente, seria uma oportunidade e tanto conversar com a turma toda e retomar os contatos que já esfriaram.

De algum jeito, no sofá, assumimos uma posição na qual, sem roupa e em movimento, teríamos imensos prazeres. Mas vestidos e parados, a posição era apenas confortável. Chegamos ao ponto no filme em que parece não haver solução. Eu calculava que, meia hora depois, o filme terminaria.

Imaginei que, naquele outro lugar onde pessoas da minha idade se encontravam, eles falavam de mim, e alguém tentaria dar as notícias mais recentes a meu respeito. “E o Rapha, o que aconteceu com ele?” Mas não seria a minha ausência que impediriam a alegria da noite.

O filme terminou, fomos ao quarto, ela se despiu, eu vesti a camisinha, nós nos encaixamos e, durante alguns minutos, gozamos da mais arrebatadora paixão.

Quando eu me deitei no meu colchão no chão da sala, atrás do biombo, nem era meia-noite. Marcelo D2 nem havia subido no palco, e o pessoal nem bêbado estaria. Já teriam passados das conversas sobre quem faz qual profissão e já estariam discutindo política, religião e futebol.

Imaginei a emoção de ter tanta gente que conheço no mesmo lugar. Eu em estado de quase insônia, a cabeça a mil sem pensar em nada, me ocorreu que o Ciro, por exemplo, não conhecia nem Fernanda, nem Dani. Mari conhecia o Ciro, mas só conheceria o Leo porque a Andréa sempre fazia questão de chamar o outro casal para sair. Será que Andréa tinha ido? Enfim, o que me pareceu óbvio de repente era que o grupão era significativo para mim. Para aqueles que não se conheciam, era apenas um grupo improvável de pequenos desafios para ampliarem seu *network*. Se eu estivesse lá, eu facilitaria esta superação (“Leo, você pesca, não? Sabe quem também brinca disso?”) Eu não sabia o que era pior: que corriam o risco de caírem no vácuo, ou que eles conseguiriam engatar nas mais divertidas trocas de idéias sem mim.

Algumas centenas de vozes comemoraram a vitória de algum time de futebol. Eu nem sabia quem jogava, e eu tentava dormir para pôr um fim na sexta-feira.



*O que você quer de mim?*

*Aliás, esta é a pergunta que mais tem potencial pra nós destruir. Qualquer resposta que houver será egoísta da sua parte. Estou aqui para lhe dar segurança? Para lhe dar companhia? Para afirmar a sua beleza? Para lhe adorar? Para você sentir vibrações gostosas? Para você ter com quem ficar agarrada como ursão de pelúcias? Para você ter a quem se submeter?*

*Qualquer coisa que você responder fará você interesseira.*

*Sem fazer a pergunta, eu me vejo diante de outra, bem mais assustadora: sem declarar vantagem e benefícios, por que fico a nutrir este relacionamento?*

*Ou estou realmente nutrindo este relacionamento?*

*Putá merda, voltei à pergunta. Estou nutrindo você?*

*Putá merda. Não estou deixando você me nutrir. É que, quando é com a Natasha Siqueira, não quero cair em tal egocentrismo.*



A princípio, Norl resistiu à idéia de fazer o papel do Monstro. Ele teria que decorar falas, ele não sabia representar, e, afinal de contas, a câmera era dele e ele era quem melhor sabia usá-la. Mas, no grupo, de rapaz só havia nós três, e eu já faria o papel do Frankenstein. Carlos simplesmente não tinha o biótipo certo para fazer o papel do Monstro – fora que ele já havia representado Drácula no segmento anterior. Norl ainda apelou à nota que perderíamos e, como ele já estava com a corda no pescoço em Literatura, não podíamos bobiar.

Foi Serpentina quem o convenceu com seu voto de confiança. A idéia de fazer Frankenstein fora dela, e ela não conseguia pensar em ninguém melhor do que ele para fazer o papel. Foi então que ela teve a sacada de usar a peruca loira que cobriria o rosto do Norl. Sem ter que mostrar a cara, ele topou aparecer no filme.

Serpentina tinha algumas idéias sobre o que havia de acontecer, as quais a faziam vibrar: tínhamos que focar a história da mulher de Frankenstein, pois esta nunca foi bem representada nos filmes; tínhamos de filmar na casa do Carlos porque esta estava em plenas ruínas, tinha que ser eu para escrever o roteiro. Por que eu? Porque só eu havia lido o livro. Ah, e mais uma coisa: não podia ser Serpentina no papel de Elizabeth porque a personagem era delicada, branquinha, meiga ao falar.

Isso nos deixou com duas possibilidades: Natasha e Rejane. Teríamos que filmar a cena das noites de núpcias, quando o Monstro ataca. (Como a Serpentina sabia sem ler o livro? Ela havia lido a revista em quadrinhos.) Para isso, era necessário fazer uma cena com, no mínimo, alguns abraços, teria que haver cumplicidade e amor entre os atores, podendo estes lançar mão de sua história juntos.

Portanto, eu tinha que ficar bem longe da Natasha. Nós estaríamos filmando na casa do seu ex-namorado. E mesmo que não houvesse mais nada entre eles, nem nada da minha parte, o terreno era perigoso.

Rejane, parabéns: você fará o papel de Elizabeth.

Mas, e a cena da noite de núpcias?

Não se preocupe, vai ser tranqüila. O foco é o ataque do Monstro.

Trabalhar com a Rê era sempre tempestuoso. A gente se adorava, mas era uma relação “entre tapas e mais tapas”. Se eu sugerisse “a”, ela já teria mil motivos para não usarmos nenhuma letra do alfabeto, nem listaríamos nada em tópicos ordenados alfanumericamente, nem seguiríamos tão a ferro e fogo o que o professor mandou fazer. O que geralmente era motivo de desânimo, agora se tornou benefício: como eu queria

fazer jus à cena, sem ter que entrar em clima romântico e ferir nossa postura cristã, eu deixaria que a Rê fizesse o balizamento. Eu escreveria a cena de uma maneira que ela jamais aceitaria, e aí iria propor da gente reescrevê-la juntos. Assim, eu teria garantido, também, seu comprometimento com a qualidade do nosso filminho sobre o estilo literário gótico.

Na quarta-feira, lhe entreguei a cena. Na quinta-feira, ela disse, em alto e bom tom, “eu não vou fazer esse negócio, não!” Ao que respondi, como havia planejado, “então como você propõe fazer?” Ao que ela me informou, “A Tasha topou.”

Ao seu lado, Tasha estava sorrindo meigamente. *Ela...* topou a cena... comigo. E eu já havia me recuperado da insônia e do desespero e da vontade de morrer.

– Mas... Você topa fazer a cena do jeito que está?

– Uh-huh.

– E você não quer mudar nada?

– Não.

Afinal, eram só uns abraços, onde, em algum momento, ela abriria apenas um botão da minha camisa. Nada demais, não?

Com apenas uma modesta chama, uma vela devorou a folha arduamente coberta por palavras durante uma manhã inteira, a começar com o desenho de uma mulher recortada por linhas a modo de cortes de carne: era nosso substituto pelo cadáver que o cientista acabara de construir. Aos poucos, desembestei a gritar sobre os horrores que eu evitava cometer, a denunciar a maldade e perversão diabólica, a jurar nunca mais nem pensar em tal atrocidade de devolver vida às coisas mortas. Eu não seguia o roteiro; com o vigor de um dia de frio que eu sentia na base do meu estômago, acumulado ao longo de alguns anos, eu fazia a declamação. Norl não sabia se entrava em cena ou não, mas Carlos gesticulou para ele entrar (fazendo a câmera tremer). Com um pequeno empurrão

da Serpentina, ele tropeçou até mim, me agarrou pelo pescoço e me jogou ao chão, derrubando a mesa com as cinzas e a vela acesa.

– Você... vai... fazer... mulher... senão... mato... a sua! –, dito com melodramático punho elevado ao céu.

Ainda não cortamos: ainda filmamos que lutei para ficar em pé. Fiquei dois segundos tentando recuperar o fôlego e tentando representar um monólogo interior, após o qual olhei diretamente na câmera e jurei – Não.

– Nossa, ficou muito louco! – Carlos afirmou. – Querem ver?

– Eu quero! – Tasha disse.

Norl não deixou, porque daria problema na hora de voltar a filmar, porque era difícil colocar a fita no lugar certo. Ou cortaria o final da cena, ou apareceria o que a gente estava desgravando.

– Mas, Norl! – Carlos disse com aquele tom de voz daquele desenho animado. – O que você está desgravando?

Apesar de corar, Norl explicou que simplesmente ficaria feio.

A próxima cena filmamos no portão da casa. Tinha muito tijolo, umas plantas quase mortas, e um grade enferrujado na cena. Frankenstein lia uma carta. Durante quase dois minutos, eu fazia uma leitura intensa, sem fazer caretas, sem fazer expressão alguma, enquanto a voz da Natasha declamava o conteúdo da carta: saudades, saudades, saudades.

Ao final – Ah! – Pausa, com mão no peito. – Minha amada! – Outra pausa. – Mal sabes que regressarei! Escreverei para que o saibais! – Olhando para dentro da lente da câmera.

– Ai, ai, ai – Carlos exclamou. – Gamei por você, Volpe!

Pronto. Só faltava filmar a penúltima cena. E, depois disso, a última.

Mas, antes disso, tivemos uma rodada de pêssego de lata com creme de leite.



Natasha ria e estava linda. Seus olhos brilhavam como que por trás de uma máscara. Lá dentro havia uma moça divertida, boa gente, alegre. Conosco, ela estava dentro de uma pequena bolha onde ela podia dar risada e ser até um pouco boba. Uma gota de creme de leite escorria pelo canto de sua boca, e eu não sabia se eu podia limpá-la ou não.

Com o dedão, tirei a gota e com a palma da mão segurei seu rosto por menos de um segundo.

Com aqueles olhos que brilhavam com a nudez de sua alma, ela me agradeceu.

E eu devia limpar meu dedão com a língua ou um guardanapo? Ótimo, o guardanapo estava logo aqui. Serpentina viu e simplesmente riu.

Tasha avisou que ela teria que voltar para casa antes de escurecer, senão... você já sabe. Além do mais, Serpentina teria que voltar para casa para iniciar o Sábado.

Não enrolamos mais. Começamos a pensar em como fazer a cena antes das núpcias. Agora eu já estava ansioso por acabar logo com isso, por chegar a poder ter Natasha em meus braços, antes de voltar a lembrar da dor e do suicídio que não cometi e a culpa por minha pele responder à sua presença da maneira como antes respondia. Ou não, com esta energia que palpitava em mim, quem sabe o que eu seria capaz de fazer? E Domingo estava a distância de um dia e meio, ainda. Um dia e meio me sentindo culpado.

Na próxima cena, Natasha buscou uma carta minha na porta, abriu o envelope, olhou a folha enquanto eu recitava o conteúdo ao lado da câmera. Terminei a carta dizendo, “eu te amo”. Ela escondeu o rosto para soluçar de alegria. Fim da cena, com mais uma brincadeira do Carlos que não tinha graça alguma.

Ainda tinha tempo de mudar a tal da cena. Puxei minha melhor amiga de canto e perguntei se ela estava a fim, mesmo, de fazer isso.

– Claro.

- Então... tá bom.
- Você me empresta o roteiro? Não li ainda.
- Como?
- Me empresta?

Não tínhamos muito tempo, pois era inverno e o sol se punha cedo. Expliquei que, basicamente, Natasha tinha que imaginar que seu personagem estava perdidamente apaixonada. Podíamos ser muito emotivos porque o livro fora escrito por uma mulher casada com um dos fundadores do estilo romântico. Nossos personagens haviam sido apaixonados a vida toda, e nesta noite haveria a consumação de seu amor. Finalmente, depois de uma festa depois de meses longes um do outro, eles estariam sós.

- Enfim, Tasha... Faça como você faria na primeira noite.

O resultado da filmagem, na mão do Carlos, foi:

[Interior, corredor de uma hospedagem sem luxo.]

## FRANKENSTEIN

Como você faria na primeira noite.

[ELIZABETH faz que sim com a cabeça.]

ELIZABETH [após longa pausa]

Sim.

[Corte brusco e amador para:

[Interior: quarto simples. A porta do quarto ainda está em movimento. O MONSTRO está com um sorriso bem grande, de satisfação.]

VOZ ATRÁS DA CÂMERA

Putá, Norl, até eu me assustei!

[SERPENTINA sai de dentro de um armário.]

SERPENTINA

Cara, ficou animalllll!

[Câmera desloca à esquerda e para baixo, onde foca em ELIZABETH, ofegante.]

[Corte brusco e amador para:

[Corredor da hospedagem. Close em faca na mão de FRANKENSTEIN.]

ELIZABETH [em off, distante]

Aaaargue!

[Câmera abre zoom.]

FRANKENSTEIN

Elizabeth!

[Corte brusco e amador. Close no chão do quarto, balançando freneticamente.

Muitas risadas em off.]

ELIZABETH [em off]

Doeu isso que você fez.

O MONSTRO [em off]

Machucou? Não era para machucar...

ELIZABETH [em off]

Sei. Mas doeu.

FRANKENSTEIN [em off]

Era isso que você esperava?

[Câmera levanta e fecha na cara da Serpentina.]

SERPENTINA

Não! Ficou muito melhor! É o melhor filme que já fizemos, no duro! Nori, você mandou muito bem!

FRANKENSTEIN

Podemos ver?

ELIZABETH

Tenho que ir...

CARLOS [em off]

Eu te levo até o portão...

[O MONSTRO, agora sem peruca, gesticula à câmera, a qual é passada para ele.

Carlos e Elizabeth saem do quarto.]

O MONSTRO [em off]

Ôpa, ainda está grav...

[Corte brusco e amador para:

[Interior, casa do NORL. NORL está dublando *Locomia*.]

Mas já era final do dia, véspera da nossa apresentação na sala de aula, e nossa Elizabeth já tinha voltado para casa. Elegemos a Rejane (uma vez que ela não havia participado na filmagem) para contar a história à classe. Ela protestou.

O momento crucial do nosso filminho caiu no esquecimento. A dica foi, “como você faria na primeira noite”. Natasha entrou no quarto primeiro. Esta adolescente se voltou para a cama – eu a seguia, afinal, havia um diálogo a ser recitado – e passou a esticar os lençóis, a ajeitar o vaso com flores, a fuçar nas cortinas. Só faltou ela pegar uma vassoura para varrer debaixo do criado mudo. Alguns poucos anos formativos fazendo as vezes de dona de casa no lugar de sua madrasta, sacrificando tempo com amigos e aulas de balé e jazz pelas regras da Congregação Cristã do Brasil. Bem, só podia dar nisso.

Pouco me importei com a baixa nota que tiramos na apresentação, pois diante do resultado, foi merecida. A *coisa* morreu, e eu estava, finalmente, livre para a próxima que viria.



*Não estou com raiva de você. Você tem sua história e sua personalidade, eu tenho as minhas. Até tem como mudar isso, mas eu sei que ninguém paga esse preço. Não tenho raiva, não tenho do quê ter raiva. Estou confortável, você está confortável, e sentir-se bem é a única coisa possível de almejar. Só estou sob muita pressão agora, preciso que você entenda isso.*



– Olá, amigo!

Era a Fernanda, encontrando-me no quiosque de plástico e metal na Alameda das Flores, ao lado do prédio onde trabalhava.

Rasguei as folhas repletas de código que eu tinha acabado de escrever. A carta não era nada que a Natasha precisasse, nem devesse, ler; foi só um recado do meu arquétipo da Anima ao meu Ego, uma maneira de pensar alto sem fazer barulho. Joguei os pedacinhos de papel no lixo.



Já era quase a segunda semana de Fevereiro, a data se aproximando como felino a espreita: o aniversário da Tasha.

Quando pensava no quê fazer por ela para comemorar, era como se minha mente se tornasse uma esfera sebosa: bastava um pouco de esforço que as idéias deslizavam para longe.

Eu tinha dois problemas: 1) ainda faltavam sete parcelas no seu presente de Natal, e 2) Brian. E, para pulverizar qualquer chance de possibilidade de solução: 3) nada superaria os presentes já dados.

No primeiro dia em que eu me dei conta da data, faltando seis, eu olhei vitrines a partir da janela do ônibus. Com o Bilhete Único, este era o lugar mais em conta de ficar enquanto esperava, mais do que tomar café em alguns lugares. No segundo dia, experimentei algumas projeções otimistas. No terceiro dia e no quarto dia, celebramos o fim-de-semana, o qual, nas palavras de Nietzsche, é uma conspiração astuta dos ingleses de tornar o lazer em um jejum do trabalho. Enquanto víamos Glória Maria em Fantástico, Natasha me revelou mais um fato desconhecido de sua vida:

– Amanhã é aniversário do Brian.

– T-t-também?

– É, mas não se preocupe, já comprei o bolo e os presentes. É para isso que tenho o cartão, lembra?

Sim, o bendito cartão mágico, que existe para todas as coisas no mundo que têm preço. Durante alguns segundos, cobicei o crédito do Hugh. Afinal, a mulher de quem eu cuidava era dele.

– Você disse “também”? – ela perguntou.

– Disse.

Com o dedinho do seu pé em meu ouvido, ela comemorou com sua voz mais meiga

– êêêê! Que bonitinho!

Só não quebrei seu pé porque lembrei que minha natureza humana não é somente animalesca.

– Desculpe, amor, foi só brincadeira. Desculpe. Perdão.

No dia seguinte, fui até o bairro da Liberdade para tentar encontrar alguma coisa.

Algumas muitas coisas eu encontrei: Katanas, estátuas de garça, louças para servir *sushi* e *sashimi* com apoios para *hashi*, bonecas de porcelana, tofu, folhas de alga, balas enfeitadas com bichinhos sorridentes, CDs importados desde música tradicional a dance, mangá pequena, mangá gigante, revistas de moda, manekinekos de pata levantada, livros com fotos de paisagens, DVDs de filmes de luta clássicos e obscuros, lustres redondos de papel, abajures quadrados de madeira, utensílios de cozinha que eu nunca adivinharia como usar, sapatilhas de seda e máquinas para fazer *Shiro Gohan*. Tentei encontrar inspiração no semi-círculo mobius que eu vestia no corrente em meu pescoço. Por vezes, eu o mordía de levinho, o que era meu novo “hábito” (para não dizer “tique”).

Finalmente, optei por um sakê especial que encontrei. O preço era tão razoável que paguei em uma única parcela, embora pré-datado vinte dias. Para Brian, comprei shurikens, na mesma parcela pré-datada. Por coincidência, a loja era ao lado de onde Norl, Carlos e eu compramos nossas faixas para a feira cultural: no meu, estava escrito “Hei de Vencer” em japonês. Deixei o Kamikaze de lado, pois não queria glorificar a morte, deixando-o para o Carlos, o qual se arrependia amargamente por terminar com a Natasha. Ainda consegui encontrar um cartão bem bacana antes de dar o horário de vencer meu Bilhete Único e ter que partir rumo à clínica.

No entanto, sofri mais um cancelamento (pago, pois foi em cima da hora), e eu me enchi: não parei no caminho para tomar café, verificar meus emails, ou sentar a uma mesa numa praça de alimentação. No caminho para casa, pensei de passar no supermercado e comprar um bolo. Aí eu aproveitaria para comprar as compras da



semana. Mas, de lotação, seria impossível levar as compras e de taxi, sairia uma nota, a qual não compensaria a comodidade.

Eu não sentia na minha nuca que Natasha estava viva em algum canto do mundo. Eu sabia pela rotina diária que era certo que eu a encontraria no apartamento.

Ela não estava lá quando cheguei ao final da tarde. Certamente, ela estava dentro da comunidade de Paraisópolis.

O apartamento estava muito silencioso. Parecia que qualquer ventinho podia o levar embora, de tão leve que estava. Um silêncio de romper os tímpanos. Só se ouvia o grunhido da cidade por cima dos meus mortos vizinhos famosos.

Acendi a luz, liguei a televisão, sem pensar muito em qual canal estava. Pensei de fazer chimarrão, pois havia muito tempo eu não bebia o chá, mas optei pela cerveja para tentar me sentir bem.

Algo estava entalado em minha garganta, e esqueci o que era.

Não que eu quisesse que Natasha chegasse logo. Eu só estava muito ciente de que ela não estava lá.

O sol se pôs, as lâmpadas fosforescentes e brancas estavam acesas e a casa pulsava ao ritmo de FX. Eu navegava a internet enquanto esperava.

Finalmente ela chegou, precedida pelo farfalhar de sacolas de mercado.

– Ah! Você já chegou! – ela reparou.

Como bom cavalheiro, eu os ajudei a trazer as compras para dentro. Era só o básico: arroz, feijão, açúcar, café, vinho barato, cigarros, carne, frango, legumes, verduras, frutas, água e um DVD de uma animação de estúdio genérico sobre o Corcunda de Notre Dame.

Obviamente, minha contribuição para estas compras foi o empréstimo do carro.

– Que inferno lá fora – Natasha ia dizendo enquanto guardava as compras. Brian correu para pôr o DVD novo, mas rapidamente se esqueceu do filme e se entretinha com

o notebook. Nós preparávamos uma comidinha simples e perguntávamos um ao outro como tinha sido o dia.

A coisa entalada que eu havia esquecido o que era não permitia grandes elucubrações.

– Sim... Legal... Foi bom... E você? – eu dizia.

– Ah, eu trouxe isso para você, meu lindo.

Ela tirou da geladeira algo disforme e marrom que, em tempos remotos, podia ter sido um pedaço de bolo de brigadeiro ou floresta negra.

– É do bolo do Brian.

– Ah. Sim.

– Como tem pessoas boas no mundo!

– Uh-huh.

– Muito bem... agora... isso – ela disse ao retomar sua órbita em volta da comida.

Com o cheiro de bife e gordura pesando na casa, Natasha chamou seu filho à mesa em Português, mesmo que ela ainda estava pegando os pratos para pôr a mesa. Mas Brian não aparecia à mesa, como um menino obediente faria.

Quando saímos de trás da parede que dividia a cozinha da sala, vimos que o menino ainda se entretinha com o notebook. Ele tinha uma almofada entre as coxas, no qual ele esfregava o quadril.

Natasha, mais uma vez, se incomodou. Eu, mais uma vez, expliquei que era natural naquela idade e que tinha que ser respeitado. Não era necessário reprimir o menino. Isso se resolveria de maneira lúdica.

– Mas ele tem que vir à mesa. *Brian, come here now.*

Ele olhou para ela. Seus olhos assustados encontraram os seus olhos maternos. Mas ele estava paralisado pelo susto.

Natasha marchou até ele com o vigor de profeta da Voz do Dever. Mas, quando chegou ao notebook, sua postura se derreteu. Com um curioso olhar, ela perguntou – Rapha, o que é isso?

Assumi logo meu lugar no pouco espaço que sobrava do lado de lá da sala de estar. Meu estômago tremia no frio. Pelo jeito, ela já sabia a resposta, e perguntava por que não sabia o que dizer. Com este tom de voz, eu já suspeitava o que eu veria.

Por cima do ombro da minha namorada aniversariante e da cabeça de seu filhote aniversariante, chegou a mim a imagem *hard core* de [www.youporn.com](http://www.youporn.com).

Eu nomeei o site para ela.

Na tela, em atos muito mais pornográficos do que nosso erotismo atrás das portas fechadas e depois do horário de dormir do Brian, a loira norte-americana de lábios carnudos dizia – *I want it in my fucking face!*

– Raphael, o que é isso?

Eu já não tinha respondido a esta pergunta?

A mão que voou até a tela do notebook e varreu a imagem alaranjada e imunda da frente do menininho com pudor e vergonha para que ele pudesse apagar qualquer vestígio da imagem de sua mentezinha (a qual era *tabula rasa*), a mão repressora que instauraria nele o trauma, a culpa, o pudor sexual, a vergonha, esta mão foi a minha.

O cotovelo que acompanhava esta mão o empurrou contra o sofá, e o impacto o lembrou que ele era um indivíduo em meio a esta situação e o fez chorar pelo ponto que ele ocupava neste encontro trágico de forças.

– O que é isso?!

Confisquei o notebook e marchei rumo a qualquer lugar longe da sala de estar onde a cigana rebolava com seu bode na televisão.

Em um espaço de 72,7 m<sup>2</sup>, não havia nenhum lugar longe ao qual eu poderia fugir.

– Raphael, me explique como meu filho acessou isso!

Eu entendi perfeitamente como. Em sua brincadeira de clicar aqui e ali, ele havia clicado no botão ao lado da barra de navegação e depois clicou em um item qualquer do histórico. Era tão óbvio que, para mim, o verdadeiro mistério era como eu havia conseguido cometer uma gafe tão grotesca.

Custava configurar o Windows Explorer para apagar o histórico?

E aí, diante dos meus olhos, dos olhos da Natasha, por sobre meu ombro e na memória de curto e médio prazo do Brian estavam os endereços: o Cama Redonda na UOL; O Morango e o Sexyclub na IG, pelos quais eu pagava R\$19,90 trimestralmente com discricção no cartão de crédito; a arte erótica de Martin Kovalik, a beleza natural de Simple Nudes, Domai e Natural Nudes; tours gratuitos em [www.nerve.com](http://www.nerve.com) e [www.takefreetour.com](http://www.takefreetour.com); as principais notícias apresentadas por lindas âncoras que se despiam em [www.nakednews.com](http://www.nakednews.com); a força amazônica nos retratos de Igor Amelkovich e as modelos perfeitas de [www.hegre-art.com](http://www.hegre-art.com); os sites hardcore com banners e pop-ups incessantes em rosa-choque, amarelo-banana e preto com vermelho; palavras chaves como loira, asian, ebony, bucetas, oral, anal, foot job, blow job, peitos, bunda, *tit*, *ass*, 69, lésbicas, *lesbian*, *erotic*, *nude*, *artistic*, *teen*, *bondage*, fetiche, *dominatrix*, Sheila Carvalho de Mello, Juliana Paes, BBB, NC-17, XXX, Swing, ménage a troi, pornochanchada e JR Duran; as cenas mais picantes do cinema organizadas por nome de atriz em [www.freecelebritymoviearchive.com](http://www.freecelebritymoviearchive.com); e as cenas caseiras de todo tipo, hardcore de toda maneira, tanto em [www.youporn.com](http://www.youporn.com) como em [www.redtube.com](http://www.redtube.com).

E, enquanto a barra de status era percorrida pela cor azul, pensei, “estranho. A Playboy nunca fez parte da lista”. O motivo era óbvio: quando adolescente, a Playboy eu sempre associei ao pecado.

– Meu filho não pode ser exposto a esse tipo de coisa. Rapha, estou falando com você. Olha para mim, estou falando contigo.

Ela falava comigo de sua altura de elfa.

– Eu não quero saber do meu filho ver ou saber de ouvir dessas coisas pornográficas. Rapha, preciso que você entenda isso. Você entende isso? Preciso saber que você está comigo nisso, porque já é difícil para mim criar o menino sozinha, e não vou conseguir se você está trabalhando em direção contrária ao meu. Posso contar com você nisso, Rapha? Posso? Você não pode achar que *isso* eu posso deixar acontecer...

– Pronto. Acabou. Já apaguei.

– Mas você me entende? Entende, Rapha?

Pensei um pouco mais. Não, não acabou, não. Dentro da pasta Minhas Imagens, alterei a configuração para disponibilizar pastas e arquivos ocultos.

– Se você não consegue me entender, você precisa me dizer. Olha para mim quando falo com você. Você sabe que odeio ser desprezada...

Configurei a exibição para exibir miniaturas e, uma por uma, deletei as melhores e mais envolventes imagens de toda curva de todo tipo de mulher em todo tipo de pose sob iluminação e estilo fotográfico de todo tipo. Colecioná-las uma por uma havia sido o trabalho de dois ou três anos.

Tasha não parava de perguntar se eu entendia por que ela não podia admitir uma coisa desta perto de seu filho.

– Eu sei, eu sei. Veja, estou deletando tudo.

– Não, você não entende. Isso que você está vendo não é fotografia. É fetiche. É fetiche, Rapha, e é abuso. Não quero nem ver estas fotos que já me sinto mal.

– Eu sei... eu sei... O que posso fazer?

– Você precisa entender, Rapha, que meu filho não pode ver isso. Não me importo, realmente não me importo, com o que você fez lá com sua Fabiane, nem com o que faz com Fernanda –

– Fabíola –

– Mas não vou admitir que você traga pornografia para dentro de casa. Meu filho não admite isso. Ele precisa que você esteja aqui, sendo exemplo para ele.

– Eu sei... eu sei...

– Não, você não sabe. Você acha que sabe, mas não entende nada disso que estou sentindo. Não acredito que você achou necessário fazer algo tão patético e pervertido como ver esses sites pornográficos. Se não tivesse mulher aqui na sua casa, eu poderia até entender. Mas tem meu filho, tem uma criança aqui, e ele não precisa nem chegar perto de um computador que carrega esse tipo de coisa. Você não entende –

– ENTENDI. Eu não entendo a realidade de ser mãe solteira e a dificuldade de sua vida que você não consegue tomar jeito e só as fulanas e beltranas de tais ou quais de Paraisópolis conseguem entender você e as mil coisas que você tem vergonha de contar para mim porque você duvida da força do meu amor por você e eu já estou CHEIO de ouvir que não entendo você, caralho que BOSTA, caralho!

Natasha prendeu sua associação livre.

Brian irrompeu em choro.

Na mesma altura de voz, gritei para fazer tremer os esqueletos – O QUE VOCÊ QUER DE MIM? O QUE VOCÊ TANTO QUER?!

Natasha irrompeu em lágrimas.

Mas eu não parei. Pelo contrário: pela primeira vez em 2008, eu me sentia vivo. Eu a segui até o quarto – MEU quarto – gritando “quem você pensa que é”s e “por que você não”s. Ela fechou a porta na minha cara. Eu a abri. Ela se trancou no banheiro. Gritei com a porta. Gritei até (finalmente) parar e sentar na cama.

Natasha destrancou a porta para sair do banheiro com a cara manchada por trilhos sujos.

– ... Isso... NÃO... é... justo.

Ela limpou o nariz na manga que cobria sua mão, como se fosse só isso que derramava.

Eu nem me lembrava do quê eu havia dito. Nem acho que eu o quis dizer ao todo.

– Você... – ela me disse – ... você é muito exigente.

Antes de eu poder colocar a pergunta, *e/la* perguntou – o que mais você quer de mim?

Antes de eu conseguir colocar a resposta em palavras, ela me perguntou – eu não posso ser suficiente para você e as suas necessidades? Você exige muito de mim.



– Por que você – eu estava gritando – não toma logo aquele seu jeito de que tanto fala?

– Eu não sei... não sei mais...

Brian, eu sabia, estava destruindo seu quarto, seus brinquedos, a ordem da roupa da cama. Já não tinha perigo quanto à televisão e o DVD porque os colocamos no quarto-mestre depois da vez em que caíram em cima do menino.

– Você, Natasha – eu dizia pelo seu bem, se ao menos me escutasse – não me valoriza, caralho! Olha! Olha o que eu estou te dando!

– ... Eu sei... eu sei, querido.

– Olha! – eu tinha seu tripé em um punho.

– E eu tenho que agüentar você lavando privada dos outros?! Por que você não me conta as coisas?

Ela nem me respondeu.

Na falta do quê dizer, fiz um som gutural. Como se fosse para ecoar, ela estremeceu.

Tirei o sakê de batata da estante diante de mim. Deixei a bebida sugerir palavras para mim.

– E *isso*? ISSO? Você nem tocou no presente de aniversário que eu te dei! Você não valoriza *nada*, mesmo.

– Eu não sei o que fazer com isso. Não sou chinesa.

– Ah.

Devolvi a garrafa ao estante.

– Nem japonesa.

– Então... Pelo menos me diga há quanto tempo que isso acontece.

– Isso de eu fazer serviço de doméstica?

– Isso de você ser doméstica.

– A primeira vez que fui, foi em Outubro, numa quinta-feira.

– Onde foi?

– Lá perto do Porto Seguro.

– Casa ou apartamento?

– Apartamento.

– Como você conseguiu?

– Eu sei dar conta de um apartamento.

– Não, quem a indicou.

– A Edvalda.

– Ah... da favela.

– Elas não gostam que use esta palavra.

– Da comunidade.

– Sim.

– Quanto você cobra?

– Agora, setenta, mais despesa de transporte.



- Quais dias da semana?
- Todos, segunda a sexta.
- Quem tem limpado aqui em casa?
- Eu. Aqui é dois palitos para arrumar.
- E todo dia é em casa diferente?
- Não. Segunda, quarta e sexta numa casa, terça e quinta na casa que lhe falei. E

ainda tem um apartamento aqui no apartamento que limpo na quarta de manhã.

Fiquei imaginando esta minha amiga de peito esfregando privada do segundo suíte em um destes apartamentos mansões do Morumbi, fazendo trabalho braçal que qualquer um faz. Ela, que poderia fazer exposições de fotografias e aquarelas; que poderia montar um *network* potente que a apoiaria no que fosse que ela quisesse fazer; que, com sua sinestesia, sentia o cheiro da música e via as cores das palavras; que fechou o ensino médio com a segunda maior média de notas que a escola já tivesse visto; *ela* vestiria luvas de borracha para tirar o lixo. Isso não é certo.

- Isso não é certo. Eu não faço o suficiente por você?
  - Você não precisa, querido. Eu estou arcado com as minhas despesas.
  - Mas você não precisa. A Fernanda –
- Tasha respirou fundo, mas não disse nada.
- Você não precisa disso. Deixa que eu arrumo as coisas por você.
  - Você não está me escutando. Você me cobra muito, só não percebe. O que você

quer de mim?

- Eu não *quero* nada de você. Tire isso de sua cabeça.
- Eu nunca vou ser suficiente, você quer que eu seja alguém que eu não sou, e não vou poder ser esta pessoa.
- Pare com isso que você sabe que isso não é verdade.

Ela não parou com isso. E eu voltei a gritar. Ela voltou a chorar.

Eu a fiz me devolver a chave do carro e tentei esfriar a cabeça. Mas havia chovido e simplesmente fiquei preso no trânsito, gritando palavrões e tentando não reparar no cheiro de doméstica que enchia meu Corsa. A discussão tinha começado quando descobri que Tasha usava meu carro para dar carona às suas amigas ao avisá-la que eu possivelmente teria que colocá-lo a venda.



Já se passaram os primeiros meses do resto da minha vida – os meses de gritar e chorar e sentir saudades. Meses para pôr à morte a Esperança. De agora em diante, só terei a seqüência de dias e noites e respiração. Afinal, o último a morrer sou *eu*.

É um dia de chuva, ao fim da tarde, ao lado da Praça da Sé. As luzes das lojas estão mais fortes que o azul no céu. O chão está molhado. É preciso ter destreza para não afogar o sapato.

Um sino ressoa do alto do catedral quando saio do sebo. Sair de uma livraria com um CD na mão, onde é que este mundo vai acabar?

Buzinas e vozes de ambulantes ressoam por entre os vultos de pedra. Os prédios são antigos, cobertos por uma crosta de pó preto. As únicas vozes humanas são aquelas que querem vender. O resto quer somente chegar em casa. Coloco a minha nova jóia – Pink Floyd, “*The Dark Side of the Moon*” – dentro da minha jaqueta de couro, e fecho o zíper.

Um ônibus despreza a curva fechada. Um axé faz vibrar alto-falantes. Um estressado buzina ao temeroso. Um trombadinha grita algo sobre “cú!”. Fios estremecem ao impulsionarem um trólebus.

– Psiu!

Foi uma loira de minissaia *jeans*, blusinha lycra branca, cachecol e meia-calça *pinks*. Essas coisas, no centro de São Paulo, a gente ignora.

Mas seus olhos brilham como vidraça. São olhos carregados com fragrância de olho-de-boneca.

Dobro a esquina. Carros se entrecruzam debaixo do farol com seus faróis baixos. Do outro lado da rua, em meio à praça, as putas cercam a floricultura. Uma música na minha cabeça afoga tudo em quê eu penso – tudo, menos olhos-de-boneca. Atravesso a rua no verde e me faço cantarolar Chico Buarque pelas narinas. Sinto um arrepio por baixo do meu couro.

Olhos-de-boneca e delineador preto.

De longe, eu vejo as putas nas suas calças *jeans* vermelhos e cabelos tingidos. Eu nunca comprei sequer uma revista pornográfica na minha vida. Eu vi um homem fuçar na sua calça cáqui. Ele contou seu dinheiro antes de abordar uma das garotas. Era um acordo tão diferente do meu único encontro com Fernanda há tantos anos atrás; café, flores e um filme às oito da noite.

Estas coisas, a gente ignora.

*“Nós, que nos amamos feitos dois pagãos...”*

São as coisinhas que nós vemos em um piscar dos olhos que ficam conosco: o frio, a noite, o CD usado, uma casa vazia, uma blusinha lycra branca, o trombadinha com o estilete, o seio arrepiado no frio em pleno Outubro, os olhos que me chamaram – “Psiu!”

Vejo o homem com seu dinheiro contado entrar no táxi com sua morena “pálida-de-neve”. O acordo é tão torpente. Mesmo descendo rumo à Av. Brigadeiro, eu sinto que eu acabo de subir um morro. Sob o viaduto, os carros são reféns dos quilômetros de lentidão.

*“... me diga agora o que vou fazer?”*, assobieei, ainda pelas narinas do Chico.

De algum lugar vem o cheiro de duas flores. Eu vi o táxi com seus dois sócios no banco de trás, e tive uma nova intuição: pagando, só não se faz o que não se quer fazer.

O caminho de volta é rápido: passar o viaduto, subir o morro, atravessar a praça, atravessar a rua, descer o quarteirão e virar à esquerda. Minha boca toda formiga, o sangue corre solto no meu peito. Eu torço para que as palavras certas me venham quando eu delas for precisar.

Antes de poder encontrar o quê dizer, seus olhos, brilhando como vidraça ao meio dia, encontram-me. Não sei por que, tiro o CD de seu esconderijo, como se eu não tivesse nada a esconder.

Nenhum sopro lhe escapa por entre os lábios. Sua boca preencheria o beijo que lhes provocasse.

Eu tentava recordar uma frase de um filme que eu havia visto aos quinze anos na casa do Carlos. O que foi que disseram naquele filme quando nesta situação?

Eu parei à sua frente. Ela esperava algo de mim, isso estava evidente. Se eu tivesse um guarda-chuva, seria tão mais fácil começar a conversa com uma oferta. Pergunto-lhe seu nome.

– Tatyanne – ela responde com sotaque do interior da Região Sul, na altura que se fala em balada. Devera: é cada coisa que se ouve a essa hora da tarde...

– Uhm, viu, está um tempo danado, eu pensei que eu poderia lhe oferecer um chá ou algo do tipo.

Ela sorri pelo canto da boca. Ela toca em seu cachecol, ou toca a sua pele, não sei. Ela bem percebe que eu não tenho experiência nestas coisas.

Tatyanne gesticula com o dedão. – Eu tenho um cantinho logo ali onde nós podemos ficar.

Não era isso que eu tinha em mente – Eu moro aqui perto, que tal dar um pulinho lá?

Tatyanne olha para os lados e pisa com a bota, com uma mão no bolso e outra sobre o cachecol rosa *pink*. – Eu não sei...

– Faço questão. Escuta, se for pelo tempo, vou compensar.

Ela me avalia. Seus olhos; a luz do meio dia incide dentro de mim, e o mundo se escurece. De repente, ela diz – R\$ 115,00.

Uma bola de formigas ameaça me descer a garganta, mas não dá para dar para trás agora.

O céu relampeja.

– Fechado – eu digo.

Quase lhe ofereço a mão para fechar o negócio. Mas é isso que se faz? Tento lembrar se foi isso que o homem tinha feito em frente à floricultura. Não digo nada. A rua é estreita, tento ajudá-la a passar pelas poças d'água até chegar no ponto de táxi mais

perto. Tatyane carrega apenas uma bolsa para combinar com suas botas. Fico a imaginar o que uma garota como ela carregaria com ela.

Digo o nome da minha rua ao taxista. Eu encosto-me contra o banco de trás. Minhas mãos pesam no meu colo: não é lá onde deveriam estar. Peso nos ombros, sinto peso na cabeça, e as centopéias na minha língua desfilam, “zzzzzzzzzz”.

Jogo meu braço pelo encosto do banco. Mas isso me enfia no canto do carro. – Linda noite – digo, e me arrependo de falar.

Tatyane está vasculhando seu reflexo em um espelho de bolso. Ela abre um batom. Sem pressa alguma, ela se lambuza com a tinta vermelha. A carne de seus lábios brilha a cada vez que passamos por baixo de uma lamparina. Percebo que ela percebe meu olhar. Ela ajusta o decote, puxa a blusa, e vejo... e não vejo mais do que a descida entre seus seios.

Tatyane cantarola uma música da década passada. “*Swi deems ah meida diz...*” Suspeito que nem Inglês Básico ela tem. “*Evi bodi slukin fá somtin...*”

Estamos secos, cercados por calor humano. Não digo nada. Apenas observo. Tatyane olha pela janela e cruza as pernas. Sua coxa aparece, redonda como o diabo gosta.

E eu me lembro qual foi o propósito do meu convite. Pago pelo tempo; não sou obrigado a nada. Estou apenas comprando o tempo.

Cruzamos a Av. Ipiranga com a Av. São João, próximo à igreja evangélica que fora cinema e o cinema que fora pornográfico. O táxi pára em baixo do minhocão, uma obra do Maluf. Buzinas ecoam sob o segundo andar de carros. Os ônibus continuam juntando gente, as motos continuam a cortar por entre os veículos. Mais um minuto se passa, o farol abre e o cruzamento continua fechado. O taxímetro contabiliza mais quarenta e cinco centavos. Líquido escorre do minhocão do Maluf.

Eu deixo um dedo cair no cachecol da menina. O tecido me evade, e levo um choque de energia estática de sua pele. Ela está gelada como sorvete. Sua cabeça gira para mim. Distraída, ela não está.

– Fale-me de você – digo.

Seu queixo treme: a pergunta é muito ampla. Mas ela logo recompõe seu sorriso de brilho. – O que tu queres saber?

Estou conversando com uma puta. A pergunta é óbvia, é o que todos querem entender sobre as putas. Mas não vou ser indelicado.

– Conte-me sobre... seu filme predileto.

Estamos fazendo o retorno. Já-já cairemos na minha rua e, depois, em meu apê.

Ela pensa, mas não perde seu *timing*. – *Dirty Dancing*.

Junto com um ônibus branco de listra vermelha com destino ao Rio Ipiranga, saímos da avenida principal e subimos o morro. Tatyanne volta a olhar pela janela. Toco-lhe o ombro de novo, agora mirando a sua pele. – Psiu!

Ela olha, os olhos de boneca.

Eu lhe dou um sorriso. Ela me volta uma risada.

Pegamos a minha rua. Sentido único, ela é povoada por prédios antigos. Um supermercado, uma esfiharia e uma churrascaria quasi-luxo estão instaladas nas esquinas. O taxímetro me cobra o olho da cara. Deixei-o ficar com o troco.

Seu Frederico me cumprimenta formalmente na portaria, a qual é uma mesa montada no início de um longo corredor estreito. Ele é um porteiro nato, que sabe quando ser hospitaleiro com as visitas e quando não fazer perguntas. Mas ele não deixa de estudar o rosto da minha acompanhante para futuras referências.

Subimos ao décimo quarto andar. Tatyanne segura sua bolsinha nas duas mãos, do jeito que um esquilo segura sua noz. Eu não estou dizendo nada, e ela segue a minha deixa. Destranco minha porta, e deixo-a entrar.

Meu apartamento tem apenas um quarto, mas tanto a sala de estar como o banheiro são amplos. Ele é uma fusão de lata de sardinha com pista de dança. O prédio fora construído na época em que se costumava receber visitas em casa.

– Gostei deste cortiço – diz Tatyane, tocando a parede revestida. – Tu podes pendurar um monte de fotos.

– Ainda não tirei as fotos das caixas. – Aponto às caixas de papelão espalhadas pela sala e entrando no quarto. – A mudança foi recente.

Ela se encosta à parede com as mãos atrás do seu corpo. Seus olhos incidem em mim. “Psiu!”

Lembro-me para quê eu havia a chamado.

Removo o CD da sacola amarela. Vou até o aparelho de som, embaixo da televisão. – Fique à vontade – ordeno à puta.

Vou até a cozinha enquanto Pink Floyd inicia com um minuto de pseudo-silêncio e gritos histéricos. – Aqui você come queijo, pão e vinho.

A pia está cheia de louças, mas ainda não sujei as taças. Eu me lembro da última vez em que eu as usei. Quais fotos eu colocaria em minha parede nova? Todas me lembram do meu pai.

Sinto um vento frio vindo da sala. Saio da cozinha com a tábua de frios, as taças e o Sangue de Boi. A guitarra suspira. Vejo as costas da Tatyane: nuas. A linha de suas vértebras serpenteia saia adentro.

– Quantas janelas, quantas vidas se passando diante dos teus olhos – ela comenta. Não vejo seu rosto. – Eu ficaria aqui a noite toda vendo o que se passa.

Por quanto tempo irá ela ficar assim, exposta ao frio, de costas para mim?

Eu sei quanto tempo eu já fiquei nessa janela torcendo por alguma moça entrar em seu quarto e não pensar em fechar as cortinas. Mas esse é um doce sonho. A música ofega e geme.



– E tu tens uma visão boa da cidade. É um tapete de estrelas. Estou vendo o Play Center. Eu vou para lá de vez em quando.

Ela olha por cima de seu ombro. Ela entorta o pescoço e levanta seu ombro branco. Seus olhos estão baixos, mas sei que ela me procura.

Deixo a tábua no chão da sala. Ponho as taças junto ao vinho. A blusa branca da Tatyane está no sofá, ao lado do cachecol. Sinto seus olhos, como eles queimam a minha nuca. Pego o cachecol e caminho até suas costas nuas. Levanto-o até a altura de seu peito, e amarro-o como se fosse um *top*.

No prédio da frente, a tão-esperada moça se esquece de fechar sua cortina. Da música, ouve-se um som como febre no espaço. A moça espera para escolher sua camisola. A esta distância, só se vê contornos e cor da pele e do cabelo.

– Senta, coma alguma coisa – digo. Ela é obediente.

Por algum tempo, brincamos com a faca e o queijo, damos de comer e bebemos vinho barato. Ela dá risada. Sua voz chacoalha meu peito. Gosto de ver sua pele, seu *piercing* no umbigo. Gosto de ouvir seu sotaque Santa Catarinaense. Ela joga meu jogo. Eu lhe dou a metade do valor combinado, em *cash*, e o resto eu combino de pagar no fim da noite, também em *cash*.

Acaba-se o queijo e o vinho. Estou com a cabeça leve. Tatyane faz caretas com a faca e a garrafa. Eu me vejo deitado no chão diante dela, e sinto o chão subir e descer por ondas de álcool.

Tatyane engatinha até mim com a faca de queijo entre os dentes. O cachecol *pink* está muito apertado. Seu cabelo escorre por cima de seus ombros e lhe esconde o rosto.

Ao meu lado, ela deita-se sobre meu braço direito. Estamos diante do sofá, diante da janela aberta, diante da televisão. Ela encosta a faca no botão da minha camisa. Ao mover o pulso, o botão voa. Ela afasta o pano. Sinto o vento em minha pele como um visita-fantasma em meio à noite. Mais um movimento de seu pulso, e outro botão voa.

Com a faca, Tatyane afasta o pano, e sinto a lâmina roçar o meu peito. Vejo seu rosto, mas não a conheço.

– Como você consegue fazer isso com um completo estranho? – pergunto.

– Estamos em comum acordo. Eu dou para ti, e tu pagas as minhas contas.

– Eu não falei nada de você *dar* para mim.

Seu sorriso verte bom humor por apenas um lado do seu rosto. Sua boca é vermelha, e brilha como se ela tivesse acabado de beijar o tapete de estrelas.

– E tu me chamaste para quê?

Eu tento me lembrar por que foi. Eu nunca comprei sexo. Sequer comprara uma revista pornô.

– Eu quis a sua companhia esta noite.

Ela brinca com a ponta da faca sobre meu peito, deixando-a andar por onde quisesse.

Se ela empurrar...

– E que tipo de companhia tu queres?

– Não sei, quero seus olhos comigo.

– Ah... – ela senta-se no sofá, e cruza os braços debaixo do seu cachecol. Ela encosta a mão dentro de sua coxa, pronta para obter sua satisfação ao me ver obter o meu. –

Prossiga.

– Não, não é isso. Quis lhe levar para casa, ter você comigo. Isso somente.

A valsa se desfaz e um órgão gera um clima sonâmbulo ao se iniciar *Us and Them*.

– Tu não gostas de mulher? – ela pergunta, agora sentada sobre os calcanhares.

Devo ter feito uma careta. – Sai fora. Gosto, sim. Mas não vou fazer com você nada que eu não queira. Desça do sofá e converse comigo aqui no chão.

Ela desliza pelo couro, mantendo a minissaia sobre suas coxas com a palma da mão.

– Eu não pretendo comprar sexo.

– Pelo jeito, tu só gostas quando é de graça.

– Não, não é assim.

– Ou tu esperas viver em um mundo de contos de fada onde pessoas se amam e vivem felizes para sempre.

A isso, não posso dizer nada. Ela entende tudo errado. Olho pela janela, procurando aquela moça.

– Mas você não pode gostar do que faz. Vai, trepar cada noite com um ou dois que você nunca viu antes... Isso é banalizar a coisa.

– Não é. E consigo fazer quatro numa noite só. Não vejo nada errado no que faço, não me arrependo, não me envergonho de ser puta, e você me deve a minha outra metade. – Ela estende a mão e pega a sua blusa.

Eu tinha deixado a chave na porta. Estou em pé e em frente à porta da saída antes da Tatyane conseguir se equilibrar no seu salto alto.

Minha cabeça explode de dor, e a sala parece escurecer-se: levantei-me muito rápido. Mesmo assim, consigo balbuciar – eu paguei por esta noite. Você não vai a lugar nenhum. – Fecho o punho sobre a chave. Sei que, depois, haverá uma marca. Mas a dor de segurar a chave me mantém consciente.

Tatyane senta sobre os calcanhares cruzados, com os joelhos separados. Sua meia calça esconde sua feminilidade.

– Eu te posso fazer feliz, mesmo que só esta noite.

– Eu sei. É por isso que você está aqui.

Empurro a faca com os dedos do meu pé.

– Eu pouco me importo se tu queres que eu te chupe, dê-te a bunda ou sirva-te sorvete. Mas tu me rejeitas, e isso eu não admito.

– Pergunte-me como foi o meu dia.

– Pelo jeito, tu te achas melhor do que eu, só porque gostas quando vem *grátis*.

– Simplesmente não quero que banalize algo precioso para mim.

A puta se levanta do sofá e anda até a faca. Três passos; ela está lá antes do meu braço conseguir apanhá-la.

– Pois eu não quero que zombes da minha escolha profissional.

– Não estou zombando – digo em minha defesa. – Não quero ser mais um em uma longa história de abusos que você já sofreu.

– Ah, rá. Essa é boa. – Ela joga a faca de uma mão à outra. – Simplesmente fui esperta. Ganho uma puta grana.

– Mas você não está feliz. Nenhuma puta é.

– E você é, por acaso? Tu conheces alguém que ama de paixão o que faz? Porque todos que vêm para mim reclamam. Reclamam do chefe, da mulher, do trânsito, da política. Depois me agradecem e pagam as minhas despesas. E você, o que você faz para melhorar a vida dos outros?

Eu estou preocupado demais com a lâmina que voa sobre mim e cai em mãos trêmulas para lhe responder.

– Tu sabes o que *eu* penso? – ela diz, e gira a ponta da faca na palma da mão. – Eu sei do quê tu precisas, e vou te dar, quer sim ou quer não. E tu irás agradecer-me.

Ela volta a faca sobre o cachecol em volta de seus seios. Ele não se rende facilmente à lâmina, mas a faca faz seu estrago. Seus peitos estouram os últimos fios *pink*. Ela abre a sua bolsa e retira um pote de mel.

Eu não me movo. Do canto do meu olho, vejo a caixa cheia de fotos, todas inúteis. E se eu pudesse captar esse momento único?

Não protesto. Ela me descasca. A janela está aberta, o vento é frio e traz a chuva. Ver seus seios em toda a sua majestade, vê-la se mover sobre mim, é suficiente para desfazer todas as minhas forças. Ela cobre meu pênis com mel, adocicado a seu gosto.

O silêncio do apartamento: esgotou-se a música, não há conversa. Ouve-se o som de fluídos e o ritmo de carne sobre carne. Sinto sua boca, sinto suas mãos. Sinto o vento frio.

Sinto seu cabelo tocando as minhas pernas e se enroscando no meu corpo. Sinto meu corpo, sinto o músculo chamado coração bater como não tem batido faz meses. Afundo as mãos em seu cabelo, desço-as pelas suas costas. Sinto o álcool ainda entorpecendo meus sentidos.

Meu músculo enrijece. Sinto o fluído se acumular, pronto para surgir como vômito. E tremo. Ainda dentro de sua boca e entre suas mãos, eu estremeço. Ela cospe tudo para fora. Eu sinto que respirei de novo, finalmente, depois de semanas sem ar.

Seu olhar me desafia a negar sua destreza.

Eu tento explicar para ela o motivo do meu convite, ainda com o coração explodindo.

A energia dissipa. O silêncio que sempre houvera sobre o eco dos carros se recompõe. Estamos a sós, apenas eu e Tatyanne. Qualquer coisa pode acontecer. Sem tabus, sem restrições ou obrigações. Olho em seus olhos, sou visto, e sei do poder que tenho em minhas mãos.

E percebo que, por um momento, eu esqueci. Consegui estar sem o peso da rejeição da Fer. Sem assombração da imagem do defunto. Sem lembrança. Minha vida se avançou. Neste momento carnal, meu corpo se rendeu a uma puta. Meu corpo, a carne que eu *apenas* sou, libertou-se na boca da puta. Seus seios reclinam à esquerda, ela se apóia em uma mão enquanto me contempla.

Não senti culpa. Não consigo negar o quão vivo eu me sinto. Vejo vestígios de mim no canto de sua boca, uma gota que se derrama e que ela deixa pingar no carpete da minha sala. Será que limpo a gota com meu dedão?

As fotos não sairão das caixas.

Agora eu quero saltar no pescoço da Tatyanne e fazê-la gemer desde o ponto mais profundo de seu corpo. E nada me impede. Nada me impede. Eu quero, nada me impede, não sinto culpa, eu posso, eu vou, eu vou, eu vou...

– Vá embora.

Ela se inclina sobre meu corpo. – Como assim...?

Fecho os olhos, respiro fundo. – Estou cansado. Só quero dormir. Você ganhou.

Agora... Deixe-me sozinho.

Ela se afasta e apanha a blusa.

– Tem toalha no banheiro – digo.

Enquanto isso, pego o dinheiro. Acrescentei mais quarenta reais, mas não sei o motivo de tanta generosidade.

Tatyanne surge no meio da sala, toda produzida como estava quando a encontrei; inclusive, de cachecol.

– Tu não irás me agradecer?

Eu lhe entrego o pagamento. – Agora me deixe em paz.

Destranco a porta, abro-a. Estou apenas de camisa, mas os vizinhos estão vendo suas TVs. Ninguém irá ver.

Tatyanne me beija no rosto, mas não fala nada. Ela pisa sobre o capacho. Eu fecho a porta. O som da porta ecoa pelo corredor, e é seguido por passos de saltos altos.

Passam-se alguns segundos, e ouve-se o elevador abrir as suas portas e desaparecer.

Solto ar por entre os lábios. Apago a luz. Procuro a janela da moça. Ela já dorme.

Preciso me lavar antes de dormir. Entro no banheiro, mal conseguindo ficar em pé. A água da pia é fria, e apaga qualquer brasa, se ainda restar alguma acesa.

Mas há algo distorcido no espelho. Acendo a luz. São letras escritas com batom vermelho. A purpurina brilha na fosforescência.

“Ligue – s/ compromisso. Quero ver as fotos. Sabes onde fico”, seguidas por um número de celular.

O papel higiênico devolve ao espelho um reflexo impecável.

– Oi?

– Hm?

– Você disse alguma coisa?

– Não.

Então Andréa voltou a ler *A Lógica dos Verdadeiros Argumentos*.



E então, cheguei em casa ao final de um dia que começou cedo e terminou tarde, o que não significa que havia sido atarefado. O apartamento já não estava mais nos trinques, e Natasha deitava no sofá enquanto via propagandas da Sony Entertainment Television pela própria Sony Entertainment Television.

– Boa noite.

– Boa noite.

Fui tomar banho, e no caminho gesticulei um “alô” para Brian. Quando eu estava debaixo da água, percebi que eu havia visto uma marca roxa na perna do menino.

Ao final do banho longo, finalmente voltando a me sentir gente, perguntei para Natasha o que havia acontecido.

– Ele tropeçou e caiu, mas agora está bem.

– Na favela?

– Não, na casa da Dona Débora. A sala dela é um pouco elevada.

– Ah, sim.

A última piada sem graça deu início aos créditos finais.

Natasha disse, ou talvez quisesse perguntar – Isso é da idade, de ser estabonado.

De qualquer forma, a explicação seguia a mesma linha que eu havia seguido ao me deparar com o sonambulismo, as fantasias de monstros, a fascinação com o mundo dos mortos, a ausência de sorrisos e certo embotamento afetivo, a representação de atos sexuais com bonecos, a masturbação excessiva, os acidentes recorrentes...

Dei a melhor sugestão, a qual eu deveria ter dado muito tempo atrás.

Ao que Tasha protestou. – Que tipo de mãe ela vai pensar que sou?

– A Patrícia já atendeu filho de todo tipo de mãe, e ela vai compreender os seus desafios. E, afinal, finalmente essa pensão do Hugh vai ser revertida para algo importante.



Percebi a alfinetada depois de dizê-la. Mas Natasha não comprou a briga. Ela simplesmente continuou a ver TV e não falou mais comigo.

Depois de algum tempo, fui até meu computador, o qual se achava na mesa. Acho que foram dois ou três dias depois do ocorrido. Meu dedo acariciava a estrelinha no canto esquerdo do Explorer 7.0 que indicava “Favoritos”. E, com o mais leve toque, apareceu a lista. Perdido em meio a tantas outras coisas úteis estava o portal “*Simple Nudes*”. A verdade do prazer de navegar está no próprio ato de clicar, e nem tanto em ver as imagens. O cursor deslizava para cima e para baixo sobre as duas palavrinhas. Como sempre, eu sabia que eu não precisava disso. Mas isso sempre foi mais forte do que eu.

Mas, como não havia acontecido fazia muitos anos, senti algo ainda mais forte.

Senti um “não”.

E deletei este último elemento do meu micro.

Uma caixinha amarela apareceu no canto inferior da tela.

*De: Ana Fernanda Bastos Maia*

*Assunto: Oportunidade em Buenos Aires*

O email era exatamente isso: o aviso de uma necessidade de treinamento em Buenos Aires. O danado era que o contato, Anselmo Reveco, além de ter a recomendação da Fer, já havia ouvido falar de mim do Jacob. Os três conversaram por acaso no encontro do Paulo.

Fernanda terminou o email dizendo, “vai lá ser uma bênção para *los hermanos* na nossa Samaria. Deus lhe abençoe!”

E era justo no último mês antes de eu ter que pôr o Corsa a venda. O *timing* era nada menos que milagroso, e eu não fiz nada para isso acontecer.

*Por que não consigo fugir de você?!?*

Respondi com os devidos emails: um para agradecer a Fernanda, um para agradecer ao Jacob e perguntar como ele estava, e um para iniciar a conversa com Anselmo.

- Surgiu uma oportunidade em Buenos Aires.
- Que legal.
- Eu acho que vou para lá, então.
- Certo.
- Vai ser só por uma semana.
- Okay.
- A Fernanda que conseguiu para mim.
- Hm.
- Mas ainda não está certo.
- Tudo bem.
- Então eu lhe aviso conforme progredir.
- ‘Tá legal.
- Ainda quero que você leve o Brian para a Patrícia atender.
- Pode deixar.

Feita a conversa...



Anselmo era um homem de grande estatura e de ar austero. Ele me encontrou no Starbucks da Alameda Santos com Avenida Campinas. Eu havia me atrasado cinco minutos, e ele não parecia estar contente quanto a isso. Eu previa que a conversa seria longa, tensa e, no cair das luzes, infrutífera.

Antes de apresentar a sua demanda, ele quis saber do meu currículo. Eu lhe contei desde o primeiro emprego como operador de *call center*, aproveitando para compartilhar

meus anseios e frustrações com a função. Conteí como mudei de empresa de *call center* três vezes, passando pelos principais *players* da área. Conteí como fui promovido para supervisor antes de me formar, ao que ele me questionou sobre o longo tempo que passei estudando em comparação com a data de formatura do Jacob. Então tive que explicar que tentei duas faculdades antes de “me encontrar” na psicologia. Aí eu trilhava terreno perigoso, uma vez que a psicologia é freqüentemente tido como etéreo, bizarro e, mesmo possuindo sua função humanística, sem valor monetário.

Anselmo manteve seu olhar atento e expressão austero.

Então expliquei, mantendo o ar de quem é próspero, que vi na perspectiva psicológica aspecto de maior amplitude do atendimento ao cliente através de SACs e da importância de zela pelo bem estar dos atendentes de SAC para garantir o melhor atendimento. Eu citei a mim mesmo, “dizemos aos funcionários que o cliente é rei. Mas devemos agir como se o funcionário fosse rei”.

Deixei as palavras pairarem no ar para ver se conseguiria arrancar alguma palavra a mais do Argentino. Não consegui.

Então passei a lhe contar como eu procuro tratar os participantes do curso como “reis”: dou prioridade ao reforço ao invés da punição, extraio deles melhores práticas e os incorporo na minha metodologia e lhes apresento a metodologia de “Os Quatro Passos do Espelho”: 1) Paparicar o cliente (para criar ambiente de confiança), 2) Escutar o cliente (para firmar uma relação de parceria), 3) Satisfazer necessidades do cliente (para atender a demanda que ela lhe apresenta) e 4) liberar o cliente com dignidade (para, assim como faz o espelho, receber a imagem, refleti-la e devolvê-la melhorada).

Ao que Anselmo refletiu – *sí*, é disso que eu necessito. Quanto tempo é necessário para *cumplir* o curso?

– Isso tudo depende. O que você precisa?

– *No*, eu já *lo* sei que você personaliza a todo. É “óbio”. Mas diga-me, quanto tempo é necessário?

– Vinte e quatro horas.

– E com quantas *personas*?

– Trabalho com até trinta e cinco participantes. Mas qual é sua demanda específica?

– Quanto você cobra para fazer *dos* grupos?

– É em Português?

– *No*.

– Veja bem, meu Espanhol não é perfeito...

– Isso *no* és problema. Teremos *traductor*.

– E todo meu material está em Português.

– Isso *tampoco* és um problema. Quanto é seu preço?

Respirei fundo para lhe dar um preço justo, um que cobriria meus honorários, que justificasse os cancelamentos na clínica e que teria um adicional pelo deslocamento.

– *Bueno*, és um preço justo.

– Mais a viagem e a estadia.

– Claro. Solteiro?

– Sim, claro.

– E *és* necessário comer. *No* se preocupe *con eso*. Quando me envias a proposta formal e o material para “traducção”?



– O que você achou?

– Acho que é uma coisa importante.

– Não te falei que daria certo?

– Sim...

– E como você se sentiu durante a anamnese?

– Durante o quê?

– A conversa com Patrícia.

– Não, eu achei ótima. Meio sem pé nem cabeça, mas foi interessante.

– O Brian comentou alguma coisa?

– Não. Nem disse se gostou dela ou não. Foi difícil fazer ele ficar na sala dela. Mas quando finalmente foi, ele ficou. E aí, quando saiu, ele estava bem mais calmo. Ele parecia meu filho de novo.

– Como assim?

– É que... Não sei, ele anda diferente, mais independente. Não é “independente”, é... não sei, ausente. O que significa isso?

– O quê?

– Que ele está como se não estivesse aqui.

– Pode ser muita coisa. Pode ser só sua percepção.

– É.

Outra vez... “passou”... entre nós aquela coisa.

Meia hora depois, retornamos a conversa na cama *queen*.

– O que a Patrícia deve estar pensando de mim?

– Ela não deve estar pensando nada demais.

– Mas o Brian deve ter falado alguma coisa.

– Relaxa, ela só está fazendo o trabalho dela.

– Ela acha que eu devia fazer terapia.

– É... ela é psicóloga.

– E tomar remédio.

Estranhei isso porque a Patrícia, apesar de reconhecer a importância dos remédios, sempre encaminha para o psiquiatra Regis Cibiola ao invés de até sugerir o uso dos mesmos ela mesma. – Ela disse isso?

– Disse. Na verdade, ela perguntou se estou fazendo terapia, depois perguntou do remédio.

– Ah. – Aí era outra história. Era anamnese. – E você?

– Eu falei que estava fazendo terapia.

– Mas...

– Não se preocupe, não falei com quem eu estava fazendo.

– Mas você não está fazendo terapia.

– É... Mas você me faz bem. E você é psicólogo. E a gente conversa sobre tudo.

Apesar de você andar meio distante. Mas você é psicólogo, você me escuta, eu conto de mim, você não fala de você...

– Eu não falo de mim?

– Quero dizer que isso não é problema para mim.

– Olhe aqui, Natasha. Eu...

– Sim?

– Nada.

– Tudo bem.

A gente deveria mudar de assunto, só que não existia, em todo o universo, outro assunto ao qual poderíamos nos desviar. Nós estávamos nus embaixo do edredom.

– Eu tenho mais para dizer de mim – eu falei.

Ela perguntou, com real sinceridade – o que você quer me contar?

Mas eu não queria só contar. Eu disse algumas coisas tentando explicar que eu não sentia que ela daria conta de me ouvir, que eu não poderia ser totalmente eu mesmo, que

eu sabia a função que eu tinha para ela, mas que eu sentia que ela não me via como pessoa.

– Não entendi.

Tentei explicar melhor.

– Você quer que eu esteja mais disponível para você?

Não. Eu queria que ela me amasse como gente, não como um, tipo, um brinquedo sexual.

– Mas eu não lhe trato assim. Me dá um exemplo.

Não consegui lembrar de uma vez específica. Falei da vez que não deu certo, quando ela queria do jeito que era no livro.

– Mas eu iria fazer do seu jeito. Você que não quis.

Não, mas não era assim.

– Fora que depois você pediu fazer o que estava no livro e foi supergostoso.

– Sim...

Nossas brigas não escalavam mais. Eu havia morado com a Andréa e eu sabia muito bem como era quando brigas não paravam de crescer. Mas teria sido bom elas escalarem a ponto de dizermos coisas que ferem para depois termos do quê pedir perdão.

Do jeito que as coisas caminhavam, simplesmente ficávamos no marasmo. A gente se aceitava sempre, nunca se compreendia. Não provocávamos mais dor. Tampouco conseguiríamos sair desta. Sair do quê, não sei.

Um dia tive um estalo: Buenos Aires poderia ser a nossa solução.

– Que tal?

– E o que faremos com Brian?

– Antes de pensar nisso: você quer?

– O que você quer? Se você quiser, eu vou.

– Mas você tem vontade?

Ela não sabia o que responder.

– Ó, o Brian, a gente dá um jeito.

– Não com a Serpentina.

– Tudo bem. Mas você quer?

Natasha ainda não respondia.

– Quanto ao Brian, eu vou pedir o favor para minha mãe.





Mãe ela disse que seria, quando lhe perguntei o que acontecia de tão sigiloso que todos diziam que ela deveria me contar.

À minha pergunta direta, de “sim, sim” e “não, não”, ela respondeu, “você sempre será meu filho.”

Viúva ela não era mais do meu pai, apesar dele também ter falecido. Vira e mexe, eu tenho que me lembrar que é injusto culpar alguém pelo câncer de outrem.

Eu só a incomodaria se precisasse de um favor exorbitante. Ela, sendo mãe viúva de filho único, cedeu sem ter que pedir duas vezes.

Enviei o material em arquivo .ppt ao Anselmo. Aproveitei o email para pedir para ele certificar para mim que o quarto no qual a gente se hospedaria tinha cama de casal, pois eu levaria acompanhante. Pesquisei o site da Aerolineas Argentinas por uma passagem no mesmo vôo para a minha namorada. Antes de clicar na confirmação da compra em meu cartão Visa, apareceu no canto inferior da direita o email do Anselmo:

*Para: Raphael Volpe*

*De: Anselmo Cristiano Reveco*

*Bem. Nos vamos interpretar o material. Seu quarto tem cama king. Siga abaixo as informações de as passagens.*

Ou seja, a passagem aérea caiu do céu. Mas não me lembrei de avisar isso à Natasha.

Eu a deixei em casa para levar Brian até a casa da minha mãe, Sra. Homais, antiga Sra. Volpe. Ela já me esperava na porta do sobrado, atrás da grade de ferro e dos portões de lança.

– Oi, filho.

– Oi, mãe.

Agachada para falar com Brian olho no olho, ela o cumprimentou.

Tasha havia o ensinado a dizer “boa noite” a estranhos. Minha mãe se derreteu toda, do jeito dela.

Ela ficou em pé e voltou à nossa conversa. Eu sabia que ela queria me convidar a entrar, e ela sabia que eu tinha que pegar um vôo.

Após o silêncio – Você... aceita um chá?

Após olhar o relógio – Aceito...

Ela estava me fazendo um favor exorbitante; tomar chá era o mínimo que eu poderia fazer.

Ela se comunicou com frases de uma só palavra com Brian, com silenciosa paciência para lhe ensinar as palavras – Senta. Suco? Bolo? Garfo. – Ela nunca foi de desperdiçar palavras.

– Fico feliz – ela disse – por você ter esta oportunidade na Argentina.

Eu lhe respondi com semelhante economia.

– Isso será freqüente?

– Não sei.

– Se for, a casa está aberta.

Só isso. Nenhuma pergunta sobre como eu estava, quais dificuldades eu enfrentava, como a Natasha voltou à minha vida, nem sobre que tipo de regime de relacionamento íntimo justificava nossa viagem em conjunto. Não que ela não quisesse saber. É que ela respeitava minha vida privada.

E quem é ela para me julgar?

Quem tinha direito de julgar era eu, o filho que tomou as dores do pai. E agora eu estava praticamente em dívida com ela por ela ter aberto precedente.

Ela serviu chá Darjeeling sem açúcar e com sequilhos. Era sem gosto e jamais melado.

– Bolo? Suco? Jogo. – Ela trouxe Damas Chinesas à mesa. Só uma partidazinha não faria mal. Tive que explicar o jogo ao Brian. Este só conseguiu brincar mediante muito reforço positivo.

– Há muito tempo eu devia lhe pedir perdão – minha mãe afirmou enquanto estudava o tabuleiro.

Mais de uma década esperando por isso, e ela o fez assim, como se me lembrasse de lavar as louças? Eu não tinha tempo para uma longa conversa.

Como eu não disse nada, ela continuou.

– Eu parei de orar por você há muito tempo. Voltei agora. Ah! – ela moveu uma das peças, abrindo caminho para Brian ganhar a partida. – Mas eu havia parado.

Não era bem por isso que eu havia esperado por mais de uma década.

Como eu ainda não disse nada, ela me deu uma ordem – pega meu diário de oração do estante. Você vai reconhecer.

O diário era uma agenda de 1994 com capa de couro sintético, o qual caía aos pedaços, onde as anotações não respeitavam as datas das páginas. Ele estava situado entre *Discipulado*, de Dietrich Bonhoeffer e *A Imortalidade*, de Milan Kundera.

– Você continua usando isso?

Brian ganhou o jogo. Minha mãe disse – Muito bem. –, acompanhado por um gesto positivo e um sorriso, do jeito dela. Brian sorriu. – De novo. – Ela passou a devolver as peças à posição inicial. – Verde? Vermelho? Abra em 17 de Outubro.

Nesta página, havia uma lista média de pedidos: sogra da Elizabete com câncer, Missionário Dangerfield sem visto para retornar ao Moçambique, Carlinhos parar de fumar maconha, batida de carro e moto na Nova Cantareira, ousadia para evangelismo, Raphael angustiado com ataques de colegas à sua fé, desânimo da Estafani por não passar no vestibular, família do falecido Sr. Pereira.

– Aposto que, se você pensar bem, você consegue perceber na sua história o dia em que parei.

A data escrita a mão era 21 de Agosto, 1996.

– Hm – comentei.

– Esse foi o último dia. Não que aconteceu alguma coisa para me fazer parar.

Simplesmente parei. Passou-se um dia, passou-se outro dia, e assim por diante. As preocupações deste mundo são sutis.

Por curiosidade, virei a página. A data seguinte, escrita a mão, era 15 de Maio, 2002. Não a reconheci. Havia apenas um pedido: Raphael está solitário.

– Não se culpe tanto – eu disse. No entanto, eu quis dizer, “não pense que você é tão poderosa a ponto de ser mais responsável pela minha vida do que eu.”

– Muito bem! – Ela disse ao Brian. – Suco? Bolo? – E, para mim, ainda sem parar de observar o tabuleiro – Precisei lhe contar.

– Estar certo... Então, preciso ir. Nosso vôo decola em menos de cinco horas.

Eu me despedi do Brian. Pedi para ele cuidar bem da minha mãe porque eu cuidaria bem da mãe dele. Ele, feito sirene, desembestou a chorar.

– Pode deixar que eu cuido dele – minha mãe me garantiu.

– É, obrigado. Preciso ir. Não se esqueça da terapia dela. Até Domingo.

– Até.

Abracei-a. Vi pela janela da sala que, depois de fechar a porta, ela pôs Brian em uma poltrona e se sentou no sofá ao seu lado. Ela ficaria ao seu lado até ele vir até ela, porque ela é assim.



Enquanto a Cidade de Guarulhos ficava pequena abaixo do avião, Natasha me perguntou se fez bem. Eu, é claro, disse que fez. Eu estudava a impressão da minha apresentação, as folhas repletas de anotações em Português e *Castellano*.



Um único apito eletrônico em meio à escuridão, seguido por outro apito que passou a ter sentido: era hora de acordar. Eram sete horas da manhã, mas ainda estava escuro lá fora.

A lucidez voltava, eu percebia as sombras que representavam móveis do quarto de hotel e malas, e, em meus braços, Natasha me preenchia, com a cara amassada e o cabelo desajeitado.

Era um momento de perfeita beleza.

Como semibreves, os detalhes testemunhavam de algo perfeito que sempre está presente comigo, mas que nunca percebo. O silêncio abafado, os cobertores pesados, o suspiro da Natasha, o aconchego do quarto de hotel que era somente nosso testemunhavam de algo belo, algo que seria arrebatador, só que está *bem aqui* diante de mim, uma certeza – não uma convicção plena que partiria do meu espírito, mas sim uma paz que me atingia na medula dos meus ossos, uma paz que me assegurava. Ela me convidava a respirar, a receber o ar do novo dia em meu peito.

E antes de sair rumo ao café da manhã, toquei a face da Tasha com um beijo e uma confissão de amor. Seus olhos se abriram – olhos castanhos em forma asiático – e ela recebeu meu afeto.

Mas o curso, desde o primeiro dia, foi um fiasco.

Para começar, depois de chegar ao moderno arranha-céu próximo ao porto, onde fui recebido e entregue um crachá, não havia ninguém no andar para me indicar a sala correta. Faltando vinte minutos para se iniciar o primeiro módulo, Anselmo chegou, um tanto esbaforido, um tanto (ainda) austero. A sala que usaríamos tinha uma grande mesa de pinus no centro, com *datashow* e tela que desciam de compartimentos escondidos ao mero toque do controle remoto. Expliquei que, apesar de reconhecer o luxo, o espaço era inapropriado para algumas dinâmicas que faziam parte do programa, os quais requeriam um espaço aberto por onde as pessoas transitavam – ele não tinha visto a descrição de

atividades? Enquanto Anselmo procurou uma sala mais adequada e que estaria disponível a semana toda, um ou outro participante chegou, conforme combinado. Chamou a minha atenção a elegância dos três homens: terno, gravata de desenho moderno, cabelo impecável. Tive a sensação de que, dos quatro, *eu* era quem estava vestido de maneira mais esculachado. Eu sabia que o homem argentino era mais vaidoso do que o homem brasileiro, mas ainda parecia ser um exagero para os operadores de *Call Center* com os quais eu estava acostumado a trabalhar. Com algumas palavras costumeiras, amigáveis e informais, necessárias para um aquecimento como treinador, descobri que eram gerentes, e que, inclusive, um deles era chefe de um dos outros. Descobri, também, que todos que foram convidados, pelo menos para a primeira turma, eram de nível gerencial ou, no mínimo, especialista. Isso me afetava em vários sentidos: 1) a população que eles atendem e, portanto, 2) os *insights* que eu esperaria que teriam sobre 3) a atuação mais eficaz e saudável para atingir 4) os objetivos aos quais se almejavam. Pelo menos, adequação do nível de linguagem não era preocupação minha, uma vez que eu teria tradutor, o qual já conhecia o material.

Anselmo retornou com a notícia de que a sala de *workshop* só estaria disponível pela tarde, e perguntou se isso comprometeria o andamento. Comprometer, comprometia, pois eu teria que simplificar tanto o jogo de *brainstorming* para fazer um levantamento de expectativas e anseios, como a vivência inicial, mas daria para contornar. Aproveitei que estávamos “de canto” para lhe perguntar sobre o nível hierárquico dos participantes. Ele, como bom latino, pediu desculpas pelo transtorno e pela surpresa desagradável, mas (como ele explicou em três curtas frases) eles faziam expansão ou para São Paulo ou Rio de Janeiro, e precisavam de um discurso ideológico alinhado, e a discricção era imposta pela dura competitividade do mercado no qual entravam. Ele me deu um firme aperto na mão e no tríceps para me assegurar de que tudo estava sob controle e em boas mãos. No entanto, ao ver o primeiro *slide* ser projetado, “*Servicios que Hacen la Diferencia*” e o

logotipo de Volpe Treinamentos, senti qualquer coisa menos segurança: que garantia eu tinha de que eles não reproduziriam meu treinamento entre suas equipes? Todo o meu material estava em suas mãos.

O grupinho de quatro – de tinta e oito! – participantes estava reunido ao redor de uma mesa farta de *media lunas* e chás, e discutiam veementemente as notícias do dia. Eu perguntei algumas vezes ao Anselmo se deveríamos começar, e ele repetiu algumas vezes um gesto, dizendo que era para esperar. Detalhe: nem o tradutor chegava. E eu esperava para depois voltar a perguntar. E ele repetia o gesto e a palavra. Um ou outro grupinho olhava seu grande relógio de pulso e espiava-nos de relance.

Depois da terceira vez em que perguntei, o intérprete ligou: ele estava com (atchim, tosse!) pneumonia. Começamos, mesmo assim? Anselmo já estava bastante agitado, talvez de tanto chá preto que tomara, e ele acessou seu *webmail*, sem perceber que projetava seu acesso na tela atrás dele. Antes dele me explicar o que acontecia, eu vi o email que ele havia enviado: “Retificação: o curso Serviços que Fazem a Diferença acontecerá das 8h30 às 18h00, e não das 9h30 às 19hs.” Havia apenas cinco nomes no campo “Para”. Enquanto isso, a quinta pessoa, uma mulher de terno e saia, entrou na sala de fininho. Quando ela percebeu que não havíamos começado, ela entrou confiante para cumprimentar todos os homens na sala e finalmente assumir seu lugar na conversa ao redor da mesa de chás.

– *Entonces, você quier comenzar así?*

Devolvi a pergunta. Afinal, o cliente era ele.

Anselmo achou melhor começar no horário já divulgado, e ele mesmo liberou os 5 participantes para voltarem quarenta minutos depois.

Quarenta minutos depois, a sala estava cheia, porém sem aqueles mesmos 5 participantes, os quais chegaram quinze minutos depois do *workshop* se iniciar pontualmente às 9h35.



Eu aproveitei a espera para substituir a apresentação, a qual era a versão penúltima entregue pelo tradutor. Meu *pen* não “gostou” do notebook do Anselmo, e acabamos usando o meu computador.

Aproveitei, também, para ligar para Natasha e avisá-la do atraso programado. Ela não atendia, então deixei recado na recepção em Inglês, porque era mais seguro do que arriscar Espanhol.

Por este mesmo motivo, o workshop, na ausência de intérprete, foi ministrado em Inglês. E, sinceramente, acredito que um público cuja língua materna é Inglês teria sido mais compreensivo. Da maneira que se deu, com participantes *English as a Second Language*, eu estava constantemente sendo avaliado e posto a prova em minhas habilidades lingüísticas. Quando eu respirava fundo, era para me lembrar de que eu estava lá porque eu era autoridade reconhecida em atendimento a clientes em *Call Center* na realidade *Brasileña*, e não por ser competente em discursar em Inglês. Ao tratar de “frases mágicas” e “frases venenosas”, quase desmoronei. Eu traduzia para o Inglês frases nas quais o mínimo detalhe fazia toda a diferença no trato com o cliente, sendo que eu me baseava em um *slide* escrito em Espanhol que fora desenhado para uso em Português com Brasileiros.

O clima da sala era tenso. Eu sentia nítida e desenfreada hostilidade entre os participantes, como se fossem equipes rivais sem ter definido quem estava no time de quem. Eventualmente, as discussões se tornavam tão sanguíneas que recorriam a verborragias na língua materna, oportunidade na qual eu aproveitava para esfriar o calor da discussão através da barreira lingüística.

Porém mais difícil era quando permanecia com a língua Inglesa para se estapearem. Quando parecia ameaçar sair do controle, eu colocava panos quentes e prosseguia com o curso, ao que as pessoas em questão respondiam com olhares punitivos voltados para *mim*, como se fosse culpa *minha* que as coisas não davam certo entre eles.

Toda essa dinâmica nos atrasou na programação. Eu assistia, em algum cantinho do meu ser, com a frieza de quem assiste um catástrofe bélico na televisão, os minutos que corriam adiante do cronograma que eu havia planejado para o dia. Quarenta e cinco minutos eu contei de atraso quando deu a hora do almoço – e isso porque eu simplifiquei algumas atividades. Pensei de compensar um pouco pelo atraso cortando tempo do horário de almoço, porém isso se reverteria em corte da nota de gerência de tempo na avaliação do curso, podendo ser o estopim para eu perder o direito de voltar a dar esse curso nesta empresa, oportunidade esta que, na minha atual situação profissional e, sobretudo, financeira, eu não poderia perder.

Cortar tempo de almoço teria sido um erro, não pelo motivo citado acima, mas por ser uma solicitação ridícula: estávamos a mercê do serviço do restaurante. A única ação rápida por parte dos garçons foi dar-nos uma mesa, pois Anselmo havia reservado o espaço. Mas não pediram as bebidas logo ao sentarem-se. Todos os argentinos (e chilenos, como vim a descobrir, de sangue indígena carregado em suas faces e estaturas) conversavam com paixão quase ditirâmbica. Após cinco minutos, pediram as bebidas. Dez minutos depois, as bebidas chegaram para algumas das pessoas. Quando, finalmente, todos tinham as suas bebidas, os garçons esperavam serem chamados para pedirmos os pratos. Depois que sinalizamos para eles virem, fizeram questão de servirem os pratos de outras mesas antes de atenderem ao nosso gesto. Mas, ao servirem os nossos pratos, após uma longa demora da parte da cozinha, os garçons fizeram o contrário: anotaram os pedidos de todas as outras mesas pra somente depois servirem nosso almoço. Enquanto isso, os participantes, agitados, entregues ao seu próprio ritmo e jeito de ser, reclamavam do governo, do trânsito, da cultura hispano-latino, do subdesenvolvimento, do tempo e, por que não?, o serviço neste restaurante e em todas as restaurantes argentinas. Mas nem por isso abriram uma reclamação com a gerência, pois estavam entretidos demais em seu descarrego de idéias.

Já quanto a mim, eu não conseguia fazer parar o tique na minha perna.

Anselmo insistiu para que eu comesse a *parrillada*, e creio que, quando finalmente chegou, eu nunca havia comido carne naquela velocidade; a própria oposição entre a espessura, largura e comprimento do bife generoso e engordurado vs. o tempo que eu perdia me instigou a devorar a especialidade gastronômica.

Demoraram... em recolher os pratos... em cuidar da sobremesa... em pedir a conta... em trazer a conta... para entender que Anselmo pagaria a conta...

Quanto finalmente retornamos, estávamos uma hora e quinze minutos atrasados em nosso cronograma. Ainda perdemos mais cinco minutos para nos deslocar à sala de treinamentos no andar de baixo, a qual, apesar de útil, era apertada. Durante o resto do dia, a temperatura oscilava entre excesso de calor humano e excesso de ar condicionado. Ora os participantes tiravam os blazers e corriam risco de cair no sono, ora vestiam os blazers, espirravam e recorriam aos chás.

Eu estava como a noiva do dizer popular que não sente nem frio, nem calor. Eu sentia que estava frito.

Conduzi as dinâmicas com muito cuidado, primeiro avisando que faríamos dinâmicas, depois explicando o objetivo profissional das mesmas, em seguida expondo os passos da dinâmica e, para finalizar, reconhecendo que os participantes poderiam se sentir um tanto ridículos, mas não precisariam se preocupar porque todos estariam jogando ao mesmo tempo.

Talvez pela primeira vez, o grupo permaneceu em silêncio. Eu não sabia qual era o sentido desta ausência de comentários. Então, já que não era possível voltar atrás, dei as instruções: formam duas filas, uma fila será atendente, a outra fila será cliente; a fila cliente, ao me ouvir bater palmas, avançará à direita, de modo que conversarão com cinco ou seis atendentes diferentes.

O silêncio continuou. Então iniciei a dinâmica. A cooperação do grupo foi fenomenal: todos, até os mais carrancudos, abraçaram a brincadeira. Mas, se eu comecei a me sentir confortável novamente, foi somente durante alguns momentos: a hora e meia que se seguiu foi a mais acirrada, a mais controversa, a mais violenta porção do dia. Para conseguir mostrar meus *slides*, tive que vê-los elaborarem entre si os paradigmas e valores da empresa e, mesmo quando pude prosseguir com os *slides*, era só como se fosse contribuição pessoal ao fórum que, pelo jeito, meus trinta e dois participantes presentes monopolizaram.

Faltando minutos para o final do dia, eu estava elétrico.

Quando entrei no táxi e comecei a subir a Avenida Corrientes, eu estava exausto, talvez ainda mais por lembrar que eu ainda tinha dois dias pela frente com esta turma. Eu sabia que eu deveria fazer o balanço do dia e apontando os tais limões dos quais eu faria limonada, mas eu não estava em condições emocionais para isto.

Eu só estava em condições emocionais para tomar um banho quente na banheira – ó, glória! – do quarto de hotel.

E só.

E quando subi ao quarto, encontrei a Natasha pendurada no telefone, declarando que “mamãe o ama”. Eu lhe dei um beijo na linha entre a testa e o cabelo, com um tapinha leve no ombro.

No banheiro, na banheira, eu estava só. Por alguns minutos, curti o som da água jorrando sobre água. Curti como se fosse um bom vinho. E, quando a banheira estava cheia e a água quente acolhia cada cantinho do meu corpo... Silêncio.

Silêncio no ambiente, silêncio no peito, na mente, na alma.

Eu pude respirar.

– Rapha?

Natasha se endereçava a mim a partir da frestinha por onde ela enfiava somente sua cara e seu cabelo.

– Oi – falei.

– Você está bem? Você demorou para chegar. Fiquei preocupada.

Só faltava essa: ela não tinha recebido o recado. Será que recebeu?

Perguntei se ela havia recebido o recado. Não o recebeu.

– Só me faltava essa. Bom, deixa pra lá.

Eu senti falta da Natasha aí comigo, no silêncio, nua na água quente. Só isso. Eu precisava abraçá-la no silêncio da água quente.

– Posso entrar?

– Pode.

Ela entrou e se sentou sobre a tampa do vaso. E passou a discorrer sobre a maravilhosa cidade de Buenos Aires. Ela tinha deixado a máquina fotográfica no quarto porque queria ver a cidade de perto, pois tinha pouco tempo para aproveitar e, se andasse com a máquina, ela se distrairia, procurando a fotografia perfeita. Fora que ela não queria ser roubada. Se bem que, depois de hoje, ela já estava mais confiante. Quem sabe amanhã ela leva a máquina com ela?

Ela não sabia quanto havia andado, mas sabia que foi muito. Ela não saiu com muito plano de onde ela queria ir, nem se atentou ao que Buenos Aires tinha de melhor que ela não podia deixar de ver. Antes, ela preferiu *ver*, preferiu sentir os cheiros, *sentir* as cores. Buenos Aires lhe transmitia cheiro de café, como se tivesse um saquinho de café escondido em todo lugar que ela dava as costas. Talvez isso estivesse no tipo de palavras que ela via em todo lugar. Ela andou até o que parecia ser um cais, andou até uma área onde a cidade simplesmente acabava em uma área que parecia que, outrora, havia sido um lago e que hoje só tem mato – mas isso no centro da cidade, aliás, muito

próximo ao centro. Ela viu no mapa que as ruas eram compridas, e, a pé, ela percebeu o quanto realmente o eram. Eu não estava com fome?

Ela tinha parado de falar.

– Desculpe, você disse alguma coisa?

– Já comeu? Estou faminta.

– Sinceramente, ainda nem consegui pensar na fome. Preciso ficar mais algum tempo sozinho.

– Ah...

Ela se retirou. Segundos depois, no clima abafado pelas paredes e a porta fechada, ouvi a televisão ligada em um filme de ação qualquer, dublado.

Essa não foi o último dos maus entendidos. Até a semana chegar ao seu fim, este pequeno fato foi desenterrado por ambos como um exemplo perfeito de como o (a) outro(a) é um(a) egoísta. Como eu não consegui entender que ela passou o dia inteiro sozinha, sem ninguém para conversar e só pensando na saudade que ela tinha de mim? Como ela não conseguiu ver que, naquele instante, eu estava exausto!?

Eu precisava de um grande *insight* para tornar meu limão em um limonada. Para isso, eu teria que espremer.



E foi isso que eu fiz no dia seguinte. Minha atitude com o bando de Argentinos (e dois Chilenos) era, “Seguinte, não é a toa que vocês me chamaram lá de São Paulo para falar com vocês. Eu estou aqui para cumprir uma função que é da minha competência.”

Terminei o segundo dia ainda mais tenso e com muito menos energia. É que tom de voz escalona: quanto mais eu falava com autoridade e afirmava com categorias e dogmas, mais eles retrucavam com objeções, questionamentos e polêmicas internas à

sua organização. E, com este grupo de formadores de opinião e líderes da empresa, eu só tinha mais um dia.

Anselmo respondeu à minha pergunta direta – se, na segunda turma, haveria gerentes e afins – que não haveria gerentes. Tratava-se de um grupo seletivo, escolhido pela sua liderança. Dois minutos depois, não entendi a colocação. Eram pessoas com potencial para liderança? Futuros talentos que seriam expatriados ao Brasil? Era isso?

Para amarrar o dia, fiz um “levantamento” dos principais pontos e conclusões abordados. Digo “levantamento” e utilizo aspas porque fiz abordagem *top-down*: são *estes* os pontos, vocês devem fazer *isso, isso e isso*, e não vou perguntar se têm dúvidas.

Mesmo assim, houve dúvidas. Não os tipos de dúvidas que procuram respostas; eram dúvidas que põem em cheque a autoridade milenar de uma religião com um suspirozinho: “Será?”. E, assim, uma atividade que deveria levar de seis a sete minutos fomentou um arranca-rabo que durou mais de meia hora. Eu não era o único que queria sair de lá: aqui e ali, percebia-se aqueles sinais silenciosos e gestos que participante faz para declarar que a sessão finalizou-se, acompanhados por aqueles olhares furtivos que ansiavam por uma atitude minha.

Espremi:  *você, você disse isso, e está alinhado com este ponto. Já você, você afirma aquilo, que concorda com esta afirmação que eu já havia dito.*

Eu não queria mais brigar. Só queria saber do meu banho quente.

No hotel, encontrei a porta trancada, e não encontrei o cartão do quarto. Como eu ainda não queria falar com ninguém e um dos computadores para hóspedes estava livre, eu verifiquei meus emails.

Entre outras coisas, Fernanda perguntava como andava o programa. Fernanda, você só me mete em enroscada. Agora estou a milhares de quilômetros de distância de casa em um lugar onde se fala uma língua quase igual à minha, onde o sol se levanta e se põe

com meia hora de atraso, com pessoas que têm ódio de mim. Mas não foi isso que escrevi para ela.

Já para Fabíola, enviei um espontâneo email amigo:

*Advinha onde eu estou? Tenho muito serviço. Como você está?.*

Não resisti às notícias básicas do portal UOL. Foi neste momento, com minha noção de tempo já quase engolida pelo portal, que a Natasha me encontrou. Ela já estava de banho tomado, de cheiro sublime na pele. Quanto a mim, não.

– Ei, querido! Vamos sair?

– Deixa eu tomar meu banho primeiro, acabei de chegar. Você tem cartão do quarto aí? Perdi o meu...

Nesta noite, ela tinha fotos, as quais poderiam ser uma bela distração. Que luxo, poder passar o dia passeando, imergida nestas distrações o dia inteiro, sem preocupação com as contas a pagar, a reputação e o nome, o comprometimento com qualidade, poder fazer essas bobezinhas. Isso, eu falei para ela. O que eu não lhe contei era que eu a invejava. Assim, voltamos à dinâmica “quando você disse..., quando eu disse..., eu quis dizer..., mas não foi isso que você disse..., você só consegue entender isso porque você pensa...”.

E, numa dessas, ela soltou que eu amava muito mais meu trabalho do que eu amava a Tasha e que eu só aturava o Brian porque eu seduzia a sua mãe. Eu sei que ela quis dizer isso porque, para ela, amar é uma moeda com a qual se compra o afeto, depositando no objeto de seu amor uma inundação de prazeres. Devolvi tudo isso para ela em uma única palavra: “egoísta”.

Falei antes de pensar porque o encadeamento das minhas idéias estava em um gargalo: puro cansaço, e eu não tinha tempo para isso.



Para quê pensar? Ela tinha que ouvir estas coisas porque eram verdadeiras e porque, porque... porque sim. Isso era motivo suficiente.

Ela não quis voltar atrás. Eu não poderia fazer amor com uma criatura destas. Para ela, pouco importava que estávamos brigando: o fato dela ter passado o dia inteiro pensando em mim dentro dela justificava uma rapidinha. Quanto mais ela falava no assunto, mais eu ganhava forças, superava meu cansaço, e dizia com mais firmeza: não. Terminei a noite e me ingressei no dia seguinte mantendo a mesma postura irredutível.

Iniciei o dia seguinte encolhido contra um canto da cama no espaço que era nosso no outro lado do mundo, longe de tudo que poderia nos separar um do outro. Eu me senti pior do que se eu tivesse dado para a pessoa errada. Isso, mesmo sem ser disso. Como se sobreposto ao horário desta Quarta-feira, eu percebi algo como nossa primeira manhã neste quarto de hotel, um fantasma de um universo paralelo que também era possível de ter acontecido, mas que não aconteceu, devido a uma cadeia de circunstâncias. E agora, para manter a minha integridade, eu teria que esperar a Natasha se dobrar e voltar atrás nas coisas injustas que ela havia dito. Não, nem beijinho no rosto eu daria, porque ela, neste estado, não merecia.

Antes do elevador chegar, voltei ao quarto e lhe dei um beijinho no rosto. Ela reagiu, mas, como dormia em profundo sono não-REM, ela não percebeu o gesto. Portanto, eu ainda poderia exercer pressão.



No curso, as alianças e inimizades já estavam bem delineadas e, pelo jeito, cada equipe considerava que minhas alianças estavam com qualquer outra equipe que não fosse a deles. Tentei ganhá-los parafraseando o que diziam de maneira que se sentiriam

compreendidos e de forma que alguma outra equipe poderia vir a concordar com eles.

Acontece que isso só contribuiu para outros se sentirem desfavorecidos.

Tentei formar grupos de trabalho para a atividade final de maneira que misturasse os diversos pontos de vista. O resultado era, no lugar de uma única discussão polêmica, quatro ou cinco discussões acirradas.

Não parávamos mais para intervalos. Tudo ficou misturado: conversa formal, assuntos do curso, bate-papo, migalhas de bolacha e *media lunas*, chá de todo sabor, frustração e desamparo.

Ao final do dia, voltei à folha com Expectativas e Receios. Um ou outro ponto foi resolvido. Eu já estava tão frustrado com o grupo que não me contentei em fechar com afirmações fechadas e objetivos de aprendizagem. Devolvi as minhas angústias para eles: coloquei tudo em forma de perguntas. Até que ponto o cliente pode abusar do atendente? Qual é a diferença entre uma reclamação com solução e birra (termos cunhados pelo grupo, *solution-prone complaint* e *hissy fit*)? De quê nossos atendentes de fato precisam para trazer satisfação ao cliente? Na qualidade de gerentes e coordenadores, quem são nossos clientes? O que é satisfação e como vocês irão medi-la? De onde vem a educação e o bom senso?

Nosso tempo estava para lá de estourado, e combinei com Anselmo que as avaliações de reação seriam enviadas por email.

A turma foi embora e levou seu barulho consigo. Ficamos apenas eu e Anselmo, desligando o *datashow* e o computador.

O silêncio do Sr. Reveco, impossível de decodificar, pesava. Ele atravessou a sala, e saiu.

O sistema de esfriamento do *datashow* parou de desempenhar sua função. Alguém no corredor, cujo corpo eu não via, se despedia com *hasta mañana*. Aproveitei os minutos

para ver meus emails. Havia um da Fabíola, um da Fernanda e um do Norl. Abria o da Fabíola primeiro:

*Estarei em São Paulo entre 4 e 8 de Março. Você estará livre para comer alguma coisa e tomar café comigo?*

Eu queria voltar para casa. Não para o hotel. Para casa. Este curso estava um inferno. Um verdadeiro inferno.

Anselmo retornou à sala de *workshop* de iluminação fosforescente estranha, sem janelas nesta noite. Em sua mão direita estendida, ele segurava uma cuia cheia até o topo, a bomba virada para mim.

Esse cheiro, eu o conhecia. Esse chá me conhece.

Com a minha mão direita, aceitei a bebida. Enquanto isso, o homem de ar austero colocou a garrafa térmica na cadeira entre a gente.

– *Você estava tendo dificuldade con este grupo.*

Admiti a verdade.

– *Lo grupo seguinte necessita ser diferente.*

Sim, tem razão.

Quando devolvi o chá, de cuia cheia, de erva triturada (não socada), ele me contou que ouviu no corredor, “vou lhes enviar um agendamento para discutirmos as questões que o consultor levantou”. Ele deu uma risada digna de Papai Noel ou CFO. – *Eso és su nombre ahora. Sólo “Consultor”. Creo que no repararam mucho em os slides.*

Meu nome estava no rodapé do *slide* mestre.

– Anselmo, o que posso melhorar?

Ele fez uma cara que parecia indigestão, um arrote reprimido. – Mas *estaba* muito bom.

Não estava bom. – Sempre tem alguma coisa que dá para melhorar.

– Sí. E você ajustou o programa como necessitava. Se *yo* sugiro alguma mudança, será em cima do visto no programa destes dias. *Pero mañana habrá otro grupo. Lo mejor és descansar.*

Antes de descansar, eu tinha que dar ouvidos à Natasha. Ela passou o dia sendo tanto turista como fotojornalista. Houve uma tempestade terrível, a qual inundou a cidade. No jornal, Argentinos atacaram o prefeito que andava pelas ruas para avaliar os danos.

Natasha vibrava com as imagens que ela havia coletado: folhas de árvores marrons na sarjeta com película de luz refletida na água, vitrines de uma livraria com gostas de chuva, a tempestade com suas confusões vista a partir da vitrine de um café, um exército de guarda-chuvas descendo à estação de metrô verde.

– Que legal... – falei.

– O quê?

– Este ônibus. Tem escrito “Lynch” e “Wilde”.

– Huh. – Ela olhou de novo sua foto de uma igreja molhada com o Obelisco no fundo.

– Sabe, Oscar Wilde, David Lynch.

Ela foi sincera e fez que não.

– Deixa para lá.

– Mas e as fotos? Gostou?

– Ah, sim, legal.

– Só?

– O que você quer que eu diga? Estou cansado, e amanhã já tem outro programa para iniciar.

– Sei. Mas você vai deixar isso tirar o pouco tempo que temos juntos?

Em um elevador de prédio residencial, certa vez eu vi esta frase: “Quem escolhe ficar aborrecido perde sessenta segundos de felicidade”. O que o autor anônimo não considerou é que o aborrecimento é uma espécie de *hedge fund* onde se garante sua integridade.

Mais tarde, quando eu já tentava dormir – Me dá uma rapidinha.

Se Natasha pedir desculpas por ontem, dar. Senão, não.

Então ignorei o pedido.

– Não acredito que você vai me negar fogo de novo.

– Estou cansado... Preciso dormir.

– Nunca vi homem rejeitar sexo. Tem hora que você não parece ser homem.

Suspiro. *Vou ter que ter esta conversa a esta hora?*

– Só vou se der para fazer amor e te levar às nuvens.

Pronto, assim era problema dela.

– Não precisa. Só me dá umazinha agora.

Até eu conseguir pegar no sono, ainda ouvi muito falar sobre como é um homem de verdade. Não ouvi nenhum sinal de arrependimento.



O segundo grupo começou pontualmente às 8h35. Começamos já na sala de *workshop*. O *datashow* funcionava, os chás tranqüilizaram o grupo. E o melhor: o tradutor havia se recuperado. Segundo ele, sua recuperação não era nada menos do que um milagre.

Tratavam de trinta e sete “capitães de atendimento”, pessoas que representavam *clusters* de cinco ou seis atendentes. Eles tinham uma função mais motivacional e representativo do que hierárquico. O irônico era que justamente *este* grupo tinha todo

potencial para se comportar como um sindicato, diferente do grupo anterior. O grupo novo tinha uma genuína curiosidade sobre a maneira brasileira de trabalhar, como também trouxe dúvidas pragmáticas sobre o atendimento de *call center* e como melhorar suas avaliações. Quando o cliente exige uma posição em uma questão que não é possível atender neste momento exato, como proceder? Como manter um relacionamento de respeito e cordialidade quando o cliente não o trata com a mesma moeda? Quando é possível fazer uma proposta de venda irrecusável? Qual é o nível de formalidade melhor avaliado por clientes? Quais competências são necessárias para atingir um nível gerencial? E quanto a cargos de consultor, como o seu? Risos gerais.

Não que o grupo fosse menos incisivo do que o anterior. O grupo era mais fácil de conversar. Eu conversava com eles por intermédio do tradutor, o qual servia de gargalo para o debate.

Desta vez, aconteceu algo bem diferente, algo que, talvez, fosse menos venenoso e sutil.

A primeira manifestação – ou melhor, o oposto de manifestação – foi logo depois da vivência de implosão. Nesta atividade, os participantes são convidados a gritarem todo tipo de xingamento às paredes, com o intuito de acessar a frustração de ouvir o que costumam ouvir e atingir um certo nível de relaxamento. Com isso, consigo fazer com que os debates sejam mais honestos e pragmáticos. É minha vivência predileta, é aquela que eu acredito ser a mais importante do programa, e faço toda vez que posso e, agora que eu estava na sala de *workshop*, eu podia. Eu era habilidoso em mobilizar profundas vivências sem expor os participantes, criar situações lúdicas sem tornar a atividade em brincadeira infantil ou cair no ridículo. Eu sei fazer o discurso correto. Eu tinha a perfeita aparência de ser centrado e profundo, de ser sábio e pragmático. No final das contas, eles me contrataram porque eu faço bem isso que faço. Sei transformar um incômodo em

um plano de ação. Mas ninguém aí se importava com o que se passava comigo. Meu lugar era um de isenção.

Geralmente, quando batem estas idéias, eu me lanço na atividade. Se estou ligado ao que estou fazendo, não há espaço para este tipo de pensamento. Porém, com o gargalo da tradução, eu tinha tempo, sim, para sorrir amigavelmente para o grupo, reduzindo meu discurso aos pontos principais, dizendo que não havia receita de bolo, mas que se devia levar em conta estes três pontos, agora estes cinco pontos, e agora mais estes quatro. Eu me sentia babaca por estar fazendo um tipo e me sentia babaca pelo sentimento arrogante que se via na autoridade de julgar babaca o meu discurso.

Dividir participantes em dois grupos, A e B.

Se houver número ímpar de participantes, pedir para Anselmo Reveco participar, também.

Pedir ajuda aos participantes para formarem, com suas cadeiras, duas filas, um de costas para o outro.

Instruir que escolherão um tipo de atendimento que fazem.

Instruir que os participantes do grupo A serão clientes e os do grupo B serão atendentes.

Realizar *role-play*. Instruir para fazerem revezamento.

Após atividade, convidar para discutirem atitudes que funcionaram por parte do atendente e atitudes que frustraram por parte do cliente, registrando isso em *flip chart*.

Convidar os participantes a olharem os registros dos demais grupos.

Perguntar: o que há de semelhante? O que o outro grupo registrou que também aconteceu em seu grupo? O que você gostaria de ter feito, que o outro grupo fez?

Discutir o que podemos fazer para minimizar atitudes do cliente que nos frustram. O que foi feito na dinâmica que funcionou para gerenciar a frustração?

Se a conversa se tornar um “muro de lamentações” sobre a postura dos clientes, pedir “histórias de sucesso” para lidar com tais posturas.

Se comentários se voltarem contra as condições de trabalho, questões trabalhistas ou o funcionamento do sistema ou do fluxo de trabalho, pedir exemplos de técnicas bem sucedidas na simulação para contornarem estas questões em prol de uma solução efetiva.

Tudo isso, eu já havia ouvido antes, com o mesmo entusiasmo por parte dos participantes.

O fato de eu estar em Buenos Aires, não obstante a língua usada, não alterava em nada o conteúdo do discurso de herança corporativista Norte Americana. Do sétimo andar para cima, o mundo corporativo tem sempre o mesmo crivo: eficiência na produção, eficácia na entrega, duplos dígitos na ROI. Todos queriam ver um consultor competente e carismático, não necessariamente nesta ordem. Isso eu sei fazer muito bem.

Quando eu estava com Natasha, prevalecia o mesmo sentimento. Ela até que me perguntava como havia sido meu dia, mas somente para me aquecer na conversa e, em seguida, despejar em mim uma descrição longa sobre seu dia e as fotos que tirou: um pilar de um monumento cujas letras haviam sido retirados, deixando apenas manchas claras, quatro dobras em um ramo de uma árvore gigante, várias fotos de preto sobre preto que ela insistia ser um labirinto em uma instalação em exposição dentro de um museu, uma estátua de uma moça nua que parecia flutuar saguão abaixo em uma antiga mansão, pessoas reais: um rapaz tocava seu próprio peito e uma moça havia o passado reto. Tasha explicou que a menina havia trombado contra o menino sem querer, dando-lhe uma cotovelada. Havia uma foto do monumento em frente à Casa Rosada, sendo esta cercada por faixas de protesto. Por um lado, turistas faziam poses para as fotos diante do monumento. Ao outro lado do bloco de concreto, um homem gritava à Casa com o rosto vermelho e garganta escancarada, com dois policiais tentando decidir se o regime político



estimulava ou reprimia tal atitude. Segundo Natasha, este era o perfeito retrato de Buenos Aires. Havia uma série de fotos de prédios de concreto, com escadas expostas e ângulos tortos, dignos de um quadro do MC Escher. Também havia fotos de casas com flores e largas ruas. Ela aventurara para longe do centro, longe de onde era seguro para fazer turismo, sempre fascinada com “a vida como ela é” [sic]. Havia também diversas fotos de um parque repleto de fontes, arbustos, turistas e pais e filhos pequenos.

Eu sabia fazer que sim com a cabeça, fazer comentários simples e pequenas críticas que podiam ser interações legítimas. Quando ela fazia perguntas a seu respeito, avaliando a qualidade do nosso amor (“você está feliz comigo?”, “você ainda me acha bonita?”, “você voltou a ver aqueles sites?”, “ainda sou sua melhor amiga?”, “satisfaço as suas necessidades?”), eu lhe respondia com a prontidão de quem está seguro do que diz (“sim”, “com certeza”, “nunca mais”, “como sempre”, “sim”). Enquanto a conta do jantar não chegava, tinha tempo para esta brincadeira se estender.

- Então por que você me maltrata assim?
- Como...?
- Você não transa mais comigo.
- *Eu* maltrato você?
- Você não quer transar mais comigo.
- Não me sinto confortável conversando assim aqui.
- Que é que tem? Ninguém nos entende, mesmo.

Eu simplesmente esperei a conta chegar, mas ela não chegava.

Como se ela não tivesse tido as conversas das outras noites comigo, ela voltou a insistir em me perguntar se eu ainda gostava dela. Ela questionou se eu realmente a ouvia, porque desde o primeiro dia aqui em Buenos Aires eu agia de uma maneira muito estanha, eu a afastava sempre, mesmo quando ela fazia perguntas simples...

Com um gesto simples, cortei o discurso. – Quando você realmente quiser saber, você me pergunta.

A conta chegou e eu a paguei.

E enquanto voltamos ao hotel, Natasha discursava sobre como a cidade de Buenos Aires era aconchegante, como os Argentinos sabiam viver no lugar onde estavam, como sabiam parar e conversar e respirar, como era, na sua essência, uma cidade mais calma do que São Paulo, como os dias (veja bem, ela não falou das noites) que ela passava sozinha eram talvez os melhores dos últimos anos. Ah, ela conversou com uma mulher simpática que gerenciava o restaurante de uma pequena galeria, filha de psicanalistas, com quem ela conversou sobre mais de uma hora sobre fotografia e como era bom, mesmo sendo mulher, poder trabalhar por seu próprio sustento – tudo sem falarem a língua uma da outra, praticamente. Como este mundo era diferente do mundo dos Paulistanos! Igual ela, com tempo para conversar, só suas amigas nordestinas de Paraisópolis.

E, antes de dormir, ela me pegou de rasteira com uma jogada de lógica: “se ainda sou sua melhor amiga, se você ainda me acha bonita, não tem motivo para você não transar comigo, tem?” De tanto ela insistir, fiquei irado.

Não gritei com ela, não a espanquei. Se era uma rapidinha que ela queria, então eu lhe daria várias rapidinhas: como um amante desesperado, arranquei sua roupa, agarrei-a pela nuca para lhe dar o beijo mais forte que jamais dei, enchi as mãos com seus seios, enchi a boca com seu peito e mordi, e, com o pênis, a espetei de toda maneira em todas as posições imagináveis, socando o órgão dentro dela até deixar hematomas na parede superior de seu útero, onde não haveria marcas visíveis.

Ela não cansou, não pediu para parar. Pelo contrário, ela pedia mais, gritava em êxtase, escancarava seus olhos castanhos em soquetes asiáticos e me chamava de garanhão, gostosão, homem e *clydesdale*. Era vigor animalesco, que evocava os grandes

mamíferos e tubarões, um vigor em nada felino ou dengoso. Eu ficava cada vez mais furioso porque nada disso funcionava.

Eu logo gozei, mas ela não me deixou parar, mesmo que eu sentisse cócegas no meu órgão e um enjôo pornográfico. Ela não me deixou parar até ela gozar.

Eu a apertava com abraços tão fortes que deveriam quebrar suas costelas de elfo, mas isso só empurrava mais suspiros ofegantes para dentro do meu ouvido. Só parei porque eu não tinha mais energia dentro de mim. Parei para lavar o suor do meu corpo e tomar uma garrafa de água mineral e repor os fluídos naturais.

Enquanto tentei voltar a dormir (tarefa nem um pouco difícil), Natasha usou o primeiro e último diminutivo da noite – você é gostosinho, viu!



No segundo dia da segunda turma deste treinamento, entendi ao quê Señor Reveco se referia quando disse que se tratava de um “grupo seleta que se destacara pela sua liderança”. Neste dia, Anselmo não foi mais do que uma aparição fantasmagórica. Com representante do nível gerencial afastado e um dia de intimidade atrás de nós, o grupo se consolidou em nada menos do que um recém-nascido sindicato. Não se tratava, portanto, de mero potencial. Era uma verdadeira ameaça. Eles não demoraram para expressar os sonhos (para não dizer, logo de cara, “propostas”) do que fariam assim que atingissem nível gerencial.

Aí que residia a minha oportunidade para reverter a situação, graças à competência do meu intérprete de captar as sutilezas da linguagem utilizada. Com certeza os participantes seriam ótimos gerentes. Para chegarem a este nível, eles teriam que se destacarem com seus resultados. Aproveitei um *flip chart* para compartilhar meu discurso aparentemente improvisado sobre eficiência na produção, eficácia na entrega e duplos

dígitos na ROI (outro parêntese: ROI é sigla para “Return On Investment”). Se eles se destacarem no que compete a eles (eficácia na entrega), serão promovidos ao nível gerencial (eficiência na produção) – por serem “capitães”, eles já estavam neste rumo. Não era por acaso que eles já observavam as questões cruciais para o funcionamento eficiente de uma equipe. E é assim que chegamos a (mudança de *slide*) como ser um Membro Eficiente em uma Equipe Eficaz (MEEE!).

Ao final do dia, alguns me parabenizaram pela qualidade do curso. Isso não deveria ser suficiente para me fazer me sentir melhor? Sim, era suficiente. Por que algo tão insípido como um treinamento corporativo conseguiria ser suficiente? Eram os meus afetos, os meus anseios e a minha vida tão insípidos?

Minha sorte era que os elogios foram feitos quando Anselmo havia retornado e me esperava na porta da Sala de *Workshop* II com os resultados consolidados das Avaliações de Reação do grupo anterior.

Disse ele – *És possible* você melhorar *su performance*. Os gerentes pedem *más informaciones* sobre a realidade de os funcionários na linha da frente.

Ele me entregou a folha. A avaliação geral era 17% na nota máxima de zero a seis, 58% deram nota 5, 15% avaliaram com nota 4, 3% nota 3 e 7% nota 2. Somente dois não entregaram avaliação, o que era bem diferente da minha experiência no Brasil.

– *Bueno*, Anselmo – eu disse, mantendo o ar de consultor, mesmo sentindo que eu explodiria se continuasse dentro deste prédio, porém sem ter pressa para voltar ao hotel.  
– *Yo tengo una solución para esta demanda. Usted se recueda que haverá uma reunión para debater las cuestiones lebandadas al término de lo curso regreso? Sugiro que se eliga representantes de ambos los grupos para hacer um diálogo bilateral para los dos grupos cambiarem sus impresiones e inquietaciones e, así, formularem nuevas propuestas.*

Entre movimentos oculares, Anselmo me perguntou – *qué lengua estás hablando?*



O trânsito no caminho de volta foi infernal e custou mais pesos do que em outros dias. Sexta-feira, *Viernes* ou *Friday*, em qualquer lugar era dia de trânsito pesado e restaurantes lotados. Duas vezes achei que motoristas sairiam na porrada aí no meio da rua.

Mesmo chegando mais tarde, eu não tinha pressa para subir ao quarto de hotel que me esperava, e o computador disponibilizado no *foyer* me fazia um belo convite. Fazia algum tempo que eu não consultara meus emails.

Além das mensagens não lidas do Norl e da Fernanda e uma meia dúzia de listas de discussão, havia uma nova da Fabíola, a qual foi a primeira a ser aberta: “marcadíssimo!” Não importava que eu simplesmente não estava mais a fim de marcar nada com ela por esta noite.

Norl, em seu email já quase frio pelo banho Maria que lhe dei sugeria que deveríamos nos rever. E, realmente, todos nós saltávamos para lá e para cá como mangueiras que jorravam água, mas sem ninguém para nos direcionar, saltitando sempre que nosso jato encontrava alguma superfície, temendo que algum dia esse jato cessasse e esperando acertar aquilo que tão freneticamente buscávamos.

Naqueles dias, tínhamos um ao outro. Sempre que penso em vocês, lembro que algo fazia sentido. Eu não sei mais o que este “algo” era.

E eu sei o que seria melhor para Natasha. Ela não quer que vocês saibam. Ela foge de alguma coisa.

*“Turma. Acho ótima a idéia. Que tal vocês virem em casa no Domingo? Estou voltando de viagem e seria perfeito ver vocês... [etc. et. al.]*

Assinado, Rapha V.

Com a Fernanda, bastou um cordial lembrete, um pouco mais do que um “oi, tudo bem?”, um pouco menos do que um relatório.

E de pensar que eu me casaria com ela. Não temos nada em comum, mais. Temos? Não temos. Como será que seria se tivesse acontecido? “Rapha e Fer”? “Fer e Rapha”? Eu ainda teria a tal da minha Fé? Eu seria mais inocente? Ou mais ingênuo?

Antes de o pensamento ter se concluído, a porta do elevador se abriu no sétimo andar, dando lugar à fragrância do Bom Ar (ou algum equivalente internacional, tão artificial quanto) que compensava pela ausência de janelas.

E ela me aguardava no quarto, pronta para eu a levar para algum restaurante, sentada sobre a cama para a preguiça induzida pela televisão não amarrotar sua blusa branca e calça preta. Ela havia combinado o delineador roxo com o esmalte.

– *Buenas noches!*

– *Ouí.*

Falei que eu estava cansado antes dela conseguir reclamar que cheguei tarde e me mergulhei na banheira.

Depois de algum tempo – foi um tempo considerável, talvez eu até tenha dormido um pouco – ela bateu na porta. Ela avisou que desceria ao bar do hotel.

“Tudo bem, pode ir. Depois eu desço.” Eu disse algo assim.

Depois de algum tempo, ela não havia retornado. Eu a encontrei no restaurante com cheiro de Bourbon em seu hálito.

– Oi, querido! Sabia que o mundo ficou mais lindo com você quando estou bebendo?

Tocava aquela música *soft pop* dos anos 80, aquela de meados de *Friday* do Alfa FM que eu já ouvira milhares de vezes vendo faróis de carros refletidos no asfalto molhado, aquela que desfaz o tempo e nos deixa suspensos na mesa de bar, faz um

parêntese e nos permite afogar as mágoas no destilado de nossa preferência. Ah, sim.

Esta era hora. Eles tinham porção de empanadas de *pollo*. “*Let’s... make... love!?*”

Natasha queria comer minhas empanadas, mesmo já tendo comido, mesmo que eu estava faminto. Não tinha nem como impedi-la.

E eu pedi doses de sakê. Sim, sakê em doses. Se eu o queria quente? Não.

Sabedoria acrescentada pela Natasha ao pedido: não dá para se arruinar bebendo sakê quente.

Com a primeira dose, sem cerimônia, meus olhos se esbugalharam e eu estava em perfeita sintonia com a música de meandros de *Friday*. “*We just don’t care... we just don’t care... Let’s... go to... the park?*” É esta a letra? “*Dadá, na, dada, doobiedoo, dã-dã?*”

Eu odeio meu trabalho. Tipo assim, eu faço o que eu gosto, quer dizer, eu me realizo, mas eu já cansei. Essa coisa toda de fazer seu próprio horário, até que é bom, mas é um saco porque não é seu próprio horário. Deixa eu explicar. É que você tem que esperar e fazer papel. Fazer papel e esperar. Se eu fosse falar de *mim*... mas ninguém está interessado nisso, senão pagariam para ouvir o que eu tenho a dizer. Não que eu não digo o que não quero dizer, afinal, eu que comecei a pesquisar o assunto porque... Foram as vidas secas no balcão de atendimento. É por isso que eu faço o que faço e o faço bem. Eu sei fazer esse papel. E eu vou te dizer uma coisa: eu sei que a gente não tem se entendido direito esses dias, mas eu não teria conseguido fazer esse papel se não fosse por você, você me entende? Como você é linda. Sempre foi: linda. Se eu segurar esta empanada sofre estes amendoins, sabe o que é isso? “*Debaixo da meia lua, meu coração por ti gela.*”

Acho que isso não fez sentido, mas Natasha disse algo com a essência de que essa foi a coisa mais linda que alguém já lhe disse. Ela achava graça em se jogar sobre meu ombro, então ela fez isso quando eu menos esperava. Sono é uma coisa engraçada,

então era engraçado quando ela fingia dormir sobre meu peito em um ambiente público de família.

Lembrei: “*I wanna kiss you underneath those stars*”. Essa é a letra?

– Mas estamos em um lugar público, de família! O que você dizia? Sobre o tempo e o espaço?

Onde eu estava? Meu tempo não é meu. Bem que na campanha missionária falava-se de *Cronos* e *Kairós*, e que um comia seus filhos e era o tempo de Deus. Saudade da Fernanda e de como você me apoiava sempre quando trocávamos recados por bilhete em todas as aulas e o professor índio falava que morria de curiosidade do que escrevíamos. Nem tinha *chat* naquela época, só dez ou doze anos atrás. Como o mundo mudou, como a gente se mudou, mas a gente continua igual, não...?

Natasha fingia que caía de sono em meu ombro e testava se eu perceberia que era só fachada e que isso tinha graça. Para ela, tinha graça. Era engraçado.

Eu ria, sem saber do quê. Risadas intransitivas. Eu me sentia legal. *Isso, é disso* que estou falando. Esqueço, às vezes, mas eu *sei* disso: as coisas, elas acontecem pela posteridade, e a posteridade é *boa*. Por isso que a vida é boa demais da conta, por mais que é uma bosta enquanto a gente vive. Porque a gente olha para trás e se sente legal. São momentos assim, desprendido das preocupações e um pouco (qual é a palavra?) ururú com o álcool na cabeça.

Você voltou do passado para me lembrar disso, não?

– Ururú! – Natasha falou, um pouco alto demais.

– É, você voltou lá da Adventista para me lembrar disso, não foi?

– *Sure do*, querido.

Você trouxe Inglês para mim!



Natasha tentava se jogar em meus braços. Ó, o tango é assim, ó! Olha essa música! Adoro esta música. *“Too long ago, too far apart... She couldn't wait another day for... The Captain of her heart.”*

– Você sabe que vou ter que deixar você... – ela disse.

– Me deixar fazer o quê?

Ela escalou meu braço para meio que sentar em meu colo, ato improvável nestes banquinhos de bar, sussurrando em meu ouvido coisas tão baixinhas que o orifício não conseguia captar os sons. E, no final – me leva para cama, Rapha.

Ela riu, e segurou meu rosto de frente ao seu, olho no olho, mas achei que seus olhos estavam fechados.

– Você sempre foi tão lindo. Me leva para cama.

No quarto, fazendo *striptease* um para o outro, éramos dois palhaços. *Hey*, criança, a gente sabe se divertir, e nós dois somos crianças ainda. Só precisamos de uma batidinha para chegarmos lá. Beijos e abraços, te amo!



Retirei o último plástico da última camisa engomada pelo hotel, passei gel pelo cabelo pela última vez, repeti a gravata de sorte que usara na Terça-feira, e, após um beijinho e uma pausa sem Paracetamol em frente à porta, saí para enfrentar o último dia do meu curso.

Eu estava com Sede, com “S” maiúsculo, e uma Dor-de-Cabeça que você nem imagina, os quais me distraíam da minha vontade intrínseca de explodir. De repente, eu percebi que estava lembrado da penúltima prancha do teste Rorschach onde, visto por um ângulo, havia borrões em forma de dragões em um escudo e, visto por outro ângulo, uma explosão atômica. Como um vítima de um afogamento em curso, alguns elementos

de um sonho da madrugada mais densa: um senso de nudez exposta a uma platéia, um grito dos mais terríveis, paz de colo, uma garota auto-confiante na platéia de olhos grandes, com jeito dos anos 60 cuja olhar transmite força, um anjo de guarda que não conhece Jesus. Ao contrário do sonho, a escuridão perdurava na manhã de Sábado em Argentina.

Era fazer bonito para terminar logo e regressar ao meu lar em meio aos prédios, carros, lotações, carros de *playboy* e um cemitério sem lápides. E um colchão com travesseiro que tinha meu cheiro. E gente que falava a minha língua.

E essa gente que me rodeava tinha uma sugestão: como era um Sábado, era preferível terminar o mais cedo possível. Para mim, era indiferente, pois nada anteciparia meu vôo. A sugestão era não fazermos intervalo para o chá, deixar livre para se refrescarem conforme a necessidade, e irem embora uma hora mais cedo, ao meio dia.

Meio dia?

Anselmo discretamente correu atrás do email enviado. Enquanto isso, eu não tinha palavras para começar a discutir com eles. O tradutor me pressionava com seu olhar: certamente, ele tinha coisas melhores a fazer neste Sábado, mesmo que hoje, a julgar pela demora e a falta do sol nascente, não faria sol.

Ao invés de ser obstinado e esperar, eu falei que precisaria conversar com Anselmo. Enquanto isso, daríamos início ao curso.

Quando ele retornou, Anselmo tomou logo à frente e disse que era possível, sim, terminar ao meio dia. Sem perguntar para mim. Sem negociar o conteúdo da tarde.

Ah, meu amigo... Se é assim...

A próxima atividade, portanto, era formar propostas e sugestões para um comício representar os participantes na reunião com os gestores. Marquem a data e o horário com Anselmo, o qual já concordou comigo que esta reunião era fundamental para a expansão da empresa.

Arrisquei um olhar inocente, cheio de maldade. Papo de consultor, uma ova: vamos fazer uma diferença aqui.

Para começar, façam uma lista de tudo que vocês pensaram nestes dois dias em termos de melhorias necessárias *no seu* atendimento aos clientes. (Eu ia distribuindo *flip charts* e anotando os temas no canto superior enquanto falava.) Segundo: faça uma lista do que vocês, como capitães, se comprometem a fazer para isso dar certo. Terceiro: de que maneira seus gerentes podem lhes apoiar para que seus compromissos sejam viáveis? Lembrem-se, quanto menor o custo financeiro, organizacional e emocional, maior a chance que irão concordar. Vai pensando, ainda vou dar uma última tarefa.

Procurei as folhas com as questões levantadas ao final do curso anterior.

Olhem aqui, mais um minuto da atenção de vocês, por favor. Tenho aqui as questões levantadas na sessão anterior, junto com os gerentes. *Estas* são as reais preocupações deles e que querem abordar. Portanto, para vocês negociarem bem, vocês precisam apresentar suas propostas de maneira que atende a *estas* questões, se vocês querem ser ouvidos.

Alguém levantou um crucial impedimento: as questões estavam em Inglês, e nem todos falam Inglês. Ao que alguém acrescentou: tudo que eu acabara de escrever nos *flip charts* estava em Português.

A manhã foi longa, e Anselmo, pela primeira vez, estava visivelmente, de fato, austero, e não tinha *nada* a ver com sua postura anterior. Ao final, ele fez questão de passar a avaliação de reação. E eu já não me importava mais com o resultado. Inclusive, eu queria, queria mesmo, que desse merda. Eu acreditava nas minhas melhores intenções, eu quis fazer *lo mejor para ellos*, e, se não aceitarem isso, esse meu jeito de ser, então eu não fazia questão de que eles gostassem de mim. Com o detalhe de que esta última declaração não era, nunca foi, e nunca é verdadeira.

Terminamos ao meio-dia (*libre!*), pontualmente, com uma avaliação de reação que provocava caretas da parte do Anselmo e que ele fez questão de guardar antes de eu poder pedir para ver. Ele me acompanhou até o saguão e me deixou pegar o taxi por conta próprio. Pelo jeito, não haveria almoço. Eu me contentei com duas empanadas, com pressa para chegar ao quarto do hotel.

Pois Natasha só voltaria quatro ou cinco horas depois. Eu poderia ficar lá sozinho, completamente sozinho, sozinho de fato, e, assim, arrancar a gravata, abrir todos os botões da camisa, tirar o cinto e não sentir solidão em meio à multidão. Na gaveta, como sempre há, havia uma Bíblia. Cabeça para lê-la, eu até tinha. Mas eu não sou mais disso, e eu precisava afugentar a solidão com afogamento sensorial. A televisão e a janela aberta não eram suficientes; abri o notebook. É que, na verdade, não adiantava apagar os links da lista de favoritos. Eu me lembrava muito bem dos melhores caminhos. Em pouco tempo, eu espreitava em frente às imagens reluzentes de seios e sexos lubrificadas em movimentos repetitivos e vigorosos. Isso, na tela do meu pesadinho notebook, era vida. Pelo menos *eles* viviam vigorosamente.

Depois, eu parei. Havia outras coisas em minha vida, como emails para responder. Não aceitaram fazer o encontro na minha casa. Enquanto eu estava me embebedando na noite passada, Rejane sugeriu irmos na Trash 80's, e a Serpentina respondeu com tamanha veemência que *aquilo* que era balada, que ninguém se atreveu a defender o contrário. Ao Trash, portanto, iríamos. O Norl até conseguiu uma folga do seu trabalho. Ele daria carona para todos, menos para Carlos, o qual viria com a noiva. Desta vez, da Fernanda só tinha um .ppt engraçado sobre todos os tipos de cocô imagináveis, sob o assunto, "Enc: Fwd: Enc: Enc: Essa é muito boa!!!"

Feito isso, eu voltei ao meu passatempo predileto. Talvez não fosse, de fato, meu predileto, mas preteri os outros.



Natasha chegou horas antes do combinado, entrando com cautela no quarto onde alguém tomava banho.

– Ah, querido! Você já voltou! Só vim trocar de roupa, olha... – Um pássaro havia acertado seu ombro.

Já estávamos na fase em que casal não tem pudor, mas ainda estávamos na fase do fascínio erótico. Eu me secava e ela tirava a blusa, sendo que ela vestia um sutiã da cor da pele que só servia para preservar o formato dos seios.

Ela me convidava a sair junto com ela. – Que bom que você já está livre! O que você ficaria aqui fazendo sozinho?

O notebook estava fechado e desligado. Ela estranharia ele estar sobre a mesa ao invés de estar guardado e pronto para viajar?

Sem ter boa resposta ao seu convite na ponta da língua, acompanhei a Natasha nos seus últimos momentos de turista. Seu primeiro ato como líder da expedição foi fazer a pergunta: onde você quer ir?

De *colectivo*, passamos por ruas repletas de cafés e livrarias, sendo que estes estavam abaixo de varandas cercadas por metal fundido em desenhos complexos, no estilo clássico. Natasha flagrou tudo que pôde com sua máquina fotográfica. Terminamos a viagem em frente a um prédio antigo. Não entendo a fascinação dos Argentinos por prédios cor-de-rosa. Eu gostei de ver as obras do Rodin e das antiguidades da dinastia Ming.

Tasha me fez subir por uma passarela, e foi diante de mim, registrando cada terceiro e quinto passo meu.

– Natasha, pare com isso.

Ela guardou a máquina. Mas só por alguns instantes, pois o céu azul estava encantador. E logo eu aparecia novamente em suas fotos. Ela me fez subir e descer a escada da faculdade de Direito.

– Mas como você quer que eu desça?

– Não sei. Venha vindo para cá. – Ela disse isso umas três ou quatro vezes, ora da base, ora do topo da longa escadaria. Disse ela, depois de passarmos da esquina da faculdade, que ela se sentia em D.C.

– Bom, agora chega.

Ela suspirou, mas abaixou a máquina. Aí ela virou a câmera para lá. Caminhar assim iria demorar... Ela tirou fotos da Tulipa Gigante, onde eu era apenas mais um turista em meio aos demais estrangeiros. Quando vi, ela já estava enfiando a máquina na minha cara de novo.

– Tá bom. Como você quer que eu fique?

– Não sei. Vai sendo você, faça o que você faz normalmente.

Hm. Como eu faria se eu fosse Raphael Volpe em Buenos Aires?

A Tulipa Gigante era feita de metal. Algo que, pelas formas, poderia ser desengonçado e um pouco ridículo, mas na conjuntura arquitetônica ficou gracioso e majestoso. “Gracioso” é um falso cognato, não?

Como eu sou um homem detalhista, fiz pose de quem observa detalhes. Quando virei de costas ao monumento, para observar os detalhes da cidade à minha frente, Natasha explodiu em interjeições apaixonadas.

– Espera! Ótimo! Segura!

Encontrei uma placa, um detalhe que merecia atenção. Enquanto eu fazia pose de leitura, aproveitei para lê-la. A tulipa fora doada pela empresa americana Lockheed Martin.

Lockheed Martin? A fabricante de mísseis?

– Olha isso... Me empresta a máquina.

– Para quê?

– Deixa eu fotografar isso.

– A placa?

– Sim.

Ela tirou a máquina de seu pescoço, passando a câmera às minhas mãos como se fosse meia dúzia de ovos. Enquanto eu tentava tirar a foto, ela me desconcentrava com uma cadeia de imperativos.

– Pronto. Tirei.

Devolvi a meia dúzia de ovos. Nunca mais vou me atrever a usar sua câmera.

– Não entendi a graça da placa.

– O que será que a Lockheed Martin quis fazer com isso? Esses militares Norte Americanos... Quem falou aquela frase, “*no bombardeen Buenos Aires, no nos podemos defender*”? Foi o Borges? O que você acha que isso se parece?

– Não entendi. Uma tulipa?

Eu estava pensando alto sobre os interesses que um fabricante de mísseis americanos poderia ter aqui. Será que nos deveríamos nos preocupar, em São Paulo? E quanto ao petróleo e o Amazonas?

Natasha passou a me guiar em silêncio. Depois de atravessarmos algumas ruas, ela disse – não confunda as corporações com os soldados.

De onde tirei tanta energia e informações para tamanha convicção? Em cima do que ela falou, passei a apontar como os Estados Unidos haviam infiltrado a cultura, promovido a industrialização e imposto a queima de combustíveis tóxicos e invadido, sim, com soldados, sim, países por interesses de suas corporações, expandindo o tal da globalização.

E Natasha descreveu o regime ditador de Saddam Hussein, o risco que os EUA corriam frente ao resto do mundo e as maravilhas do subúrbio Americano. E, em algum lugar, entre parênteses em meio aos meus pensamentos, eu estranhava ouvir isso de uma amiga do colégio cujo primeiro voto havia sido a favor do PT. Ela falava até com leve sotaque, pela primeira vez.

Quanto mais eu falava, mais eu tentava resgatar a Tasha que em outra década eu conhecia. E quanto mais ela falava, mais ela defendia seu marido e justificava sua presença no outro lado do globo.

E eu me cansei, e ela se cansou, de tanto dar murro em ponta de faca. De repente, estávamos diante de um portão em meio a uma cerca de altos arbustos, um oasis em meio à cidade. Tivemos que pagar para entrar, mas já teríamos que nos livrar dos *pesos*.

Foi como num sonho: passamos por um portão e chegamos no Japão. Diante de nós estava um parque, entrecortado por um caminho sinuoso. Pontezinhas vermelhas atravessavam por cima de um riacho artificial repleto de peixes *koi*. Lá fora, os Argentinos buzinavam, mas aqui dentro, tudo era um pouco mais miúdo, um pouco mais frágil e concentrado.

O casal Rapha e Tasha ficou pelo lado de fora, e entramos só nos dois. A mão da mulher que mais amei na vida encontrou a minha e, finalmente, estávamos *juntos*. Atravessamos o riacho em silêncio, com os passos sincronizados. Pelo outro lado, havia uma pequena árvore, podada com delicada precisão. A árvore me era conhecida; não o formato, nem a espécie dela, mas, sim, a própria árvore.

A certeza me assombrou: *eu já estive aqui e agora, já vi esta árvore, já segurei a Natasha assim. Assim era para ser.*

Mas como seria possível já ter estado *aqui e agora*? Nada abalava esta certeza tão certa como o ar que eu respiro, tão certo como eu lhe falo e Natasha pode me ouvir.



Um amontoado de peixes *koi* se aglomerou aos nossos pés. Eu já tinha visto isso antes.

Avançamos neste dia de sol em silêncio. Havia crianças com seus pais, havia pré-adolescentes de braços interligados.

Seguimos a curva da água à esquerda. Quase escondido, ao lado de uma casinha havia algo que lembrava um varal: entre duas madeiras, foram estendidos vários fios. Em cada fio, mensagens em papéis dobrados foram amarradas. De alguma maneira, ele me fez lembrar da Nossa Senhora Aparecida. Mas ela não é padroeira da Argentina, e eu não sou, nem nunca fui, católico.

Se antes a Natasha estava em silêncio, agora ela ficou muda.

Estávamos diante de um “Omikují”, segundo o que informava a placa, e ele servia para pagar promessas. Quando percebi, eu já estava assobiando: *“Eu sei que foi pago um alto preço... para que contigo eu fosse um, minha irmã...”*

Atrás da lembrança da Nossa Senhora Aparecida, algo queria vir a tona, um sentimento do sonho da noite passada, um sentimento fugitivo, uma imagem parecida com a Santa. Certa vez, fui picado por um escorpião. Ao correr ao hospital comigo, a mão do meu pai pesou sobre a minha testa. Foi este peso que me assegurou que as coisas dariam certo, no final das contas. A cicatriz no meu calcanhar me lembrava sempre disso. Por que pensei nisso? Acho que sonhei algo que ele havia dito.

Logo adiante, havia um sino sobre uma espécie de altar. Pronto para fazer o sino soar, havia uma madeira pendurada por uma corrente. Bastava empurrá-la contra um círculo no metal fundido. Segundo a placa, aquilo era um sino pela paz, doado por ocasião da visita do imperador.

Natasha se arrepiou todinha e, com um grito dos mais terríveis, de vigor que jamais pensei ser possível sair de um corpo de seu porte, ela desabou a chorar.

Compulsivamente.

De joelhos ela caiu diante do altar, e me levou junto. Tasha tentou esconder o rosto nas mãos, mas suas mãos se ocupavam em limpar as lágrimas e os fluidos que jorravam de sua face. Pessoas atrás de nós se comoviam, mas outras pessoas puxavam estas primeiras pelo braço. Deixe a menina ter seu momento. Não a exponha.

Eu pesei minha mão sobre seu ombro. Seu corpo a jogou para trás, caindo sobre meu ombro, onde ela enterrou o rosto, fazendo seus gemidos reverberarem por meu corpo com convulsões quase epiléticas.

Não havia palavra alguma em seu gemido.

Lembrei: eu havia sonhado com o deus transformador. Era uma peça em uma praça pública, e era eu quem coordenava a apresentação e os efeitos especiais. E o deus transformador pegava papel e sucata para fazer coisas.

Mas aí entra em cena a Deusa Criadora. Ela afastou as pernas, e deu um grito terrível, pois nasceu a sua mais bela criação: o ser humano, a quem ela deu toda a sua criação. Uma voz, vindo das auto-falantes, lia: “mesmo que as mães vos abandonarem, eu não o abandonarei. Eu sou contigo.” Mas o homem, sendo Rei da Criação, foi seduzido pelo deus transformador, e logo estava perdido em um labirinto de coisas. A platéia se mexia com incômodo, e eu me incomodei porque não sabia como fazer acontecer o próximo efeito especial. Senti algo como refluxo, algo como a onda que foge da praia.

Havia um par de olhos fixos no espetáculo.

A Deusa Criadora entraria no labirinto de uma maneira jamais vista: ela se criou a si mesma, virando-se às avessas com um horrível grito saindo de seu ventre. E, assim, na peça, nasceu a encarnação de Deus. Ele andou no meio da platéia e tinha o poder de curar e restaurar, pois ele era o próprio Criador. Ele ensinou que, mesmo que um pai deixar de dar de comer ao seu filho, Ele jamais nos deixaria desamparados. Ele entrou no labirinto de coisas e panos, descendo aos lugares escuros. Enquanto isso, caiu-se a noite

sobre a praça. No momento mais escuro da madrugada, ouviu-se o mais terrível grito de choro. Depois ficou tudo em silêncio, e a multidão não sabia o que fazer. O planeta Venus, a estrela da manhã, com quedas de dois meio-tons musicais, começaria a brilhar, mas acho que foi aí que eu acordei.

Isso eu contei para Natasha à mesa da lanchonete que ficava no fundo do parque, enquanto bebíamos chá de trigo.

– Mas por que estou lhe contando isso?

– Eu te perguntei o que significava o sino que é capaz de trazer paz ao mundo, e você dizia que os símbolos não são tão simples.

– É que um monte de coisas neste sonho tem a ver comigo, e não só o que significa de uma maneira ampla.

Chá de trigo tem um gosto levemente amargo.

– Acho que você deveria conversar mais com a sua mãe.

– Eu falei com ela antes de vir para cá.

– Mas, Rapha, você conversou?

– Conversar, conversamos.

Natasha se distraiu vendo a garçonete Argentina vestida de Japonesa. Ela disse que essa coisa de Deus como pai não funcionava para ela. Algumas coisas eu sabia, e eu tinha apoiado a sua fuga de casa.

– Gostei da Deusa Mãe de seu sonho.

Esvaziamos o bule de chá, mas não saímos de lá. Ainda faltavam alguns minutos até partirmos rumo ao nosso apartamento no Brasil.

– Meu pai, ele não era só marceneiro. Ele era assassino.

– Como assim?

Ela não explicou mais. É que ele realmente havia sido assassino. As peças caíram nos devidos lugares: o real motivo dela fugir, de não voltar ao Brasil tão cedo, de não

querer ser minha namorada quando eu lhe pedi, de apoiar tanto a minha paixão pela Fernanda...

– Ah – disse eu.

– Mas, também, se Deus não é Pai, ele deve ser só uma força maior do destino. E acho assim: não dá para se relacionar com uma força maior, como não dá para se relacionar com o vento. Então parei de buscar. Assim, ficam elas por elas.

– E quando você vai falar com seu pai?

Ela sorriu, mas não respondeu. Ao invés disso, ela indicou a garçonete com o olhar.

– Às vezes, eu me sinto assim.

– Assim como?

Ela tirou uma foto antes de responder a pergunta. – Sinto que sou um pouco de tudo. Aliás, sinto que *não sou* um pouco de tudo. Não sou Brasileira, não sou Japonesa. Tentei muito me tornar Americana, e quase consegui. Às vezes achavam lá que eu era apenas descendente de imigrante Japonês. E aqui até teve Argentino me perguntando como chegar nos lugares. Isso, quando eu não me portava como turista. Aí o pessoal deve ter pensado que eu era Japonesa, mesmo, tirando foto de tudo. Mas se eu não sou nada daquilo, sou só um pouco de tudo isso, então eu vou me adaptando, faço o que as pessoas querem de mim, vou servindo todo mundo. Não sobra muita coisa.

– Pelo menos, Tasha – eu disse –, você pode se sentir em casa em qualquer lugar.

Ela respondeu, com uma única nota musical – não.



– Alô, mãe? Mãe, tudo bem? Cheguei. Estou aqui no aeroporto.

– ...

– É, a gente chegou bem. E vocês, se divertiram?

– ...

– É mesmo? Tudo isso?

– ...

– Então tá bom. Viu, teria problema ele ficar com você até amanhã? Só mais um dia.

– ...

– É que a gente vai encontrar o pessoal do Colégio.

– ...

– Até concordo com você que vão querer conhecer. Se bem que a Serpentina já o conhece. Mas querem ir numa balada, e você entende, não?

– ...

– Sim, com certeza. Segunda-feira, sem falta. Pontualmente. Não vou fazer você se atrasar.

– ...

– Obrigado, obrigado. Até mais tarde.

– ...

– Eu também. Abraço! Tchau. Tchau.

*Click:* desliguei o telefone.

*Click:* Natasha tirou mais uma foto. Eu só queria pegar um taxi e dormir o dia inteiro.

Sem Brian em meu apartamento, dormimos nus na minha cama. Meu colchão e meu edredom *a la* Piet Mondriaan do Alexandre Herchcovitch me reconheciam.

Norl chegou com nossas duas melhores amigas: um braço em volta dos ombros da Rejane e o outro em volta da cintura da Serpentina. O que eles teriam nos bolsos esquerdos?

– Natasha! Você não mudou em nada! Sua cachorra!

Já a Rejane a envolveu em um abraço que fechava o ciclo de doze anos de saudades e emails cada vez mais esporádicos. Só porque pararam de se escrever não significava que o afeto se fora embora.

Separando-se da amiga, Tasha chamou o Norl ao seu abraço – Daniel!

– Que bom que você voltou!

Foi bom reencontrar o abraço da Rejane. Em 1995 eu fiz a promessa vazia de que eu não perderia contato com ela, seja lá o quê fosse acontecer. Na época, eu tinha um carinho de irmão por ela. Eu não tinha irmã, mas imagino que dever ser assim, um amor muito forte, um grande ciúme e um pouco de repulsa. Parecia que ela estava mais morena, ou o cabelo estava mais claro. Anos trabalhando em países tropicais e no Nordeste fazem isso com as pessoas. Ela chamou atenção ao meu cavanhaque.

Já estávamos bebendo sucos e já estavam tocando *Forever Young* quando Carlos chegou, ele mais a sua noiva. Onde a Natasha parecia ter se amadurecido, a noiva do Carlos parecia ter se envelhecido. Dava para ver isso mesmo sem ter visto a mulher antes. Se Carlos percebia isso, ele não o demonstrou. Pelo contrário, ele continuou igual a sempre.

– Ei, Grande Rapha! – Abraço. – Este é a minha noiva, Raquel. Mas será que é a Elfa? – Abraço. – Esta é Raquel, minha noiva. Norl! Norl! – Abraço, um pouco mais afetuoso. – Você já conhece a Raquel. Serpentina! – Abraço! – Minha noiva. Veja só quem voltou do Maceió! Vem cá! – Abraço. – Esta é a Raquel. Ela é minha noiva.

– Muito prazer.

– Rapha, eu ‘tô achando que você vai dançar Dominó esta noite.

– Só se for com você.

– Ai, um, ai, não me reprime! O que vocês estão bebendo? Vai ser suco?

Tínhamos Adventistas do Sétimo Dia à nossa mesa. Apesar de terem sugerido esta balada, elas eram praticantes. Serpentina brigara comigo quando destruí todos os meus discos que não eram cristãos: ao seu ver, eu deveria ter destruído somente os discos de música Gospel (como Petra, Katsbarnea e Oficina G3) e preservado o ABBA. Assim, não ficaríamos bêbados esta noite, mas dançaríamos, sim, coreografias das Paquitas.

Natasha estava descolada. De mim. Ela não era mais minha namorada. Estando com este grupo novamente, voltou-se a minha insegurança íntima. Se ela sentisse meus dedos roçarem em seus, ela saberia que não foi por acidente.

Havia uma naturalidade quase tímida na Raquel quando ela perguntou da vida da Natasha. Esta naturalidade revelou aquilo que Carlos se esforçava tanto para não deixar transparecer. Mas esta noite não deixaríamos nada nos tirar da nostalgia que rolava em sentido contrário à saudade.

Algo dentro de mim se assentou, como areia que retorna à praia. Desta maneira, fechei a semana vivida em missão no exterior. A conversa ia e vinha, mas não era o assunto da conversa que importava. Importava, sim, que, com esta gente, eu era plenamente quem eu sou. As pessoas mais importantes para mim estavam aqui, sem pretensão de nada, sem grandes elucubrações, apenas trazendo aquela certeza em seus rostos de que algumas coisas não mudam.

Destas coisas que não mudam, eu não poderia escapar, pois elas faltavam em mim. Eu tenho preferido a solidão à saudade.

O DJ soltou uma batida latina, acompanhada de trompetes carregadas de orgulho digno do Cruzeiro do Sul. *“Seu corpo estremece e já não consegue parar...”*

– Não acredito... – Rejane afirmou.

Na pista de dança, já havia alguns casais que sabiam dançar de verdade e mais um monte de gente que só foi lá para se divertir. Rejane e Serpentina puxaram Natasha (nada difícil) e Raquel (nada fácil). Raquel tentou puxar Carlos, mas não conseguiu.

Mãos eram jogadas ao ar para acompanhar Sidney Magal: “Hey! Ê-ô, Ê-ô! Ê-ô, Ê-ô!  
*Me chama que eu vou!*”

Carlos aproveitou para chegar mais perto, sem perder as meninas de vista. Norl me fechou pelo outro lado.

– Natasha, né, Rapha – ele disse, como se isso fosse fazer sentido.

– Sim. – falei, como se tivesse compreendido.

– Bem que eu falava que, com ela, tinha que ter paciência de Jó.

– Lembro.

– Cara, você é o cara. – Isso, sem uma gota de álcool. – É, não, parabéns. Mandou bem. Mandou.

Nossas meninas seguiam a coreografia direitinho, com aquele ar obstinado de garotinha que sabe todos os passos. Rejane não agüentou e desabou a gargalhar. Natasha tinha a memória em seu corpo, de tempos anteriores à madrasta e sua Congregação Cristã do Brasil. Serpentina tornava a Raquel em sua melhor amiga por esta noite.

– Você se lembra daquele capítulo do Pica Pau com a bruxa? – falei.

– Espera... – Norl fuçou no bolso e tirou o celular. – Olha isso... – Na tela de seu celular, o capítulo clássico desenrolou, do jeitinho que eu lembrava. Por que é que eu me lembro tão bem disso, e nunca me lembro do nome dos papéis da crise imobiliária ou do nome do vereador em quem votei?

Nossas meninas dançavam com um grupo ainda maior de pessoas que nunca se viram na vida mas com quem tinham muito em comum.

– E este daqui?



Norl mexeu nas teclas com os dois dedões, como se jogasse *Altered Beast*.

Ele encontrou *Cybercop*.

Mais tarde, perguntei à Natasha o que ela achava que seria nostálgico para Brian.

Seria *Robôs*? Ou talvez *A Noiva Cadáver*? Será que haveria balada dos Anos Zero? Qual seria seu legado?

Este tipo de legado parece ser simples, fugaz, bobo. Como explicar para futuras gerações a importância do Balão Mágico? Por alguns instantes, não se depende mais de lembranças, porque a realidade daquilo que se ama está aí diante dos seus olhos.

Quando nossas meninas voltaram, Norl pediu a atenção de todos. – Olha só, já que é para desenterrar coisas, vê se vocês se lembram disso. – Ele meteu a mão dentro de sua jaqueta e virou de costas para não estragar a surpresa, mas era óbvio que ele vestia uma peruca.

Ele virou e apontou para mim – você *vai* fazer uma mulher monstro! Senão... mato ela! – e ele apontou para Natasha.

Isso ganhou palmas e risos de todos, menos a Raquel, a qual ficou apenas deslocada. Carlos tentou contar para ela sobre o vídeo que fizemos, vídeo este que em retrospectiva era só brincadeira de adolescente.

A pista de dança irrompeu em um grito de guerra que tenho certeza que ninguém entende o seu propósito na canção: “*Sunga!*”, seguido por um solo em sons gravados em formato *midi*.

Carlos ergueu o copo com gotas de suco – *Sunga!* – E brindamos a isso.

Em algum momento, Natasha teria que contar a história de sua última década, da fábrica de chocolate, a “*Ai lu*”, o casamento impulsionado por uma gravidez indesejada, o aborto espontâneo da filha que ela aprendeu a amar, os abandonos temporais pelo marido militar fã de Leonard Cohen, o nascimento do seu filho Brian, o divórcio a distância e a volta à Pátria Amada que, entre outras mil, é terra adorada.

É isso que todos os hinos nacionais dizem, mas esta é a terra que eu amo, esta cidade que a todos adota.

Mas ela nada falou a respeito de si. Quando as nossas meninas voltaram do banheiro de maquiagem retocada e cabelo ajeitado, Natasha me puxou até a pista. Ela pôs as mãos em volta da minha nuca, pôs o corpo perto do meu, pôs minhas mãos em seu quadril para ser guiada por mim em uma dança lenta ao ritmo da Angélica, “*vou de taxi... ‘cê sabe... ‘tava morrendo... de saudade... tcha-tcha-tcha...*” Natasha dublava a música. Seus olhos clamavam a mim para eu entender o que ela queria dizer para mim, algo tão simples que só clichê para dizê-lo. Cabia a mim me deixar tocar e me divertir, ou forçar o sentido como quem não atinge orgasmo por causa de excesso de vontade. – Shh... querido... joga tudo fora, joga, vai... Você não está sozinho, e só você para me entender porque você viveu a minha história... ‘cê sabe...

Nem vi que mudou de música e de posição. Sua cabeça reclinava no meu peito, quase sem movimento algum, acompanhando a música do filme “Labirinto”. Quando dissiparam-se as notas agudas de violão baixo, ela roçou em meu peito com um beijinho de elfa: sonho das minhas noites adolescentes, mas com a familiaridade de corpos com histórico íntimo. Mesmo assim, permaneceu a certeza: algumas coisas não mudam nunca.

E eu não dava conta de tanta emoção. A emoção não dava conta do significado desta noite. A noite não dava conta da vontade de eternidade. E a eternidade... estava logo ali. Por que não consigo fugir dela?

Nossas meninas já queriam voltar à pista, agora com óculos coloridos e plumas. Carlos, antes de liberar a Raquel, lhe deu um abraço tenro, com um beijo na testa e um sorriso de galã. Ela desceu à pista, mas deixava o amor à mesa.

Quando ela já estava longe e entretida, ele nos revelou – Acho que vou terminar com ela.

– Mas agora que você a apresentou a todo mundo, ela está apaixonada... Por que você faria isso?

Não seria a primeira vez que ele faria isso. Não foi a primeira vez que alguém lhe disse exatamente estas palavras. É claro que ele tinha lá os seus motivos, como ele, acho, tinha da outra vez. Algumas meses mais tarde, ele sofria pela decisão, e eu o encorajei, dizendo que ainda restava uma bala no revolver, ao que ele respondia voltando a arma imaginária contra sua própria testa e puxando o gatilho.

Nossas amigas se dividiram: Raquel e Natasha continuaram na pista, e as Adventistas voltaram à mesa. O DJ havia soltado Roberto Carlos, o qual declarava, *“Jesus Cristo, Jesus Cristo, Jesus Cristo eu estou aqui!”* Na pista, as mãos estavam elevadas como se fosse culto pentecostal, com gesto que chamava as hostes celestiais a descerem. O assunto da conversa caiu na nossa polêmica preferida.

Natasha e Raquel se evitavam, porém nunca estavam longes uma da outra. Quando Tasha voltou à mesa, Raquel a seguiu.

Foi Rejane que trouxe O Assunto. – Quando vamos conhecer seu filho?

A Rejane já sabia? E ninguém estranhou a pergunta. Quer dizer: todos sabia. E Natasha não reagiu a isso: isto quer dizer que ela sabia que todos sabia. E quando ela me contaria que ela havia contado para todos eles?

Natasha selecionou sua foto predileta guardada na memória de seu celular, aquela que ela tirou dele na ponte sobre o riacho no parque, com ar de melancólico. As meninas o chamaram de fofo, os caras fizeram gestos desajeitados dignos do Robert Deniro.

E isso levou ao mais importante evento da noite: registrar em foto – de máquina fotográfica ou celular – esta noite que já dava saudade. O dia seguinte era Segunda-feira.

Em algum momento da noite, o Norl disse –, acho que o céu deve ser algo assim. Vai ser, se vocês forem para lá.



O espaço estava muito pequeno dentro do meu Corsa coberto de chuva. Eu não conseguia encontrar assunto para conversar com Natasha, mesmo após uma noite descontraída assim. Aliás, descontraído foi para os outros. Eu me senti traído e, ao mesmo tempo, impossibilitado de reclamar. Era igual à quando ela disse que não queria por em risco a nossa amizade, que ela não estava pronta para namorar, e dentro de uma semana apareceu namorando. Que direito eu tinha para reclamar? Ela podia contar para todos qualquer coisa que ela quisesse. Mas por que eu tinha de ser o último a saber que todos sabiam o que só eu sabia?

Então eu ficava em silêncio, prestando atenção redobrada ao Marginal Pinheiros, buscando distração.

– Rapha...

Havia algum tempo que a Natasha estava sentada de frente para mim.

– Perdão... – ela disse.

Eu continuei imóvel. O Marginal estava molhado e perigoso.

– Eu sei que você queria saber quando eu fosse falar para eles. Na verdade, foi acontecendo, eu não contei logo de uma vez. Menos para Serpentina.

– Ela já sabia do Brian. Antes de mim.

– Sim. Eu tinha que contar para alguém.

– Você podia ter me contado. Sempre podia.

– Sim, agora eu sei disso. E eu entendo que você está com raiva de mim. Sei que isso é importante para você, e por isso estou lhe pedindo para me perdoar.

Passamos o hipermercado, entramos na curva, demos a volta pelo parque.

– Natasha, eu descobri alguma coisa: eu sou muito ciumento. Eu queria não ser, porque não quero mais ser propriedade de ninguém. Só quero querer sua amizade, daquele jeito que você me ensinou. Mas eu tenho ciúmes de você. Quero ser absolutamente tudo para você.

Ela ia me dizer que *sou* tudo, mas ela sabia que isso não era nem verdade, nem possível.

– O que estou dizendo é que, tudo bem, você pode trabalhar, pode ter suas amigas, tudo isso. Mas eu quero que você dependa de mim, e quero que eu seja a primeira pessoa na sua vida. Tenho muito ciúmes. Quando fico bravo com você, quando sou um chato, é porque eu queria ter tido sua atenção, mas acabei me sentindo só. Porque, se não for com você, eu não quero. De certa forma, isso explica a pornografia e os emails-

– Emails?

– Estou me tornando alguém que eu não quero ser. Pior que eu já fui esta pessoa, e não deu certo para mim, nem para a Andréa.

A conversa durou pelo caminho cujo destino era minha pequena sala de estar. O cemitério e toda a vista ampla estavam separados de nos pela densa chuva que inaugurava o mês de Março.

– *Eu não vou parar de ser esta pessoa*, tendo ciúmes dos momentos que você está distante.

– Eu tenho machucado demais. Eu sei que também não fiz tudo que podia. Me perdoe por não fazer o suficiente. E me perdoe por fazer muito mais, além da conta.

– Como chegamos a isso? Era para você ser minha melhor amiga. Era para você ser minha companheira.

– Mas eu sou. Se você deixar, eu sou.

– Você não vai poder ser enquanto eu precisar de exclusividade. Só que eu *preciso* que você seja minha.

– Me deixe ser sua, Raphael. Sem machucar você.

Natasha escolheu o frio da noite. Ela se despiu à minha frente: sem sequer anel ou brinco. Em seus olhos, havia esperança de que eu a abraçaria.

Eu a protegi do frio. Ela puxou meus braços a sua volta, encontrando consolo em meu calor.

O cheiro de seu cabelo, mistura de xampu com balada e suor, minava minhas defesas.

É ingenuidade achar que homem e mulher não podem ser amigos. Mas aquilo que devora a simplicidade do companheirismo simples é mais profundo. Se sacrifiquei a liberdade, foi para me tornar uma só unidade com minha companheira, tão unido quanto dois corpos ofegantes logo depois do coito, com os sexos ainda acoplados. Há um momento em que nós nos entregamos a esta união, e inicia-se a família. Liberdade de não ser amantes exclusivos é a tentativa de não ser sugado para dentro desta entrega.

Mas como vim a ter esta união com a Natasha? Achei que nós tínhamos um acordo entre nós.

Meu divórcio não foi fácil. Foi um processo emaranhado por xingamentos, ofensas, crueldades, a mais fria justiça, coletas de notas fiscais e holerits, e alívio encontrado em muito álcool, o qual, às vezes, era regurgitado.

Por isso que eu queria deixar a Natasha livre na minha habilidade evoluída de desapego, de deixá-la ser e fazer o que quisesse ser e fazer.

Mas eu estou aqui com ela, e não é de desapego que ela precisa.

Nem é de desapego que eu preciso. Ela tem ciúmes, sim.

Desabei. Sobre seus cabelos, lágrimas se derramaram. Caímos no chão, gritando como gêmeos recém-nascidos.

Escondi meu rosto em seu calor, e ela encontrou o abrigo no meu peito que sempre – sempre! – esteve lá por ela.

Entreí dentro dela, e ela me cobriu. Fizemos amor. Paramos para descansar e declarar a beleza um do outro. Voltamos a fazer amor até cansar. Senti seu corpo vibrar

do sexo até o seio. Ouvi o coração bater com o ouvido apertado contra seu púbis. A minha força quase a rachou ao meio.

Voltamos a suspirar, ainda úmidos pela carne e pelo calor, beijando com os olhos abertos.

Ela queria saber como eu a via. Natasha queria saber se ela era minha. Eu lhe disse que sim.

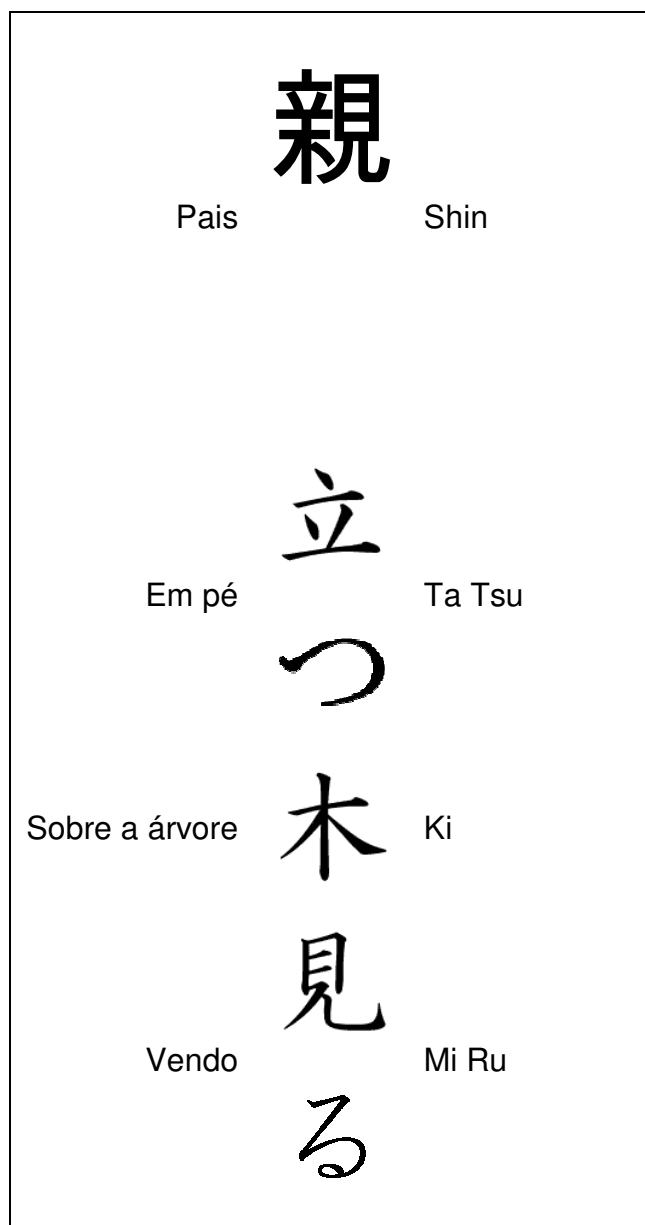
Não acordamos na manhã seguinte porque não dormimos. Tomamos café e banho porque o sol nasceu. Chegou a hora de eu buscar o Brian. Natasha teria que sair para trabalhar.



Aliviado em muito pelo que minha mãe me contou sobre a semana com Brian e tendo compromisso na clínica só pela noite, levei o filho da Natasha de volta para o apartamento. O dia, apesar da brisa e das nuvens pesadas, prometia sol.

Brian correu ao seu quarto, certamente para certificar que algo de grande valor para ele continuasse lá.

Meus livros pesavam sobre as pontas de uma folha que lutava para se fechar. Era uma aquarela da Natasha com quatro ideogramas:





Embaixo do aquarela, ela havia deixado um bilhete pequeno para mim: em nosso código, ela escrevera, “Sim”, assinado com nosso símbolo.

Ao lado disso, ela deixou o mágico cartão de crédito.

Aos poucos, dei-me conta do que eu já intuía. Os recados mais importantes ela sempre colocava nas entrelinhas.

Em seu quarto – meu quarto – não havia mais mala. Tampouco havia roupas e acessórios, livros e tinhas, câmera fotográfica.

Usei discagem rápida para ligar para ela. Ao meu lado, seu celular vibrou com aquela música que ela cantou traduzida para mim, “*estou pronta... pró que der e vier...*”

Natasha se foi em busca do tal de “jeito” que ela tanto falava. Eu deveria estar feliz por ela: por ela ter coragem por uma renovação, por ela buscar seu sonho, por ela se libertar.

– Não!

Eu não estava feliz por ela.

Na cama desfeita, os lençóis mantinham a forma dos corpos que, havia poucas horas, lá se contorceram. Lancei-me sobre a cama e destruí a ordem que lá estava. Travesseiros, colchão, edredom: tudo se foi em toda direção.

Brian ficou escondido em seu quarto enquanto a minha ira se lançou sobre os objetos da casa. Em seu quarto, ele tinha o Nemo de pelúcias para o consolar. E o que eu deveria contar para ele?



Minha mãe disse que ele havia se comportado bem. Ele é um bom menino e, quando dado atenção, é uma simpatia só. Mas chamou a sua atenção como ele se

machucava. Se ele fosse de brincar na rua, seria justificado. Dentro de casa, Brian conseguiu se cortar três vezes, e escorregou duas vezes na escada.

Ela proibiu a televisão completamente e descobriu que Brian gostava muito dos livros. Fizeram questão de fazer a maior bagunça na sala de estar com os livros. Não era surpresa que ele só iria querer saber dos livros com figuras. Minha mãe o apresentou aos gênios da pintura barroca e medieval. Ela o mostrava o céu e o inferno, o morto e o ressurreto. Brincavam de fazer caretas de raiva, ódio, alegria e paz. Eles passaram a se comunicar muito bem, mesmo ela se recusando a falar Inglês com ele.

Ela tentou o levar a brincar com o piano, com o intuito maior de afastá-lo das almofadas, mas ele não se interessou. Ele preferiu passar seu tempo copiando as figuras dos livros. Certo dia, ele tentou contar uma história com os desenhos que ele fez, porém ela não conseguiu acompanhar o enredo – se é que realmente tivesse.

– E tem mais uma coisa, espero que você não se importe. Eu o ensinei a me chamar de “vovó”.

Tive que pensar um pouco sobre isso. Mas, levando o Brian de voltar ao meu lar, quanto mais eu pensei sobre o que isso significava em relação à Tasha, mais eu gostei da idéia.

Agora, acho nada justo.



Liguei à cliente das dezoito horas e ao cliente das dezenove e trinta. Eu estava indisposto e não poderia atendê-los hoje. Isso me custaria caro. Eu realmente não estava em condições. Já era a segunda sessão que eu desmarcava com eles, mas pelo menos a primeira foi coberta pelo Anselmo Reveco.

O quarto do Brian estava em pleno caos. Não muito diferente do resto do apartamento. Havia bonecos de super heróis espalhados pelo chão. Brian estava nu da cintura para baixo.

Falhei na primeira coisa que eu tinha de fazer: recompor-me e ser homem. A segunda coisa a fazer estava logo aí diante de mim: cuidar do Brian e fazer almoço. Eu estava exausto por não ter dormido nada, com os olhos ardendo, secos e irrigados por saís.

Almoço. Só isso. Vista uma roupa, menino. Depois eu lhe digo o que se passou, quando eu tiver palavras para isso.

Então eu não dei nada mais do que ordens. Venha comigo. Entra no carro. Coma suas esfihas.

Espere eu ter uma idéia.

Fique em frente à TV, quietinho. Qual filme você quer ver?

O celular. É isso. O celular teria dicas. Acessei os números discados. Havia um rodízio de quatro nomes: Symony, Tina, Edvalda e Kristienne. Meu número também estava aí no meio, sob o nome “O Querido”. No primeiro contato, atendeu uma criança que não sabia de quem eu perguntava, nem Natasha, nem Symony, e, pelo jeito, a mãe não estava em casa. “Tina” era a própria Serpentina, e nem liguei para ela. Eu ainda não queria falar com ela. Edvalda foi simpática, mas não sabia onde Natasha estaria, mas queria saber se eu era o famoso Raphael, de quem a Natasha sempre falava. A Kristienne não atendeu. Depois de duas ou três rodadas assim, passei à lista toda de contatos e ligações recebidas. Se ela deixou o celular, seria porque esqueceu ou porque queria que eu a procurasse, pelo menos em algum nível de sua consciência?

Alguma dica haveria de ter. Procurei nas fotos do celular, mas não havia nada que não fosse colocada lá pela operadora. Afinal, ela só tirava foto com a câmara fotográfica.

Algum papel? Recibo? Bilhete secreto e escondido escrito com código com mais palavras?

Nada.

O porteiro a viu sair? Viu qual ônibus ela pegou? Ou lotação? Táxi? Ela tinha malas. Era ele que ficou na portaria, mas não houve nada que chamou a sua atenção. Ele não se lembrava de nenhum carro, nenhum táxi. Nem de moto. E se tivesse ido de lotação, ela teria ficado em frente ao prédio, onde ficava o ponto. Ela se despediu, isso sim. Mas depois disso, era difícil de dizer. Não parecia ter ido embora de lotação.

Natasha demorava para chegar em casa.

E demorou mais.

Quase esqueci do jantar.

A pizza demorou para chegar. Mas chegou. Eu comi em frente à televisão. Esperei o telefone tocar, mas não tocou. Mandeí Brian ao seu quarto, após mandá-lo três vezes fazer xixi. Não fiz questão de saber se ele estava dormindo. Mudei de canal, não estava passando nada de interessante, então mudei de canal durante duas horas. Nem era hora ainda de passar programação de mulher pelada.

Talvez o Brian soubesse de alguma coisa. Mas não era hora de perguntar isso para ele. Eu nem sabia *explicar* para ele o que se passava.

Eu sentia sede, isso sim, e não de chimarrão.

Eu teria tomado chimarrão se tivesse energia para isso. Como érea cedo para um porre – e se isso fosse apenas questão de dias? – fiquei de bico seco.

Caí na insônia. A noite se findou como se fosse uma eternidade, sonhei como se estivesse acordado, desse jeito no sofá, eu sentava como se estivesse deitado.

Não era sempre assim? Quando o casal atinge plenitude afetiva e sexual, a tragédia bate à porta. Todos os contos de romance nos ensinam que a consumação é sinônima do fim. Até quando tem final feliz.

À tarefa a minha frente: dar um jeito de fazer Brian se ocupar. Eu tinha que trabalhar – e sempre em horários estranhos. Haveria uma creche onde eu poderia deixá-lo para eu buscar somente às vinte e uma horas?

Meu celular tocou – ainda com o toque *Cantaloup Island* do Herbie Hancock. Era Fabíola.

Fabíola!

Eu me esqueci.

– Você não responde meus emails. E aí, está livre esta noite?

O que dizer a ela? Obviamente, eu tinha outro compromisso: ficar em casa e ter certeza de que Brian não se machucaria.

O que eu lhe disse, eu não me lembro ao certo.

O que eu disse ao Brian: sua mãe teve que viajar e demoraria para voltar.

Ele correu ao quarto e bateu a porta. Ele não tem idade para ter quarto ao qual ele poderia correr e cuja porta ele poderia bater.

Era porque seu pai tinha que viajar e demorava sempre para voltar?

Ou porque sua mãe o levou numa viagem e não o deixou voltar nunca mais ao seu lar?

Cheguei a tentar os telefones no celular mais algumas vezes. Consegui falar com Symony: Natasha não aparecera havia alguns dias no grupo das mulheres no Projétiho. Edvalda continuou insistindo que não sabia de nada e que me contaria assim que soubesse de alguma coisa. Consegui falar em uma das casas onde ela fazia faxina, mas a pessoa que atendeu (a qual definitivamente não era ela, pela voz finíssima) queria saber o que *eu* tinha que saber da Natasha, e não quis me dizer absolutamente nada.

Esqueci de carregar seu celular. Quando começou a apitar, procurei o carregador. O carregador, não era de estranhar, não estava no apartamento – e olha que eu procurei.

A luzinha do celular se apagou ao final do terceiro dia.

E sem autorização da mãe ou responsável, eu não conseguiria fazer matrícula em nenhuma creche.

O porteiro conhecia alguém que poderia me ajudar: havia uma mulher que cuidava de crianças. Era confiável? Era sim: era sua prima, e morava perto do Projotinho. Seu nome: Kristienne.

Ah, sim.

Não havia outra opção, não?

Não.

Ela buscava Brian no portão e o levaria de volta às vinte e trinta. Brian ficaria na portaria até eu chegar. Por enquanto, essa era a solução. Com o carro, eu chegava mais rápido em casa.

Que saudade do meu Corsa.

Que saudade da Natasha.

Naquelas.

A minha paixão por ela se amargurava. Aquilo que vinha acontecendo havia alguns meses finalmente se completava.

Ela teria que voltar logo.

Mas ela demorava para voltar.

E não foi questão de dias. Não foi uma questão de uma semana, nem de duas.

Kristienne não sabia da Natasha.

E olha que eu a importunei.

Sem explicação, pessoas passaram a me ligar. Minha agenda começou a encher.

Naquela segunda semana, fiz quatro ou cinco atendimentos por dia.

E certo dia eu me vi no outro lado do *setting* terapêutico. Foi logo após uma sessão do Brian com a Patrícia.

– E vou ser sincera com você, Rapha: não estou muito segura tendo esta conversa com você. Mas não se preocupe, vou levar isso até o fim. Mas agora sou psicóloga, tudo bem?

– Tudo bem. De acordo.

– Ó cá. – Primeiro conversamos sobre as qualidades do Brian. Ela tentava me levar a um “campo relaxado”. Mas o tempo passava, e eu não relaxava. Ela finalmente disse o que tinha de dizer – Brian está com um quadro complicado. Essa propensão a acidentes é uma espécie de comportamento suicida. Infantilizada, mas é.

– O que você quer que eu faça? Você acha que não já sei disso? Não sei mais. Nem sei mais nada de sua mãe. Caramba!

Cinco minutos depois, parei de berrar, impulsionado pelo cérebro primitivo e instintivo, herdado dos répteis.

Meus olhos se cruzaram com os olhos da Patrícia. Eu sabia o que ela relutava em me dizer.

– Sim, vou buscar terapia –, concedi.

Mas depois... Depois pensaria a respeito disso. Eu me lembrava disso, mas sempre em momentos inconvenientes, quando não dava para fazer nada a respeito: atravessando a rua, tomando banho, indo dormir após uma noite longa em frente à televisão.



Da terceira vez que usei o cartão de crédito do Hugh, o cartão foi recusado.

– Deu “cartão inválido” de novo, senhor.

– Não é possível...

Ela tentou mais uma vez.

– Aí, não está funcionando. Você tem outra forma de pagamento?

– Passe aqui, no débito, por favor.

Quando cheguei ao meu notebook, entrei no blog do tentente, procurando uma explicação. Ele não havia postado nada depois daqueles que eu já havia lido.

Sem saber ao certo o que eu procurava, fiz outra pesquisa no Google por Lt. Hugh Kaiser.

O Wikipédia tinha informações.

No título do arquivo, lia-se Lt. Hugh Lionel Kaiser (1976 – 2008). Na foto ao lado, via-se um militar em uniforme com estampa camuflada apropriada para as condições no Iraque. Ele tinha as sobrancelhas pesadas, mas não como o Brian.

Pelo que eu entendi, em seu epitáfio sua família pôs as palavras de ninguém menos que Leonard Cohen: *“Tenho muitos amigos, e alguns estão comigo”*.



Não haveria ninguém na comunidade que ela tanto visitava que poderia me ajudar? Eu precisava, pelo menos, de um documento assinado por ela que permitiria a matrícula do seu filho em uma creche mais segura e... enfim, segura.

Então eu pedi para seu Denílson me levar para dentro da favela do Paraisópolis, pelo mesmo caminho que ele levou a Natasha. Combinamos para fazer o “passeio” no Sábado.

Na Sexta à noite, consegui deixar o menino com a minha mãe. Finalmente, o apartamento era só meu, e eu podia passar minha noite de Sexta com quem eu quisesse.

Apaguei as luzes, liguei meu notebook e abri a garrafa de sakê de batata. Ela nunca quis nem provar a bebida. Eu havia comprado uma garrafa de Johnny Walker Red Label, mas, no impulso, elegi o sakê que ninguém quis. Virei a garrafa, buscando a experiência



gráfica em três dimensões. Quando cansei do notebook, e não consegui mais navegar direito, cambaleei até o sofá e acessei o pay-per-view.

Tive que falar com uma atendente de TV a Cabo, mas consegui, a muito custo, me fazer ser compreendido. O filme não fazia muito sentido – eu nem sabia quem traía quem – mas a seqüência de imagens contrapunha-se ao álcool que navegava em meu crânio, distanciando-me deste mundo e do seu caos.

Tive uma idéia! E é ótima, esta minha idéia!

Assim, tentei mandar um torpedo. Para quem? Estava na hora de chamar a Fernanda para sair. Fazia tempo que não falava com a Fernanda.

Pronto, mandei.

Eu desmaiei? O que aconteceu com o filme? Não sei mais o que é real, e estão fazendo cócegas no meu cérebro. E não tem mais sakê.

Já sei! Cadê o Johnny Walker? Saiu andando? Onde será que ele se meteu?

Achou!

Alguma hora destas, eu teria que ir à cama. Tentei...

Mas eu estava no chão, indo em sentido à cama, mas o dedo estava na garganta e eu estava vomitando. Mas não acertava a privada porque a privada estava logo ali.

Pronto. Terminei. Credo. Deixa para amanhã. Um banho ia bem.

Sentado. Tinha que tomar o banho sentado.

Acordei suando álcool, com muita sede.

Acordei com muito sono.

Mas eu tinha serviço a fazer. Como consegui disfarçar, eu não sei.



Chegou a hora de entrar na favela: dezesseis horas. Seu Denílson me encontrou em frente ao portão. A Natasha falava tanto deste universo. Eu precisava de pelo menos um dica.

Ele me levou por ruelas cheias de barro e merda e lixo. Aqui e ali, via-se esgoto escancarado, e sentia-se a sua fedorenta presença. Crianças brincavam, correndo para cima e para baixo. Depois de virar algumas esquinas, eu estava tonto e perdido.

Em cada ruela parecia tocar música diferente: hip-hop, vira, forró, vira, axé, vira, pagode, vira, brega.

A estrutura era daquele jeito que se sabe: muita gente, muitas raças, roupas com jeito de doação de marcas e estampas com jeito de pirataria de Taiwan, gritaria, garotos andando de braços dados, rapazes de cabelo oxigenado nas pontas andando de moto, mulheres fofocando e carregando sacolas cheias de mantimentos e homens vendo a vida passar nos botecos. Nossa caminhada foi lenta, pois seu Denílson parecia conhecer alguém em cada ruela que a gente passava.

Eu não conhecia ninguém. Aqui, muito mais do que no topo de um prédio em Buenos Aires, eu me sentia deslocado. Respeito forró como expressão cultural do povo brasileiro, mas não é o que eu ouço em casa porque, convenhamos, o forró nem se compara à Música Popular Brasileira.

Quase não vi barracos: era quase tudo de alvenaria. Era apertado, confuso e cheio de barro e merda, mas era firme. As condições de vida ainda eram subumanas, e eu, como vizinho que, se quisesse, poderia avistá-los da minha sacada, sentia-me constrangido. Mas o sentimento era brando em relação ao que outras comunidades carentes provocam.

Eu jamais andaria por lá sem ser acompanhado. O clima de comunidade era fortíssimo, e um estranho não deve andar por aí sem rumo.

O Projotinho (identificado com uma placa com o nome “Projeto Romãs”) era mais uma construção de alvenaria com alguns puxadinhos. Até que era grande: três andares estreitos, os quais, uma vez dentro da construção, não pareciam estarem prestes a ruir. Em uma das paredes, havia uma aquarela de uma casa no meio do sertão, com a palavra “origem” quase voando no céu.

Seu Denílson me apresentou ao Gustav, carinhosamente chamado de Dengue. Ele era psicólogo e assistente social, e Alemão. Sim, ele conhecia a Natasha. Não ele não sabia onde ela estava. Não, ele não havia a visto esta semana. Ele me explicou, sim, o objetivo do Projeto Romãs: formar grupos operativos, onde os moradores pudessem discutir sua situação, trocar soluções e se ajudar mutuamente. Também ofereciam cursos profissionalizantes e atividades culturais. Mas, perdão, ele não poderia me ajudar a encontrar a Natasha.

A cozinheira que encontramos lá era a própria Edvalda. Ela era uma mistura de Dona Benta Encerrabodes de Oliveira com General Phillipon. Foi um grande prazer conhecê-la, e ela até me perguntou se *eu* soubesse algo da Natasha. Não, eu não sabia. Será que ela poderia me apresentar aos outros amigos da Tasha?

Dessa maneira, fui levado de casa em casa. Conheci a Kristienne, uma moça simples e acanhada que vivia em um cômodo pequeno com dois irmãos. Conheci Richard Guir e seu irmão, Chicão, os quais me perguntaram do Brian. A mãe destes dois estava fora, trabalhando. Conheci Evaneide, uma mãe de sete filhos, e Karina, uma garotinha grávida. Conheci gente cujos nomes eu não recordava depois, mas que eram típicos exemplos: mulheres trabalhadoras, esposas de maridos que não conseguiam ficar no emprego, pré-adolescentes sapecas, crianças que grudavam no colo igual chiclete.

Todos falavam da Natasha com um carinho especial no tom de voz. Eu perguntava sobre sua passagem pela comunidade, perguntava o que ela havia feito, pedia histórias. Quanto ao que ela fazia por eles, não sabiam dizer ao certo. As mulheres mais velhas

falavam mais de como ela era inexperiente com a vida e de como lhe ensinaram a cuidar melhor de si. As mais novas achavam-na charmosa e linda. Os meninos diziam que ela era muito legal. Já do Brian, falavam que ele era meio perna de pau, que ele falava Inglês, que era um pouco folgado. As meninas o defendiam, dizendo que ele só era tímido. As moças diziam que o filho da Natasha era um graça de menino e as mulheres mais experientes achavam que Natasha protegia demais o menino.

A impressão de todos é que não seriam mais os mesmos depois que ela passou por lá, sem ela ter feito nada por eles. Davam a impressão que quem deu assistência foram eles.

Mas quando diziam que não sabiam onde Natasha estava, era de outra qualidade a resposta. Ouvindo as colocações separadas, eram plausíveis. Já uma seguida da outra, sugeriam outra realidade: que todos, menos eu, sabiam muito bem.

No carro, sozinho, indo à casa da minha mãe, a impressão se consolidou. Não era a primeira vez que todos, menos eu, sabiam.



Naquela época, quando todos diziam que minha mãe tinha alguma coisa a me contar, mas ninguém queria me dizer o que era, o motivo de eu ser o último a saber era que ela dizia que mãe ela seria sempre. Direito de escolha eu era negado, para não perder meu amor, como se eu não tivesse capacidade de olhar a traição olho-no-olho e escolher perdoar. Foi assim que ela perdeu meu amor.

É assim que Natasha está perdendo meu amor.

Se havia jeito de comparar as situações, ele era elusivo aos esforços da minha mãe por me compreender. Com destreza “psi”, ela fazia perguntas a respeito da minha

percepção da situação, arrancando de mim um longo desabafo com suas interjeições, reiteraões, bolo e chá.

Que direito ela tinha de ir embora e largar o filho dela em minhas mãos? De simplesmente sumir? De me deixar sem explicação? Poderíamos facilmente chegar a um acordo. Mas desse jeito, *desse jeito...*

Eu era, antes de tudo, seu melhor amigo.

E de pensar que havia uma época sem Natasha na minha vida, antes disso tudo.

Natasha me parecia muito egoísta. Ela realmente era egoísta. Não havia explicação que justificaria o abandono dela. Se ela aparecesse à minha frente, eu teria repulsa. Igual às vezes que ela dizia que eu negava fogo. Ela não era mais motivo da minha felicidade.

Do jeito dela, minha mãe acolhia este sentimento. Sem reprimir, sem contrapontos, sem ter de dizer, “não fique assim”. Ela dava espaço para estes sentimentos seguirem seus devidos cursos.

– Obrigado, mesmo, mãe. Obrigado.

– Disponha, Raphael. Fique a vontade para pedir sempre que precisar.

Do canto do olho, vi um livro antigo, de capa dura esverdeada que eu via desde muito pequeno, um livro da casa onde morávamos debaixo do Cruzeiro, na época em que éramos uma família, um livro que os adultos liam. Ele estava deslocado nesta casa da Sra. Homais. Ao sair, pedi emprestado o livro, *Mananciais no Deserto*.

No meu apartamento, o livro estava tão deslocado quanto estivera, mas, em meio às minhas coisas, ele era uma relíquia. E, do meio das minhas coisas, caiu um santinho que recebi na rua anos atrás: um barbudo com cajado na mão e uma criança sobre o ombro. Disse a legenda que era o São Cristóvão.

Em meio às coisas do Brian... Meu apartamento lentamente foi tomado pelas coisas dele. Debaixo da mesa, estatuetas deitavam com braços e pernas ao ar. Bichinhos de pelúcias se confundiam com as almofadas do sofá. Quando eu sentava em frente à TV,

eu desenterrava bloquinhos de Lego. Louças se acumulavam. A televisão, já que não havia nada de muito interessante que eu poderia ver, eu deixava ligado em desenhos que Brian poderia gostar de ver.

Eu tinha que arrumar uma coisa melhor para ele. E eu tinha que ligar para Suzzanni e ver se ela tinha algum dia livre para fazer faxina.

Eu tinha uma boa suspeita de onde Natasha estava. Ainda havia uma pessoa com quem eu não havia conversado: o próprio filho.

“Brian?”

Ele me ignorou.

“Brian?”

Ele continuou a me ignorar.

“A sua mãe saindo de casa. Você sabe alguma coisa dela?”

Ele se ocupou com seu desenho.

“Você viu sua mãe em algum lugar?”

Brian pôs o desenho de um rosto redondo e monstruoso sobre a mesa de centro. Aí ele disse que a Kristienne havia o levado para ver a mãe na casa da Dona Silvana.

Portanto, algumas pessoas sabiam de mais do que deixavam a entender que sabiam, e não queriam me contar.



Eu vi a Natasha. Eu já estava atrasado para buscar o Brian na portaria, e o trânsito simplesmente não andava. O motivo foi uma manifestação popular reivindicando o conserto de um pardal onde, pelo jeito, fora atropelada uma menininha.

Natasha estava em pé sobre o meio fio. Eu não sei se ela atravessaria ou não. Não, eu não parei o carro. Eu não sabia o que fazer. Era ela, com certeza, era ela. Não era hora, eu não sabia o que dizer, nem sabia nem se eu queria falar com ela.

Levei Brian para cima.

Comer.

Cortar comida do Brian em pedaços pequenos.

Dar banho no Brian.

Ver Brian escovar seus dentes.

Mandar Brian fazer xixi três ou quatro vezes.

Ver se janelas estão fechadas para os monstros não entrarem.

Ignorar Brian para ele dormir logo.

Se ele não dormir, trancar a porta de seu quarto.

Ver televisão. Se tiver algo bom para ver, parar de mudar de canal.

Quando passar da meia noite, parar de dormir no sofá e dormir na cama.



Fabíola chegou novamente na Quinta-feira. Na Sexta despachei Brian na casa da minha mãe e me distraí com esta minha colega de trabalho.

Conversando com ela, dei-me conta de quanto tempo eu havia ficado sem ter uma conversa de verdade. Não que eu pudesse ser “eu mesmo” com ela, se é que isso realmente existe. Mas era uma conversa sem técnicas, sem profundas reflexões. Ela contava sobre os jogos políticos que enfrentava em toda frente de sua vida. Ela sabia do que acontecia na minha vida profissional. Já sabíamos como interagir, já tínhamos nosso código. Era mais uma cerveja que eu tomava com uma grande amiga. Enquanto a noite se desenrolava, eu fazia planos para nossa madrugada.

Na rua, indo ao carro em uma rua sem alma viva e com muitos outros carros, dei a idéia de voltarmos ao meu apartamento, em vez do quarto de hotel. Ela topou, mas queria buscar algumas coisas, primeiro. Subia ao quarto com ela. O mesmo quarto, apesar de ser número e andar diferentes, de sempre, com aquele conforto descartável de quarto de hotel. Alguns lugares do quarto traziam lembranças. ..E comecei a imaginar a Fabíola, vestida apenas de cachos angelicais, andando pelo meu lar, entrando no meu quarto, deitando-se em meu edredom. Ela poderia ficar diante da janela grande, mesmo nua.

Não era isso que eu queria. Seria bom. Mas não era isso.

Pedi desculpas, saí correndo, quase tropeçando no lixinho do corredor, inventei uma desculpa, e não fiz questão nunca mais de falar com ela.

A “coisa” simplesmente passou.

Aquilo que se instalou naquele momento já vinha se apoderando de mim havia algum tempo. Como uma doença, parecia que ela sempre esteve comigo – e, de certa forma, o Desgosto sempre esteve.

Trata-se de uma certeza de deslocamento do ser. Entrei em um estado onde eu estava preso dentro do meu corpo, um corpo que me incomodava com seu jeito desajeitado. Não que eu me sentia observado, mas o desconforto era algo parecido. Havia semanas que isso vinha vindo.

Finalmente, minhas finanças voltaram aos eixos e meu tempo estava tomado. Eu sabia muito bem fazer o tipo. Para ser agradável, é preciso fazer o tipo. Porque não há quem queira ouvir meus lamentos. O meu fardo é um peso só para mim, e não quero condescendências, não quero colo, não quero ouvir ninguém me dizer que as coisas melhoram. A gente não pode ter aquilo que nos faz feliz. Então eu trabalhei, fiz o que tinha de fazer, bebi e me apeguei à dor, cuidei do Brian. Não incomodei ninguém mais com meus devaneios porque aprendi muito tempo atrás que ninguém dá conta de ouvir e,





[REDACTED]

[REDACTED], [REDACTED] [REDACTED]. [REDACTED] [REDACTED]

[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]. [REDACTED] [REDACTED] – [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] – [REDACTED]

[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] a [REDACTED]? [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]

[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED], [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED], [REDACTED] [REDACTED]

[REDACTED] três coisas: 1) pessoas que não se entendem, 2) pessoas que não se entendem com seu passado, e 3)... deixe para lá, é o mesmo que 1).

[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]

[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]

[REDACTED [REDACTED].]

[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]

[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]

[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED].

Bem que Andréa dizia que eu precisava passar mais tempo com outras pessoas. Mas não é possível hoje em dia passar tempo de [REDACTED] [REDACTED] outras pessoas. [REDACTED] ([REDACTED]).

[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED]

[REDACTED] [REDACTED], [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED], [REDACTED]

[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED], [REDACTED] e [REDACTED] [REDACTED]. [REDACTED] [REDACTED]

[REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED] [REDACTED].



Não agüento mais! Não agüento! Tenho vontade de gritar! Mas gritar com o volante não resolve nada, e gritar na rua é [REDACTED]









Pelada no campinho, nunca mais. A bola na trave voou a esmo para cima de uma velhinha. A bola a acertou. Eu fui acertar as coisas com ela e pegar a bola de volta.

– Desculpa, senhora.

– Desculpa? Não tem desculpa!

Ela seguiu seu caminho corcunda. Ninguém nunca me negou desculpas antes.

Como ficaria minha situação no mundo [redacted]? [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted]

[redacted] [redacted]: [redacted] [redacted] [redacted].

À [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted].

Meu pai tentou me explicar que há pessoas que sofreram tanto que não desculpam a ninguém. [redacted] [redacted] [redacted] as [redacted] [redacted] [redacted], [redacted] [redacted] [redacted] [redacted] [redacted], porém, é fato que, no final das contas, é o que se [redacted] [redacted] que mais é [redacted] [redacted] [redacted].



[redacted]...

Eu sei o que eu tenho feito, as minhas imperfeições, meus orgulhos, meus preconceitos. [redacted] [redacted] [redacted], [redacted] [redacted] [redacted]. Pecado é uma coisa real e palpável e eu não sou nem melhor nem pior do que você. Você ainda acredita em um mundo onde vale a pena [redacted]?

Outra diarista terá [redacted] [redacted] [redacted].



Eu apaguei a luz do quarto para sentir a escuridão. Deixei que as sombras tomassem o quarto, deixei ecoarem as vozes do canto gregoriano da fita K7, vozes que declamavam a glória, glória, glória de Deus:

*Santo, santo, santo és, ó Senhor, nosso Deus, Todo-Poderoso. As nações virão a Ti, as nações se dobrarão, todo joelho se dobrará e os homens tornarão suas espadas em enxadas, o leão se deitará com o cordeiro.*

Ainda no escuro eu estou, sentindo algo escancarar meu peito, ou forçar a sua abertura. A força parece vir de fora, ou talvez venha lá de dentro. Eu sinto que há beleza *logo aí*, um pouco além de mim.

Os monges sussurram a grandeza de toda a criação de Deus, sempre no mesmo tom, no mesmo mistério, na mesma reverência. E eu sei que posso sentir o gosto disso.

Meus pais estão na sala de estar. Ouço a televisão, com aquela voz *showman* da Rede Globo. E eu poderia me juntar a eles. Mas eu preciso de mais do que isso.

– lahweh, meu Deus, preciso saber se você está aí.

Essa coisa em meu peito palpita. Não como o coração palpita, mas como a fome palpita, como faz a saudade.

*O que é o homem para que pensas nele, ou o filho do homem para que cuidas dele?*

E repetem a frase, ecoando por entre as sombras lançadas pelos objetos em meu quarto e o ar que respiro.

Talvez o ar esteja mais denso.

Mas eu sei que preciso de ainda mais. Não é que preciso de “fé” ou de “pensamentos positivos”. Não preciso de mais fantasia, contos de fada, lendas ou magia.

Eu quero viver, quero vida. Quero uma dose de mundo real, de coisa legítima. Não quero transcender ou pensar em coisas invisíveis.

– Porque, lahweh, se você está aí, isso não será uma ilusão.

Do toca-fitas, agora penetraram os meus ouvidos as palavras:

*“Sanctus, Sanctus, Sanctus, Dominus Deus Sabaoth. Pleni sunt coeli et terra gloria tua. Hosanna in excelsis.”*

O que isso significa, eu não sei. Sei que este trecho sempre me faz arder por dentro. Ardendo por dentro do meu peito, escancarado por algo fora de mim, as duas forças cavaram um túnel até a minha alma. Sinto o quanto sou pequeno, o quanto estou apenas quase aceitando, como ainda há falta.

Mas que aperto! Eu quero mais da vida, ou então nada que esta vida morta oferece.

Estas trevas me fazem enxergar melhor. A escuridão afugenta as luzes elétricas e me deixam sentir a solidão, a qual é somente *minha*.

Sobre a minha cama, vejo um paralelogramo estendido sobre o amontoado de cobertores e roupa suja. É luz, forte como se houvesse um carro de farol aceso logo além da janela do meu quarto. Mas estou no terceiro andar do prédio. Era a luz da lua que atravessava o vidro.

O toca-fitas pára com um estalo. Agora, em meu quarto, há apenas o abafado som de *A Praça É Nossa* vindo da sala.

Eu me lanço sobre a cama em plena vista da lua, com a testa empurrando sobre meus pulsos.

– lahweh, eu preciso saber. Saber que você está aí faz toda a diferença.



O que se dá depois disso seria estranho se não fosse tão familiar às minhas entranhas. É perceber com outro sentido e continuar a ser coisa concreta. É enxergar sem ver, dar ouvidos sem ouvir um barulho sequer e, mesmo assim, escutar.

Sei que é Deus que põe as palavras em meu peito – *Estou contigo. Não é necessário estender a mão mais longe do que ela alcança. Estou contigo até o fim dos seus dias.*

E agora continuo sendo insuficiente. Por isso ser tão *bom*, não dou conta. Estou tão satisfeito, quero mais, mas não agüento mais. Emoções mais profundas do que jamais senti tomam-me: não sei se vou chorar, se vou engasgar, se vou gritar, se vou rir.

Eu suspiro.

Uma nuvem esconde a lua, e me devolve às trevas. Mas continuo acompanhado. As palavras reverberam em mim, *“Estou contigo”*.

Depois de algum tempo, suspirando e reverberando, acendo a luz do meu quarto. Meu mero quarto. Acendo para fechar este momento com a leitura da Bíblia. Eu a abro sem muito critério, e leio uma frase em Tiago:

*“Toda a boa dádiva e todo o dom perfeito vêm do alto, descendo do Pai das Luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação.”*

Saio do meu quarto para sentar junto à minha família. Vemos *A Praça É Nossa*, e damos risada juntos.



a

?

Dizem que a coisa é garantida

quando

do Viaduto do Chá.

,

.

. a ;  
;  
 , .  
 ✦ ✧ ✦  
 :  
 , . ( à  
 ) !

? Uma arma seria melhor, mas não ter que contar a ninguém é o melhor jeito. É como ter que entre comprar uma revista pornográfica na banca de jornal e usar a internet.

✦ ✧ ✦  
 a , :  
 . “ ...” ,  
 , , , a , ?  
 Qual é o melhor jeito de chegar? Descer na estação Praça da República? De carro não dá: dá trabalho demais estacionar, depois o carro fica . Não, tem que ser de metrô.

Então, por covardia, eu me garanto dirigindo de carro para cima e para baixo. É que, assim,

✦ ✧ ✦  
 À  
 , .

–  
A – . ;  
, a . ? É justo com o Brian, largá-lo no mundo? E o mundo,  
diga-se de passagem, é justo? Por que teriam de largá-lo comigo? As coisas deste mundo  
seguem seu curso natural e injusto, de trauma em trauma, re-configuração após re-  
configuração, sem volta de fase em fase, não obstante as . EU NÃO QUERO  
MAIS TER PARTE NISSO.  
!!!

eu disse “covardia”, eu me referia à vida após a morte. Redenção, para mim,  
agora, está no reducionismo biológico. Estranho chamar *isso* de Estudo de Vida essa  
coisa que suprime a vivência da alma ( ).



De ônibus? Também dá para chegar. Talvez eu andaria menos se eu fosse para lá  
de ônibus.



Hoje é rodízio, e tenho compromissos depois das 17hs. Para chegar ao  
compromisso, tenho que ir de ônibus.

Mas então, saindo sem o carro, se o desgosto me pegar, é provável que eu não  
chegarei no compromisso. E Brian está na casa da Kristienne.

Pois é, é provável.

A paciente cancela a sessão, e não tem ninguém na sala verde de psicólogos.

Então vou almoçar, talvez pegar um filminho. Ou talvez passar no sebo, faz tempo que eu não vou em sebo.

Hoje faz calor. Será que teremos Águas de Março para fechar o verão?

Não é esse tipo de calor.

Tem que ser agora.

Agora.

Agora ou nunca.

Você sabe do quê estou falando.

Antes de pensar duas vezes e cair na ilusão novamente. Chegar à velhice é uma opção e não é para todos.

E agora, agora mesmo, abriu a oportunidade: é possível de acontecer.

É quando eu estou na Ponte Estaiada, também conhecida como Ponte Octávio Frias de Oliveira, também conhecida como Mais Novo Cartão Postal de São Paulo. Tenho de ser rápido, senão o instinto de sobrevivência vai me pegar. Ou o meu, ou do meu Próximo. Rápido, antes que alguém me veja.

Faz tempo que ninguém me vê. Vê, de fato.

– Psiu!

Foi o som de um freio de um caminhão. Ou talvez de um ônibus. Acho que foi só um ônibus.

Mas me fez pensar:

Como que ela soube do quê eu precisava naquela noite?

,

.

,

.

!

...

,

.

como foi possível?



Eu consigo sentir a Natasha. A conexão voltou.

Sei que ela está bem. Não sei o que ela está fazendo, nem o que está fazendo. Só sei que ela está viva e que está bem onde ela está. Será que ela sabe que estou pensando nela?

Sabe. Sabe, sim.



Rapha, espero que você me considere, no mínimo, sua amiga. [– Fernanda disse, com um gesticulo que dispensava qualquer comentário que eu pudesse fazer após mais de meia hora de monólogo da minha parte.] Porque agora preciso lhe dizer algumas coisas com a honestidade que somente amigos podem ter.

Entendo muito bem a sua dor. Eu sei como é ter as suas esperanças depositadas em uma pessoa, e aquela pessoa nos decepciona. Outro dia, se você me der a chance, eu lhe conto. Se você quiser doer, pode doer. Seus amigos estão aqui para você, se você deixar. E, mesmo se você não deixar, amigo que é amigo não te abandona. A gente respeita a solidão, mas em meu coração, a gente não abandona. Eu sinto muito pela dor que eu lhe causei. Talvez eu não tenha sido clara o suficiente. Hoje, espero que você consiga olhar para além disso. Se eu soubesse que você tinha se entregue a mim, talvez eu teria sido mais clara. Depois, logo depois, eu também me entreguei, muito mais do que eu deveria. É que ele não retribuía com o compromisso que o amor físico requer. Eu tenho raiva dele, é nisso que eu quero chegar, eu tenho muita raiva. Já desejei vê-lo morto. Ele bem que merece. A paixão que eu tinha por ele, boa parte já se foi. Mas, procure entender, eu não o quero mal. Eu quero vê-lo feliz. Não estou condenando a paixão, paixão e tesão são ótimos. Mas há algo mais profundo do que isso, e acho que é nisso que está o sentido disso tudo: é querer o bem e a felicidade da outra pessoa. Não uma pessoa qualquer. Nós, em nosso íntimo, carregamos pessoas. Estas pessoas, quando gozam da felicidade, ou, mesmo na sua dor, ardem por felicidade, de alguma maneira, compartilham isso conosco, até sem saber, até estando longes. Por isso que, às vezes, faz mais sentido abrir mão destas pessoas queridas. Tenho certeza de que seu pai amou muito a sua mãe, e por isso ele a entregou à sua escolha. E tenho certeza de que, por mais que você tenha raiva da Natasha (porque é de tirar qualquer um do sério essa coisa inadmissível que ela fez), essa raiva faz parte. Se você não sentisse fúria, ela não significaria nada por você. Só não deixe que isso o torne orgulhoso. Em algum momento

você precisa perdoar, senão você fica fraco. Quando a gente pensa que é forte, aí que somos fracos. É preciso muita coragem para ser fraco. O verdadeiro amor lança fora todo medo. Não que você não possa ter medo, não é isso. Você tem mais é que se sentir fraco para poder me ligar de vez em quando e pedir para desabafar e tomar um café. A mesma coisa com Deus. Tenho certeza de que Deus tem feito muitas coisas boas na sua vida. Tenho certeza de que você tem vivido grandes e pequenos milagres. Mas é preciso ter fé para vê-los. Tudo, ao final das contas, tem uma explicação. É a sua fé que vai ver se aquilo veio de Deus ou não. Você disse que não consegue escapar da certeza de Deus, que por isso você não perde a fé. Agora eu vou ter que ser bem dura com você. Esta certeza não é fé. Fé não é ficar acreditando em coisas invisíveis. É ter a certeza da bondade de Deus, mesmo quando seus olhos se fixam nas coisas corriqueiras deste mundo. Eu demorei muito para entender isso... [– Mais um gesticulo dispensou o que seria dito, agora por ela. Fernanda olhou para mim e tentou sorrir, mas a sinceridade falou mais alto.] Hm.



Chegou um torpedo do telefone celular da Edvalda: “Peça uma pizza. Quando vc descer, estarei na portaria. Sha.”

Foi isso que eu fiz: busquei Brian, liguei a televisão e telefonei para a pizzaria. Disseram que levariam até quarenta e cinco minutos para fazer a entrega.

Então aguardei. Não com sossego. Não deixei Brian assistir nada. Eu mudava de canal.

Quando o interfone tocou, saltei do sofá.

Natasha estava no saguão do prédio. Eu só a vi quando retornava com a pizza. Ela sentava no sofá preto e estava produzida, como da noite em que fomos ao cinema. Porém, desta vez, ela não tinha áurea de fumante.

Eu disse “boa noite” e ela disse “você também” e não sabíamos mais o que fazer. Eu tinha uma pizza em mãos.

– Você parece estar bem – falei.

– É... estou.

– Que bom.

Continuei sem saber o que fazer.

– Eu vi você algumas semanas atrás. Acho que estava tendo uma manifestação.

– É, eu estava lá. Precisam consertar o pardal.

Eu não queria correr o risco de pagar mais multas de trânsito.

– Você quer subir? – convidei, apesar da bagunça lá em cima. Não, eu ainda não tinha arrumado ninguém para cuidar do meu apartamento.

Ela não respondeu com palavras. Eu entendi.

Eu queria perguntar, ela queria me contar, mas eu não podia perguntar e ela não conseguia dizer nada. Enquanto isso, formava-se uma névoa no espaço entre a pizza e o sintético do sofá.



– Estes dias sem você têm sido bem difíceis. Não de grana, de grana parece que as coisas vão bem. De resto.

– Eu sei... – ela disse. Era verdade que ela sabia.

– Então...

– O quê?

– Não, deixa quieto.

Talvez a pergunta se dissiparia.

– Eu parei de fumar. Agora parei de vez.

– Que bom para você.

– É, estou com mais fôlego. Todos os dias estou tendo serviço. Estou até passando serviço adiante.

– Sempre de diarista.

– Mm-hm.

– Tá.

Eu não precisava dizer o que eu achava deste desperdício. Não queria voltar a bater nesta tecla. Eu estava cansado. Cansado demais para brigar ou acusar ou remoer amargura.

– Onde... onde você... por onde você tem andado?

– Você quer saber onde estou morando?

– Sim.

– Itajubaquara.

– Onde é isso?

– No centro da comunidade de Paraisópolis. Estou com... Estou com a Edvalda.

– São só vocês?

– Não.

– Quem é ele?

– É filho da Symony.

Digere as palavras. Eu ainda sentia fome. Meu jantar ainda estava quente.

– Não é o que você está pensando.

– Tá. Que seja.

– Mas não é o que você está pensando. Eu ainda tenho uma conexão forte com você.

– Eu também sinto a... – fiz um gesto entre a gente.

– Então você me entende. Mas não estou com ninguém agora. Estou só.

– O que você quer?

– O Brian: como ele está?

– Você quer levá-lo embora?

– Favela não é lugar de... Não quero trazê-lo para lá dentro. Não vou dar conta.

– Você acha justo eu ter que fazer o trabalho de mãe?

– Eu não acho justo.

Olha só, eu já estava me exaltando de novo. Respirei fundo até eu me controlar.

Ela continuou – Nem estou pedindo para você me entender.

– Natasha –

Sua atenção se voltou a mim.

– Natasha, o que você está fazendo?

Ao invés de me responder, ela deitou a mão em meu joelho. Eu ainda tremia por ela.

Mas apaixonado eu não estava. Estava ferido demais, decepcionado demais, covarde demais.

Exclamei – o que vamos fazer!?

Ela suspirou – Eu não sei.

Ouvimos o segurança na motocicleta apitar na rua.

Ela continuou – Eu me sinto nos limites do bom senso. Não sei o que esperar, não sei mais as regras. Nem sei se regras existem. Não sei para onde estou indo, o que quero, o que faço. É tudo muito... É tudo muito escorregadio e perigoso agora. Não sei o que esperar.

– Venha lá ao apartamento. A pizza já vai esfriar.

Ela fez que não com a cabeça. – Rapha, você entende que não estou com ninguém mais, entende?

Não respondi.

– Não estou. Estou cuidando de mim.

– Limpando privada dos outros? – Interrompi até os meus próprios pensamentos.

Uma nota musical única respondeu que sim.

Pedi desculpas. Eu não queria brigar.

– Tudo bem, Rapha. Eu entendo. Não peço que você me entenda.

– Você fica dizendo isso. Mas eu preciso entender. Há quanto tempo você planeja isso?

Ela estava visivelmente decepcionada por eu insistir. – Desde Janeiro. Minto. Desde Dezembro.

– Antes do Natal?

– Sim.

– Antes de comprar meus presentes.

– Mais ou menos.

– Isso que você está fazendo, ganhando a vida e tudo isso, você poderia fazer daqui de casa.

– Eu sei.

Não havia como retrucar a isso. Mesmo assim, retruquei. – E então?

– Não posso fazer o que faço vivendo nem com você, nem com Brian, nem com ninguém.

– E o Hugh?

Ela piscou algumas vezes. Será que ela soube? Eu não lhe contaria o que eu tinha descoberto.

– Nem com ele. Talvez com ele, se ele estivesse em casa. Hugh não me deixava viver com ele.

Bem que eu poderia dizer o mesmo da Andréa. Só que ela ficava em casa.

– O que você quer?

– Se eu soubesse, eu não estaria sentindo vertigem.

– Você está melhor assim? Ao menos, diga que você está melhor assim.

– Você ainda me gosta?

Senti os olhos ficando mais quentes e o choro subindo por trás da minha face. É claro que eu gosto. Vem cá, deixa eu te abraçar.

Ficamos assim. Sabíamos como nos encaixarmos um no outro.

Desejamos boa noite ao casal que chegava tarde em seu apartamento novo.

Eu sabia que não poderia soltá-la. Porque, assim que eu a soltasse, ela iria embora.

Natasha tem pele morna, as mãos frias, a face quente. Ela é frágil e se deixa ser acolhida. Ela pesa em meu abraço com o peso de quem está plenamente confortável. Seus músculos são macios e fáceis de massagear. Quando ela anda, ela se move com uma leve fluidez que nenhum de seus opressores conseguiu destruir. Ela é como água sobre rochas. Natasha, em 2008, tem trinta anos. Ela tem o raro dom de sinestesia, o qual a faz viver os fatos de uma maneira que eu nunca viverei. Sua boca se curva levemente para fora, dando aos seus lábios a aparência de uma espessura um pouco mais grossa do que de fato têm. Ela tem olhos castanhos encaixados em ovais asiáticos. Às vezes, ela realça o formato com um toque de delineador. Ela tem o pé em forma das costas dos

golfinhos. Seu senso de humor, às vezes, é sádico, e às vezes ela é silenciosamente flatulenta, mas isso nunca se comenta. Ela gosta de bolacha Passatempo, Rock 'n' Roll, e tem herança brasileira, japonesa e norte-americana. Ela não suporta crueldades. Natasha vive se sentindo culpada, e tenta saldar suas dívidas com atos de carinho. Ela não entende que nós só lhe queremos bem, e que faremos de tudo por ela. Natasha, acima de tudo, se fez minha amiga.

Ela disse para mim, sem olhar para mim, com o ouvido em meu colo – Você é meu melhor amigo. Mais do que meu melhor amigo.

Minha mão encontrou seu cabelo. Natasha também tem um quê de felino.

– Suba comigo – falei, pela última vez.

Natasha fez que não com a cabeça. – Não por algum tempo.

– Se você fizer isso, você sabe o que você está deixando para trás. – Não, isso não era uma pergunta.

– Sei.

Ela arrumou o cabelo, agora mais uma vez sentada, jogando a cabeça para trás, segurando a piranha entre os dentes enquanto passava as mãos entre os cabelos lisos.

– Você está deixando para trás o conforto do apartamento. Está deixando para trás os dias que passaríamos juntos. Talvez não seríamos felizes, mas lutaríamos para vivermos juntos. Você está dando as costas para um futuro brilhante com fotografias e aquarelas. Você está deixando para trás os melhores anos do Brian, e ele a odiará por isso.

– Eu sei disso.

– E um dia você pode vir a se arrepender.

– Também sei disso.

– Não pense que isso me deixa contente.

– Não penso isso.

Parece que deveria haver mais a ser dito.

Ela disse – Eu preciso ir. Sua pizza vai esfriar.

Eu não tinha o que dizer.

Antes de ir, ela se apertou contra mim, dobrando os braços em volta da minha nuca.

Seu cabelo cheirava a baunilha.

Com o primeiro estalo do portão, ela se aproximou à rua. Após o segundo estalo, ela estava na rua. Dois minutos depois (segundos durante os quais eu a memorizei em cada detalhe), ela entrou na lotação cor de laranja.

Abri a porta do apartamento com o mesmo barulho de molho de chaves de sempre.

– *Brian, food!*

Joguei a pizza sobre a mesa.

O menino estava paralisado, de olhos arregalados e boquiaberto. Ele não tirava os olhos da televisão, mas o que ele via o aterrorizava. Ele gritaria, mas não tinha forças para gritar. Então o menininho ficou paralisado neste clamor apavorado.

Na televisão, simulavam, com boneco, o ato de infanticídio do casal Nardoni. O boneco, de cabelo castanho e roupa azul, balançava, preso no calcanhar, fora da janela, com a cabeça mirada ao chão. Brian não entendia o que as vozes falavam na reportagem.

Soltaram a boneca, e ela caiu da altura de vários andares até atingir o chão em uma pose nada natural.

Um grito se espremeu da gargantina do Brian.

– Tá bom, chega de ver isso.

Apanhei o controle remoto e o coloquei no Boomerang. Ele não deveria ter visto aquilo. Sabe lá Deus o que Brian interpretava.

Vai saber o que esse menino entendia se sua própria situação atual.

Eu assisti a maneira que ele comia, ainda desengonçado com talheres desenhados para adultos. Seus braços eram franzinos, seu cabelo já passando do comprimento apazível. Havia algo de primitivo em seu porte, algo fruto do mês em meus cuidados. Este menino estava apavorado. Aqui e ali ele tinha band-aid onde ele havia se machucado.

Brian não pediu para nada disso acontecer. Ele não era responsável pelo que faziam com ele. Cinco anos de idade é cedo demais para se estar sozinho no mundo.

As lágrimas acumuladas atrás da minha face passaram a se derramar. Eu me enchi de compaixão. Não de dó, nem de pena, mas de compaixão.

Brian e eu tínhamos a mesma doença.

O adulto, aqui, sou eu, e somente eu.

Não há nada mais seguro do que o peso da mão de um pai que o ama. Eu ainda tenho a cicatriz em forma de cratera no tornozelo onde um escorpião me picou.

Agora, é a minha vez. Algumas coisas não cabem a nós escolher, diante do inadmissível que está sendo cometido e o improvável que há de ser feito.

Mas eu não sei fazer isso.

Mais tarde, entrarei em contato com um advogado. Nem sei por onde começar.

Nem sei como cuidar do Brian.

Ele vai ter que me ajudar a encontrar aquilo que eu aprendi com meus modelos. Por mais que fraquejaram, eles eram meus modelos.

Não o deixei voltar a ver desenhos animados. Eu propus uma brincadeira. Ele não precisava saber que este passatempo fora inventada pelo psicanalista D. Winnicott e servia quando havia uma grande barreira lingüística.

Eu fiz um rabisco qualquer no papel. Convidei-o a completar o desenho. Ele fez algo que parecia ser uma onda gigante.

Pedi para ele fazer um rabisco para mim. Criei, a partir disso, uma imagem do sol.

Pedi licença. No quarto, vesti a corrente com a metade de um círculo mobius.

Quando voltei, eu lhe dei mais um rabisco. Eu estava curioso sobre o que ele faria com este.